



# Evanildo Bechara

# Moderna Gramática Portuguesa

*37<sup>a</sup> edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico*



MODERNA GRAMÁTICA  
PORTUGUESA

**EVANILDO BECHARA**

Professor Titular e Emérito da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras  
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do  
novo Acordo Ortográfico

**MODERNA GRAMÁTICA  
PORTUGUESA**

37.<sup>a</sup> Edição

Revista, ampliada e atualizada  
conforme o novo Acordo Ortográfico



**EDITORAS  
NOVA  
FRONTEIRA**



**EDITORAS  
LUCERNA**

Rio de Janeiro, 2009

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.  
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313  
<http://www.novafonteira.com.br>  
e-mail: sac@novafonteira.com.br

CONVERSÃO PARA EBOOK  
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

## B354m Bechara, Evanildo, 1928-

Moderne gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5  
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. SAID ALI,  
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

EUGENIO COSERIU  
JOSÉ G. HERCULANO DE CARVALHO  
J. MATTOSO CÂMARA JR.  
a cujas lições fui colher o que de  
melhor existe nesta nova versão

## Prefácio da 37.<sup>a</sup> edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura grammatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolamente continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraternal da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

*Evanildo Bechara*

## Prefácio da 1.<sup>a</sup> edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar da *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoraram o 1.<sup>º</sup> centenário de seu nascimento, não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

*Evanildo Bechara*

BREVE HISTÓRIA EXTERNA  
DA LÍNGUA PORTUGUESA

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartição das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: però nã gastará dourrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem"  
(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação “língua portuguesa” para substituir os antigos títulos “romance” (“romanço”), “linguagem”, só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, “companheira do império”, se espalha pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, “se mais mundo houvera lá chegara” (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d’antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei 1425-1439 – Madeira e Açores 1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462

1446 – Guiné 1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe 1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique 1500 – Brasil 1511 – Malaca e Malucas 1512 – Saião e Bornéu 1515 – Ormuz 1518 – Colombo 1536 – Damão 1547 – Macau além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constituir elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa: a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.<sup>a</sup> metade do séc. XV à 1.<sup>a</sup> metade do séc. XVI c) *português moderno*: 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII) d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demandia do Santo Graal, Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar*

toda Sela de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I, D. Pedro, D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné, Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagen da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo “propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias” [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.



Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no séc. XVI: **Floresça, fale, cante, ouça-se e viva**

**A portuguesa língua, e já onde for,  
Senhora vá de si, soberba e altiva!**

## TEORIA GRAMATICAL A) Linguagem: suas dimensões universais

“dizer as coisas como são”

*Platão* 1 – Linguagem Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

*Sistema* é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCV.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o -s final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.<sup>a</sup> pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o “símbolo” da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição “simbolizar”. A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

### 2 – DIMENSÕES UNIVERSAIS DA LINGUAGEM A LINGUAGEM, ENTENDIDA COMO ATIVIDADE HUMANA DE FALAR, APRESENTA CINCO DIMENSÕES UNIVERSAIS: criatividade (OU ENÉRGIA), materialidade, semanticidade, alteridade e historicidade.

*Criatividade*, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou “do espírito”, isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não simplesmente repete o que já foi produzido.

*Materialidade*, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *Pala*, *Vala*, *Mala*, *Tala*, *Rala*, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

*Semanticidade*, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

*Alteridade*, porque o significar é originariamente e sempre um “ser com outros”, próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

*Historicidade*, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desaccompañhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é “imposta” ao homem; este “dispõe” dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio “dever ser”, isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a “*differentia specifica*” da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de “conteúdo” das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralingüísticas, tais como a mímica, a entoação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos: Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em: Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado gesto: “Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos...” [M.A.1, 92].

À mímica corporal junta-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos: “Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va!* repetiu, batendo as sílabas com o dedo” [M.A.1, 88].

“Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiraa!*... *Mentiiiiiiiraa!* – berra cada um para seu lado” [HC.1, 32].

**3 – ATOS LINGUÍSTICOS A LINGUAGEM HUMANA ARTICULADA SE REALIZA DE MANEIRA CONCRETA POR MEIO DE FORMAS ESPECÍFICAS CHAMADAS *atos linguísticos*, QUE SE ORGANIZAM EM sistemas de isoglossas (*isos* = IGUAL; *glossa* = LÍNGUA) DENOMINADOS TRADICIONALMENTE línguas. EMBORA O ATO LINGUÍSTICO, POR SUA NATUREZA, SEJA INDIVIDUAL, ESTÁ VINCULADO INDISSOLUVELMENTE A OUTRO INDIVÍDUO PELA NATUREZA FINALÍSTICA DA LINGUAGEM, QUE É SEMPRE UM FALAR COM OS OUTROS, CONSOANTE A DIMENSÃO alteridade, A QUE ALUDIMOS ANTERIORMENTE.**

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes (“ele fala como eu”, “o português dele é diferente do nosso”) se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir língua: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística*.

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (língua portuguesa, língua espanhola, língua francesa, língua latina, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (língua portuguesa da modalidade europeia – “português de Portugal” / língua portuguesa da modalidade americana – “português do Brasil” bem como língua portuguesa da África; língua inglesa da Inglaterra / língua inglesa dos Estados Unidos; francês da França / francês da Bélgica / francês do Canadá); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (português do Rio de Janeiro / português de Lisboa; francês de Paris; alemão da Baviera); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (português fluminense rural / português paulista familiar / português literário do Romantismo brasileiro); pode abranger um só falante (português de Machado de Assis / português de Eça de Queirós; português de um analfabeto).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

**B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural 1 – Planos e Níveis da Linguagem** A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos: a) Universal ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do falar em geral, e a ele se alude, quando se diz que esta criança ainda não fala (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que os animais não falam. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

- b) Histórico ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: falar português, falar espanhol, etc. Como já se disse, não há língua sem adjetivo; só há língua portuguesa, língua espanhola, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.
- c) Individual, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu produto – está determinado por quatro fatores: o falante, o destinatário, o objeto ou tema de que se fala e a situação.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]: a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é “forma” e “potência” de uma *enérgeia*.

- b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dynamis*.
- c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico: a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do “mundo”, do mundo empírico. Na discutida frase “*A mesa quadrada é redonda*”, não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que “ser quadrado” é diferente de “ser redondo”.

- b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.
- c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchne*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érhon* ‘produto’, ‘coisa feita’, mas *énergeia*, ‘atividade’, atividade criadora, isto é, que vai além da técnica “aprendida”, além do seu saber (*dynamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos: a) o produto do falar em geral é a “totalidade de todas as manifestações”, empiricamente infinita, o falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se pode dizer, se considerada sempre como “coisa feita”.

- b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.
- c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

## **2 – JUÍZOS DE VALOR FREQUENTEMENTE SE OUVE UM FALANTE NATIVO DIZER QUE “ISSO NÃO É PORTUGUÊS” OU “ISSO NÃO SE DIZ ASSIM EM PORTUGUÊS” OU “SERIA MELHOR DIZER ASSIM EM PORTUGUÊS”, O QUE DEMONSTRA QUE OS ASPECTOS DE JUÍZOS DE VALOR DEVEM MERECER ESPECIAL ATENÇÃO DO FALANTE NATIVO, BEM COMO DO LINGUISTA E DO GRAMÁTICO NORMATIVO. INFELIZMENTE, EM VISTA DE CONFUSÕES QUE COSERIU PROCUROU DESLINDAR, O ASSUNTO TEM SIDO MAL POSTO EM DISCUSSÃO E, POR ISSO, MAL RESOLVIDO, DE MODO QUE AS INCOERÊNCIAS E OS DESENCONTROS SÃO RESPONSÁVEIS PELA IDEIA MUITO DIFUNDIDA, MAS ERRADA, DE QUE O TEMA NÃO É CIENTÍFICO, E FICA SUJEITO AO CAPRICHO DE PESSOAS DESPREPARADAS E INTRANSIGENTES.**

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico: a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases “desconexas”, a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que “*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*”, não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

- b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo (“coerência”, “eficácia”, “conclusão”, “clareza”, “harmonia”, etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo (“adequado”, “apropriado”, “elegante”, “expressivo”, etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de “suficiência” ou “conformidade” somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.
- c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inopportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que “alguém escreve mal o português”, quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que “o francês” é uma língua clara”, a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de

uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

**3 – TRÊS TIPOS DE CONTEÚDO LINGUÍSTICO AOS TRÊS PLANOS LINGUÍSTICOS CORRESPONDEM AINDA TRÊS TIPOS DIFERENTES DE CONTEÚDO LINGUÍSTICO: A) AO PLANO LINGUÍSTICO GERAL CORRESPONDE A *designação* (OU *referência*), ISTO É, A REFERÊNCIA A UMA “REALIDADE” EXTRALINGUÍSTICA, A UM ESTADO DE COISAS EXTRALINGUÍSTICO. ASSIM EM A porta está fechada E A porta não está aberta FAZ-SE REFERÊNCIA À MESMA REALIDADE EXTRALINGUÍSTICA. AS ORAÇÕES NÃO SÃO sinônimas; SÃO equivalentes NA REFERÊNCIA À DESIGNAÇÃO.**

- b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.
- c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o “dito” por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n’água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, “ter insucesso” e “rejeitar”. Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se “pega” o chamado “espírito da coisa”. Uma visita de cerimônia ao dizer ao dono da casa “Hoje está quente” pode ter a intenção de querer dizer “Por favor, abra a janela”, que é o verdadeiro “sentido” da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, “Bom dia!” não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o “sentido” da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é “nomenclatura”, à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário (“simbólico”). Mesmo em determinadas formas de “literatura”, os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

PONTOS DE VISTA					
PLANO	ATIVIDADE enérgeia	SABER (competência) dynamis	PRODUTO (texto) érgon	JUÍZO	CONTEÚDO
<b>UNIVERSAL:</b> falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
<b>HISTÓRICO:</b> língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorrecto	significado
<b>INDIVIDUAL:</b> discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

**C) Língua histórica e língua funcional 1 – Língua Histórica** Quando nos referimos a língua portuguesa, língua espanhola, língua alemã ou língua latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de língua histórica. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: Minha pátria é a língua portuguesa.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas: a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* ‘através de’, *tópos* ‘lugar’), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* ‘reunião’).

- b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* ‘estrato’, ‘camada’), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.
- c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* ‘expressão’), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas “cultas” ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se compararam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneousemente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural, entre grupos “biológicos” (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

## 2 – LÍNGUA FUNCIONAL É BEM VERDADE QUE NUM DISCURSO E TEXTO PODE APARECER MAIS DE UMA LÍNGUA FUNCIONAL, PRINCIPALMENTE SE SE MUDAM AS CIRCUNSTÂNCIAS E FATORES (DESTINATÁRIO, OBJETO, SITUAÇÃO). TODO FALANTE DE UMA LÍNGUA HISTÓRICA É PLURILÍNGUE, PORQUE DOMINA ATIVA OU PASSIVAMENTE MAIS DE UMA LÍNGUA FUNCIONAL, EMBORA NÃO CONSIGA NUNCA SABER TODA A EXTENSÃO DE UMA LÍNGUA HISTÓRICA; E O SUCESSO DA EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA É TRANSFORMÁ-LO NUM “POLIGLOTA” DENTRO DE SUA PRÓPRIA LÍNGUA NACIONAL. MAS NA CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO E DO TEXTO HÁ SEMPRE uma LÍNGUA FUNCIONAL QUE SE SOBREPÕE ÀS DEMAIS. MESMO UMA LÍNGUA COMUM O MAIS POSSÍVEL UNIFICADA E CODIFICADA COM MUITA RIGIDEZ, COMO OCORRE COM O FRANCÊS “OFICIAL”, NÃO CORRESPONDE EXATAMENTE A ESSA REALIDADE DE LÍNGUA FUNCIONAL, EM FACE DAS DIFERENÇAS ESTILÍSTICAS NELE EXISTENTES.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

## 3 – ESTRUTURA E ARQUITETURA Estrutura é a DESCRIÇÃO DAS OPOSIÇÕES FUNCIONAIS NA EXPRESSÃO E NO CONTEÚDO DE MESMA TÉCNICA IDIOMÁTICA, ISTO É, A HOMOGENEIDADE DE UMA LÍNGUA FUNCIONAL. Arquitetura é o REGISTRO DA DIVERSIDADE INTERNA DE UMA LÍNGUA HISTÓRICA, ONDE COEXISTEM PARA FUNÇÕES ANÁLOGAS FORMAS DISTINTAS E

**VICE-VERSA, ISTO É, DIVERSIDADE DE LÍNGUAS FUNCIONAIS. POR EXEMPLO, A DESCRIÇÃO DO EMPREGO DOS PRONOMES *o* E *lhe* NO PORTUGUÊS EXEMPLAR OU PADRÃO É UM FATO DE estrutura; A COMPARAÇÃO DO EMPREGO DE *o* NO PORTUGUÊS PADRÃO E DO CORRESPONDE *ele* NO PORTUGUÊS POPULAR OU FAMILIAR OU DO PRONOME *lhe* NESSAS MODALIDADES É UM FATO DE arquitetura DO PORTUGUÊS DO BRASIL.**

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das “coisas” (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e “discurso repetido”[ECs.8, 288].

#### **4 – CONHECIMENTO DA LÍNGUA E CONHECIMENTO DAS “COISAS”**

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a “coisas” ou ao mundo extralingüístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo “Macaco velho não mete a mão em cumbuca” ou de expressão como “macaco velho”, não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de ‘prudência’, ‘sagacidade’. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a ‘prudência’ não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

**5 – LINGUAGEM E METALINGUAGEM A METALINGUAGEM É UM USO LINGUÍSTICO CUJO OBJETO É TAMBÉM UMA LINGUAGEM; POR EXEMPLO QUANDO SE FALA DE PALAVRAS E SEUS COMPONENTES OU DE ORAÇÕES: “linguagem é uma palavra derivada de língua”, “linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês”. “-ção é UM SUFIXO FORMADOR DE SUBSTANTIVO”, “Cadeira tem três sílabas”, ETC. A METALINGUAGEM NÃO APRESENTA UNIDADES ESTRUTURAIS NEM PODE SER ESTRUTURADA NO NÍVEL DO SABER IDIOMÁTICO; NEM POR ISSO SEU ESTUDO DEIXA DE MERECER O CUIDADO DA CIÊNCIA.**

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma “palavra”, um substantivo masculino por ser nome de algo: “-mente é um sufixo”, “lá marca distância do falante”, “Terrível palavra é um não”, “Não roubar é um mandamento divino”.

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo “Homem é um dissílabo”, enquanto na linguagem primária se diz com artigo “O homem trabalha”.

**6 – SINCRONIA E DIACRONIA OUTRA DISTINÇÃO ESSENCIAL, POR SINAL A PRIMEIRA QUE SE DEVE FAZER NO ESTUDO DAS LÍNGUAS, É A QUE SE ESTABELECE ENTRE sincronia e diacronia. POR sincronia ENTENDE-SE, EM PRINCÍPIO, A REFERÊNCIA À LÍNGUA EM UM DADO MOMENTO DO SEU PERCURSO HISTÓRICO, “SINCRONIZADA” SEMPRE COM SEUS FALANTES, E CONSIDERADA NO SEU FUNCIONAMENTO NO FALAR COMO DESCRIÇÃO SISTEMÁTICA E ESTRUTURAL DE UM SÓ SISTEMA LINGÜÍSTICO (“LÍNGUA FUNCIONAL”), ENQUANTO POR diacronia SE ENTENDE A REFERÊNCIA À LÍNGUA ATRAVÉS DO TEMPO, ISTO É, NO ESTUDO HISTÓRICO DAS ESTRUTURAS DE UM SISTEMA (“GRAMÁTICA HISTÓRICA”), E COMO HISTÓRIA DA LÍNGUA. TODAVIA, NESTE ÚLTIMO ASPECTO, SINCRONIA E DIACRONIA NÃO SÃO CORRELATIVOS, POIS SE SE LEVAR EM CONTA O CARÁTER PARCIALMENTE INOVADOR DE TODOATO LINGUÍSTICO, TODA LÍNGUA VIVA ESTÁ NUM PERPÉTUO DEVENIR, JÁ QUE O ASPECTO SINCRÔNICO, PARA UMA LÍNGUA CONSIDERADA NA SUA TOTALIDADE, METODOLOGICAMENTE IMPOSTO E NECESSÁRIO, É APENAS UMA ABSTRAÇÃO CIENTÍFICA PARA ESTUDAR COMO A LÍNGUA FUNCIONA E OS TRAÇOS QUE, ENTRE DOIS MOMENTOS DO SEU DESENVOLVIMENTO, SE MOSTRAM CONSTANTES. ATÉ PARA FINS PRÁTICOS NECESSITAMOS CONSIDERAR A LÍNGUA COMO ALGO ESTÁVEL E CONSTANTE. ASSIM, A DESCRIÇÃO SINCRÔNICA PRESCINDE DA HISTÓRIA, NO SENTIDO DE QUE NÃO A ABARCA, MAS A DIACRONIA NÃO PODE PRESCINDIR DAS SINCRONIAS. POR FIM, NÃO SE PODE PERDER DE VISTA QUE A DESCRIÇÃO DA LÍNGUA NUM MOMENTO DO SEU DESENVOLVIMENTO É UMA PARTE DA HISTÓRIA DESSA LÍNGUA. UMA LÍNGUA VIVA NUNCA ESTÁ PLENAMENTE FEITA, MAS SE FAZ CONTINUAMENTE GRAÇAS À ATIVIDADE LINGUÍSTICA.**

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina “gramática” em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas (“dialetos” → *dialetologia*, “níveis” → *sociolinguística* e “estilos” → *estilística da língua*).

**7 – ESTADO DA LÍNGUA REAL E SINCRONIA CONVÉM DISTINGUIR ENTRE *estado de língua real* E sincronia, CONSIDERADA DE MODO ABSOLUTO. NO ESTADO DE LÍNGUA TAMBÉM ESTÁ IMPLÍCITA UMA DIMENSÃO DIACRÔNICA, JÁ QUE OS FALANTES, PRINCIPALMENTE DE COMUNIDADES COM LARGA TRADIÇÃO DE LÍNGUA ESCRITA, TÊM CONSCIÊNCIA DE QUE CERTAS FORMAS SÃO MAIS ANTIGAS QUE OUTRAS; QUE ALGUMAS JÁ NÃO SE USAM E QUE OUTRAS SÃO RECENTES.**

**TODAVIA ESSA “DIACRONIA DOS FALANTES” – QUE PODE SER BEM DIFERENTE DA DIACRONIA DO HISTORIADOR – NÃO IMPORTA EM RELAÇÃO AO FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA, PORQUE TODO FATO DE “DIACRONIA” SUBJETIVA TEM DE SER DESCrito NO SEU FUNCIONAMENTO, ISTO É, NA SUA PRÓPRIA SINCRONIA [ECs.8, 296].**

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários “estados de língua” sucessivos, pois a “gramática histórica” é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

**8 – TÉCNICA LIVRE DO DISCURSO E DISCURSO REPETIDO OUTRA DISTINÇÃO NECESSÁRIA NO ESTUDO “SINCRÔNICO” DE LÍNGUA É A QUE SE FAZ ENTRE *técnica livre do discurso* E *discurso repetido*, PORQUE AS TRADIÇÕES LINGUÍSTICAS NÃO SÓ CONTÊM TÉCNICA PARA FALAR, MAS AINDA LINGUAGEM JÁ FALADA.**

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras “atuais” relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as “palavras” e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo “já dito”: algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como “expressão”, “giro”, “modismo”, frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

**D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico 1 – Os Quatro Planos de Estruturação Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o falar (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a norma, o sistema e o tipo linguístico, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à arquitetura, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.**

**2 – A NORMA A norma CONTÉM TUDO O QUE NA LÍNGUA NÃO É FUNCIONAL, MAS QUE É TRADICIONAL, COMUM E CONSTANTE, OU, EM OUTRAS PALAVRAS, TUDO O QUE SE DIZ “ASSIM, E NÃO DE OUTRA MANEIRA”. É O PLANO DE ESTRUTURAÇÃO DO SABER IDIOMÁTICO QUE ESTÁ MAIS PRÓXIMO DAS REALIZAÇÕES CONCRETAS. O SISTEMA E A NORMA DE UMA LÍNGUA FUNCIONAL REFLETEM A SUA ESTRUTURA.**

**3 – O SISTEMA O sistema CONTÉM APENAS AS OPOSIÇÕES FUNCIONAIS, ISTO É, CONTÉM UNICAMENTE OS TRAÇOS DISTINTIVOS NECESSÁRIOS E INDISPENSÁVEIS PARA QUE UMA UNIDADE DA LÍNGUA (QUER NO PLANO DA EXPRESSÃO, QUER NO PLANO DO CONTEÚDO) NÃO SE CONFUNDA COM OUTRA UNIDADE.**

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujos*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas: Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

As razões segundo as quais (e não segundo que).

O sistema verbal português marca a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema *-o*: eu canto, vendo, parto.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo *-ção* para formar substantivos, em geral denominadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento a casação*, *livramento a livração*, *tomada a tomação* ou *tomamento*, etc. Outras vezes, a

norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto + indireto* (Dei um livro ao primo), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-lhe um livro) / Dei-lho (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a “novidade” criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

#### 4 – O TIPO LINGUÍSTICO O tipo linguístico é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: comprehende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

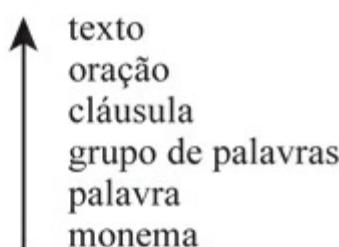
No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

#### E) Propriedades dos estratos de estruturação grammatical 1

##### 1 – OS ESTRATOS GRAMATICAIS EM PORTUGUÊS, OS ESTRATOS GRAMATICAIS POSSÍVEIS SÃO, PELA ORDEM ASCENDENTE: o elemento mínimo (ou monema), A palavra GRAMATICAL, O grupo de palavras, A cláusula, A oração E O texto:



Do ponto de vista de sua função grammatical, *casa-* e *-s* são “monemas”; já *casas*, na oposição *casa / casas*, é uma “palavra grammatical” com sua função “plural”, uma vez que *-s* é o “pluralizador” e *casa-* o “pluralizado”, e o sintagma inteiro *casas* é o “plural”. Em português, a “explicação” e a “especificação” são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes “boi” e “oceano”; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é “especificativo” (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é “explicador” e *boi* o termo “explicado”, e o sintagma inteiro *o manso boi* é um “explicativo”.

A oposição correspondente às funções “comentário” e “comentado” ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado “advérbio de oração”, que não passa de uma cláusula “comentário”, ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos

uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente ‘eu sei com segurança’, ‘com certeza’. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a ‘certamente, eu o sei’, ‘é certo que eu o sei’, ‘eu o sei, e este fato é certo’. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

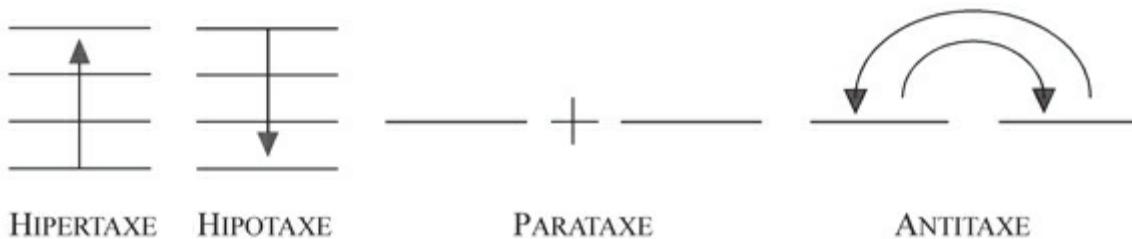
O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função “predicativa”. Nela, o “sujeito” e o “predicado” são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo “referido”, e o sujeito, o termo “referente”, a função sintagmática é a de “referência”, e a unidade resultante é a “predicação referida”, que se opõe, neste nível, à “predicação não referida”. Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove, Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o “soneto”, a “crônica”, a “novela”-, podemos ter casos como a oposição entre “pergunta não repetida” e “pergunta repetida”. Se se pergunta *Você vai bem?*, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai?* ou *E você vai bem?* ou *Que você vai bem?*, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

## 2 – PROPRIEDADES DOS ESTRATOS DE ESTRUTURAÇÃO GRAMATICAL SÃO QUATRO ESTAS PROPRIEDADES: A superordenação (ou hipertaxe), A subordinação (ou hipotaxe), A coordenação (ou parataxe) E A substituição (ou antitaxe).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:



## 3 – HIPERTAXE OU SUPERORDENAÇÃO A HIPERTAXE É A PROPRIEDADE PELA QUAL UMA UNIDADE DE UM ESTRATO INFERIOR PODE FUNCIONAR POR SI SÓ – ISTO É, COMBINANDO-SE COM ZERO – EM ESTRATOS SUPERIORES, PODENDO CHEGAR ATÉ AO ESTRATO DO TEXTO E AÍ OPOR-SE A UNIDADES PRÓPRIAS DESSE NOVO ESTRATO. ASSIM, UM MONEMA PODE, EM PRINCÍPIO, FUNCIONAR COMO PALAVRA; UMA PALAVRA COMO GRUPO DE PALAVRAS, E ASSIM SUCESSIVAMENTE.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como “singular” no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar “combinado” com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como “singular”, funciona no nível do grupo de palavras como “virtual, inatual” – em oposição ao “atual” *a casa*. Em *Certamente! Claro!*, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair?* Por outro lado, uma pergunta como *(E) Isabel?* É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais? – Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento? – Cão*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

## 4 – HIPOTAXE OU SUBORDINAÇÃO A HIPOTAXE É A PROPRIEDADE OPOSTA À HIPERTAXE: CONSISTE NA POSSIBILIDADE DE UMA UNIDADE CORRESPONDENTE A UM ESTRATO SUPERIOR PODER FUNCIONAR NUM ESTRATO INFERIOR, OU EM ESTRATOS INFERIORES. É O CASO DE UMA ORAÇÃO PASSAR A FUNCIONAR COMO “MEMBRO” DE OUTRA ORAÇÃO, PARTICULARIDADE MUITO CONHECIDA EM GRAMÁTICA. O IMPORTANTE É, ENTRETANTO, VERIFICAR QUE ESTE TIPO DE

**PROPRIEDADE NÃO FICA SÓ AQUI, MAS TEM UMA APLICAÇÃO MAIS EXTENSA. EM PRINCÍPIO, TODA UNIDADE SUPERIOR AO ESTRATO DO MONEMA PODE SER SUBORDINADA. UM TEXTO INTEIRO PODE FUNCIONAR COMO UMA ORAÇÃO NUM OUTRO TEXTO; UMA ORAÇÃO COMO UMA CLÁUSULA OU GRUPO DE PALAVRAS; UM GRUPO DE PALAVRAS COMO UMA PALAVRA GRAMATICAL, E UMA PALAVRA COMO UM ELEMENTO MÍNIMO.**

Em *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipotaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perifrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as “conjunções subordinativas” como elementos que “unem” orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração (“sujeito”, “complemento direto”), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas*. Ela espera *que venhas*. Ela sabe *quem vem*. Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana*.

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

## **5 – PARATAXE OU COORDENAÇÃO CONSISTE A PARATAXE NA PROPRIEDADE MEDIANTE A QUAL DUAS OU MAIS UNIDADES DE UM MESMO ESTRATO FUNCIONAL PODEM COMBINAR-SE NESSE MESMO NÍVEL PARA CONSTITUIR, NO MESMO ESTRATO, UMA NOVA UNIDADE SUSCETÍVEL DE CONTRAIR RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS PRÓPRIAS DAS UNIDADES SIMPLES DESTE ESTRATO. PORTANTO, O QUE CARACTERIZA A PARATAXE É A CIRCUNSTÂNCIA DE QUE UNIDADES COMBINADAS SÃO EQUIVALENTES DO PONTO DE VISTA GRAMATICAL, ISTO É, UMA NÃO DETERMINA A OUTRA, DE MODO QUE A UNIDADE RESULTANTE DA COMBINAÇÃO É TAMBÉM GRAMATICALMENTE EQUIVALENTE ÀS UNIDADES COMBINADAS. NÃO SOBEM A ESTRATO DE ESTRUTURAÇÃO SUPERIOR. ASSIM, DUAS PALAVRAS COMBINADAS PERSISTEM NO NÍVEL DA PALAVRA E NÃO CONSTITUEM UM “GRUPO DE PALAVRAS”, COMO SE PASSASSEM AO NÍVEL IMEDIATAMENTE SUPERIOR.**

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] e *mulheres*] / [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê e Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de “dependência”, o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que “a parataxe inclui a hipotaxe” ou que “a parataxe também é hipotaxe”. Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao sentido do discurso e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama orações “conclusivas” e “causais-explicativas”. Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações “principais” ou “independentes”. Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

**6 – ANTITAXE OU SUBSTITUIÇÃO É A PROPRIEDADE MEDIANTE A QUAL UMA UNIDADE DE QUALQUER ESTRATO GRAMATICAL JÁ PRESENTE OU VIRTUALMENTE PRESENTE (“PREVISTA”) NA CADEIA FALADA PODE SER REPRESENTADA – RETOMADA OU ANTECIPADA – POR OUTRA UNIDADE DE OUTRO PONTO DA CADEIA FALADA (QUER NO DISCURSO INDIVIDUAL, QUER NO DIÁLOGO), PODENDO A UNIDADE QUE SUBSTITUI SER PARTE DA UNIDADE SUBSTITUÍDA, COM IDÊNTICA FUNÇÃO OU MESMO ZERO. É O FENÔMENO MUITO CONHECIDO NO DOMÍNIO DOS PRONOMES QUE “SUBSTITUEM” (= “REPRESENTAM”) LEXEMAS (PALAVRAS OU GRUPOS DE PALAVRAS), INCLUSIVE LEXEMAS INEXISTENTES COMO TAIS NA LÍNGUA, COMO É O CASO DOS PRONOMES “NEUTROS” (*isto, isso, aquilo*), QUE PODEM REFERIR-SE A UM FATO, A UMA CIRCUNSTÂNCIA OU A UMA SITUAÇÃO.**

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim, não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou “anáfora”, “catáfora”), isto é, a representação “antes” e “depois”, sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim, não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso “pro-orações” ou “pro-textos” e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno “transfrásico”, um fenômeno do plano do “discurso” ou do “texto”, uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa “phrase-grammar”, porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

#### **F) Dialetos – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa.**

*Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto 1 – Língua Comum e Dialetos* Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias “línguas” mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata “do português” (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma diversidade na unidade, e uma unidade na diversidade.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que põe sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmãs.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua e dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delinear complexa, porque a exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

**PLANOS CONCEITUAIS DIFERENTES. QUANDO SE FALA DO EXEMPLAR, FALA-SE DE UMA FORMA ELEITA ENTRE AS VÁRIAS FORMAS DE FALAR QUE CONSTITUEM A LÍNGUA HISTÓRICA, RAZÃO POR QUE O ELEITO NÃO É NEM CORRETO NEM INCORRETO.**

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

**3 – GRAMÁTICA DESCRIPTIVA E GRAMÁTICA NORMATIVA DAÍ É FÁCIL CONCLUIR QUE NÃO DEVEMOS CONFUNDIR DOIS TIPOS DE GRAMÁTICA: A *descriptiva* E A *normativa*.**

A gramática descriptiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descriptiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descriptiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descriptiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural, funcional, estrutural e funcional, constrastiva, distribucional, gerativa, transformacional, estratificacional, de dependências, de valências, de usos, etc.* A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

**4 – ÂMBITOS DE ESTUDO DA GRAMÁTICA COMO VIMOS, A GRAMÁTICA DESCRIPTIVA REGISTRA E DESCREVE TODOS OS ASPECTOS DE UMA LÍNGUA PARTICULAR, HOMOGÊNEA E UNITÁRIA. POR ISSO, APARECE DIVERSIFICADA NOS CAPÍTULOS PELOS QUAIS COSTUMA SER APRESENTADA: fonética e fonologia, morfologia e sintaxe (MELHOR morfossintaxe), semântica, estilística.**

**4.1 – Fonética e Fonologia** A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

**4.2 – Sistema gráfico** Nas línguas em que, ao lado da realidade oral, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir letra com som da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (a – e – i – o – u). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim: a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas; b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino; c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a “etimológica” (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

**4.3 – Alfabeto fonético** Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica desejada.

**4.4 – Gramática e Estilística** A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para

tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

**4.5 – Morfossintaxe** A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas “formas”) e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de “formas”, ainda que seja combinação com zero ou ausência de “forma”; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma “forma” (na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) “constitucional” (que descreveria a configuração material da “forma” gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) “funcional” (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) “relacional” (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

**4.6 – Lexicologia** Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralingüístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]: a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

- b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos) c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de ‘aquele que dá a hospedagem’ e ‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

- d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *aramé*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antropónímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

**4.7 – Outra vez a Estilística** A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

**4.8 – Outros tipos de Gramática** Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios: a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

- b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.  
c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.  
d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas: 1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

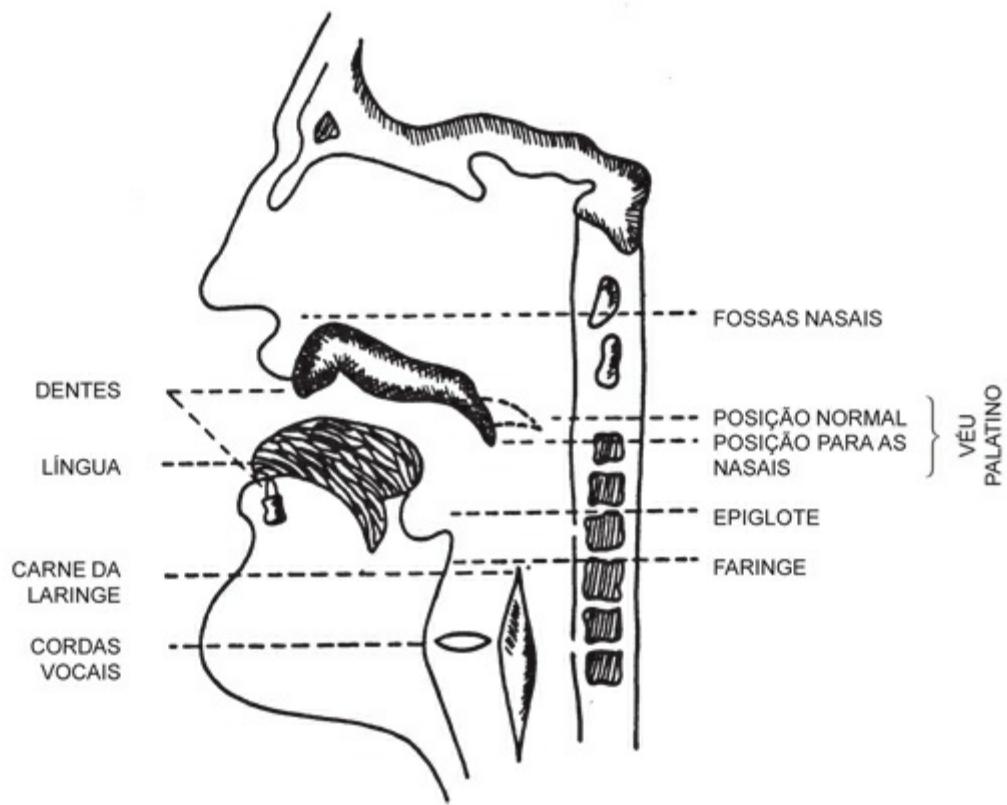
- 2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.  
3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].  
4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

<sup>1</sup> E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.



**Aparelho fonador** – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as *cordas vocais*), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula* ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à corrente de ar que sai dos pulmões. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como *z, v, j*, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferirmos um fonema surdo, como *s, f, x*, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha

completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

**OBSERVAÇÃO:** Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média, anteriores e posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema *a*, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série *é – ê – i*, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série *é – ê – i* constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média *a* para a série *ó – ô – u*, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série *ó – ô – u* forma as vogais *posteriores*.

### VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS



*E* (aberto) como em *é*

POSIÇÃO DA LÍNGUA



*E* (fechado) como em *dê*



*I* como em *vi*



### VOGAIS POSTERIORES 3



**O** (aberto) como em *pô*

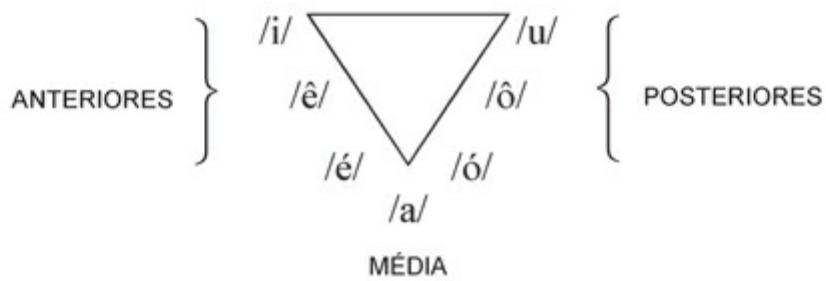


**O** (fechado) como em *avô*



**U** como em *tu*

#### ZONAS DE ARTICULAÇÃO

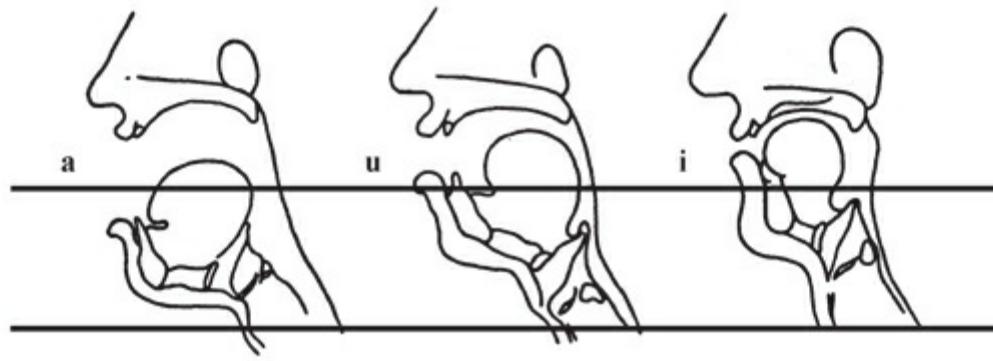


b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: *avô*, *paga*, *tímido*.

Vogal átona é a inacentuada: *avô*, *paga*, *tímido*. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *avô*, *pagar*, ou depois (postônicas): *tímido*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual recebe o nome de vogal *subtônica*: *polidamente*, *cegamente*, *louvar-te-ei*.

c) quanto ao **TIMBRE**, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: *a*, *é*, *ó*. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: *ê*, *ô*, *i*, *u*. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tónicas e subtónicas; nas átonas desaparece a diferença entre *ó* e *ô*, *é* e *ê*, e *o* e *a* reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.



A gravura mostra a posição das vogais *a*, *u* e *i*. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do *u* e do *i* com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, *i* e *u*<sup>4</sup>. Assim temos sete vogais tónicas orais (*a*, *é*, *ê*, *i*, *ó*, *ô*, *u*), cinco vogais átonas orais (*a*, *e*, *i*, *o*, *u*) e três vogais reduzidas orais (*a*, *i*, *u*). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *antigo*, *sentar*, *limpeza*, *combate*, *fundar*<sup>5</sup>.

OBSERVAÇÕES: 1.) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tónico dos portugueses como *em cada*, *para*, *mas*.

2.) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das **CAVIDADES BUCAL** e **NASAL**, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tónicas (/á/, *é*, *ê*, *i*, *ó*, *ô*, *u*), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre *é* e *ê*, *ó* e *ô* (*a*, *e*, *i*, *o*, *u*) e três reduzidas (*a*, *i*, *u*). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, *ê*, *î*, *õ*, *û*): *lã*, *canto*, *campina*, *vento*, *ventania*, *límpido*, *vizinhança*, *conde*, *condessa*, *tunda*, *pronunciamos*. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tónicas e subtónicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: *cama*, *cana*, *banha*, *cena*, *fina*, *homem*, *Antônio*, *úmido*, *unha*. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS		
	<i>orais</i>	<i>orais</i>	<i>nasais</i>	<i>orais</i>	<i>nasais</i>
1) A: <i>pá</i> , <i>caveira</i> , <i>cálido</i> , <i>placidamente</i> .....	—		<i>romã</i> , <i>canto</i> , <i>lâmpada</i>	<i>casa</i>	<i>ímã</i> , <i>cantinho</i>
2) E: <i>fé</i> , <i>tela</i> , <i>pérola</i> , <i>cafezal</i> .....	<i>vê</i> , <i>negro</i> , <i>pêssego</i>		<i>lembro</i> , <i>vento</i>	<i>verde</i>	<i>engolir</i>
3) O: <i>pó</i> , <i>voto</i> , <i>glóbulo</i> , <i>fortezinho</i> .....	<i>avô</i> , <i>povo</i> , <i>lobregto</i> , <i>globinho</i>		<i>ponto</i> , <i>tômbola</i>	<i>globinho</i>	<i>comprida</i> , <i>contínua</i>
4) I: .....	<i>li</i> , <i>vida</i> , <i>lírico</i>		<i>fim</i> , <i>tinta</i> , <i>límpido</i>	<i>lápis</i> , <i>júri</i>	<i>tinteiro</i>
5) U: .....	<i>luz</i> , <i>tudo</i> , <i>lúgubre</i>		<i>fundo</i> , <i>cumpro</i>	<i>vírus</i>	<i>álbum</i>

*i*

*u*

		Altas
$\hat{e}$	$\hat{o}$	Médias
$\acute{e}$	$\acute{o}$	Médias

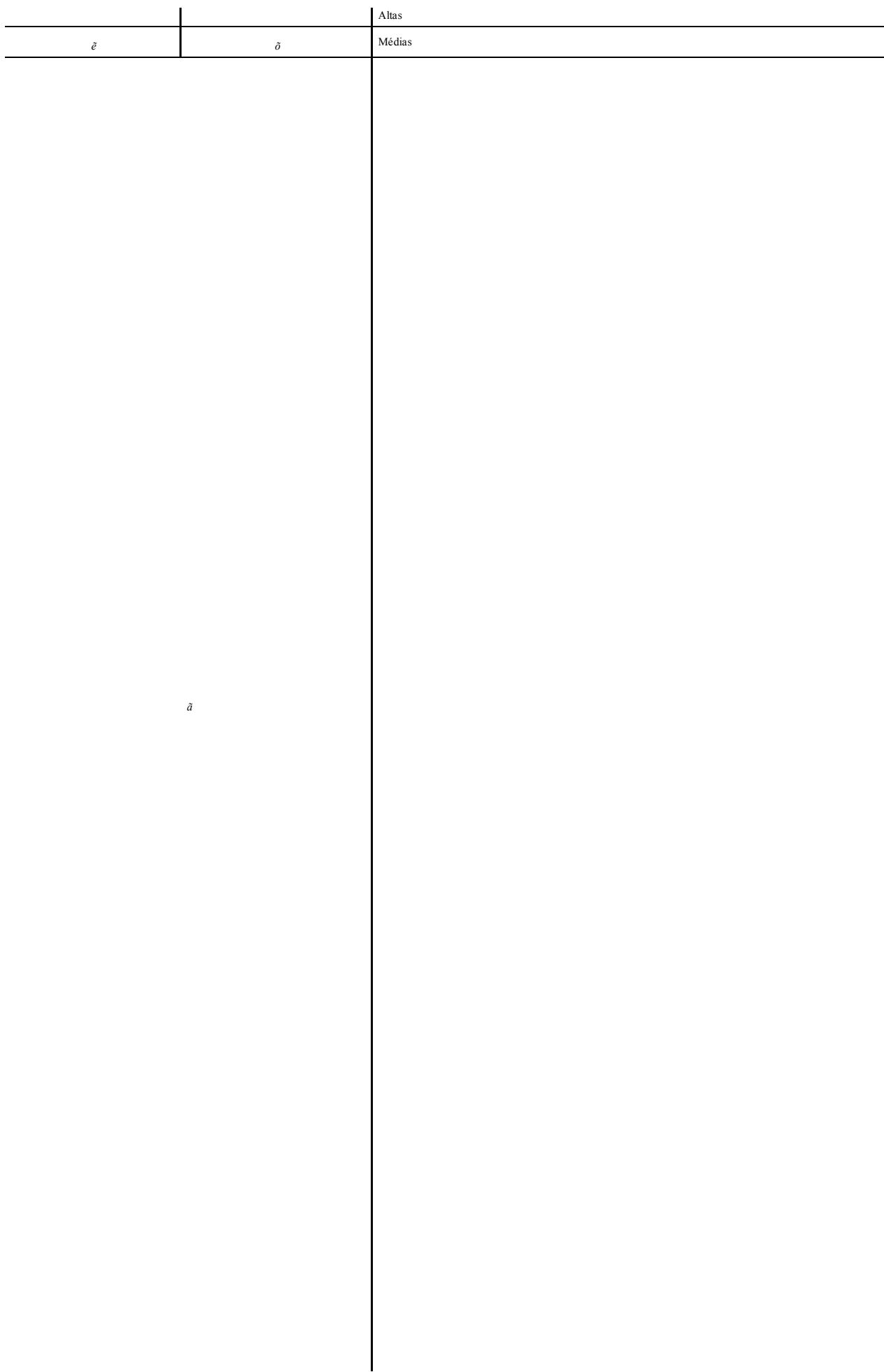
*a*

Baixa

---

$\hat{t}$

$\hat{u}$



Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como *ô* e *û*, *ê* e *ĩ*, o que não é correto.

#### QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) quanto à zona de articulação	anteriores: /é/, /ê/, /í/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) quanto ao timbre .....	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal .....	orais: /a/, /é/, /ê/, /í/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) quanto à intensidade .....	tónicas  átonas
	5) quanto à elevação da língua	baixa: /a/ médias: /é/, /ô/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

[2](#)

**DITONGO** é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: *pai*, *mãe*, *água*, *cárie*, *mágoa*, *rei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: *pAi*, *mÃE*, *ágUA*, *cáriE*, *mágoA*, *rEi*.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverba*s: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverba*s: *certa*  *idade*, *inculta*  *e bela*).

Os ditongos podem ser: a) crescentes e decrescentes b) orais e nasais. Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: *água*, *cárie*, *mágoa*.

*Decrescente* é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: *pai*, *mãe*, *rei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (*pai*, *água*, *cárie*, *mágoa*, *rei*) ou *nasais* (*mãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (*pai*, *céu*, *rói*, *ideia*) ou *fechados* (*meu*, *dido*, *veia*).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: *mãe*.

Principais ditongos crescentes: *Orais* 1) *ya*: *glória*, *pátria*, *diabo*, *área*, *nívea* 2) *ye*: (= *yi*): *cárie*, *calvície* 3) *yé*: *dieta* 4) *yo*: *vário*, *médio*, *áureo*, *níveo* 5) *yó*: *mandioca* 6) *yô*: *piolho* 7) *yu*: *miúdo* 8) *wa*: *água*, *quase*, *dual*, *mágoa*, *nódoa* 9) *wi*: *linguiça*, *tênué* 10) *wó*: *quiproqué* 11) *wô*: *aquoso* 12) *wo* (= *uu*): *oblíquo* 13) *wé*: *coelho* 14) *wé*: *equestre*, *goela*

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisiva e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* comacoento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) *yã*: *criança*

2) *wã*: *quando*

3) *wê*: *frequente*, *quinquênio*, *depoente*

4) *wĩ*: *argindo*, *quinquênio*, *moinho*

Os principais ditongos decrescentes são: Orais: 1) *ay*: *pai*, *baixo*, *traidor*

2) *ay* (a fechado e, às vezes, nasalado): *faina*, *paina*, *andaime*

3) *aw*: *pau*, *cacaus*, *ao*

- 4) éy: réis, coronéis  
5) êy: lei, jeito, fiquei  
6) éw: céu, chapéu  
7) êw: leu, cometeu  
8) iw: viu, partiu  
9) óy: herói, anzóis  
10) ôy: boi, foice  
11) ow: vou, roubo, estouro  
12) uy: fui, azuis Nasais 1) ãy: alemães, cãibra 2) ãw: pão, amaram (= amárão) 3) êy: bem (= bêi), ontem (= ontêi) 4) ôy: pôe, senões 5) ûy: mui (= mûi), muíto (= mûito) NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /êy/, /ãy/ e /ãw/ [cf. SS.3, 320, 18, onde vâs rima com mães], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

## Orais

- 1) *way*: *quais, paraguaios*
- 2) *wey*: *enxaguei, averigueis*
- 3) *wiw*: *delinquiou*
- 4) *-wow*: *apaziguou*

## Nasais

- 1) *wāw*: *mínguam, sanguão, quão*
- 2) */wēy/*: *delinquem, enxáguem*
- 3) *wōy*: *sanguões*

**OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a)</sup> Nos tritongos nasais *wāw* e */wēy/* a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.<sup>a)</sup> Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: *feís, poeira, pião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: *saída, caatinga, moinho*. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.<sup>8</sup>

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

**OBSERVAÇÕES :** 1.<sup>a)</sup> Desenvolvem-se um *y* semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou *w* semivogal (símbolo chamado *uaú*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia = prai-i-a; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba*.

2.<sup>a)</sup> “Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uaú* variará de acordo com as necessidades expressivas ou as peculiaridades individuais” <sup>9</sup> *uua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.*

3.<sup>a)</sup> “Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *históri-a e história; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo*”<sup>10</sup>

4.<sup>a)</sup> Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba, joia, etc.* Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba, joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se **DIÉRESE** à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção = tra-i-ção; vai-dade = va-i-da-de; cai = ca-i*.

Chama-se **SINÉRESE** à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente: *su-a-ve = sua-ve; pi-e-do-so = pie-do-so; lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: “Pesa-me esta brillante *auréola* de nume...”

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao **MODO DE ARTICULAÇÃO**, as consoantes podem ser *occlusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas, laterais, vibrantes e nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem completamente a saída do ar, ou permitem parcialmente que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *occlusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: *f, v, s, z, x, j*. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: *l, lh*. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: *r* (simples) e *rr* (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial *m*, a linguodental *n* e a palatal *nh*.

b) quanto à **ZONA DE ARTICULAÇÃO**, as consoantes podem ser: 1) *bilabiais* (lábio contra lábio): *p, b, m*.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): *f, v*.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): *t, d, n*.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): *s, z, l, r, rr*.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): *x, j, lh, nh*.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): *k, g*.

**OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a)</sup> O *l* inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações coma vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.<sup>a)</sup> O *rr* alveolar pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.<sup>a)</sup> As linguodentais *t* e *d* seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar *txinta* e *djigno*. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das **CORDAS VOCAIS**, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

*Surdas: p, f, t, s, x, k.*

*Sonoras: b, v, d, z, j, g, m, n, nh, l, lh, r, rr.*

São sonoras as consoantes *vibrantes, nasais* e o *l* lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais *m*, *n*, *nh*. As outras são orais.

#### QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

<b>CONSOANTES</b>	<b>OCLUSIVAS</b>	<i>bilabiais</i>	surda: /p/ sonora: /b/
		<i>linguodentais</i>	
		<i>velares</i>	
	<b>fricativas</b>	<i>labiodentais</i>	surda: /f/ sonora: /v/
		<i>alveolares</i>	
		<i>palatais</i>	
	<b>CONSTRITIVAS</b>	<i>vibrantes (alveolares)</i>	simples: /t/ múltipla: /m/
		<i>laterais</i>	
	<i>nasais</i>	<i>nasais</i>	bilabial: /m/ linguodenital: /n/ palatal: /nh/*

\* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

O encontro consonantal *cs* é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no inicio de vocábulos: *bd*: lamb-da *ft*: af-ta *bs*: ab-so-lu-to *pn*: pneu, pneu-má-ti-co *cc*: sec-ção *ps*: psiu *dm*: ad-mi-tir *pt*: ap-to *gn*: dig-no *tm*: ist-mo *mn*: mne-mô-ni-co *tn*: ét-ni-co Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal: *advogado* e não *adivogado* ou *adevogado* *absoluto* e não *abisoluto* *admirar* e não *adimirar* *asta* e não *ásta* *ritmo* e não *ritímo* *pneu* e não *pineu* / *peneu* *indigno* e não *indíguino* O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos: *advinhar* e não *advinhar* *subentender* e não *subtender*

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.<sup>11</sup> Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*; *ch*: chá *xs*: exsudar ‘transpirar’

*lh*: malha *rr*: carro *nh*: banha *ss*: passo *sc*: nascer *qu*: quero *sç*: nasça *gu*: guerra *xc*: exceto Para as vogais nasais: *am* ou *an*: campo, canto *em* ou *en*: tempo, vento *im* ou *in*: limbo, lindo *om* ou *on*: ombro, onda *um* ou *un*: tumba, tunda

**OBSERVAÇÃO:** Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética: 1.) Não há ditongo em *quero*; 2.) *M e n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em *caMpo*, *oNda*, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara). 3.) *Qu e gu* se classificam como *k e g*, respectivamente.

## 2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA OS FONEMAS COM OBJETIVOS SIMBÓLICOS Os fonemas com objetivos simbólicos – MUITAS VEZES UTILIZAMOS OS FONEMAS PARA MELHOR EVOCAR CERTAS REPRESENTAÇÕES.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocabulários expressivos*.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos: “As asas ao sereno e sossegado vento” (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

“Bramindo o negro mar de longe brada” (utilização principal dos fonemas *b, r e d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo, cara ou coroa, de cabo a rabo, etc.* O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas: O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

**Colisão** – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico: “*Se eu tenho de morrer na flor dos anos, Meu Deus! não seja já*” [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar: “Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa” [MA.3, 21]

“A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de sua mãe*, um canto de pássaro mais que uma voz humana” [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número, na nave, na noite, na nossa vida, etc.* Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no, na, num, etc.* por *em o, em a, em um, etc.*: *em o* número, *em a* nave.

**Eco** – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico: “Estas palavras subordinam frases em que se exprime condição necessária à realização ou não realização da ação principal.”

**Hiato** – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras: *Hoje há aula*.

**Cacofonia ou cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto: “Ora veja como *ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas...” [CBr.1, 102].

herói *da nação, nosso hino, boca dela, nunca que estuda* Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda, por razão, por respeito, pouca cautela, nunca casavam, ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o Tijuca ganhou, o jogador marca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali: “Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la...”

O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros.” [SA.1, 306-7]

## B) Ortoépia ou Orthoepia Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: *cama*, *cana*, *banha*, *cena*, *fina*, *Antônio*, *unha*; OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: *mata*, *nata*, *companhia*, *mílho*. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas mās*. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem *mūi*, *mūito*.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronomé e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, “salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase” (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /i/ e /u/, respectivamente: *frente*, *carro*.

f) São oscilantes *e*, *i*, /é/, *í*, *o*, *u*, *ó*, *û*, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde “a uma graduação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante” (*Normas*, 482): *pedir* *pedir* ou *pidir*; *estudo* *estudu* ou *istudu*; *sentir* *sentir* ou *sintir*; *costura* *costura* ou *custura*; *compadre* *compadre* ou *cumpadre*. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas *kū* e *pur*. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendiade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: *eminente* *iminente*; *emigrar* *imigrar*; *descrição* / *discrição*.

h) *u* depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalos), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quinquénimo*, *quiproqué*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *querúlo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coeve*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ilesa* (também *ilesa* com *e* fechado), *indefeso*, *besta* (‘arma’), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relo*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* (‘animal de carga’), *bissexto*, *bosete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *metoro*, *molho* (‘feixe’), *noto* (‘vento sul’), *opa* (‘capa’), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* (‘coisa’), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *fóro* (‘jurisdição’), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* (‘jogo’ também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misanthropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço* (‘parte’), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final *-am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ei* as sílabas *-em*, *-ém*, *-en*, *-ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de *-z* ou *-s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tây*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu: “*O país estrangeiro mais belezas  
Do que a pátria, não tem;  
E este mundo não val um só dos beijos  
Tão doces duma mãe.*” [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

I) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* ou *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, “variará de acordo com as necessidades expressivas ou as peculiaridades individuais” (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; *lu-a*: *lu-a* ou *lu-ua*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas *-ar*, *-er*, *-en*, *-ex*, *-on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*), *esfíncter*, *índex*, *cólón*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina* / *nebrina*; *clina* / *crina*; *flauta* / *frauta*; *plantar* / *prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tótem*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, *mãū*. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdríxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como *z*.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de *x*: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de *z* entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grava também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como *z*. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como *z*.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= *ss*) como em *auxílio*; 4) vale por *ks* e *kz* como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa *z* nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inxorável*.

Soa como *s* em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouixer*.

Soa como *ks* ou *kz*, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como *z*), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como *z*), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como *ks* ou *s* em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por *s* no final de: *cálix*, *Félix*, *fénix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar: – o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado; – o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como *ts*; o *lh* de *Alhambra* não constitui digrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*; – o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como *u*.

*Sc* e *xc* soam como *s* em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

*a) Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo* Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há, lá houve, li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*: *segui aquela; já ouvi, lá ironizei, vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado, lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora, terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácrone  $\bar{ }$ ), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*: *terra árida*: ter *ra*  $\bar{á}$  *rida* ou *ter rā ri* da *esse ano*: *es / se a no ou es / sea / no*.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: ca / sa / a / ma / re / la} \\ \text{crase: ca / sā / ma / re / la} \\ \text{elisão: ca / sa / ma / re / la} \end{array} \right.$
--------------	--

casa anterior	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: ca / sa / an / te / ri / or} \\ \text{crase: ca / sān / te / ri / or} \\ \text{elisão: ca / san / te / ri / or} \end{array} \right.$
---------------	---

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: ro / da / es / por / ti / va} \\ \text{elisão: ro / des / por / ti / va} \end{array} \right.$
----------------	--

porta entreaberta	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: por / ta / en / trea / ber / ta} \\ \text{elisão: por / ten / trea / ber / ta} \end{array} \right.$
-------------------	--

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *û* (*õ*):

certa idade	$\left\{ \begin{array}{l} \text{ditongo: cer / tai / da / de} \\ \text{hiato: cer / ta / i / da / de} \\ \text{elisão: cer / ti / da / de} \end{array} \right.$
-------------	---

certa indiferença	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: cer / ta / in / di / fe / ren / çá} \\ \text{ditongo: cer / tain / di / fe / ren / çá} \\ \text{elisão: cer / tin / di / fe / ren / çá} \end{array} \right.$
-------------------	---

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: ju / ri / a / mi / go} \\ \text{ditongo: ju / ria / mi / go} \end{array} \right.$
------------	--

livre arbítrio	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: li / vre / ar / bí / trio} \\ \text{ditongo: li / vriar / bí / trio} \end{array} \right.$
----------------	--

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: li / vre / im / pren / sa} \\ \text{crase: li / vr̄i n / pren / sa} \\ \text{elisão: li / vrin / pren / sa} \end{array} \right.$
----------------	---

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (*o u*):

Santo Antônio	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: san / to / An / tō / nio} \\ \text{ditongo: san / toan / tō / nio} \\ \text{elisão: san / tan / tō / nio} \end{array} \right.$
---------------	---

medo horrível	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: mē / do / hor / rí / vel} \\ \text{ditongo: me / duor / rí / vel} \end{array} \right.$
---------------	---

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: ve / lho / hu / ma / no} \\ \text{crase: ve / lhū / ma / no} \\ \text{elisão: ve / lhu / ma / no} \end{array} \right.$
--------------	---

aviso urgente	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: a / vi / so / ur / gen / te} \\ \text{crase: a / vi / sūr / gen / te} \\ \text{elisão: a / vi / sur / gen / te} \end{array} \right.$
---------------	---

OBSERVAÇÕES: 1.º) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)	$\left\{ \begin{array}{l} \text{hiato: jei / to / ai / ro / so} \\ \text{tritongo: jei / tuai / ro / so} \\ \text{elisão: jei / tai / ro / so} \end{array} \right.$
----------------------	---

2.º) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o, a, os, as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro, pra* (para a), *pros, pras*.

3.<sup>a</sup>) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o, a, os, as*, é grafada *plo, pla, plos, plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro e pros* como aberto.

4.<sup>a</sup>) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o, a, os, as*, dando origem às formas *co, ca, cos, cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *eclipsé*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo* A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal obedecendo às normas já estabelecidas: “*De um sentir aventurado*”

“É talvez *ja voz mimosa*”

“Gentil *infante, engraçado*”

“Que dás *honra e valor*”

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio: *Sob luzes d'esperança Sob fúria* Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

*Sob os céus* (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas: *Incrível lábia* (in-cri-vel-lá-bia) *Tenor repentino* (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se for *j*, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b, d, g, j, l, m, n, r, v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas: Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se for *x*, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c, f, p, q, s, t, x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas: três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas, as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como *s* final, nas ligações: *faz medo* (*x = j*), *faz calor* (*z = x*).

O *n* final de vocábulos, como *cânon, íon, ciclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se siladicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado, bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ūa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*): *uma mensagem, uma mão*.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar, abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

### C) Prosódia Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e, há, ah!*

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar, lei, ou, mas, um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em: a) *monossilabos* (se têm uma sílaba): *é, há, mar, de, dê*; b) *dissílabos* (se têm duas sílabas): *casa, amor, darás, você*; c) *trissílabos* (se têm três sílabas): *cadeira, átomo, rápido, cômodo*; d) *polissílabos* (se têm mais de três sílabas): *fonética, satisfeito, camaradagem, inconvenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial, medial e final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

/

/

/

*fo*

*n̄e*

*ti*

*ca*

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosā* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. “Em inglês *xip* e *xip* (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*” [SA.2, 15]. Em latim, *ōs* (com *o breve*) significa ‘osso’; com *o longo*, *ōs* significa ‘boca’.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato* / *lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro* / *caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória: “Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoar*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus” [ML.1, 147].

*BARbaridade!*

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou *icto*), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

— — —

*po*

*de*

*ro*

*so*

átona

átona

tônica

átona

pretônica

pretônica

postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

**OBSERVAÇÕES:** Em *estudávamo-lo*, o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam fonéticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o homem*, *eu sei*, *vai ver*, *mar alto*, *não viu*) ou *enclíticos*, se para o vocábulo anterior (*vejo-me*, *dou-a*, *fiz-lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *át顿os*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, *quero porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos depende sempre do acento da frase.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: *rápido* – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

“encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus” [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica: *maravilhosa*, *formidável*, *inteligente*, *miserável*.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento “parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem” [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

São fatos *subjetivos* e não *objetivos*.

Os problemas de *importação* e de *exportação*.

*com* dinheiro ou *sem* dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporaram foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais

fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa e verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve<sup>12</sup>.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força: *o\_Urei // ele\_Udisse // bom\_Ulivro // deve\_Uestar* Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico: *disse-Ume // ei-Ulo // falar-Ulhe* Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras: 1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro*.

- 2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
- 3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
- 4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse*.
- 5) pronomes relativos; 6) verbos auxiliares; 7) certos advérbios: *já vi, não posso, etc.*
- 8) certas preposições: *a, de, em, com, por, sem, sob, para* 9) certas conjunções: *e, nem, ou, mas, que, se, como, etc.*

São enclíticas as formas pronominais *me, te, se, nos, vos, o, a, os, as, lhe, lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*<sup>13</sup>, passou a átono proclítico.

Em *grande homem, alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande, mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

*Boa* (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer: “Outros suas terras em *boa* paz regeram Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos.” [AF.1]

“*bas* noite nhozinho.” [L. Cardoso] <sup>14</sup>

- b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.
- c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo: 1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São Paulo, São Pedro*; 2) *cento* > *cem*: *cem* páginas; 3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir; 4) *tanto* > *tão*: *tão* grande; 5) *quanto* > *quão*: *quão* belo d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*: aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, util, ureter.

São *paroxítonas*: acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania<sup>15</sup>, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente): aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgame, ambrósia, anátema,andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (ás), êxodo, fac-símile, fibula, idólatra, ímpio (sem fé), improbo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, péríplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

**D) Ortografia Alfabeto I – Alfabeto 1)** O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

## II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *brequé*, *caqui*, *saquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduiche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como *u* em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso *v* em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como *v*, pronúncia mais geral, ou como *u*. O *y* é um som vocálico pronunciado como *i* com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

### III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver, hélice, hidrogênio, hóstia, humildade; hâ!, hem?, puh!, ah!, ih!, oh!, etc.*

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo ó: *Ó José, vem aqui!; Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hifen: *chave, malho, rebanho, anti-higiênico, contra-haste, pré-histórico, sobre-humano, etc.*

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico, coabitar, coonestar, desarmonia, exausto, inabilitar, lobisomem, reaver, etc.* b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário e biebdomadário; carbo-hidrato e carboidrato; zoo-hematina e zoematina; geo-história e geoistória.* Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrilila, xilarmônica, xilarmônico.* Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabilitar e reaver.*

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei, dir-se-ia, etc.*

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro, ontem, etc.* E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha, erva, felá, inverno, etc.*

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p, r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia, cristão, querubim, química, farmácia, fósforo, retórica, ruibarbo; teatro, turíbulo, etc.*

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer, florescer, nascer, etc.*, e o *x* em vocábulos como *exceto, excerto, etc.*, apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista, assunto, presunção, prontificar, etc.*

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto e aspetto, característico e caraterístico, circunspecto e circunspecto, contacto e contato, corrupção e corrução, corruptela e corrutela, dactilografia e datilografia, expectativa e expetativa, optimismo e otimismo, respectivo e respetivo, secção e seção, sinóptico e sinótico, sumptuoso e suntuoso, tacto e tato.* Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronunciado o *p*.

## V – SC

- 15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena, cenografia, ciência, etc.*  
16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico, contracenar, encenação, etc.*; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência, côncio, imprescindível, prescindir, rescindir, rescisão, etc.*

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia, corrêu, prerrogativa, pressentir, ressentimento, sacrossanto, etc.*

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá, cristâmente, irmâmente, maçã, manhãzinha, órfã, româzeira, etc.*

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos, campo; contudo, enfim, enquanto, homenzinho, nuvenzinha, vintenzinho, etc.*

OBSERVAÇÃO: Escrivem-se *comi*, e não *come*, a forma verbal *fui*, a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.<sup>a</sup> do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui, fruis, retribuis, etc.*

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar e baloiçar, calouro e caloiro, dourar e doirar, etc.* Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrivem-se assim os ditongos nasais: *ãe, ãi, ão, am, em, en(s), õe, ui* (proferido *üü*): *mãe, pães, cãibra, acórdão, irmão, leãozinho, amam, bem, bens, devem, põe, repões, muito, etc.*

OBSERVAÇÕES: a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* *emmui* e *muito*.

b) Como o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxitónicos: *cão, dão, não, quão; então, irmão, viverão, etc.*

c) Também se escrevem como ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão, órgão, sótão, etc.*

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram, deveram, partiram, etc.*

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítónicos e os seus derivados; e os anoxítónicos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães, mães, pãezinhos, câibo, zâibo, etc.*

f) O ditongo nasal *e(i)s* escreve-se *em* ou *en(s)* assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem, convém, convéns, virgem, virgens, etc.*

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênué), *uo* (tríduo), *etc.*

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.<sup>a</sup> do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue, habitudes, etc.*

2.<sup>a</sup>) com *o* ou com *u*: *frágua, lugar, mágoa, manuelino, polir, tribo, urdir, veio* (verbo ou substantivo), *etc.*

3.<sup>a</sup>) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta, quociente* (seguido do *cociente*), *etc.*

4.<sup>a</sup>) com *ch* ou *x*: *anexim, bucha, charque, chimarrão, faxina, flecha, tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), *etc.*

5.<sup>a</sup>) com *g* ou *j*: *estrangeiro, jenipapo, genitivo, gíria, jeira, jeito, jiboa, jirau, laranjeira, lojista, majestade, viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), *etc.*

6.<sup>a</sup>) com *s, ss* ou *c, ç*: *ânsia, anticéptico, boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; apitidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula, censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), *etc.*

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.<sup>a</sup>) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido, esplendor, extremoso, flux* (= na locução *a flux*), *justafluval, justapor, misto, etc.*

8.<sup>a</sup>) com *s* ou *z*: *alazão, alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiár, autorizar, bazar, coliseu, comezinho, cortês, dissensão, empresa, esfuziar, esvaziamento, frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se, obséquio, prioresa, rizotônico, sacerdotisa, tapiz, trânsito, xadrez, etc.*

OBSERVAÇÕES: a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fôr dobrado: *obsequiar (ze), transoceânico (zo), transeular (se), transsubstanciação (su); etc.*

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca, endes, mesquita, etc.*

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de: 1.º) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoaval*, etc.

2.º) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.º) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.º) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.º) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

2.º) Reproduzir certas pronúncias populares: *lá*, *leve*, etc.

3.º) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= *planta*, *lanche*), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= *árvore*, *ébrio*), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado: a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *dai*, *dacolá*, *onde*, *dantes*, *dentre*, etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais: *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

OBSERVAÇÕES: a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-*, *anglo-*, *euro-*, *franco-*, *indo-*, *lusó-*, *sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente*, *anglofalante*, *angloomania*, *eurocêntrico*, *eurodeputado*, *lusofonia*, *sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro*, *anglo-saxão*, *euro-asiático*, etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol*, *madressilva*, *pontapé*, etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas*, *paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s)*, *para-choque*, *para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lengalenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxé-mouxe*, *xiquexique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar*, *ronronar*, *zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá*, *titio*, *vovó*, *xixi*, etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água*, *mestred'armas*, *olho-d'água*, etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-mar*, *aquém-Pireneus*, *recém-casado*, *recém-nascido*, *bem-estar*, *bem-humorado*, *bem-dito*, *bem-dizer*, *bem-vestido*, *bem-vindo*, *sem-cerimônia*, *sem-vergonha*, *sem-terra*.

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vira à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoadão), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito!* [interj.], *benfeitor*, *benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria*, *benquerer*, *benquisto*, *benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado*, *mal-entendido*, *mal-estar*, *mal-humorado*, *mal-informado*, *mal-limpio*. Porém: *malcriado*, *malgrado*, *malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de ‘doença’ grafá-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sifilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES: a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul*, *Belo Horizonte*, *Cabo Verde*, *Castelo Branco*, *Freixo de Espada à Cinta*, etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino*, *mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano*, *cruzeirense-do-sul*, *alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indochinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bêncão-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha*.

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de ‘arbusto europeu’, e *bola de neve* (sem hífen) significando ‘aílolo que toma vulto rapidamente’; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de ‘nariz adunc’; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) como significado de ‘melindres’.

38) Nas locuções: Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouse*, *cara de mamão-macho*, *bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *fim de século*, *sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *apartir*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *aqueando de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *visto que*.

OBSERVAÇÕES: a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda*, *salve-se quem puder*, *um faz de contas*, *um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi*, *tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (advérbio e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *ão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio*, *ab ovo*, *ad immortalitatem*, *ad hoc*, *data venia*, *de cuius*, *carpe diem*, *causa mortis*, *habeas corpus*, *in octavo*, *pari passu*, *ex libris*. Mas: o *ex-libris*, o *habeas-corpus*, *in-oitavo*, etc.

39) Nas sequências de palavras: Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos: 1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infecioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES: a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (=terra), *albi-*, *alfa-*, *ante-*, *anti-*, *ântero-*, *arqui-*, *áudio-*, *auto-*, *bi-*, *beta-*, *bio-*, *contra-*, *eletro-*, *euro-*, *infero-*, *íntero-*, *iso-*, *macro-*, *mega-*, *multi-*, *poli-*, *póstero-*, *pseudo-*, *súpero-*, *neuro-*, *orto-*, *sócio-*, etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intruterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianimal*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiarido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletracástico*, ao lado de *eletroacústico*, e *arteriosclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-spectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co*-, *pro*-, *pre*- e *re*-, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*; *comandante*, *proativo*, *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preeexistir*; *reedificação*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbeylianiano*, *addisoniano*, *addisonismo*, *addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville*, *Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico*; *pré-datado*, *pré-escolar*; *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico*, *postônico* ou *pós-tônico*.

4.) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal, h, m* ou *n*: *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação, pan-africano, pan-americano, pan-harmônico, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude*.

5.) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-, soto-, vice-, vizo-: ex-almirante, ex-diretor, ex-presidente, sota-almirante, sota-capitão, sota-vento, soto-almirante, soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente, vice-reitor, vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal, r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise, abdômino-histerotomia, anti-herói, anti-hemorrágico, arqui-hipérbole, auto-hipnose, beta-hemolítico, bi-hidroquinona, bio-histórico, contra-haste, di-hibridismo, entre-hostil, foto-heliografia, geo-história, giga-hertz, hétero-hemorragia, hiper-hidrose, infra-hepático, inter-hemisférico, poli-hídrico, semi-histórico, sobre-humano, sub-hepático, sub-humano, super-homem, tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES: a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboídrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *clorídrato, cloridrato, clorídrico, quinidrina, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabilitar, reabilitar, reabilitar e reaver*.

b) Não se emprega o hífen com os prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc.*

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hífenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio, etc.*

e) Não há razão plausível que defende a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliidrlico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *abrupto, adrenal, ad-referendar; ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina, adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Abrupto* é preferível a *abrupto*.

8.) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, ele-trossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrigido, sobressaia, suprarrenal, ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclide, mesóclise (tmese) e com o verbo haver 1.) Emprega-se o hífen na ênclide e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver: hei de, hás de, hão de, etc.*

OBSERVAÇÕES: a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclide: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando empróclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

OBSERVAÇÕES: a) O tremo ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano, de Hübner, mülleriano, de Müller, etc.*

b) O tremo poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta (gü), líquido (qü ou qu), linguiça (gü), equidistante (qü ou qu)*.

c) Como fim do tremo empalavravas portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

#### Emprego do à acentuado

1.) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronomes demonstrativos *o: à* (de *a+a*), *às* (de *a+as*).

2.) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas, e aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele(s), àquela(s), àquilo, àqueloutro(s), àqueloutras(s)*.

3.) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual, as quais: à qual, às quais*.

2.) Nas palavras que têm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avô*), *bebezito* (de *bebê*), *cafêzada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegózito* (de *pêssego*).

47.) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas: 1.) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se, dze-ta, gno-ma, mne-mô-ni-ca, pneu-má-ti-co, etc.*

2.) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car, ac-ne, ét-ni-co, nup-ci-al, ob-fir-mar, op-ção, sig-ma-tis-mo, sub-por, sub-ju-gar, etc.*

3.) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch, lh, nh: a-blu-ção, a-bra-sar, a-che-gar, fi-lho, ma-nhã, etc.*

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlím*, que exprime toque de campainha, profere-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual, sub-rogar, ad-le-ga-ção, etc.*

4.) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te, des-er, prescin-dir, res-ci-são, etc.*

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir, ads-cre-ver, ins-cri-ção, ins-pe-tor, ins-tru-ir, in-ter-si-cio, pers-pi-caz, subs-cre-ver, subs-ta-be-le-er, etc.*

5.) O *s* dos prefixos *bis, cis, des, dis, trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to, cis-pla-ti-no, des-li-gar, dis-tra-ção, trans-por-tar, ex-tra-ir, bi-sa-vô, ci-san-di-no, de-ses-pe-rar, di-sen-té-ri-co, tran-sa-tlân-ti-co, e-xér-ci-to, etc.*

6.) As vogais idênticas e as letras *cc, cq, rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga, co-or-de-nar, in-te-lec-ção, oc-ci-pi-tal, pror-ro-gar, res-sur-gir, etc.*

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de, ca-i-eis, ca-ir, du-e-lo, fi-el, flu-iu, fru-ir, gra-ú-na, je-su-i-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, sa-ú-de, vi-vi-eis, vo-ar, etc.*

7.) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so, a-ni-mais, au-ro-ra, a-ve-ri-gueis, ca-iu, cru-éis, en-jei-tar, fo-ga-réu, fi-giu, gló-ria, guai-ar, i-guai-s, ja-mais, joí-as, ó-dio, quais, sá-bio, sa-guão, sa-guões, su-bor-nou, ta-fuís, vá-rio, etc.*

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bi-guo, e-qui-va-ler, guer-ra, u-bi-quo, etc.*

8.) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

“Auriverde pendão de minha terra  
que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que à luz do sol encerra  
As promessas divinas da Esperança.” (Castro Alves) OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho: “Aqui, sim, no meu cantinho,  
vendo rir-me o candeeiro,  
gozo o bem de estar sozinho  
e esquecer o mundo inteiro”.

2.) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José, Maria, Macedo, Freitas, Brasil, Antoninos, Afonsinhos, Conquistador, Magnânimo, Coração de Leão, Sem Pavor, Deus, Jeová, Alá, Assunção, Ressurreição, Júpiter, Baco, Cérbero, Via Láctea, Canopo, Vênus, etc.*

OBSERVAÇÕES: a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia, joão-de-barro, erva-de-santa-maria, folha de flandres; mas: além-Brasil, aquém-Atlântico, doença de Chagas, mal de Alzheimer, sistema Didot, anel de Saturno.*

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses, baianos, estremenhos, fluminenses, paulistas, romenos, russos, suíços, uruguaios, etc.*

3.) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira, Idade Média, Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro.*

4.) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco, Beco do Carmo, Largo da Carioca, Praia do Flamengo, Praça da Bandeira, Travessa do Comércio, Túnel Noel Rosa, etc.*

5.) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação, Estado, Pátria, Raça, etc.*

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura, Arquitetura, Filologia Portuguesa, Direito, Medicina, Matemática, Pintura, Arte, Ciência, Cultura, etc.*

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma, idioma pátrio, língua, língua portuguesa, vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Patriarca, Vigário, Vigário-Geral, Presidente da República, Ministro da Educação, Governador do Estado, Embaixador, Almirantado, Secretário de Estado, etc.*

8.) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino, Ministério das Relações Exteriores, Academia Paranaense de Letras, Círculo de Estudos “Bandeirantes”, Presidência da República, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tesouro do Estado, Departamento Administrativo do Serviço Público, Banco do Brasil, Imprensa Nacional, Teatro de São José, Tipografia Rolandiana, Museu de Arte Moderna, etc.*

9.) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo, Horas Marianas, Correio da Manhã, Revista Filológica, Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império, O Crepúsculo dos Deuses, História sem Data, A Mão e a Luva, Festas e Tradições Populares do Brasil, etc.*

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil, Descobrimento da América, Reforma Ortográfica, Acordo Luso-Brasileiro, Exposição Nacional, Festas das Mães, Dia do Município, Glorificação da Língua Portuguesa, etc.*

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval, entrudo, saturnais, etc.*

11.) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Comércio, Colégio de Pedro II, Instituto de Educação, etc.*

12.) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República, a Transbrasiliana, moro na Capital, o Natal de Jesus, o Poeta (Camões), a ciência da Antiguidade, os habitantes da Península, a Bondade, o Amor, a Ira, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, etc.*

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio, o Decreto-Lei n.º 292, o Decreto-Lei n.º 20.108, a Portaria de 15 de junho, o Regulamento n.º 737, o Acórdão de 3 de agosto, etc.*

13.) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente; o falar do Norte é diferente do falar do Sul; a guerra do Ocidente, etc.*

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste.*

14.) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D. (Dom ou Dona), Sr. (Senhor), Sr.<sup>a</sup> (Senhora), DD. ou Dig.<sup>mo</sup> (Digníssimo), MM. ou M.<sup>mo</sup> (Meritíssimo), Rev.<sup>mo</sup> (Reverendíssimo), V.Rev.<sup>a</sup> (Vossa Reverência), S.E. (Sua Eminência), V.M. (Vossa Majestade), V.A. (Vossa Alteza), V.S.<sup>a</sup> (Vossa Senhoria), V.Ex.<sup>a</sup> (Vossa Excelência), V.Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> (Vossa Excelência Reverendíssima), V.Ex.<sup>as</sup> (Vossa Excelências), etc.*

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade, Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Diretora, Sr. Almirante, Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra, MM. Juiz de Direito, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primaz, Magnífico Reitor, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Eminentíssimo Senhor Cardeal, Sua Alteza Real, etc.*

15.) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo, caro Colega, meu prezado Mestre, estimado Professor, meu querido Pai, minha amorável Mãe, meu bom Padre, minha distinta Diretora, caro Dr., prezado Capitão, etc.*

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4., 6., 7. e 14. usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.).

**B – Vocabulários de mais de uma sílaba** 1) **OxíTONOS** (ou agudos) Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em: a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*; b) – e, – es: *você, café, pontapés*; c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*; d) – em, – ens: *também, ningüém, vinténs, armazéns*.

Dai sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) **PAROXÍTONOS** (ou graves) Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em: a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*; b) – us: *vénus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –u: *tribu* (que existe até há pouco era *tribu* que hoje se escreve como: *tribo, tribos*).

c) – r: *caráter, revólver, éter*; d) – l: *útil, amável, nível, têxtil* (não *téxtil*); e) – x: *tórax, fênix, ônix*; f) – n: *éden, hífen* (mas: *edens, hifens*, sem acento); g) – um, – uns: *álbum, álbuns, médium*; h) – ão, ãos: *órgão, órfão, órgãos, órfãos*; i) – á, – ás: *órfã, ímã, órfãs, ímãs*; j) – ps: *bíceps, fôrceps*; k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -om: *iândom, rádom* (variante de *rádon*).

3) **PROPAROXÍTONOS** (ou esdrúxulos) Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido, térido, cátedra, sólido, límpido, cómodo*.

4) **CASOS ESPECIAIS** a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos -éis, -éu(s) ou -ói(s): *anéis, batéis, fiéis, papéis; céu(s), chapéu(s), ilhéu(s), véu(s); corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s), remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -ei e -oi, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia, boleia, ideia, tal como aldeia, baleia, cadeia, cheia, meia; coreico, epopeico, onomatopeico, proteico; alcaloide, apoio* (do verbo *apoiar*), *tal como apoio* (substantivo), *Azoia, boia, boina, comboio* (substantivo), *tal como comboio, comboias, etc.* (do verbo *comboiar*), *dezoito, estroina, heroico, introito, jiboia, moina, paranoico, zoína*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *bléizer, contéiner, destróier, géiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -r.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa, patroa, coroa, boa, canoa; teu, judeu, camafeu; voo, enjoo, perdoou, coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herón (Br.)/ heron (Port.)*, paroxítona terminada em -n.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (â) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ô) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Segundo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas*, *para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tónicas *i* e *u* das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca*, *bocaiuva*, *boiuno*, *cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura*, *feiudo*, *maoismo*, *maoista*, *saiinha* (de *saia*), *taoismo*, *tauismo*.

OBSERVAÇÕES: 1.º) Na palavra *eoípo* (=denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.  
2.º) A palavra paroxítona *guaiba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tónicas *i* e *u* das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí*, *teiú*, *teiús*, *tuiuiú*, *tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim*, *cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira: 1) quando termina em – *em* (monossílabos): 3.ª pess. sing. 3.ª pess. pl.

– em – êm *ele tem eles têm ele vem eles vêm* 2) quando termina em – *ém*: 3.ª pess. sing. 3.ª pess. pl.

– ém – êm *ele contém eles contêm ele convém eles convêm* 3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados): 3.ª pess. sing. 3.ª pess. pl.

– ê – eem *ele crê eles creem ele revê eles reveem* j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágéis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tónicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-ieis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-iemos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em -*air* e -*uir*, quando seguidas de -*lo(s)*, -*la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*]; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*]; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em -*r* e -*i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES: 1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aqueles cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua*, *arguas*, etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR*, *APANIGUAR*, *APAZIGUAR*, *APROPINQUAR*, *AVERIGUAR*, *DESAGUAR*, *ENXAGUAR*, *OBLIQUAR*, *DELINQUIAR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com a *o* ou *i* do radical com acento agudo: *averiguo*, *averiguas* (ou *averígues*), *averigua* (ou *averíguas*), etc.; *averigue* (ou *averígues*), *averigues* (ou *averígues*), etc.; *delinquo* (ou *delínquo*), *delinquis* (ou *delínquies*), etc.; *delinquia* (ou *delínquia*), *delinquas* (ou *delínquias*), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em -*ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em -*inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distinguem*, etc.) o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ô) (elemento da locução *de cor*); *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorrectas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma* (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira: “Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma.”

<sup>2</sup> Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr [MC.5].

<sup>3</sup> Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr [MC.5].

<sup>4</sup> Dai ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

<sup>5</sup> Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

<sup>6</sup> J. Mattoso Câmara Jr [MC.5, II, 121].

<sup>7</sup> Em lugar de *i ou u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e ou o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai / mae*, *distrai / distraem*.

<sup>8</sup> Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

<sup>9</sup> Normas para a Língua Falada no Teatro, 485-63.

<sup>10</sup> Nomenclatura Gramatical Brasileira, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifânia - festa dos reis magos

## AS UNIDADES NO ENUNCIADO

**A) Formas e funções Introdução Classes de Palavras e Categorias Gramaticais CLASSES DE PALAVRAS E CATEGORIAS GRAMATICAIS** Os diversos significados – *Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:<sup>16</sup>*

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralingüístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralingüístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.<sup>17</sup> É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente; verdor – verde – enverdar, etc.*

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralingüístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística “substantivo”; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria “substantivo”. Assim, a categoria “substantivo” expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto, isso, aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é “adjetivo”, essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir “o adjetivo em português”. À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa língua*.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais “categorias gramaticais” da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos “categorias verbais”, porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o “substantivo” (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.<sup>18</sup> Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o -s de *livro-s* ou de *trabalhos*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado “atualizador” e o -s em *livro-s* tem o significado “pluralizador”. Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como “morfemas”, nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais “singular”, “plural”, “atual”, “virtual”, “ativo”, “passivo”, “presente”, “passado”, “futuro”, “indicativo”, etc. Assim o -s de *livro-s* tem o significado instrumental “pluralizador” (e não “plural”) ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático “plural”.

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: “afirmativo”, “negativo”, “interrogativo”, “imperativo”, etc.

Se tomarmos por critério FL, “verde” será uma só e mesma palavra, assim como “amo”; se as estabelecermos como FCL, “verde”, adjetivo, e “verde”, substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como “amo” ‘senhor’ e “amo” ‘quero bem’, o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são “formas sem substância”, isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralingüística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico (“pessoa”, “coisa”, “lugar”, “tempo”, “modalidade”, etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.<sup>20</sup>

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.<sup>21</sup>

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial “adjetivo” e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

## 1 – SUBSTANTIVO SUBSTANTIVO

**Substantivo** – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

**SUBSTANTIVO CONCRETO** é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

**SUBSTANTIVO ABSTRATO** é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço*.

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

**SUBSTANTIVO PRÓPRIO** é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* (“que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [Caeiro], da sua filiação (patronímico) [Soares, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [Diogo Cão], de uma circunstância de nascimento [Neto]”).<sup>22</sup>

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

**SUBSTANTIVO COMUM** é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa*.

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralingüístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto “natural” nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto “cultural”, só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios*, as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos*, os *Maias*) ou que significam “entes como...” (os *Tiradentes*, os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da “classe” e, portanto, substantivos comuns.

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador;

irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradiários* (= violino de Stradivarius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*), *champanha* (da região francesa Champagne), *cambraia* (da cidade francesa de Cambray).

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano*, *vinho*, *bondade*, *beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo*, *folhagem*, *casario*. Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores*, *folhas*, *casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo*, *passarada*, *casario*) e os *particulares* (*canical*, *vinhedo*, *laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando*, *rebanho*, *cardume*, etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume*, *alcateia*, *enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto*, *grupo*, *bando*: *bando de pessoas*, *de aves*, *de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um bando de pessoas*, *de adolescentes*, etc.; *um cardume de baleias*, *de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos*.

São coletivos e nomes de grupo usuais: a) CONJUNTO DE PESSOAS: *Alcateia*, *bando*, *caterva*, *corja*, *horda*, *farândula*, *malta*, *quadriga*, *récova*, *súcia*, *turba*: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeiteiros e vadios.

*Associação*, *clube*, *comício*, *comissão*, *congresso*, *conselho*, *convenção*, *corporação*, *grêmio*, *sociedade*: de pessoas, reunidas para fim comum.

*Assistência*, *auditório*, *concorrência*, *aglomeração*, *roda*: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

*Cabido*: de cônegos de uma catedral.

*Caravana*: de viajantes.

*Claque*, *torcida*: de espectadores para aplaudir ou patear.

*Clientela*: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

*Comitiva*, *cortejo*, *séquito*, *acompanhamento*: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

*Comunidade*, *confraria*, *congregação*, *irmandade*: ordem de religiosos.

*Concílio*, *conclave*, *consistório*, *sínodo*, *assembléia*: de párocos ou de outros padres.

*Coro*: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.

*Elenco*: de artistas de uma companhia, peça ou filme.

*Equipagem*, *marinhagem*, *companha*, *maruja*, *tripulação*: de marinheiros.

*Falange*: de heróis, guerreiros, espíritos.

*Junta*: de credores, de médicos.

*Pessoal*: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.

*Pléiade* ou *pléiada*: de poetas, artistas, talentos.

*Ronda*: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.

*Turma*: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) GRUPO DE ANIMAIS: *Alcateia*: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.

*Bando*, *revoada*: de aves, pardais.

*Cáfila*: de camelos.

*Cardume*, *boana*, *corso* (ô), *manta*: de peixes.

*Colmeia*, *enxame*, *cortiço*: de abelhas.

*Correição*, *cordão*: de formigas.

*Fato*: rebanho de cabras.

*Fauna*: conjunto de animais próprios de uma região.

*Gado*: conjunto de animais criados nas fazendas.

*Junta*, *obesana*, *cingel*, *jugo*, *jugada*: de bois.

*Lote*: de burros, grupos de bestas de carga.

*Malhada*, *oviário*, *rebanho*: de ovelhas.

*Manada*: de cavalos, de porcos, éguas.

*Matilha*: de cães.

*Ninhada*: rodada de pintos.

*Nuvem, miríade, onda, praga*: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.

*Piara, vara*: de porcos.

*Récova, récua*: de cavalgaduras.

*Rebanho, armento, armentio, grei, maromba*: de bois, ovelhas.

c) GRUPO DE COISAS: *Acervo, chorrilho, enfiada*: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.

*Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta*: de trechos literários ou científicos.

*Aparelho, baixela, serviço*: de chá, café, jantar.

*Armada, esquadra, frota*: de navios de guerra.

*Bateria, fileira*: de peças de artilharia.

*Braçada, braçado, buqué, ramo, ramalhete (ê), festão*: de flores.

*Cacho*: de uvas, de bananas.

*Cancioneiro*: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.

*Carrada*: de razões.

*Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada*: de balas, pedras, setas.

*Coleção*: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.

*Constelação*: de estrelas.

*Cordilheira, cadeia, série*: de montes, montanhas.

*Cordoalha, cordame, enxárcia*: de cabos de um navio.

*Feixe, lio, molho (ó)*: de lenha, capim.

*Fila, fileira, linha*: de cadeiras.

*Flora*: conjunto de plantas de uma determinada região.

*Galeria*: de quadros, estátuas.

*Gavela ou gabela, paveia*: feixe de espigas.

*Herbário*: coleção de plantas para exposição ou estudo.

*Hinário*: de hinos.

*Instrumental*: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.

*Mobiliária, mobiliário*: de móveis.

*Monte, montão*: de pedras, palha, lixo.

*Penca*: de bananas, laranjas, chaves.

*Pilha, ruma*: de livros, malas, tábuas.

*Résita*: de cebolas, alhos.

*Sequência*: série de cartas do mesmo naipe.

*Troféu*: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

[23](#)

**Número** – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCV.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.[24](#) O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã* → *ímãs*; *irmã* → *irmãs*; *dom* → *dons* (grafando-se *ns*); *álbum* → *álbuns*; *totem* → *totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais -ãe (tônicos ou átonos) e -ão (átono): *mãe* → *mães*; *bênção* → *bênções*.

**b) Formação do plural com acréscimo de -es** Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás* → \**ase* → *ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por: 1 – *s* (em sílaba tônica): *ás* → *ases*; *freguês* → *fregueses*

*Cós* serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *z* (em sílaba tônica): *luz* → *luzes*; *giz* → *gizes*; *cicatriz* → *cicatrizes* 3 – *r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

**c) Plural de nomes gregos em -n** Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → \**abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pôlen* → *polem* → *polens*, grafando *-ns*): *abdômen* → *abdomens* ou *abdômenes* certâmen → certamens ou certâmenes *dólmen* (*dolmem*) → *dolmens* ou *dólmenes* espécimen → espécimens ou espécímenes *gémen* → *germens* ou *gérmens* hífen → hifens ou hifenenses *pôlen* (*polem*) → *polens* ou *pólenes* regímen → regimens ou régimes OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.<sup>a</sup>) *Cánon*, melhor grafado *cânone*, faz *câones*.

3.<sup>a</sup>) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em-*n*, e não os em-*ens*. Daí *hifén*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

**d) Plural dos nomes em -ão tônico** Os nomes em -ão tônico a rigor pertencem à classe dos temas em -o ou em -e, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= \*pâe + s), *leões* (= \*leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, complementadas pelas regras morfológicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em -ô (*leõ*) e o radical em -ã (*irmã*, *pã*).

1) os substantivos em -ô com tema em -e fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*: *leão* (\**leõ* + e + s) → *leões* *coração* (\**coraçõ* + e + s) → *corações* Assim, temos os plurais: *questões*, *melões*, *razões*, etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos -ção, -são e -ão e grande parte de substantivos concretos.

*comoção* → *comoções*; *adoração* → *adorações* *apreensão* → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões* *abusão* → *abusões*; *visão* → *visões* *caminhão* (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões* Este radical teórico em -ô aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em -ôes; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em -ã com tema em -o (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*: *irmão* (\**irmã* + o + s) → *irmãos* *cidadão* (\**cidadã* + o + s) → *cidadões* Este radical teórico em -ã aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (*irmar*) e *cidadão* (*cidadaria*).

3) os substantivos em -ã com vogal temática -e (*pã* - e de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*: *pão* → (*pã* + e + s) → *pães* *capitão* → (*capitã* + e + s) → *capitães* Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em -ão. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtém-se duas estruturas fonológicas para os radicais: em -ô (*leõ*) e em -ã (*irmã*, *pã*). Os de tema em -o não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em -e ou mudam a vogal para -o (*pão*) ou, se a vogal do radical for -ô, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de -e a -o e a vogal do radical passa de ô a ã: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final -ão (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural -ôes, por ser a que encerra maior número de representantes.

“O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razões*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados ‘clássicos’[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em -ão que não fazem o plural mais frequente em -ôes: 1) plural em -ães:

cão → cães

escrevão → escrevães

capelão → capelães

tabelião → tabelães

alemão → alemães

pão → pães

capitão → capitães

maçapão → maçapães

mata-cão → mata-cães

catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos	irmão → irmãos
cidadão → cidadãos	mão → mãos
cristão → cristãos	pagão → pagãos
desvão → desvãos	e os paroxítonos apontados em <b>A flexão de número dos substantivos - a) 3.</b>
grão → grãos	

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes terminados em *-l*** – **Plural dos nomes terminados em *-al*, *-el*, *-ol*, *-ul*** Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfonêmicas: queda do *-l* intermediário e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*) carnaval → \*carnavale → carnavales → carnavais papel → \*papele → papeles → papees → papéis (tônico) lençol → \*lençole → lençoles → lençoes → lençóis nível → \*nivele → niveles → níveis → níveis (átomo)[25](#)

paul → \*paule → paules → paues → pauis **OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a</sup>) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males* 2.<sup>a</sup>) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais* 3.<sup>a</sup>) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il*** a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior: fóssil → \*fóssile → \*fossele → fosseles → fossees → fósseis b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural: *funil* → \**funils* → *funis*[26](#)

**OBSERVAÇÃO:** *mírtil* faz *mírtiles* e *mírtleis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

*Réptil* e *projétíl*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em *-x* (= ce)** Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*: *cálix* (ou *cálice*), *cálices*; *apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número** Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis*, *pires*, ou monossílabos como *caís*, *xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis*, *os lápis*; *um pires*, *dois pires*; *este xis*, *estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas): *o pires*, *os pires*; *o lápis*, *os lápis*; *a cútis*, *as cútis*.

**OBSERVAÇÃO:** *Simples* faz *simplices* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós*, *laís* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses*, *laises* e *ferrabrases*.

2) -x (com o valor de cs): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix*.

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com x = cs possuem a variante em ce: *índex* ou *índice*, *ápex* ou *ápice*; *códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices*, *códices*, *ápices*. Aliás, são preferíveis as grafias *índice*, *códice* e *ápice*, no singular.

#### h) Plurais com alteração de *o fechado* para *o aberto* (metafonia)[27](#)

Muitas palavras com *o fechado* tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o aberto*: *miolo – miolos*

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência -a: *avô – avó (< avoa < lat. aviola)*. Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador -s e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o fechado* no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro
boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em -ão (-ões, -ães, -ãos), a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ô). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm uma boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família: os *Diagos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

#### i) Plurais com deslocação do acento tônico – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

espécimen	-	especímenes
júnior	-	juniores
Júpiter	-	Jupíteres
Lúcifer	-	Lucíferes
sênior	-	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais: *bem* (o que é bom) – *bens* (propriedades) *féria* (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso) “Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*” [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças*, *crueldades*, *gentilezas*, o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal: *os pais* (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

#### I) Palavras só usadas no plural (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvissaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	viveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular: “O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias” [CBr.6, 144].

“ (...) seria um garfão meritório do tronco dos *Parmas d'Eça*, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?” [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária: “Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)” [GA apud TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube* → *clubes*; *dólar* → *dólares*; *repórter* → *repórteres*; *abajur* → *abajures*; *ultimo* → *ultimos*; *memorando* → *memorandos*; *confete* → *confetes*.

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

*films, leaders, ladys, dandys, liedys, blitzes*.

Do segundo temos, entre os latinismos: *curriculum* → *curricula*, *memorandum* → *memoranda*, *corpus* → *corpora*, etc., que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo*, *memorando*, *corpo* (raro).

*campus* → *campi* (o *campus*, os *campi*) Entre os gregos cabe citar:

*tópos* → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata*.

Entre os anglicismos:

*lady* → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*; *dandy* → *dandies*; *sportman* → *sportmen*.

Entre os germanismos:

*lied* (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen*.

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): “Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular.” Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: “Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...).”

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impedia que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: “Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis.” [apud SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

**o) Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplação: *ff, rr, ii*.

Este processo ocorre em muitas abreviaturas: *E.E.U.U.* (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

**p) Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial: animalzinho = animal + zinho

animalzinhos

coraçãozinho = coração + zinho

coraçõezinhos

florzinha = flor + zinha

florezinhas

papelzinho = papel + zinho

papezinhos

pazinha = pá + zinha

pazinhas

mas

pazinha = paz + inha

pazezinhas

**NOTA ORTOGRÁFICA:** Os sufixos diminutivos *-inho* (-ito, etc.), *-zinho* (-zito, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica: a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuances de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); flor → *florinha* / *florzinha*; mulher → *mulherinha* / *mulherzinha*; b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (-zito, etc.); boné → *bonezinho*; siri → *sirizinho*; álbum → *albunzinho*; bem → *benzinho*; raio → *raiozinho*. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmâinha*, *raioito*, etc.; c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (-ito, etc.), repudiando-se *-zinho* (-zito, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira* (lápis + eira), *lapisar* (lápis + ar), *lapisada* (lápis + ada), etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartaz + inho), *cartazinha* (= carta + zinha), *rapazinho* (= rapaz + inho); *rapazinho* (= râpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (paz + inha) e *pazinha* (pá + zinha), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar*, *lapiseira*, por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açõozinha* (no singular) → *açõesinhos* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: “Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho* e *-ito* se precedem de *z* (*açõozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *açõesinhos*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhos* ou *açõezinhos*, *coraçõezinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçõozinhos*, *açõozinhos*” [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhos*, *florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: “contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa...” [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos*, *colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhos*.

**q) Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular: *o sim*, *o não*, *o quê*, *o pró*, *o contra*, *o h*, *Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural: os *sins*, os *nãos*, os *quês*, os *prós*, os *contras*, os *hh* (ágas) Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.  
Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.  
Quatro *seis* e cinco *dez*.

**r) Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fosse:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

*o ananá, os ananás; o lilá, os lilás.*

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases*.

**s) Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botucudos, os tupis, os tamoios, etc.*

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli, etc.*

**t) Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios: *A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA: 1) nos compostos grafados ligadamente:*

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel*:

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis
-----------	------------

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

**B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:** 1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

**C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:** 1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de A, 3): *corre-corres*, *ruge-ruges*.

**D – FICAM INVARIÁVEIS:** 1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

**E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:**

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges

\* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

### Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**: *o linho, o sol, o raio, o prazer, o filho, o beijo*. São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**: *a flor, a casa, a mosca, a nuvem, a mãe*. Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o** (*o linho, o sol, o clima, o poeta, o grama, o pente, o raio, o prazer, o filho, o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a** (*a linha, a lua, a grama, a ponte, a poetisa, a filha, a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a distinção genérica pela flexão (*menino / menina, mestre / mestra, gato / gata*), a verdade é que a inclusão num ou outro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, “não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem / mulher, pai / mãe, boi / vaca*, e ainda *filho / filha, lobo / loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo “gênero”, em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, “este homem velho” / “esta mulher velha”, “o filho mais novo” / “a filha mais nova” –, formas que de fato constituem uma flexão” [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de *-a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá “ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário” [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer: *barco / barca* (= barco grande) *jarro / jarra* (um tipo especial de jarro) *lobo / loba* (a fêmea do animal chamado lobo). Esta aplicação semântica faz dos pares *barco / barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo / bela* e *menino / menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde / condessa, galo / galinha, ator / atriz, embaixador / embaixatriz, etc.*

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menino / menina, gato / gata*) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem / mulher, boi / vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero grammatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança, a pessoa, o cônjuge, a formiga, o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos (artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista, a artista, bom estudante, boa estudante*).

A inconsistência do gênero grammatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra, a lebre, a formiga* ou *o tatu, o colibri, o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a estudante, este / esta consorte, reconhecido / reconhecida mártir*, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o algoz, o carrasco, o cônjuge*.

Já foram femininos *fim, planeta, cometa, mapa, tigre, fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore, tribo, catástrofe, hipérbole, linguagem, linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do

Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos<sup>28</sup>: *o cabo* Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

*Meritíssimo Senhor Juiz Excentíssimo Senhor Desembargador* Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefe*, *caba*, por exemplo.

filho — filha

pai — mãe

rapaz — rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos: *a*) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → *filh(o)* + *a* → *filha*; 1 – os terminados em *-o* mudam o *-o* em *-a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho — filha      menino — menina

aluno — aluna      gato — gata

2 – os em *-e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam *-a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → *alfaiat(e)* + *a* → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos: *amante*, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*, *inocente*, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

<b>alfaiate – alfaia</b>	<b>}</b>	<b>também aparece invariável</b>
<b>infante – infanta</b>		
<b>governante – governanta</b>		
<b>presidente – presidenta</b>		
<b>parente – parenta</b>		
<b>monge – monja</b>		

3 – os em *-or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*: *doutor* – *doutora*

*professor* – *professora*

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em *-eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *saladaria*).

4 – os em vogal atemática (tônica), *-s*, *-l*, *-z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês — freguesa      zagal — zagala

português — portuguesa      oficial — oficiala

juiz — juíza      guri — guria

peru — perua

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos: a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase: *irmão* → *irmã(o)* + *a* → *irmãa* → *irmã* (por crase); *alemão* → *alemã(o)* + *a* → *alemãa* → *alemã*. <sup>29</sup>

- b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*ō*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato: *bretão* (radical teórico *bretō*, cf. o plural *bretões*) → *breto(m)* + *a* → *bretoa*; *bom* → *bo(m)* + *a* → *boa*.
- c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/: *valentão* (radical teórico *valentō*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional -*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam -*a* ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /ey/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /ey/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe(u)* + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu, egeu, filisteu, giganteu, pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais -*esa*, -*essa*, -*isa*, -*triz*, -*ez*:

abade	– abadessa	duque	– duquesa
alcaide	– alcaidessa	embaixador	– embaixatriz
(ou alcaidina)		(embaixadora)	
barão	– baronesa	etiope	– etiopisa
bispo	– bisopisa	imperador	– imperatriz
conde	– condessa	jogral	– jogalesa
condastável	– condastabelesa	papa	– papisa
cônego	– canonisa	pitón	– pitonisa
cônsul	– consulesa	poeta	– poetisa
diácono	– diaconisa	príncipe	– princesa
doge	– dogesa, dogaresa,	prior	– priora, prioresa
dogarella		profeta	– profetisa
druida	– druidesa, druidisa	sacerdote	– sacerdotisa
(ocorre em O. Bilac)		visconde	– viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator	– atriz	mandarim	– mandarina
avô	– avó	maestro	– maestrina
capião	– capioa	(também <i>maestra</i> )	
czar	<i>pron. tçar</i> - czarina *	pierrô	– pierrete
dom	– dona	raja ou rajá	– râni ou rani
felá	– felaina	rapaz	– rapariga
galo	– galinha	rei	– rainha
grou	– grua	rêu	– ré
herói	– heroína	silfo	– silfide
ilhéu	– ilhoa	sultão	– sultana
landgrave	– landgravina	tabaréu	– tabaroa
marajá	– marani		

\* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos): 1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro	– amazona	marido	– mulher
cavalheiro	– dama	padrasto	– madrasta
confrade	– confreira	padre	– madre
compadre	– comadre	padrinho	– madrinha
frade	– freira	pai	– mae
frei	– sóror, soror, sor	patriarca	– matriarca

genro – nora

homem – mulher

rico-homem – rica-dona

## 2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra: Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos: estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino): o estudante – a estudante

o camarada – a camarada

o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família: “(...) redarguiu colérica a Pacheco (...)” [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em *-ista* e muitos terminados em *-e* são comuns de dois: o capitalista – a capitalista; o doente – a doente. Também nomes próprios terminados em *-i* (antigamente ainda *-y*) são comuns tanto a homens como a mulheres: Darcy, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*: cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio: o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: [30](#)

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: “Embarcou no *Lusitânia* e foi para Lisboa” [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

*O* (vinho) *champanha* (e não *a* *champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima(s)*, *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta(s)*.

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martínez de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

b) *São femininos*: Aguardente, alface, alcunha, alcione, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, pré, síndrome, tibia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*: Áape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinelas, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspera.

*Mais de um feminino* – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

*aldeão* – aldeã, aldeoa  
*deus* – deusa, deia (poét.)  
*diabo* – diaba, diabra, diáboa  
*elefante* – elefanta, elefoa, aliá  
*javalí* – javalina, gironda  
*ladrão* – ladra, ladrona, ladroa  
*melro* – méloroa, melra

*motor* – motora, motriz (adj.)  
*pardal* – pardoca, pardaloca, pardaleja  
*parvo* – párvoa, parva  
*polonês* – polonesa, polaca  
*varão* – varoa, virago, matrona  
*vilão* – vilâ, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom que estudes; o sim; o não; o re-, etc.

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo: *a) aumentativo: homenzarrão*  
*b) diminutivo* [31](#): *homenzinho* A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão: *a) sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *suffixo derivacional aumentativo ou diminutivo: homenzarrão, homenzinho; b) analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande, homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

## 32

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas: paizinho, mãeziinha, queridinha

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como “objetos substantivos” vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em *João é oxitono, re-é um prefixo, o hoje e o amanhã* o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em “substantivos” – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalingüístico da linguagem. Em o *não* ou o *ai!* não temos “substantivações” de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O dlim-dlão dos sinos accordou-me cedo*, não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare, Johann Wolfgang von Goethe, Giovanni Boccaccio, Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitavecchia, St. Etienne*.

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásqua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique* (*Zurich*).

## 2 – ADJETIVO ADJETIVO

**Adjetivo** – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto (“qualidade”) significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela “concordância”.

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem / homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe “menino louro”, que é membro da classe “menino”). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma “multívoca” para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

São exemplos de:

- a) *delimitadores explicadores*: *o vasto oceano, as líquidas lágrimas* b) *delimitadores especializadores*: *a vida inteira, o sol matutino, o dia no ocaso, o céu austral, o homem como sujeitos pensantes, Camões como poeta*.
- c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo medieval, menino louro, aves aquáticas, o presidente da República, o médico de família*.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha de papel, folha de zinco, quadro de futebol, quadro de parede, língua – idioma, língua-órgão, o real moeda, homem homem* (e não homem ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço do Sul), ou constantes (Nova York, Porto Alegre). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer Caxias, *Maranhão*, mas tão somente Caxias, como o habitante de São Lourenço do Sul usará apenas São Lourenço, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou, como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava “adjetivos determinativos”: *possessivos, demonstrativos, indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte amor*), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem amoroso*). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: *alto monte – o alto do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem “substantivar-se”, vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem: daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu progresso / Desejo que progridas* [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei o que tem de verdade nisso*, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

*Sem estrelas, sem luar*” [GD]

*Homem de cor* Escritores de hoje Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva: Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva: *áureas estátuas – estátuas de ouro nuvens plúmbeas – nuvens de chumbo colunas marmóreas – colunas de mármore*

que os *fracos* abate, que os *fortes*, os *bravos*, só pode exaltar” [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):<sup>33</sup>

*O bom* da história é que não houve fim

*O engraçado* da anedota passou despercebido.

*O triste* do episódio está em que a vida é assim

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples, isósceles*, assim: critério *simples / solução simples* caráter *assim / coragem assim* Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois

adjetivos: amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo: surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate, verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates e verdes-abacate; verdes-água e verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor, de cor de ou, simplesmente, cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar, ramagens de cor verde-garrafa, luvas de cor de pele, olhos cor de safira, olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme, luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes, luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o lilá pálido, um violeta escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá, violeta* o gênero masculino na acepção da cor: “Prefiro o rosa ao violeta”, em vez de “Prefiro a rosa à violeta”, oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

povo lusiada	- nação lusiada
breve exame	- breve prova
trabalho útil	- ação útil
objeto ruim	- coisa ruim
estabelecimento modelar	- escola modelar
homem audaz	- mulher audaz
conto simples	- história simples

Exceções principais: *andaluz, andaluza; bom, boa; chim, china; espanhol, espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesmas regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais: a) Os terminados em *-ês, -or, e -u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

*chinês, chinesa; lutador, lutadora; cru, crua.*

EXCEÇÕES: 1) *cortês, descortês, montês e pedrês* são invariáveis; 2) *incolor, multicolor, sensabor, maior, melhor, menor, pior* e outros são invariáveis. Outros em-*dor* ou -*tor* apresentam-se em-*triz: motor, motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em-*eira: trabalhador, trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz má.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia: europeu, europeia; ateu, ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia; sandeu – sandia tabaréu – tabaroa; réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada: *laborioso (ô), laboriosa (ó); disposto (ô), disposta (ó)*.

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada, encantadora, português, portuguesa*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo: a) uma *igualdade*: O rapaz é *tão cuidadoso quanto (ou como) os outros*.

b) uma *superioridade*: O rapaz é *mais cuidadoso que (ou do que) os outros*.

c) uma *inferioridade*: O rapaz é *menos cuidadoso que (ou do que) os outros*.

O SUPERLATIVO pode: a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres: O rapaz é o *mais cuidadoso dos (ou dentre os) pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade: O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo é relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do

artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso* – *cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso, menos de*: “Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações...” [RS.2, IV, 75-6].

“Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais” [CBr6, 107].

elegante – elegantíssimo  
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*: terrível – terribilíssimo

amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*: comum – comuníssimo

são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*: feroz – ferocíssimo

sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*: cru – cruíssimo; fácil – facilímo – facilíssimo; regular – regularíssimo. Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo	magnífico – magnificíssimo
amargo – amaríssimo	magro – macérrimo
amigo – amicíssimo	malédico – maledicíssimo
antigo – antiquíssimo	malévolo – malevolentíssimo
áspero – aspérrimo	maléfico – maleficentíssimo
benéfico – beneficíssimo	miseró – misérrimo
benévolo – benevolentíssimo	miúdo – minutíssimo
célebre – celebírrimo	negro – nigérrimo
célere – celérrimo	nobre – nobilíssimo
cristão – cristianíssimo	parco – parcíssimo
cruel – crudelíssimo	pessoal – personalíssimo
difícil – dificilíssimo	pobre – paupérrimo
doce – dulcíssimo	pródigo – prodigalíssimo
fiel – fidelíssimo	público – publicíssimo
frio – frigidíssimo	provável – probabilíssimo
geral – generalíssimo	sábio – sapientíssimo
honorífico – honorificíssimo	sagrado – sacratíssimo
humilde – humílimo	salubre – salubérrimo
incrível – incredibilíssimo	soberbo – superbíssimo
inimigo – inimicíssimo	simples – simplicíssimo
íntegro – integérrimo	tético – tetérrimo
livre – libérrimo	

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *-íssimo*:

agilímo – agilíssimo	humílimo – humildíssimo, humiliíssimo
antiquíssimo – antiquíssimo	macérrimo – magríssimo
crudelíssimo – crudelíssimo	nigérrimo – negríssimo

dulcissimo – docíssimo  
facílimo – facilíssimo

parcíssimo – parquíssimo  
paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo: cheio → cheiíssimo, cheinho feio → feiíssimo, feinho frio → friíssimo, friinho necessário → necessariíssimo precário → precariíssimo sério → seriíssimo, seriinho sumário → sumariíssimo vário → variíssimo OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois *ii*, embora num ou outro adjetivo a eufônia impede a mudança: \*fríssimo, \*variíssimo, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propriíssimo*. Ainda que escritores usem formas comuns só *i* (*cheíssimo, cheinho, feiíssimo, seriíssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *ii*.<sup>34</sup>

Positivo	Comparativo de superioridade		Superlativo	
			absoluto	relativo
bom	melhor		ótimo	o melhor
mau	pior		péssimo	o pior
grande	maior		máximo	o maior
pequeno	menor		mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra: “Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa mão*” [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em: “Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante” [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*: “Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então” [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*: *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).

*A escola é mais grande do que pequena.*

*Escreveu mais bem do que mal.*

*Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*), se usa a preposição *a*: *Superior a ti*, *inferior ao livro*, *anterior a nós*

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

### 3 – ARTIGO ARTIGO

**Artigo** – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo o, a, os, as* que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de *um*, *uns*, *uma*, *umas*, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a *o*, *a*, *os*, *as* pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela

tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: [35](#) o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraíndo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela “dēixis” (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, “o homem é um animal racional” equivale a “aquel que conhecemos pela palavra *homem*...”) [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em “*o meu livro*” é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: “*o o* é artigo”, “*o este* é dissílabo”, “não sabe *o como me agradar*”, “*o per-* é um prefixo”.

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: “*o livro de Edu e o teu*”, “*a blusa branca e a azul*”, “*a blusa branca e aquela azul*”, etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre o “artigo” e o “pronome demonstrativo”, baseada em dois fatos: o segundo o vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas (“Não sei *o que fazes*”, objeto direto de *não sei*) ou adverbiais (“Gostou do *quando o filho se defendeu*”, complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto (“*Quem tudo quer* tudo perde”, e nas interrogativas indiretas (“Não sei *quem virá*”, “Não sei *quando virá*”), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: *o artista*, *a artista*; *o lápis*, *os lápis*.

**EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO Emprego do artigo definido – DE LARGO USO NO IDIOMA, O ARTIGO ASSUME SENTIDOS ESPECIALÍSSIMOS, GRAÇAS AOS CONTORNOS VERBAIS E EXTRAPERFORAIS: A) JUNTO DOS NOMES PRÓPRIOS DENOTA NOSSA FAMILIARIDADE (NESTE MESMO CASO PODE O ARTIGO SER TAMBÉM OMITIDO): O CLETO TALVEZ FALTE HOJE. O ANTÔNIO COMUNICOU-SE COM O JOÃO.**

OBSERVAÇÃO: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o Camões*, *o Tasso*, *o Vieira*. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o Dante*, *o Torquato*, *o Rafael* (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas: *a Suécia*, *o Atlântico*, *o Amazonas*, *os Andes*, *a Groenlândia*. Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

NOTA: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a Bahia*, *o Rio de Janeiro*, *o Porto*, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiraram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

*Recife* sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: *Isabel*, *a Redentora*; *D. Manuel*, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o professor João Ribeiro*, *o historiador Tito Lívio*, *o doutor Sousa*.

OBSERVAÇÃO: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: *Pedro I*, *Henrique VIII*, *João VI*.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado* foi célebre escritora portuguesa.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos João RIBEIRO: “É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência o deputado*, *Sua Alteza o príncipe*, *Sua Santidade o Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a excelência do Sr. Deputado*, *a alteza do príncipe*, como mandaria dizer a vernaculidade” [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos: “... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III”.

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula): *a Eneida*, *a Jerusalém Libertada*, *Os Lusíadas*, *A Tempestade*.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação: *No caso de Os Lusíadas...*

*Passando os olhos por As Cidades e as Serras.*

*Estampou-se ontem em O Globo a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: “Um artigo meu publicado *na* [revista] *A Águia*” [FP *apud* MAg.1, 21]. “*O* [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado...” [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu pelas As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa, estou em casa, venho de casa, passei por casa, todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da (ou de) casa de meus pais*.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo): *Iam de bordo a terra*.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador: “Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*” [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*): *Maçãs de poucos cruzeiros o quilo*.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano: *Na primavera* há flores em abundância. “Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa...” [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES: 1.º) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: *Numa manhã de primavera*.

2.º) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: *Meu irmão faz anos em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma a primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo: *Era perto da uma hora ou Era perto de uma hora*.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora, etc.*

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso: *Meu livro ou o meu livro*

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: *Bonita casa era a minha. Fazer das suas.* “Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?” [M A.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu, de seu natural*, linguagens com que traduzimos “os bens próprios de alguém” – a primeira – e “qualidades naturais” – a última: *Nunca tive de meu, outro bem maior*.

“Bernardes era como estas fôrmosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem” [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*: *Os Lusíadas têm suas dificuldades de interpretação*.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo: *Às oito toma seu café*.

n) Não se repete o artigo em frases como:

*O homem mais virtuoso do lugar.*

Estaria errado: *O homem o mais virtuoso do lugar*.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda, mesmo, até, posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição: “Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães: *Seu rosto de leite e rosas*,

*De um contorno o mais perfeito.*

*Rosto de um contorno perfeito é tudo, rosto de um contorno não é nada*” [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

“A inveja te assaltou, e a quem perdoa

*Este monstro o maior do escuro Inferno?*” [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

“O método, que as ciências as mais exatas seguem suas operações” [JERÔNIMO BARBOSA].

“O *a*, este somo mais claro de todos” [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem: “Tens mil águas

cristalinas,

*As frutas as mais divinas, Uma esposa de invejar,*

*Que más podes desejar?" [PA]*

*" Desde a quadra a mais antiga De que rezamos pergaminhos" [FV]*

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas, a quadra mais antiga*.

O tipo “zero determinação” antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*). [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse: Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.

*Temo rosto* sereno, mas as mãos trêmulas D. Laura (faleando à irmã):

“ Pois não! quem me podia aconselhar prudência a não ser a senhora, a filha singular,  
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,

*semouvir pai nem mãe*. Cuida que a sua escolha basta, sem que primeiro *a mãe* e *o pai* a acolha?” [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro, total e cada, qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o, a, os, as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração, com todo o gosto, com todo o amor, com todo o carinho*, etc.): Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado (‘qualquer’ ou ‘inteiro’), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de ‘qualquer’: O coração de *todo o* ser humano Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*: *Todo o próximo* tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o / todo, toda a / toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o *-o, -a* finais com *o, a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo: *Todo o Brasil, Todo Portugal*.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*: todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante): *Todas as famílias têm bons e maus componentes*.

*Todas as famílias* estavam no recinto.

*Todas estas pessoas* são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso: *Todos os dois romances* são dignos de leitura.

*Todas as seis respostas* estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo: Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste ou ênfase*: Ficou entre *a vida e a morte*.

“ As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos o campo agricultado, o lar doméstico, o templo da oração e o cemitério do repouso e da saudade” [AH.1, 5].

“ Notaram todos que *a tarde e a noite* daquele dia foram mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses” [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos: “*Véhice – Amigo*, diz-me um amigo, Sabe que a boa idade é a última idade” [AO].

Rio, 10 de maio de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a, saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas: Isto *cheira a jasmim*. Isto *sabe a vinho*.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo, la*.

“ Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas” [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé, a la par, a la mar, etc.*

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de *o*, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que, no que diz respeito, etc.*

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*: O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um herói!* (compare com: Ele é herói!) Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).  
Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronomes de sentido indefinido (*certo, tal, outro, etc.*), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:  
Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, comum *certo* pesar em que esperamos tomarmos leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu” [CBR4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês<sup>36</sup>, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo: *Um* irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol: *Um* ia ao teatro e o *outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre, el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de “uma coisa como”, “um ser como”, “uma espécie de”, onde *um* concorda com o substantivo seguinte: Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *üa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

#### 4 – PRONOME PRONOME

**Pronome** – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

[37](#)

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* (“o apontar para”), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma *dêixis contextual* a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma *dêixis ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A *dêixis* será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.<sup>38</sup>

A *dêixis* também envolve, como vimos, o lugar da 3.<sup>a</sup> pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* (“objeto que se encontra à vista dos falantes”: *aquele / aquele ali, aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.<sup>a</sup> pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu / seu mesmo, seu próprio, seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralingüísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.<sup>39</sup>

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

*Meu* e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.<sup>a</sup> pessoa, a que fala), *teu* (2.<sup>a</sup> pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu + eu*.<sup>40</sup>

As formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou

forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

**PRONOMES PESSOAIS RETOS**

Singular:	1. <sup>a</sup> pessoa: <i>eu</i>
	2. <sup>a</sup> pessoa: <i>tu</i>
	3. <sup>a</sup> pessoa: <i>ele, ela</i>
Plural:	1. <sup>a</sup> pessoa: <i>nós</i>
	2. <sup>a</sup> pessoa: <i>vós</i>
	3. <sup>a</sup> pessoa: <i>eles, elas</i>

**PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS**

átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
<i>me</i>	<i>mim</i>
<i>te</i>	<i>ti</i>
<i>lhe, o, a, se</i>	<i>ele, ela, si</i>
<i>nos</i>	<i>nós</i>
<i>vos</i>	<i>vós</i>
<i>lhes, os, as, se</i>	<i>eles, elas, si</i>

Exemplos de pronomes oblíquos átonos: “Queixamo-nos da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça” [MM].

“A melhor companhia acha-se em uma escolhida livraria” [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos: “Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões” [MM].

“As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*” [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo, contigo, consigo, conosco, convosco*, e não: *com mi, com ti, com si, com nós, com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos, próprios, todos, outros, ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente: “Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas” [JR.2, 185].

*Com vós todos ou com todos vós.*

*Com vós ambos ou com ambos vós.*

**PRONOME OBLÍQUO REFLEXIVO** – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo, a ti mesmo, etc.*: Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram

**PRONOME OBLÍQUO RECÍPROCO** – É representado pelos pronomes *nos, vos, se* quando traduzem a ideia de *um ao outro, reciprocamente*: Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

**FORMAS DE TRATAMENTO** – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.<sup>a</sup> pessoa que levam o verbo para a 3.<sup>a</sup> pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: [41](#)

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso) A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam: *Vossa Alteza* (V. A., para príncipes, duques) *Vossa Eminéncia* (V. Em<sup>a</sup>, para cardeais) *Vossa Exceléncia* (V. Ex.<sup>a</sup>, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos) *Vossa Magnificência* (para reitores de universidade) *Vossa Majestade* (V. M., para reis, imperadores) *Vossa Mercê* (V. M.<sup>cé</sup>, para as pessoas de tratamento cerimonioso) *Vossa Onipoténcia* (para Deus – não se usa abreviadamente) *Vossa Reverendíssima* (V. Rev.<sup>ma</sup>, para os sacerdotes) *Vossa Senhoria* (V. S.<sup>a</sup>, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia) OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.<sup>a</sup> pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.<sup>a</sup> pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.<sup>a</sup>) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.<sup>a</sup>) *Vocé*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.<sup>a</sup>) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular: “É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as suas birras” [AH.4, II, 158].

5.<sup>a</sup>) Ainda continuam vivos em Portugal *vós, vosso*.

**SINGULAR:**

1. <sup>a</sup> pessoa:	<i>meu</i>	<i>minha</i>	<i>meus</i>	<i>minhas</i>
2. <sup>a</sup> pessoa:	<i>teu</i>	<i>tua</i>	<i>teus</i>	<i>tuas</i>
3. <sup>a</sup> pessoa:	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>

**PLURAL:**

1. <sup>a</sup> pessoa:	<i>nosso</i>	<i>nossa</i>	<i>nossos</i>	<i>nossas</i>
2. <sup>a</sup> pessoa:	<i>vosso</i>	<i>vossa</i>	<i>vossos</i>	<i>vossas</i>
3. <sup>a</sup> pessoa:	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*: 1.<sup>a</sup> pessoa: este, esta, isto [42](#)

2.<sup>a</sup> pessoa: esse, essa, isso

3.<sup>a</sup> pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; esse livro é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; aquele livro é o que se acha distante da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o, mesmo, próprio, semelhante e tal*.

Considera-se o pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor “grosso modo” de *isto, isso, aquilo ou tal*: Não o consentirei jamais.

“Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já o não sou” [AH apud FB.1, 195].

“Se os olhos corporais estavam mortos, não o estavamos do espírito” [AH.4, I, 226].

“(...) residia uma viúva, que o era de um fidalgo da casa de Azevedo” [CBr apud MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não o fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido: “Os homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo” [MM].

*Mesmo, próprio, semelhante e tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse, essa, aquele, isso, aquilo*: “Depois, como Pádua falasse ao sacrílego baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a mesma coisa” [MA.4, 87].

“Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas císticas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária...” [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica: “Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros...” [MA apud MMC.1, 274].

“Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas ” [E. Frieiro apud MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.<sup>a</sup> edição, alterou seu texto para: “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas”.

*Mesmo e próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais: Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

“Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*” [MA.4, 203].

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *algum, ninguém, tudo, nada, algo, outrem*.

“Ninguém mais a voz sentida Do Trovador escutou!” [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum, outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo, qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum, cada*: “As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhuma*” [MA.2, 274].

“A vida a *uns*, a morte confere celebidades a *outros*” [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais e menos*: *muito, mais, menos, pouco, todo, algum, tanto, quanto, vário, diverso*: Mais amores e menos confiança. (nunca menas!) Com pouco dinheiro compraram diversos presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

*Muito* lhe devo.

Erraste por *pouco*.

*Quantos* não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES: 1.) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um, qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de artigo indefinido.

2.) Também os pronomes indefinidos *mais e menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens, o mais das vezes, o mais deles, o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens ou os mais dos homens; o mais das vezes ou as mais das vezes; o mais deles ou os mais deles, etc.*

As duplas *quem... quem, qual... qual, este... este, um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos: “*Qual* se abisma nas lóbregas tristezas, *Qual* em suaves júbilos discorre, Com esperanças mil nas ideias acesas” [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro, um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação: *Certas* pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas horas* (pron. indef.).

*Algum* livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição: “Desta gente refresco *algum* tomamos” [LC.1, V, 69].

*Refresco algum = algum refresco* “Vós a quem não somente *algum* perigo Estorva conquistar o povo imundo” [LC.1, VII, 2].

*Algum perigo = nenhum perigo* LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um, cada qual, alguma coisa, qualquer um, quem quer, quem quer que, o que quer que, seja quem for, seja qual for, quanto quer que, o mais* (hoje menos frequente que a maior parte, a maioria): “As verdades não parecem mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva” [MM].

*Que cabeça, senhora?*

*Que compraste?*  
*Qual autor desconhece?*  
*Qual consideras melhor?*  
*Quantos vieram?*  
*Quantos anos tens?*

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*: “Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e aleitado! *O que* será feito dele?” [AH.4, II, 135].

*Quem* refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).<sup>43</sup> *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos: Em *qual* livraria compraremos o presente?

*Em que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*: Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados *indefinidos interrogativos*. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo: *Que* susto levei! (Compare-se com *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente: Quem veio aqui?

*Interrogação indireta* é a pergunta que: a) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; b) é proferida com entoação normal descendente; c) não termina por ponto de interrogação; d) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar, indagar, não saber, ignorar*, etc.): Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados: Ignoro *que* cabeça, senhora.

Indagaram-me *que* compraste.  
Perguntei-te por *que* vieste aqui.  
Não sei *qual* autor desconhece.  
Desconheço *qual* consideras melhor.  
Indagaram *quantos* vieram.

*O que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou  *o freguês [ que por último compra o jornal]*.

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual, o qual (a qual, os quais, as quais)*, *cujo (cuja, cujos, cujas)*, *que, quanto (quanta, quantos, quantas)*, *onde*.

*Quem* se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo: As pessoas de *quem* falas não vieram.

O ônibus *que* esperamos está atrasado.  
Não são poucas as alunas *que* faltaram.  
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.  
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.  
A casa *onde* moro é espaçosa.

*Cujo*, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere: Ali vai o *homem cuja casa* comprei anteced. conseq.

(a casa do homem) OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: (...) a obra *cujo* comentador eu sou”, em lugar de: “de que sou comentador” ou “cujo comentador sou”.

*Quanto* tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo, todo, todos, todas, tanto*): Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes: *Quem* tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.  
Moro *onde* mais me agrada.

*Quem*, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular: *Quem* com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem: *Quem* tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde. Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em *Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas*.

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula: *Eu o vi. Referiu-se a ti.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua: a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa: Subiu! E viu com seus olhos.

*Ela a rir-se que dançava* [GD].

- b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento: Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.
- c) precedido de *tudo*, só e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.
- d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força: Olha *ele!* [EQ].
- e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*: entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar: Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos: Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada: Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.

Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

*A ele* cumpria encher as guias.

- b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

- c) quando reforçado:

O dinheiro *foi* entregue *a ele mesmo*.

Darei as joias *só a ela*.

- d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe* *a ele* as máquinas.

- e) quando complemento relativo:

Atirou-*se a ele*. Gosto *dela*.

- f) quando objeto direto preposicionado:

Nemele entende *a nós nemnós a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*: “Não me lembra o que lhe disse” [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais: “*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando...” [MA.2, 230].

“Há entre nós umabismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele” [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou “linguagem-eco”, constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano: “Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável” [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir: a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição: “Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?” [AH.3, 277].

- b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa: Ao *avarento* nada *lhe* peço.

“Ainda hoje estão empé, mas ninguém habita, *essas choupanas execrandas...*” [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização: “*A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-os tu em toda a sua sublimidade*” [AH.1, 35].

“Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela a rir-se que dançava...*”

[GD apud SS].

“Olha *ele!*” [EQ apud SS].

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu, tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

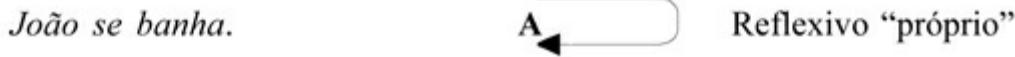
É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*: Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta: “(...) e S. Exc.<sup>a</sup> respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem o *Barão do Rio Branco e eu*”.

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.<sup>a</sup> do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

A reflexividade consiste, na essência, na “inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal”. Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente): 1.a) *João se banha* A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade “própria”, ocorre a primeira hipótese:



Já na oração

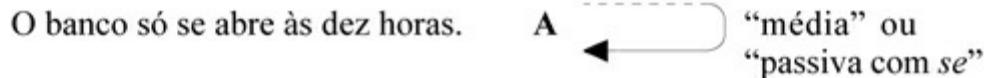
1.b) *João e Maria se amam*, o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de “reflexividade”; acreditamos que a oração quer expressar que “João ama Maria” e que “Maria ama ao João”. Então, não mais se trata de “reflexividade pura”, mas de “reflexividade recíproca”:



A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo: *João e Maria se escrevem*. (um escreve ao outro) *João e Maria se gostam*. (um gosta do outro) As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo “próprio”. Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter: 2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como “passiva”: é o que a gramática chama voz “média” ou “passiva com *se*”:



Repare-se que a interpretação da “passiva com *se*” depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome): *Ele se chama João*.

A última acepção a que podemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração: 3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem: 1) Objeto direto:

Ele se feriu.  
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.  
Lê-se pouco entre nós.  
Precisa-se de empregados.  
É-se feliz.

**OBSERVAÇÕES FINAIS:** Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto – estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = “algum tem casa para vender”) e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo: *Vendem-se casas* (= ‘casas são vendidas’) → *Vendem-se casas* (= ‘algum tem casa para vender’) → *Vende-se casas*.

“*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requer *vendem-se, fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós...” [MAlg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam: 1) sentimento: *indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se, partir-se, sentar-se, sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce ou expletivo*.

“[a amante] viu diante dela o meu eugênico amigo” [MB apud RBn.2].<sup>45</sup>

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria, diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo: “Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...).” [JR.2, 35]

“O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*. ” [JR.2, 199]

“Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...). ” [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho: “E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*.”

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto: João levou o livro *para ele*.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

“Se dizeis isso pela que *me* destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu.”

[AH.4, I, 267]

“E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada” [EC.1, 218].

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.<sup>a</sup>) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres: “Porque assi *te me* mostras odiosas?” [JCR.1 apud SS.1, § 271].

3.<sup>a</sup>) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos: “Parece um río quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas...” [LB.2, 49 apud SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes: a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o, a, os, as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*: “É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar” [AC apud MBA.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva: “Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vemo bico da pena”

[MA.9, 29 apud SS.1].

“Não se dá baixa ao soldado quando já não pode coma milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?” [AC.10, II, 106 apud SS.1].

4.<sup>a</sup>) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal: *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]

Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.<sup>a</sup>) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar, mandar, ver, ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire; me doy el trabajo de hacerlo*.

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva: *Fugia de mim* – fugiu-me (não há locução prepositiva) *Tudo girou em volta dele* – *Tudo lhe girou em volta* (há locução prepositiva)

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro: José, Pedro levou o chapéu *dele*.

“Comekéito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*”. [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele a seu*: José, Pedro levou o *seu chapéu dele*.

“Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, sua honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa...” [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo: “É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeiutar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do

sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro” [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomado-se o cuidado de evitar o abuso.<sup>46</sup>

Tomou-me o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*: “D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto” [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*: “Andrade contentou-se com o seu próprio sufrágio” [MA.6, 19].

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho: Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido: Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.<sup>47</sup>

*Minhas saudades* são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

“Parece que Miss Dólar ficou comboas *recordações suas*, disse D. Antônia” [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas e cartas suas*.

*Recebi suas cartas* (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

*Recebi cartas suas* (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo: “Peço-lhe que me mande *notícias suas*” [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo: “Mova-te a piedade *sua e minha*” [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim*.

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*: “O maior Vilela observava um rigoroso regimento que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns bons sessenta anos” [MA.6, 53].

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia: O *nossa* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia: *Meu* prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

*Meus* senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

*Meu* coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo: “Qual cansadas, *seu* Antoninho!” [LB], “Ande, *seu* diplomático, continue” [MA], *seu* não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo, só*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo: “Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo” [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena: “Diga, *senhora* mosca-morta?” [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*: “E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa” [AH.4, 252].

“Vós os que não credes embruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bemjuntos ao pé de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaya” [AH.4, II, 7].

“Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela” [MA.2, 31].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural: *A gente* comprehende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*): “O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança” [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série: “Foi a tua dignidade real, a tua justiça, o teu nome que eu quis salvar da tua própria brandura” [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

“... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o seu gênio e hábitos aldeões” [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo: Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado: *Teu* perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

“... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando os braços, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas” [CBr.1, 110].

“E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola do capote à altura das bossas parietais...” [CBr.1].

Ele perdeu o juízo. Tema vida por um fio. Recuperou a memória.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo: “(...) se as suas faces eram gordas, as suas mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis” [LB.1, 96].

“E cada lavrador enxugava os seus olhos” [CBr.6, 118].

2.<sup>a</sup>) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.<sup>a</sup> pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxitono), teve oportunidade de mostrar o quanto sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

48

*Esta casa* é a casa onde me encontro.

*Esse* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.<sup>a</sup> pessoa, isto é, daquela com quem se fala: *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.

*Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*: “Manaus, 13-1-1905

Meu bomamigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissidente abertamente de sua opinião sobre *este singularíssimo clima da Amazônia...*” [EC].

Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.<sup>a</sup> pessoa, usa-se de *esse*: “Quero ver *esse* céu da minha terra Tão lindo e tão azul!” [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*: “Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou” [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

“Este Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protéria, vivia na companhia do irmão morgado...” [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas: “Vês África, dos bens do mundo avara,

.....  
Olha *essa* terra toda, que se habita *Dessa* gente sem lei, quase infinita” [LC.1, X, 92 apud SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

*Este mês* (=no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões): *Nessa época* atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões: *Esta noite* (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo: “Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal” [CBr7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto: “Para o jogo bastava *esse* movimento de peão”. [ML]

*Esse movimento* vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

“Se não existisse Ilgénia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.e.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.e.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine” [CBr1, 135].

– “... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas lisonjas* – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?” [CBr1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catafora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.<sup>a</sup> pessoa ou ao tempo em que se fala. Nesses casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões): – “Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear comela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante” [CBr1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões): “O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte” [MA.1, 81 *apud* SS].

“Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil” [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: *Que todos iam sair cedo, eu o disse ontem*.

*Eu o disse ontem, que todos iam sair cedo.*

*Eu cá tenho minhas dúvidas. Ele lá diz o que pensa.*

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado): Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*: “Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito eu*” [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão: *a) isto é* (e nunca *isso é*) com o valor de ‘quer dizer’ ou ‘significa’, para introduzir esclarecimentos; *b) por isso, nem por isso, além disto* são mais frequentes que *por isto, nem por isto, além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento; *c) isto de* (e não *isso de*) com o valor de ‘no que toca’, ‘no que diz respeito a’. [SA.2, 264]

“De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém que se passava entre mim e Capitu” [MA.4, 225].

“Veja os algarismos: não há dois que façam *mesmo* ofício” [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio, até*: “Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e difíceis; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa” [AV. 1, XI, 150].

“Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem comela” [AV *apud* ED.2, § 86, a].

*Mesmo, semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente: “Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa” [MA.4, 87].

“Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas císticas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valema soma que dizem” [MA.4, 202; FT1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

*Tal* (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar: “Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios” [JO.1, 40].

*Outro* se emprega com o valor de *um segundo, mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo): Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo, aí mesmo, aqui mesmo, já mesmo, etc.*

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

*Um* pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*: “Oh cousa para espantar  
Que ambos a ferida tem  
*Dum* tamanho, em *um* lugar” [LC apud JM].  
(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)  
Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido: *Esse* João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como: “e apenas, como uma das extravagâncias que mais querem anotação, citarei *aquilo* da p. 14” [CL.1, I, 245].

“Logo depois, sentime transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade...” [MA apud SS.1, 306].

“... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos” [AH apud SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

*Mesmo* pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo: Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)<sup>49</sup>: Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto: Encontrei-o na *mesma situação (em) que* estava no ano passado.

Saiu do trabalho no *mesmo dia (em) que* fôra promovido.

“Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão (por) que* tu me desprezas” [CBr apud MBa.2, 310].

Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe: *Certas* folhas ficaram em branco.

Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos: a) *Algum* Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não, nada, sem, nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: “Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*” [ED.2, § 106].

b) *Algo* Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: [50](#)

Terás *algo* para contar-me?

Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo: A situação está *algo perigosa*.

Ali se passaram os momentos *algo inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*: A leitura deixou-lhe impressão *alguma coisa agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo: Não há *algo de* novo.

Ficou-lhe do encontro *alguma coisa de* arrependimento.

*Alguma coisa de* novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo: Apresento-lhe *estas desculpas* que têm *algo de* engraçadas.

De repente saíram *umas ideias alguma coisa de* ridículas.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) *Cada* Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural: “Uma ilusão gemia em *cada canto*, Chorava em *cada canto* uma saudade”. [LG]

*Cada* século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

*Cada* não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente: “Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: *cada dois dias levam entre si um profano intercalado*" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacofato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva): "Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) *Certo* É exclusivamente na língua moderna pronomé indefinido quando antecede ao substantivo: "A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam ténues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos: "Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando comque, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras: Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser: Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome: "Deveis de ter sabido claramente

Como é dos fãos grandes *certo intento*" (isto é: intento certo) [LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos

É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa) De todos os que as ondas navegamos"

[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança

Comque provava o Gama o que dizia;

Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura) Crédito firme em quanto proféria"

[LC.1, VIII, 76].

e) *Nenhum* Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*: Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto: "Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona: "Mas se anda nisto mistério, como quer o contestável, espero que não serão *nenhuns feitiços...*" [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*: Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade: Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um* livro, quanto mais dois.

#### f) *Todo – Tudo* [51](#)

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronomé a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (*Todo o homem* ou *O homem todo* é pecado e miséria; *Trabalhar todo o dia* ou *o dia todo*) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCV.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo (toda) e qualquer*: "Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].

A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").

A *toda* a falta... (*toda* = "cada").

*Todo* ser merece consideração (*todo* = "qualquer").

*Todo* o ser merece... (*todo* = "qualquer").

O incêndio destruiu *toda casa* (*toda* = "inteira", "total").

O incêndio destruiu *toda a casa* (*toda* = "inteira", "total") *Todo* pobre receberá esmola.

*Todo* o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem* é mortal), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem* é mortal) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o/ a*: *todo o = todo; toda a = toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo e todo o, toda e toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo, toda a vida, todo o tempo, toda a hora, toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo, toda vida, todo tempo, toda hora, toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo, toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

*Todo* indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*): “(...) *Todo o que* sofre, *Todo o que* espera e crê, *todo o que* almeja Perscrutar o futuro, se coloca

Ao lado do Senhor” [FV apud SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota “inteiro”, “total”: *todo um dia, toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

*Todo* no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o homem todo, a casa toda, o país todo, a semana toda, o tempo todo, a fortuna toda, o mundo todo, uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *tudo o resto, toda a soma, todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa, a toda a brida, a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos, todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua: *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo.

*Todas as revisões* são passíveis de enganos.

*Os alunos todos* disseram sim.

*Todos estes casos* foram examinados.

*Todas elas* responderam às cartas Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um, todos dois* ou *todos os dois, todos três* ou *todos os três*, etc.): “Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem” [CBr6, 131].

*Todas as quatro razões* foram discutidas.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>ª</sup>) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.<sup>ª</sup>) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de “cada”, como no exemplo: “Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*” [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a) *Todo* pode ser empregado adverbialmente, com valor de “inteiramente”, “em todas as suas partes”: “Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!”

[CBr6, 93].

“Longe de mim triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular”

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere: *O professor é todo ouvidos. Ela é toda ouvidos*.

*Ele está todo preocupado. Ela está toda preocupada*.

*Acabamos de ver as crianças todas chorosas*.<sup>52</sup>

*Todo* entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo, de todo, de todo em todo, etc.*

**Tudo** – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado: Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto, isso, aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo artigo: *Tudo isso* é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram*.

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo: “Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora” [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte: “No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto” [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

“eremita que deixara... vivia” ou “vivia um pobre eremita que deixara...”.

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente: “Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)”.

“Lúcia descera coma moça bonita, de calças curtas, *que* guia o carro” [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado: “mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a “sanção”, e não “alguns”) lhe confirmasse o aplauso dos outros” [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual, a que* ou *ao qual, de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual, conforme o qual, perante o qual, etc.*<sup>53</sup> O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o*

*qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo: “A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couro dos corsários de Berberéia” [AH.2, 69].

“... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou cometerir-se antes que lhe ordenassem” [AH.2, 91].

“... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou” [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial: “Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante...” [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido: “É *no em* que essa justificação se resume” [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que* não deve).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que* não podia falar).

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe apud AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado: “Bem vês as *lusitanicas* fadigas *Que* eu já de muito longe favoreço” [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitanicas*.

“Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias” [MA apud SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes: “(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada Lasciva perpassando pelas flores” [CA.1, ed. SS, § 29].

“... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos” [AGa apud SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão, tal*): “O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que não os* há...” [JR.6, 152].

“Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho” [AFg. I, 117].

(isto é: tenho os pés de *tal maneira, que...*) Já vimos que *cupo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele (dela), do qual (da qual)*: O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *susas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cupo* pode vir precedido de preposição: O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais a *cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais de *cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas *da qual*).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cupo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas: a) em vez de *cupo*, empregar um relativo (*que, quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse: Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cupo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idíoleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade: O livro *cupo eu comprei* ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cupo*: O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

## 5 – NUMERAL NUMERAL

**Numeral** – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido: “A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem portas*” [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um, dois, três, quatro, etc.*, e respondem às perguntas *quantos?, quantas?*.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup> Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um, os uns; o dois, os dois; o quatro, os quatros;* prova dos noveis. O gênero

masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.º) Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal: Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos: Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio: Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sextuplos* nasceram na mesma cidade, emanos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro, metade, etc.*) ou dos adjetivos (*duplo, primeiro, etc.*), como já fizemos com *último, penúltimo, anterior, posterior, derradeiro, simples, múltiplo, etc.*, que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois, ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras, seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronomé*, justamente levando em conta essa referência de *déixis anafórica*. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronomé, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*: *Ambos* os filhos ou os filhos *ambos Ambos* os livros ou os livros *ambos Ambas* (as) razões – *Uma e outra razão* OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um, dois, três, vinte, trinta, cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um, dezesseis, dezessete, cento e dois, mil e noventa, etc.*) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil, cinco mil, etc.*<sup>54</sup>

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis; dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze*.

Têm emprego como substantivos *e*, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena, década, dúzia, centena, centenar, cento, milhar, milheiro, milhão, bilhão, trilhão, etc.* [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: *uma dúzia de laranjas, duas décadas de vida, três centos de bananas, um milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES: 1.º) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.º) Podem ser grafados *comlh* ou *li*: *bilhão / bilião, trilhão / trilhão, quatrilhão, quintilhão, sextilhão, setilhão, octilhão*. As formas *comlh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo: *Os dois* acabaram chegando cedo.

*Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral: *Os dois bons momentos da vida*.

Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um (uma)*, *dois (duas)* e *ambos (ambas)*, os formados com *um (vinte e um/vinte e uma)* e as centenas acima de *cem (duzentos/duzentas, trezentos/trezentas, novecentos/novecentas)*.

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o participio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto: *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino: *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.

*Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: *algumas milhares de pessoas, as milhares de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um dias*, construção mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos, a folhas tantas, a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado: Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de “dois em dois dias” ou “a cada dois dias”, “de três em três semanas” ou “a cada três semanas”.

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.<sup>a</sup>; 14.<sup>º</sup> lugar, etc.

“Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas” [MC.4, 178].

**Ordinais** – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série: *primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, etc.*

OBSERVAÇÃO: *Último, penúltimo, antepenúltimo, anterior, posterior, derradeiro, anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados mero adjetivos. [55](#)

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes: a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome: Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros: capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural: É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular: *No dia 2 de dezembro* nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural: *Aos treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos 26 *dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal: No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página, folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto: *Na página 32* há um erro de revisão / *na folha 32 / no capítulo 32*

*Na página dois* faltou uma vírgula / *na folha 2 / no capítulo dois* *Na página segunda ou na segunda página / na folha segunda / no capítulo segundo*  
Coma preposição *a*, usa-se o substantivo no plural: *A páginas 12 A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois, a páginas duas, a páginas vinte e uma, a páginas tantas, na página dois, na página vinte e um, na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira, páginas vigésima primeira*.

**Fracionários** – São as palavras que indicam frações dos seres: *meio, terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, vigésimo, centésimo, milésimo, milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade, terça parte, quarta parte, etc.*

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: *meio-dia e meia* [hora]; *duas e meia* [hora].

2.<sup>a</sup>) Emlugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) e *meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão, dois e meio milhões*: “Para aquilarar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)” [AAr apud SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: *onze avos, treze avos, quinze avos, etc.*

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	—	um
segundo	—	dois
terceiro	—	três
quarto	—	quatro

quinto	—	cinco
sexto	—	seis
sétimo	—	sete
oitavo	—	oito
nono	—	nove
décimo	—	dez
undécimo ou décimo primeiro	—	onze
duodécimo ou décimo segundo	—	doze (e não douze!)
décimo terceiro	—	treze
décimo quarto	—	quatorze, catorze
vigésimo	—	vinte
vigésimo primeiro	—	vinte e um
trigésimo	—	trinta
quadragésimo	—	quarenta
quinquagésimo	—	cinquenta
sexagésimo	—	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	—	setenta
octogésimo	—	oitenta
nonagésimo	—	noventa
centésimo	—	cem
duzentésimo	—	duzentos

trecentésimo ou tricentésimo	—	trezentos
quadringentésimo	—	quatrocentos
quingentésimo	—	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	—	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	—	setecentos
octingentésimo	—	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	—	novecentos
milésimo	—	mil
dez milésimos	—	dez mil
cem milésimos	—	cem mil
milionésimo	—	um milhão
bilionésimo	—	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.<sup>a</sup> – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

#### **6 – VERBO Considerações gerais – ENTENDE-SE POR VERBO A UNIDADE DE SIGNIFICADO CATEGORIAL QUE SE CARACTERIZA POR SER UM MOLDE PELO QUAL ORGANIZA O FALAR SEU SIGNIFICADO LEXICAL.**

A – *A distinção de verbos nacionais e relacionais* A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nacionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer “vazio”, o que justifica a denominação tradicional de “cópula” – marca gramatical de identidade – e a classificação “relacional” de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem “os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração” [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* “é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais” [EBv.1, 169].

B – *Categorias verbais segundo Roman Jakobson* Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas: *canto – cantas – canta vejo – vês – vê parto – partes – parte* estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de “pessoa”.

Quando se usam as formas:

*canto – cantamos*, estamos diante de uma mesma pessoa (“primeira pessoa”) e a oposição afeta outro conceito, o de “número”.

E quando se usam as formas:

*canto – cante* temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de “modo”.

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como: *canto – canteis* em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: “pessoa” (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>), “número” (singular e plural) e “modo” (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a “pessoa” do “número” nem o “tempo” do “modo”; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o “tempo” e o “aspecto”, como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal romântico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson: a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C) c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)  
d) os participantes neste acontecimento (P) Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais: a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF) c) os participantes no acontecimento comunicado (PC) d) os participantes no acontecimento da fala (PF) As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* (“*designadores*” na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* (“*conectores*”, para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou escutado* encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o “eu”, porque “eu” é sempre a pessoa que fala, uma categoria “definida pelo discurso”.

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte- rizadora	determinante de relação	caracte- rizadora	determinante de relação
deter- minadas linguis- ticamente	qualificadora  quantificadora	GÊNERO  NÚMERO	VOZ	ESTADO  ASPECTO	TAXIS
deter- minadas pelo discurso		PESSOA	MODO	TEMPO	EVIDÊNCIA

**Explicação das categorias verbais Gênero (PC)** – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito / a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente (“[Inês de Castro] tem pisada a areia ardente, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite [la lettre], l'ho scritta*).

**Número (PC)** – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – “o fato de que eu o diga”). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

**Pessoa (PC/PF)** – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

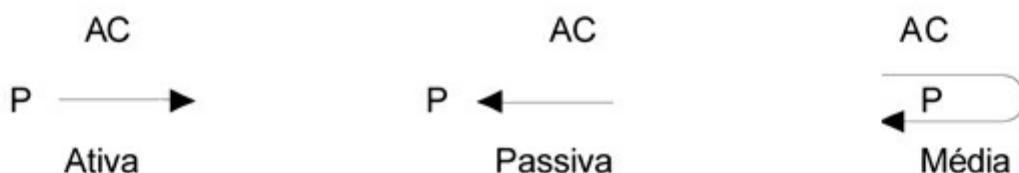
**Estado (AC)** – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo, negativo, interrogativo, negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta/não cantar, canta/não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; participípio – participípio negado).

**Aspecto (AC)** – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa, incoativa (ingressiva), terminativa, iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

**Tempo ou nível temporal (AC/AF)** – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:



**Voz ou diátese (PC/AC)** – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):



**Modo (PC/AC/PF)** – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

**Taxis (AC/AC)** – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o participípio (*comer cantando, comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

**Evidência (AC/ACF/AF)** – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

**C – Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu** Como assinalamos atrás, as categorias de “tempo” e “aspecto” costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifráticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias: 1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*: Presente nível atual

Imperfeito nível inatual Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais: Eu queria pedir-lhe um favor.

Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como “paralela” a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela, retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	<i>fiz</i>	<i>faço</i>	<i>farei</i>
inatual	<i>fizera</i>	<i>fazia</i>	<i>faria</i>

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:  
a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio: Presente:

*tenho feito FAÇO vou fazer tinha feito FAZIA ia fazer* Passado:

*tive feito FIZ fui fazer tivera feito FIZERÁ* Fazer Futuro:

*terei feito FARÉI irei fazer teria feito FARIA iria fazer* 4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

•	-----
<b>durativa</b>	<b>pontual</b>
<i>olhar</i>	<i>chegar</i>

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctica  $\overline{\overline{v}}$ ) ou ação repetida (frequentativa  $\overline{\overline{\overline{v}} \dots}$ ): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única ( $\overline{v}$ ) dispõe de perifrases, como *vou a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*, na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

**terminativa:** \_\_\_\_\_ |

*escrevi muito* (subjetiva; agora não escrevo)

**completiva:** \_\_\_\_\_ O

*escrevi o livro* (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

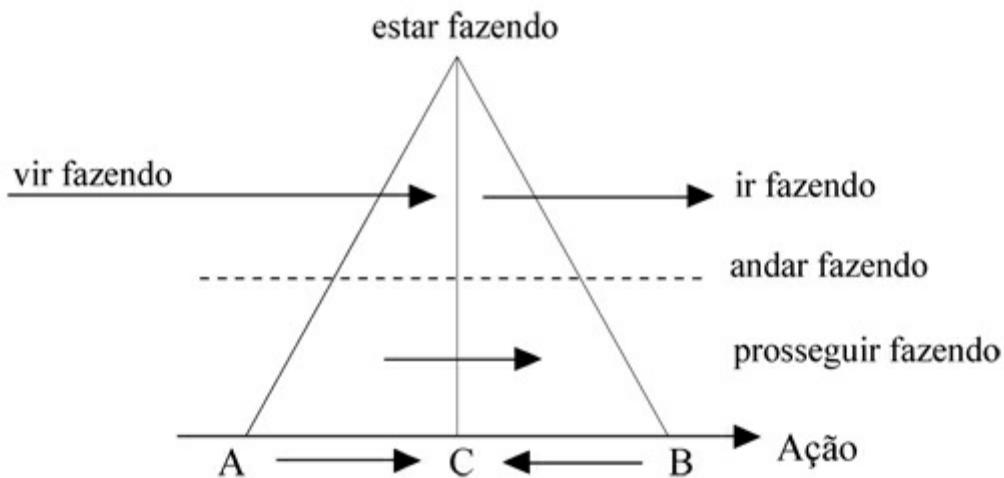
No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como “com resultado” (*resultativa*) ou como “sem resultado” (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferenciar diversas possibilidades:



Explicitando esta *visão angular* Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar + gerúndio* (*estou fazendo*) ou *estar a + infinitivo* (*estou a fazer*).

*Visão comitativa* – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar + gerúndio* (*ando fazendo*) ou *andar a + infinitivo* (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

*Visão prospectiva* – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir + gerúndio* (*vou fazendo*).

*Visão retrospectiva* – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir + gerúndio* (*venho fazendo*).

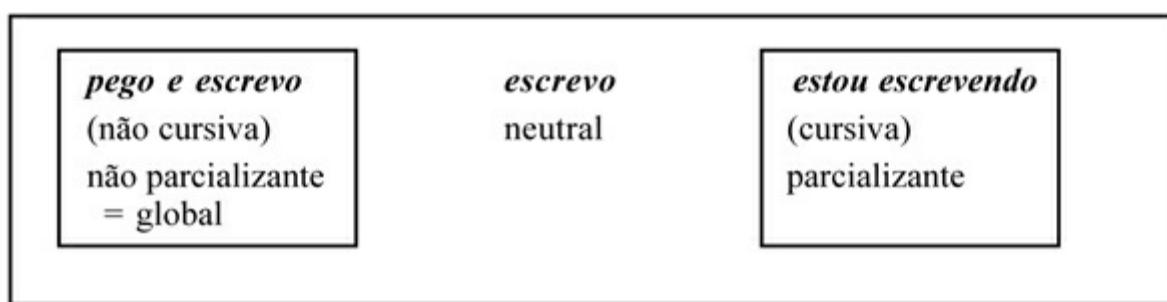
*Visão continuativa* – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perifrases: *seguir + gerúndio* (*igo fazendo*) ou *continuar + gerúndio* (*continuo fazendo*).

*Visão global* – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais: *estou lendo* *leio* parcializante neutral

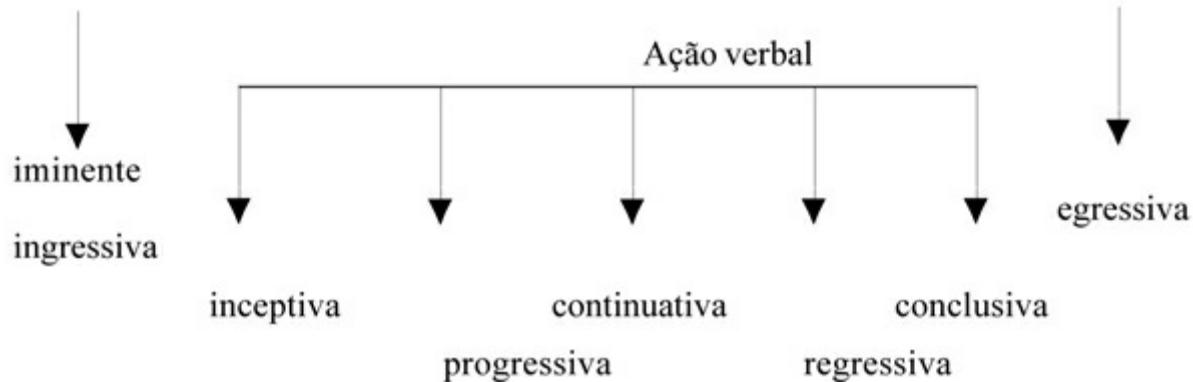
(não global parcializante) Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perifrases aditivas *com/tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações “enfáticas” do modo de falar, como “de fato”, “com efeito”, “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”, “terminantemente”, pois pode ocorrer a determinação expressa como “não cursiva” ou ainda como “não parcializante”, como “redundante”.

De forma esquemática, temos:



9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada. Em princípio, podem-se distinguir as seguintes “fases”:



*Fase iminente (ingressiva)* – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para (por)* + infinitivo: *estou para (por) escrever*.

*Fase inceptiva* – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentina da ação: *pôr-se a + infinitivo*: *ponho-me a escrever* *meter-se a + infinitivo*: *meto-me a escrever* *pegar a (de) + infinitivo*: *pego a (de) escrever* *sair + gerúndio*: *saiu dizendo* E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

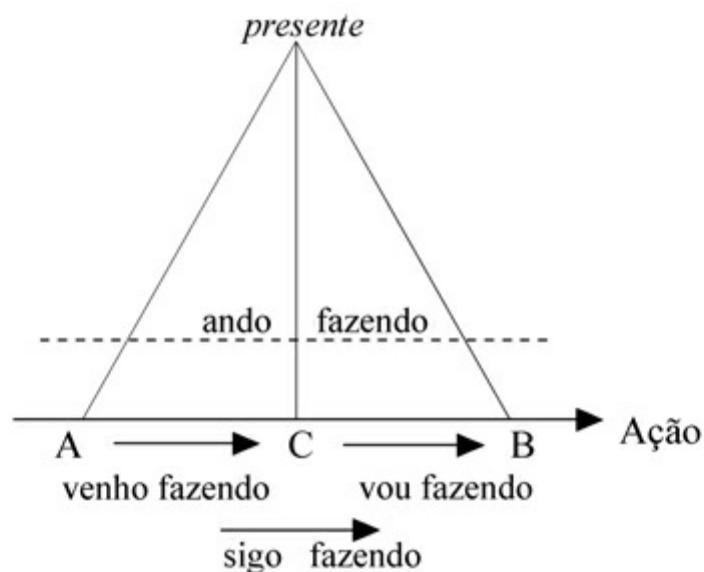
*Fase progressiva* – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir + gerúndio* (*vou dizendo*).

*Fase continuativa* – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir + gerúndio* ou por combinações léxicas (*sgo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

*Fase regressiva e conclusiva* – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de + infinitivo* (*terminei de escrever*).

*Fase egressiva* – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de + infinitivo* (*acabou de escrever*).

*Sincretismo: visão e fase* – Pode ocorrer sincretismo de “visão” e “fase” na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sgo fazendo*).



*Conclusão* Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e romântico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

- o nível temporal

- a perspectiva primária e secundária
- a visão

- a fase

- o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

- a duração

- a repetição

- a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, “indeterminadas”, “neutrais” as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo, tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

**Exemplo para a descrição funcional** – Para a descrição funcional de uma forma verbal que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português *fiz* poderíamos dizer dela: 1) *Nível de tempo*: atual 2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo 3) *Visão*: global (neutral) 4) *Fase*: neutral 5) *Resultado*: não resultativa (neutral) 6) *Conclusão*: indefinida

Já de *tinha estado fazendo*: 1) *Nível de tempo*: inatual 2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo; secundária, retrospectiva, aspecto complexivo 3) *Visão*: parcial 4) *Fase*: continuativa 5) *Resultado*: não resultativa 6) *Conclusão*: não terminativa Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e romântico – representa um edifício de três “andares”, que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três “andares” apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásicas de *ter (haver)* + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

*Cantaremos* é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.<sup>a</sup> pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente: *cantai*

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal: A carta é *escrita* por mim, O primo *foi visitado* por ti, A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

*Alugam-se bicicletas.*

*Passividade* é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo: Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva<sup>56</sup>.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de “passividade com se” e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere: eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos: 1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.<sup>a</sup> pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de “apassivador”): Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa: Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-se a casa (não se diz: alugase a casa pelo proprietário) Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond: Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, que se deixou fazer por Pelé, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

**OBSERVAÇÕES:** 1.) Em construções do tipo *batizei-me, chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando “uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido” [MC.4, 36].

- 2.<sup>a</sup>) Em geral, o pronomé átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.
- 3.<sup>a</sup>) Com verbos como *atrever-se, indignar-se, queixar-se, ufanar-se, admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa “em relação ao seu próprio corpo” como *ir-se, partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronomé oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronomé oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronomé de realce*.
- 4.<sup>a</sup>) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronomé átono para exprimir aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento: *agonizar-se, delirar-se, desmaiar-se, estalar-se, envelhecer-se, palpitar-se, peregrinar-se, repousar-se, tresnoitar-se*. [APA.1, 54-57]
- 5.<sup>a</sup>) Inversamente, elimina-se o pronomé de muitos verbos que o exigem na língua padrão: *aquecer, chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar, machucar, formar* (*Eu formei em Medicina, classificar* (*Ele classificou em 3.<sup>o</sup> lugar*), etc. ( [Obs.](#)).

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número): O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

<i>Infinitivo sem flexão</i>	<i>Infinitivo flexionado</i>
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências: a) *-r*: para o infinitivo: *canta-r, vende-r, parti-r* b) *-do* (ou *-to, -so*) para o participio: *canta-do, vendi-do, parti-do, acei-to, revol-to* c) *-ndo*: para o gerúndio: *canta-ndo, vende-ndo, parti-ndo* OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu participio com a desinência *-do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por *vin-i-do*) e *vindo* (*vi-ndo*).

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática: 1.<sup>a</sup> conjugação – vogal temática *a*: *amar, falar, tirar*.

- 2.<sup>a</sup> conjugação – vogal temática *e*: *temer, vender, varrer*.
- 3.<sup>a</sup> conjugação – vogal temática *i*: *partir, fêrir, servir*.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Não existe a 4.<sup>a</sup> conjugação; *pôr* é um verbo da 2.<sup>a</sup> conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *ven-e-s / pô-e-s*.

2.<sup>a</sup>) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer*), com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por *viger*).

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence: a) variação no radical em comparação com o infinitivo: *ouvir – ouço, dizer – digo, perder – perco*; b) variação na flexão, em relação ao modelo: *estou* (veja-se *canto*), *estás* (veja-se *antas*, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti; perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube; fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

<i>Infinitivo</i>	<i>Futuro do Subjuntivo</i>
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

<i>Infinitivo flexionado</i>	<i>Futuro do Subjuntivo</i>
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia: *carregar – carregue – carreguei – carregues* *fear – fico – fiquei – fique* Não há portanto os *irregulares gráficos*.

*Anômalo* é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ēsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire, vadēre* e *ēsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar, estar, ter, haver, ser, poder, ir, vir, ver, caber, dizer, saber, pôr, etc.*

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.<sup>a</sup> conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): *Eu recupero* (para *reaver*); *eu redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português: a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*: *banir, brandir, carpir, colorir, delir, explodir, fremer* (ou *fremir*), *haurir, ruir, exaurir, abolir, demolir, puir, delinquir, fulgir, feder, aturdir, Bramir, jungir, esculpir, extorquir, impingir, puir, retorquir, soer, espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*: *adir, aguerrir, emolir, empedernir, esbaforir, espavorir, exinanir, falir, fornir, remir, ressequir, revelir, vagir, florir, renhir, garrir, inanir, resarcir, transir, combalir*.<sup>57</sup>

c) oferecem particularidades especiais: 1 – *precaver(-se)* e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos, precaveis, reavemos, reaveis*.

Imperativo: *precavei, reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar, antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar e rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir, advir, compelir, desmedir-se, discernir, embair, emergir, imergir, fruir, polir, prazer, submergir, Ressarcir* (cf b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e ou i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.<sup>a</sup>) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.<sup>a</sup>) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove muito. Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bêngãos do céu*.

**ABUNDANTE** é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos e hemos; constrói e construi; pagado e pago; nascido, nato, nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são: a) *comprazer e descomprazer*: *Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.*

*M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.*

*Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.*

*Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.*

b) *construir* e seu grupo: *Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).*

*Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).*

Assim se conjugam *desconstruir, destruir, estruir, reconstruir*.

c) *entupir e desentupir*: *Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).*

*Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.*

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*: *Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.*

*Imper. afirm.: há, havei.*

e) *ir*: *Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.*

f) *querer e requerer*: *Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.*

*queiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem*

*Quere e requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*: Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

*Val* é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.<sup>a</sup> pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) participípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) participípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.<sup>a</sup> conjugação) ou *-ido* (2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de participípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

<i>Infinitivo</i>	<i>Participípio regular</i>	<i>Participípio irregular</i>
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmando (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p.)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arre peso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegado (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)
suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros participípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser*, *estar* *ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.<sup>a</sup>) Há uns poucos participípios irregulares terminados em *-e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de, em, por, a, para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer, estavam por sair, iam trabalhando, tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa: 1 – *ter, haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o participípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

*Indicativo* a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido; b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido; c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido; d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido; *OBSERVAÇÃO*: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

*Subjuntivo* a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido; b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido; c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

*Formas nominais* a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido; b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: “Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora” [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. São passados três meses.

2 – *ser, estar, ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado, está prejudicada, ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro: a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever, etc.*; b) iminência de ação: *estar para (por) escrever, pegar a (de) escrever, etc.*; c) continuidade da ação: *continua escrevendo, continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma; d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever, andar escrevendo, vir escrevendo, ir escrevendo, etc.*

*OBSERVAÇÕES*: 1.) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde / Joana está-nos olhando ou a nos olhar apud MBa.4, 233*).

e) repetição de ação: *tornar a escrever, costumar escrever* (repetição habitual), etc.; f) término de ação: *acabar de escrever, cessar de escrever, deixar de escrever, parar de escrever, vir de escrever, etc.*

*Vir de + infinitivo* é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: “De amor dos lusitanos encendidas/ Que vêm de descobrir o novo mundo” [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de + infinitivo* e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: “eu, aos doze anos, vinha de perder meu paí”[CBR apud HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal: a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever, ter de escrever, dever escrever, precisar (de) escrever, etc.*

*OBSERVAÇÕES*: 1.) Em vez de *ter* ou *haver de + infinitivo*, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que + infinitivo*: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* como *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer, tenho muito que fazer, etc.*

2.) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão compreensão ou semela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever, etc.*

c) vontade ou desejo: *querer escrever, desejar escrever, odiar escrever, abominar escrever, etc.*

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lá e saiu tosquiado*): *buscar escrever, pretender escrever, tentar escrever, ousar escrever, atrever-se a escrever, etc.*

e) consecução: *conseguir escrever, lograr escrever, etc.*

f) aparência, dúvida: *parecer escrever, etc.*

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever, etc.*

h) resultado: *vir a escrever, chegar a escrever, etc.*

*Vir a + infinitivo* de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

*NOTA FINAL* – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. “Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos* *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo rosas o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*” [JO.1, 202-203].

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.<sup>a</sup> pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais **e** e **a** em cant-**e**, vend-**a**, part-**a** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o **a** passa a **e** no pret.perf. do ind. da 1.<sup>a</sup> conj. em contato com *i*, e passa a **o** em contato com *u*: cant-**a**-r, cant-**e**-i, cant-**o**-u; o **e** passa a **i** no pret. imperf. do ind. e participio da 2.<sup>a</sup> conjugação: vend-**e**-r, vend-**i**-a, vend-**i**-do. A vogal temática **i** da 3.<sup>a</sup> conjugação passa a **e** quando átono, no pres. ind. (2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> sing. e 3.<sup>a</sup> pl.) e imper. (2.<sup>a</sup> sing.): part-**e**-s, part-**e**, part-**e**-m, part-**e**; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o **i** da desinência **is** da 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: part-**i**s por part-**i**s.

O **tema** é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

**Sufixo verbal** é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*: a) Ø no presente

b) -va- (-ve-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.<sup>a</sup> conjugação: *canta-va*; [58](#)

c) -ia- (-ie-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações: *dev-ia*, *part-ia*; [59](#)

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.<sup>a</sup> pess. do pl. e -ra- para a 3.<sup>a</sup> pess. pl.): *cante-i*, *cantara-m e* -ra- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *cantara*, *vende-ra*, *parti-ra*; cantáre-is; f) -ra- (-re-) tônico caracteriza o futuro: *cantare-i*, *cantará-s*, *cantarā-o*, *deve-re-i*, *partire-i*; g) -ria- (-rie-) caracteriza o futuro do pretérito: *cantaria*, *deveria*, *parti-ria*; 2) Para o *Subjuntivo*: a) -e- caracteriza o presente da 1.<sup>a</sup> conjugação: *cant-e*; b) -a- caracteriza o presente da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjug.: *vend-a*, *part-a*; c) -sse- caracteriza o pretérito imperfeito: *cantasse*, *vende-sse*, *parti-sse*; d) -r- (-re-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*; 3) Para as *Formas Nominais*: a) -ndo caracteriza o gerúndio: *cantando*, *vende-ndo*, *partindo*; b) -do caracteriza o participio: *cantado*, *vendido*, *partido*; c) -r- caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

**OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a</sup>) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.<sup>a</sup>) As características temporais terminadas em -a (imperf., m-q.-perf do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em e na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -i que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devieis*; eu *partia*, vós *partieis*; eu *cantaria*, vós *cantarieis*). O mesmo ocorre com a 1.<sup>a</sup> pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.<sup>a</sup>) As desinências pessoais (cf abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1. <sup>a</sup> pessoa: Ø, -o (só no pres. ind.), -i (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente) <sup>1</sup>
	2. <sup>a</sup> pessoa: -s, -ste <sup>2</sup> (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3. <sup>a</sup> pessoa: Ø, -u (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1. <sup>a</sup> pessoa: -mos
	2. <sup>a</sup> pessoa: -is, -des (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -stes (só no pret. perfeito do ind.), -i(s) (no imperativo).
	3. <sup>a</sup> pessoa: -m (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-ste, singular, e -stes, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -stes (singular) e -steis (plural): tu *comestes* por *comeste*, vós *comesteis* (por *comestes*).

#### *Observações sobre as desinências número-pessoais.*

1.<sup>a</sup> pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -o:

cant-*o*,

vend-*o*,

part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -i:

cante-*i*,

vend-*i*,

part-*i*

cantare-*i*,

vende-re-*i*,

partire-*i*

2.<sup>a</sup> pessoa do singular: a desinência geral é -s; no pretérito perfeito do indicativo -ste; Ø no imperativo:

canta-*s*,

cantare-*s*,

canta-*ste*,

canta tu.

vende-*s*,

vende-re-*s*,

vende-*ste*,

vende tu.

parte-s,	partire-s,	parti-ste,	parte tu.
canto-u,	vende-u,		parti-u

1.<sup>a</sup> pessoa do plural: a desinência é sempre *-mos*:

canta-mos,	vende-mos,	parti-mos
------------	------------	-----------

2.<sup>a</sup> pessoa do plural: a desinência é *-is*; aparece *-des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta *-stes*, e o imperativo *-i* (na 3.<sup>a</sup> conj. há crase com a vogal temática):

canta-is,	vende-is,	part-iſ
canta-r-des,	vende-r-des,	parti-r-des
canta-stes,	vende-stes,	parti-stes
canta-i,	vende-i,	part-i.

3.<sup>a</sup> pessoa do plural: a desinência é *-m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-m,	vende-m,	parte-m
cantare-m,	vende-re-m,	partire-m
cantara-m,	vende-ra-m,	parti-ra-m

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-rão,	vende-rão,	parti-rão
------------	------------	-----------

1 – Praticamente do radical da 1.<sup>a</sup> pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação, e por *a* nos verbos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações:

<i>Presente do indicativo</i>	<i>Presente do subjuntivo</i>
-------------------------------	-------------------------------

cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

*Exceções:*

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja
ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.<sup>as</sup> pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

*Exceção:* ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.<sup>a</sup>) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação, da antiga desinência *-ide* por *-i*: Novas tenho e grandes novas, *Amigo, para vos dar: Tomai esta chave e abride [AGa.1]*

*Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser!* [CBr apud MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular como tal, mas com valor optativo.

Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

*Imperativo afirmativo*

— eu  
canta tu  
cante você, o senhor  
cantemos nós  
cantai vós  
cantem vocês, os senhores

*Imperativo negativo*

— eu  
não cantes tu  
não cante você, o senhor  
não cantemos nós  
não canteis vós  
não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural ou 2.<sup>a</sup> do singular) saem: a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra (-re)*: *-ra, -ra-s, -ra, -ra-mos; -re-is; -ra-m;* b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*: *-sse, -sse-s, -sse; -sse-mos; -sse-m;* c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r (-re)*: *-r, -re-s, -r, -r-mos; -r-des; -re-m.*

*Tema do pret. perf.*

vi (-mos)  
vie (-mos)  
coube (-mos)  
puse (-mos)  
fo (-mos)

*M. q. perf. ind.*

vira  
viera  
coubera  
pusera  
fora

*Imperf. subj.*

visse  
viesse  
coubesse  
pusesse  
fosse

*Fut. subj.*

vir  
vier  
couber  
puser  
for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam: a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra (re)* tônico: *-re-i, -rá-s, -rá, -re-mos, -re-is, -rā-o.*

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria (rie)*: *-ria, -ria-s, -ria, -ría-mos, -rie-is, -ria-m.*

*Infinitivo*

cantar

*Futuro do presente*

cantarei  
cantarás  
cantará  
cantaremos  
cantareis  
cantarão

*Futuro do pretérito*

cantaria  
cantarias  
cantaria  
cantariamos  
cantarieis  
cantariam

Exceções: *dizer, fazer, trazer*, que fazem *direi, farei, trarei, diria, faria, traria.*

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va (ve)*, na 1.<sup>a</sup> conjugação, e *-ia (-ie)*, na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>: *cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ia-mos, vend-íe-is, vend-ia-m part-ia, part-ia-s, part-ia, part-í-a-mos, part-íe-is, part-ia-m.*

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.) b) *ter* (tinha, tinhas, etc) c) *vir* (vinha, vinhas, etc.) d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

**ARRIZOTÔNICA** é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical: queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: a) as três pessoas do singular e a 3.<sup>a</sup> do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; b) os participios irregulares; c) a 1.<sup>a</sup> pessoa e 3.<sup>a</sup> do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube, fiz, fez.*

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.<sup>a</sup> do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifício, vociferas, sentencia, trafegam.*

**Exceções:** a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego, resfólegas, resfólega, resfólegam, etc.* Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo, tresfolgo, etc.*

b) *mobilizar* faz *mobilio, mobilias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobiliam*; *mobilie, mobilies, mobílie, etc.* Existem ainda as formas *mobilizar* **60** e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo, mobilas; mobilho, mobilhas, etc.*

*Mobilizar* é forma de pouca aceitação entre brasileiros: “Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha “mobilada”, que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro” [MB.1, 459-460].

Na 1.<sup>a</sup> conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta: *falar*: falo, falas, fala, falamos, falais, falam *chamar*: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*: *levar*: levo, levas, leva, levamos, levais, levam *remar*: remo, remas, rema, remamos, remais, remam *alvejar*: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam *pretextar*: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam *fechar*: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham *aparelhar*: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham *Exceções*: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

*Pesar*, no sentido de *causar tristeza, desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e* fechado: *pesa, pesam; pese, pesem, etc.* (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por *-oar*: *tocar*: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam *sonhar*: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham *perdoar*: perdooo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.<sup>a</sup> conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e na 3.<sup>a</sup> do plural do pres. do ind. e na 2.<sup>a</sup> pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*: *dever*: devo (ê), deveis (ê), devemos, deveis, devem (ê) *roer*: rói, roei (ô) *volver*: volvo (ô), volves (ô), volve (ô), volvemos, volveis, volvem (ô) *temer*: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem *comer*: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

*Exceções*: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.<sup>a</sup> pess. do sing.

Na 3.<sup>a</sup> conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico: 1 – Passa a *i* na 1.<sup>a</sup> pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pess. sing. e 3.<sup>a</sup> do plural do pres. do indic. e 2.<sup>a</sup> pess. sing. do imperativo nos verbos: *aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir*: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.<sup>a</sup> pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto, sentes, sente, etc.*

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.<sup>a</sup> do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir* (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam 3 – os verbos *medir, pedir, despedir, impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.<sup>a</sup> do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: *medir* – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem pres. subj.: meça, meças, meça, etc.

imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam 4 – Os verbos *aspergar, emergir, imergir e submergir* têm o tônico fechado na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> do singular e 3.<sup>a</sup> do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam): *aspergar*: aspergo (ê), asperges (ê), asperge (ê), aspergimos, aspergis, aspergem (ê).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico: 1 – Passa a *u* na 1.<sup>a</sup> pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.<sup>a</sup> pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> sing. e 3.<sup>a</sup> do plural do pres. ind. e 2.<sup>a</sup> do singular do imperativo: *dormir* – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.

imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam Assim se conjugam *cobrir, descobrir, encobrir, recobrir, tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no participio: *dormido, tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.<sup>a</sup> do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: *sortir* – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.

imperat. afirm.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pess. do singular e 3.<sup>a</sup> do plural do presente do indicativo e na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular do imperativo afirmativo: *acudir* – pres. ind.: acudo, acodes (ô), acode (ô), acudimos, acudis, acodem (ô) pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.

imper. afirm.: acode (ô), acuda, acudamos, acudi, acudam Assim se conjugam *bulir, cuspir, escapulir, fugir, sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES: 1.) *Assumir, presumir, reassumir, resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.) os verbos *em-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral: *constituir*: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituimos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir, arguir, atribuir, constituir, destituir, diluir, diminuir, estatuir, imbuir, influir, instituir, instruir, puir* (defectivo), *restituir, redarguir, ruir*.

3.) *Construir, desentupir, destruir, entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do sing. e 3.<sup>a</sup> do plural do presente do indicativo e na 2.<sup>a</sup> pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *e* e *e* na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

*construo, construis* (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.<sup>a</sup>.

4.) *Engolir*, ainda que se escreva *como o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem*.

Melhor fôra, porém, conjugá-lo como nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pess. sing. e na 3.<sup>a</sup> do plural do pres. do indicativo e na 2.<sup>a</sup> pess. sing. do imperativo afirmativo: Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]: 1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical: *crê, crês; lê, lês* 2) quando integra os ditongos *ou, ei: douro, douras; cheiro, cheiras* 3) no ditongo *oi* seguido de consoante: *pernoito, pernoitas* 4) quando a vogal é seguida de consoante nasal: *como, comes* 5) nos verbos terminados em *-ear, -elhar, -ejar* (exceto *invejar*) e *-oar: receio, receias; aparelho, aparelhas; desejo, desejas; coroo, coroas* 6) nos verbos *chegar* e *ensebar: chego, chegas; ensebo, ensebas*

#### BSEPARAÇÃO

e) *Resfolegar* conjuga-se: Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfolegam Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.<sup>a</sup>) O substantivo é *resfólego*, proparoxítono, como tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar*; conjugam-se:

#### Presente do indicativo

indigno-m-e (di)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (i)
indignas-te (di)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (i)
indigna-s-e (di)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (i)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-s-e (di)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (i)

*r فهو (rá), raptas (rá), raptá (rá), raptamos, raptais, raptam (rá)*

g) *Obviar* conjuga-se: Pres. ind.: obvio (i), obvias (i), obvia (i), obviamos, obviais, obviam (i) h) *Apiedar e moscar* conjugam-se: *apiedar* – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos: Pres. ind.: apiado, apidas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se): Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*: Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*: Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei: roubar e inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

#### Roubar

roubo (e não <i>rôbo</i> , etc.)	inteiro (e não <i>intêro</i> , etc.)
roubas	intéiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

#### Inteirar

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa, etc.; noivo, noivas, noiva, etc.*

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proféri-lo aberto: *apoio, apoias, etc.*

k) Verbos com o hiato *au, ai* e *iu*: tipos *saudar, embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	embainhar	amiudar
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudio*, *saudas*, etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

*Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.*

pres. subj.: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem  
imp. afirm: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem

Os verbos em *-iar* são conjugados regularmente: *Premiar* – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.

pres. subj.: premie, premies, premie, etc.  
imp. afirm: premia, premie, premimos, premiai, premiem

Cinco verbos em *-iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em *-ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar): *mediar*: medeio, medeias, medeia, mediomas, mediais, medeiam *ansiar*: anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam *remediar*: remedieio, remedieias, remedieia, remediamos, remediais, remedeiam *incendar*: incendeio, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiaias, incendeiam *odiar*: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiaias, odeiam OBSERVAÇÕES: 1.º) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em *-ear* e *-iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com *-iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.º) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.º) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *a fear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Exceção: *ê* – *fiar*

b) consoante ou pelas vogais átonas *-a*, *-e*, *-o* precedidas de consoante: mar – marear pente – pentear

casa – casear branco – branquear

Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar breve – abreviar sede – sediar finança – financear êxtase – extasiar graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em *-ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semeiar*, *vadear*.

Grafam-se com *-iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em: a) *-io*, *-ia*: alívio – aliviar delícia – deliciar sócio – associar polícia – policiar óbvio – obviar assovio – assoviar b) *-ânsia*, *-ência*, *-ença*: distância – distanciar presença – presenciar diligência – diligenciar sentença – sentenciar Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuijar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar como simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim*, *vieste*, *veio*, *viemos*, *vistes*, *vieram*.

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.: Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *intervieio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*): E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnífico (...)[JR.2, 189].

b) *Vér* e seus derivados *Prover* não se conjugam como *ver* no: pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram imperf. subj.: prosesse, provesses, prosesse, provêssemos, provêsseis, prosessem fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem participação: provido *Rever* é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em: A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

*Antever* é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever: “Quem *antevera* (com e) que dum povo a ruína Pelo seu próprio rei cavada fosse?” [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*: Quando eu *vier* à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não *ver*!).

c) *Precaver-se*.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

*Precavejam-se* ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*. Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi, ele reaveu, etc.* Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados *Deter*, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase: O policial *deteu* (por *deteve!*) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve um diálogo com um dos últimos gregos* [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

*Opor* é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*: “Se aos paternos erros de contraste,

E à minha influção *opor* virtudes” [PA.1, II, 154 *apud SS.4, 34*].

g) *Estar* e seus derivados.

*Sobreestar* é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira: “Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo” [AO.2 *apud SS.4*].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa: 1) *proceder, portar-se*: “Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza” [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem, entrar em disputa com alguém, conciliar*, e aparece nas ameaças: Ele tem de *se haver* comigo.

“Aquele que sobre ti lançar vistos de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*” [MP.1, 139 *apud SS.1, 361*].

3) *conciliar Avir-se* é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com, conciliar*: “Lá se avenham os sorveteiros com Boileau” [FE.2, V, 46 *apud RB.1, 391* nota].

*Desavir-se* é o contrário de *avir-se*: Os amigos *se desaviram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

1.<sup>a</sup> – **Cant-a-r**

2.<sup>a</sup> – **Vend-e-r**

3.<sup>a</sup> – **Part-i-r**

MODO INDICATIVO

**Presente**

Cant-o

Vend-o

**Part-o**

Cant-a-s

Vend-e-s

**Part-e-s**

Cant-a

Vend-e

**Part-e**

Cant-a-mos

Vend-e-mos

**Part-i-mos**

Cant-a-is

Vend-e-is

**Part-is**

Cant-a-m

Vend-e-m

**Part-e-m**

**Pretérito imperfeito**

Cant-a-va

Vend-ia

**Part-ia**

Cant-a-va-s

Vend-ia-s

**Part-ia-s**

Cant-a-va	Vend-ia	<b>Part-ia</b>
Cant-á-va-mos	Vend-í-a-mos	Part-í-a-mos
Cant-á-ve-is	Vend-í-e-is	Part-í-e-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	<b>Part-ia-m</b>
<b>Pretérito perfeito</b>		
Cant-e-i	Vend-i	<b>Part-i</b>
Cant-a-ste	Vend-e-ste	<b>Part-i-ste</b>
Cant-o-u	Vend-e-u	<b>Part-i-u</b>
Cant-a-mos	Vend-e-mos	<b>Part-i-mos</b>
Cant-a-stes	Vend-e-stes	<b>Part-i-stes</b>
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	<b>Part-i-ra-m</b>
<b>Pretérito mais-que-perfeito</b>		
Cant-a-ra	Vend-e-ra	<b>Part-i-ra</b>
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	<b>Part-i-ra-s</b>
Cant-a-ra	Vend-e-ra	<b>Part-i-ra</b>
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-i-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	<b>Part-i-ra-m</b>
<b>Futuro do presente</b>		
Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	<b>Part-i-re-i</b>
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá
Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	<b>Part-i-re-mos</b>

Cant-a-re-is Vend-e-re-is **Part-i-re-is**

Cant-a-rã-o Vend-e-rã-o Part-i-rã-o

### Futuro do pretérito

Cant-a-ria Vend-e-ria **Part-i-ria**

Cant-a-ria-s Vend-e-ria-s **Part-i-ria-s**

Cant-a-ria Vend-e-ria **Part-i-ria**

Cant-a-ria-mos Vend-e-ria-mos Part-i-ria-mos  
Cant-a-rie-is Vend-e-rie-is Part-i-rie-is

Cant-a-ria-m Vend-e-ria-m **Part-i-ria-m**

### MODO SUBJUNTIVO

#### Presente

Cant-e Vend-a **Part-a**

Cant-e-s Vend-a-s **Part-a-s**

Cant-e Vend-a **Part-a**

Cant-e-mos Vend-a-mos **Part-a-mos**

Cant-e-is Vend-a-is **Part-a-is**

Cant-e-m Vend-a-m **Part-a-m**

### Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse Vend-e-sse **Part-i-sse**

Cant-a-sse-s Vend-e-sse-s **Part-i-sse-s**

Cant-a-sse Vend-e-sse **Part-i-sse**

Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-i-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-i-sse-is

Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	<b>Part-i-sse-m</b>
--------------	--------------	---------------------

<b>Futuro</b>		<b>Part-i-r</b>
Cant-a-r	Vend-e-r	

Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	<b>Part-i-re-s</b>
-------------	-------------	--------------------

		<b>Part-i-r</b>
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	<b>Part-i-r-mos</b>

Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	<b>Part-i-r-des</b>
--------------	--------------	---------------------

Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	<b>Part-i-re-m</b>
-------------	-------------	--------------------

#### MODO IMPERATIVO

##### Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	<b>Part-e tu</b>
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

##### Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

#### FORMAS NOMINAIS

##### Infinitivo

*Não flexionado*

Cant-a-r	Vend-e-r	<b>Part-i-r</b>
----------	----------	-----------------

*Flexionado*

## **Part-i-r**

Cant-a-r

Vend-e-r

Cant-a-re-s

Vend-e-re-s

## **Part-i-re-s**

Cant-a-r

Vend-e-r

## **Part-i-r**

Cant-a-r-mos

Vend-e-r-mos

## **Part-i-r-mos**

Cant-a-r-des

Vend-e-r-des

## **Part-i-r-des**

Cant-a-re-m

Vend-e-re-m

## **Part-i-re-m**

### **Gerúndio**

Cant-a-ndo

Vend-e-ndo

## **Part-i-ndo**

### **Particípio**

Cant-a-do

Vend-i-do

## **Part-i-do**

### 2 – Conjugação composta<sup>61</sup>

#### MODO INDICATIVO

##### **Pretérito perfeito composto**

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

##### **Pretérito mais-que-perfeito composto**

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhamos cantado	Tinhamos vendido	Tinhamos partido
Tinheis cantado	Tinheis vendido	Tinheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

##### **Futuro do presente composto**

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido

Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

### Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teréis cantado	Teréis vendido	Teréis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

### MODO SUBJUNTIVO

#### Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

#### Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

#### Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

### FORMAS NOMINAIS

#### Infinitivo

##### *Não flexionado composto*

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
-------------	-------------	-------------

##### *Flexionado composto*

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

#### Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido
---------------	---------------	---------------

**MODO INDICATIVO**

**Presente**

Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm <sup>1</sup>	Hão

**Pretérito Imperfeito**

Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tinhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tinheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinhama	Haviam

**Pretérito perfeito**

Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

**Pretérito mais-que-perfeito**

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivêramos	Tivêramos	Houvêramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

**Futuro do presente**

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estaréis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

**Futuro do pretérito**

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estariâmos	Teríamos	Haveríamos
Serieis	Estarieis	Terieis	Haverieis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

**MODO SUBJUNTIVO**

**Presente**

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja

Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

### Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis
Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

### Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

### MODO IMPERATIVO

#### Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu <sup>2</sup>	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejam os nós	Tenham os nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

#### Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

### FORMAS NOMINAIS

#### Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
-----	-------	-----	-------

#### Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

### Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo
-------	---------	-------	---------

### Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido
------	--------	------	--------

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem, deem, leem, veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (*de vir*). Note-se, de passagem, que as dissílabas *creem, deem, leem, veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram *crem, dem, lem, vem*.

2. Com final, e não com *n*.

MODO INDICATIVO Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)		} sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)		
Tem	(ou há)		
Temos	(ou havemos)		
Tendes	(ou haveis)		
Têm	(ou hão)		

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)		} sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)		
Tinha	(ou havia)		
Tínhamos	(ou havíamos)		
Tínheis	(ou havíeis)		
Tinham	(ou haviam)		

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)		} sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)		
Terá	(ou haverá)		
Teremos	(ou haveremos)		
Tereis	(ou havereis)		
Terão	(ou haverão)		

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)		} sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)		
Teria	(ou haveria)		
Teríamos	(ou haveríamos)		
Teríeis	(ou haveríeis)		
Teriam	(ou haveriam)		

MODO SUBJUNTIVO Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)		} sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)		
Tenha	(ou haja)		
Tenhamos	(ou hajamos)		
Tenhais	(ou hajais)		
Tenham	(ou hajam)		

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	}	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)		
Tivesse	(ou houvesse)		
Tivéssemos	(ou houvéssemos)		
Tivésseis	(ou houvésseis)		
Tivessem	(ou houvessem)		

## **Futuro composto**

Tiver	(ou houver)	}	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)		
Tiver	(ou houver)		
Tivermos	(ou houvermos)		
Tiverdes	(ou houverdes)		
Tiverem	(ou houverem)		

#### **FORMAS NOMINAIS Infinitivo não flexionado composto**

Ter (ou haver) sido, estado, tido, havido

## **Infinitivo flexionado composto**

Ter	(ou haver)	}	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)		
Ter	(ou haver)		
Termos	(ou havermos)		
Terdes	(ou haverdes)		
Terem	(ou haverem)		

## **Gerúndio**

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

## MODO INDICATIVO

<b>Presente</b>	<b>Pretérito imperfeito</b>	<b>Pretérito perfeito</b>
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

### Pretérito mais-que-perf.

Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Porieis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

## MODO SUBJUNTIVO

**Presente**                    **Pretérito imperfeito**                    **Futuro**

Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Pusésseis	Puserdes
Ponham	Pusessem	Puserem

## MODO IMPERATIVO

### Afirmativo

## Negativo

Poe tu

Não ponhas tu

Ponha você

Não ponha você

Ponhamos nós

Não ponhamos nós

Ponde vós

Não ponhais vós

Ponham vocês

Não ponham, vocês

## FORMAS NOMINAIS

Instituto de Ciencias

Institut für Chemie und

B6

B6

Based

B6

D

P-1

Capítulo 1

Ranunculus

Band 2

Data

## 2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

### Pretérito perfeito composto

Preterito perfeito	
Tenho	posto
Tens	posto
Tem	posto
Temos	posto
Tendes	posto
Tâm	posto

#### **Pretérito mais-que-perfeito composto**

Tinha	posto
Tinhas	posto
Tinha	posto
Tinhamos	posto
Tinheis	posto
Tinham	posto

**Futuro do presente composto**

Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto
Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Terieis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

**Futuro do pretérito composto****MODO SUBJUNTIVO****Pretérito perfeito**

	<b>Pretérito mais-que-perf.</b>	<b>Futuro</b>
Tenha	Tivesse	Tiver
Tenhas	Tivesses	Tiveres
Tenha	Tivesse	Tiver
Tenhamos	Tivéssemos	Tivermos
Tenhais	Tivésseis	Tiverdes
Tenham	Tivessem	Tiverem

**FORMAS NOMINAIS****Infinitivo não flexionado**

Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

**Infinitivo flexionado****Gerúndio composto**

Tendo	posto
-------	-------

**MODO INDICATIVO****Presente**

	<b>Pretérito imperfeito</b>	<b>Pretérito perf. simples</b>	
Sou	amado	Fui	amado
És	amado	Foste	amado
É	amado	Foi	amado
Somos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Fostes	amados
São	amados	Foram	amados

**Pretérito perfeito composto**

Tenho	sido amado	Fora	amado
Tens	sido amado	Foras	amado
Tem	sido amado	Fora	amado
Temos	sido amados	Fôramos	amados

**Pretérito mais-que-perfeito simples**

Tendes	sido amados	Fôreis	amados
Têm	sido amados	Foram	amados

### Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado	Serei	amado
Tinhas	sido amado	Serás	amado
Tinha	sido amado	Será	amado
Tinhamos	sido amados	Seremos	amados
Tinheis	sido amados	Sereis	amados
Tinham	sido amados	Serão	amados

### Futuro do presente simples

Terei	sido amado	Seria	amado
Terás	sido amado	Serias	amado
Terá	sido amado	Seria	amado
Teremos	sido amados	Seríamos	amados
Tereis	sido amados	Serieis	amados
Terão	sido amados	Seriam	amados

### Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Tericéis	sido amados
Teriam	sido amados

### MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito			
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

### Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

### FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo não flexionado composto
Ser	amado

**Infinitivo flexionado composto**

Ser	amado
Seres	amado
Ser	amado
Sermos	amados
Serdeis	amados
Serem	amados

**Infinitivo flexionado**

Ter	sido amado
Teres	sido amado
Ter	sido amado
Termos	sido amados
Terdeis	sido amados
Terem	sido amados

**Gerúndio**

Sendo amado

**Gerúndio composto**

Tendo sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva: 1.<sup>a</sup>) O participio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino: Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.<sup>a</sup>) Também nas três pessoas do plural o participio vai ao plural: Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.<sup>a</sup>) Na voz passiva não se usa o imperativo.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados: a) *próclise*: se o vocáculo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico); b) *mesóclise*: se o vocáculo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico); c) *énclise*: se o vocáculo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural: queixo-me

queixas-te  
queixa-se  
queixamo-nos queixais-vos  
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto: Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:  
**Apiedar-se**

**MODO INDICATIVO****Presente**

apiedo-me	apiedava-me
apiedaste	apiedavas-te
apieda-se	apiedava-se
apiedamo-nos	apiedávamo-nos
apiedais-vos	apiedáveis-vos
apiedam-se	apiedavam-se

**Pretérito imperfeito****Pretérito perfeito**

apiedei-me
apiedaste-te
apiedou-se
apiedamo-nos
apiedastes-vos
apiedaram-se

**Pretérito perfeito composto****Pretérito mais-que-perfeito**

tenho-me	apiedado <sup>1</sup>
tens-te	apiedado
tem-se	apiedado
temo-nos	apiedado
temdes-vos	apiedado
tém-se	apiedado

apiedara-me
apiedaras-te
apiedara-se
apiedáramo-nos
apiedáreis-vos
apiedaram-se

**Pretérito mais-que-perfeito composto****Futuro do presente**

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tinhamo-nos	apiedado
tinheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

apiedar-me-ei <sup>2</sup>
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

**Futuro do presente composto**

ter-me-ei	apiedado	apiedar-me-ia
ter-te-ás	apiedado	apiedar-te-ias
ter-se-á	apiedado	apiedar-se-ia
ter-nos-emos	apiedado	apiedar-nos-íamos
ter-vos-eis	apiedado	apiedar-vos-íeis
ter-se-ão	apiedado	apiedar-se-iam

**Futuro do pretérito**

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a participio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

**MODO SUBJUNTIVO NOTA:** Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

**Presente**

apiede-me	apiedasse-me
apiedes-te	apiedasses-te
apiede-se	apiedasse-se
<i>apiedemo-nos</i>	<i>apiedássemo-nos</i>
apiedeis-vos	apiedásseis-vos
apiedem-se	apiedassem-se

**Pretérito imperfeito****Pretérito perfeito**

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

**Pretérito mais-que-perfeito**

tivesse-me	apiedado
tivesses-te	apiedado
tivesse-se	apiedado
<i>tivéssemo-nos</i>	<i>apiedad</i>
tivésseis-vos	apiedado
tivessem-se	apiedado

**Futuro composto**

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

**MODO IMPERATIVO****Afirmativo**

apiede-te tu
apiede-se você
<i>apiedemo-nos nós</i>
apiedai-vos vós
apiedem-se vocês

**Negativo**

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

**FORMAS NOMINAIS****Infinitivo não flexionado simples****Infinitivo não flexionado composto**

apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado

**Infinito flexionado simples****Infinito flexionado composto**

apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
<i>apiedarmo-nos</i>	<i>termo-nos</i>	<i>apiedado</i>
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
<b>Gerúndio simples</b>		
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
<b>Particípio</b>		

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos: *a)* se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: *ponho-o*, *ponho-a*, *ponho-os*, *ponho-as*; *b)* se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*: *pôr lo* = *pô-lo*; *pões lo* = *põe-lo*; *diz lo* = *di-lo*; *deixar lo ia* = *deixá-lo-ia* OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a)</sup> Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.<sup>a)</sup> Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo* = *tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos*, *nas*: *põe + o* = *põe-no*; *viram + a* = *viram-na*.

NOTA: Se os pronomes vêmantes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. [62](#)

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas: **Pô-lo** (só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO		
Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
<b>Pret. Mais-que-perf.</b>		
<b>futuro do presente</b>		
Pusera-o	pô-lo-ei <sup>1</sup>	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-ieis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam
<b>Futuro do pretérito</b>		

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro	
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!	
ponha-lo	pusesse-lo		
ponha-o	pusesse-o		
ponhamo-lo	puséssemos-lo		
ponhai-lo	puséssei-lo		
ponham-no	pusessem-no		

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
põe-no tu <sup>2</sup>	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

ponha-o você

ponhamo-lo nós

ponde-o vós<sup>2</sup>

ponham-no vocês

## FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	Gerúndio	Partípicio
pô-lo	pondô-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

*Pret. perf. ind.:* dei, deste, deu, demos, destes, deram

*M.-que-Perf. ind.:* dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

*Pres. subj.:* dê, dês, dê, demos, deis, deem

*Pret. imperf. subj.:* desse, desses, desse, déssemos, dêsseis, dessem

*Fut. subj.:* der, deres, der, dermos, derdes, derem.  
Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

## Estar Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar e sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar, etc.*

*Pret. perf. ind.:* coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

*M.-q.-perf. ind.:* coubera, couberas, coubera, coubéraramos, coubérreis, couberam

*Pres. subj.:* caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

*Pret. imp. subj.:* coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

*Fut. subj.:* couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

## Comprazer Ver prazer.

**Crer** *Pres. ind.:* creio, crês, crê, cremos, credes, creem.

*Pret. perf. ind.:* cri, creste, creu, cremos, crestes, creram

*Pres. subj.:* creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam

*Pret. impa. subj.:* cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem

*Fut. subj.:* crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

*Imperativo:* crê, crede.

*Part.:* crido.

Comeste conjuga-se *descrer*.

**Dizer** *Pres. ind.:* digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

*Pret. Perf. ind.:* disse, dissesse, disse, dissemos, dissetes, disseram

*M.-q.-perf. ind.:* disserra, disseras, disserra, disséramos, disséreis, disseram

*Fut. pres.:* direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

*Fut. pret.:* diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.

*Pres. subj.:* diga, digas, diga, digamos, digais, digam

*Pret. imperf. subj.:* dissesse, dissessem, dissesse, disséssemos, disséssseis, dissessem

*Fut. subj.:* disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem, *Imperativo:* dize, dizei.

*Part.:* dito.

Por este se conjugam *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*.

**Fazer** *Pres. ind.:* faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

*Pret. perf. ind.:* fiz, fizeste, fiz, fizemos, fizestes, fiziram

*M.-q.-perf. ind.:* fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram  
*Fut. pres.:* farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.  
*Fut. pret.:* faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam  
*Pres. subj.:* faça, faças, faça, façamos, façais, façam  
*Pret. imp. subj.:* fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem  
*Fut. subj.:* fizer, fizeres, fizer, fizeremos, fizerdes, fizerem  
*Imperativo:* faz(e), fázei.  
*Part.:* feito.  
Por este se conjugam *a fazer*, *contra fazer*, *des fazer*, *lique fazer*, *per fazer*, *refazer*, *rare fazer*, *satis fazer*.

### **Haver** Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

**Jazer** *Pret. ind.:* jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.

*Pret. Perf. ind.:* jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram  
As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.  
Por este se modela *adjazer*.

**Ler** *Pres. ind.:* leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

*Pret. perf. ind.:* li, leste, leu, lemos, lestes, leram  
*M.-q.-perf. ind.:* lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram  
*Pres. subj.:* leia, leias, leia, leiamos, leiai, leiam  
*Pret. imp. subj.:* lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem  
*Fut. subj.:* ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem  
Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

**Perder** *Pres. ind.:* perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

*Pres. subj.:* perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

**Poder** *Pres. ind.:* posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

*Pret. perf. ind.:* pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam  
*M.-q.-perf. ind.:* pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam  
*Pres. subj.:* possa, possas, possa, possamos, possais, possam  
*Pret. imp. subj.:* pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem  
*Fut. subj.:* puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem  
Desusado modernamente no imperativo.

### **Prazer** (Pouco usado na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa)

*Pres. ind.:* praz, prazem  
*Pret. perf. ind.:* prouve, prouveram  
*M.-q.-perf. ind.:* prouvera, prouveram  
*Pret. imp. subj.:* prouvesse, prouvessem  
*Fut. subj.:* prouver, prouverem  
Por este se conjugam *aprazer*, *desprazer*, *desaprazar*, verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer* são verbos completos e se modelam por *prazer*; no pret. perfeito e m-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.  
(...) o poeta (...) não aprazia a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

**Querer** *Pres. ind.:* quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

*Pret. Perf. ind.:* quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quisaram  
*M.-q.-perf. ind.:* quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quisaram  
*Pres. subj.:* queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram  
*Pret. imp. subj.:* quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisesse  
*Fut. subj.:* quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem  
*Part.:* querido (a forma quisto só se usa *embenquito* e *malquisto*).  
A moderna forma *querer*, 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, em lugar de *quer*, só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o, a, os, as*) postosto à 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o*: “Qué-lo o teu povo” [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos*.

**Requerer** *Pres. ind.:* requireiro, requereres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

*Pret. Perf. ind.:* requerer, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram  
*M.-q.-perf. ind.:* requerera, requereras, requerera, requeréramos, requeréreis, requereram  
*Pres. subj.:* requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram  
*Pret. imp. subj.:* requeresse, requeresses, requeresse, requeréssemos, requerésseseis, requeressem  
*Fut. subj.:* requerer, requereres, requerer, requeremos, requererdes, requererem  
*Imperativo:* requer(e), requerei.  
*Part.:* requerido.

A 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

**Saber** *Pres. ind.:* sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.

*Pret. perf. ind.:* soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam  
*M.-q.-perf. ind.:* soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam  
*Pres. subj.:* saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam  
*Pret. imp. subj.:* soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

*Fut. subj.:* souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

**Ser** Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

**Ter** Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

**Traz** *Pres. ind.:* trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

*Pret. perf. ind.:* trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

*M.-q.-perf. ind.:* trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

*Futuro do pres.:* trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

*Fut. do pret.:* traria, trarias, traria, trariámos, trarieis, trariam

*Pres. subj.:* traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

*Pret. imp. subj.:* trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

*Imperativo:* traz(e), trazei.

**Vale** *Pres. ind.:* valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

*Pres. subj.:* valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

*Val*, por vale, é forma corrente entre os portugueses.

Como *vale* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

**Ver** *Pres. ind.:* vejo, vês,vê, vemos, vedes veem.

*Pret. imp. ind.:* via, vias, via, viâmos, viâis, viam

*Pret. perf. ind.:* vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

*M.-q.-perf. ind.:* vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

*Pres. subj.:* veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

*Pret. imp. subj.:* visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

*Fut. subj.:* vir, vires, vir, vírmos, virdes, virem

*Part.:* visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito perfeito do indicativo e derivados, e participio, quando se conjugam regularmente.

*Pret. Perf. ind.:* provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

*M.-q.-perf. ind.:* provera, proveras, provera, provéramos, provéreis, proveram

*Fut. subj.:* prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem

*Part.:* provido.

*Pret. Perf. ind.:* acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem

*Pres. subj.:* acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam

*Pret. imp. subj.:* acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudisseis, acudissem

*Imperativo:* acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir*, *construir*, *cuspir*, *destruir*, *engolir* 63, *entupir* 64, *escapulir*, *fugir* 65, *sacudir*, *subir*, *sumir* 66.

*Construir*, *destruir* e *entupir*, como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis*, *construi*, *destrui*, *entupes*, *entupe*.

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

**Cair** *Pres. ind.:* caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

*Pret. imp. ind.:* caia, caías, caia, caímos, caíeis, caíam

*Pret. perf. ind.:* caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, cairam

*M.-q.-perf. ind.:* caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram

*Fut. pres.:* cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

*Fut. pret.:* cairia, cairias, cairia, cairímos, cairíeis, cairiam

*Pres. subj.:* caia, caías, caia, caímos, caíais, caíam

*Pret. imp. subj.:* caíssse, caísses, caíssse, caíssemos, caíssseis, caísssem

*Fut. subj.:* cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem

Por este se conjugam *atrair*, *contrair*, *distrair*, *esvair*, *retrair*, *sair*, *subtrair*, *trair*, *embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

**Cobrir** *Pres. ind.:* cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

*Pret. Perf. ind.:* cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram

*Pres. subj.:* cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram

*Imperativo:* cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir*, *dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir*, *recobrir* e *tossir* (regular no part.: *tossido*).

**Frigir** *Pres. ind.:* frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

*Pres. subj.:* fija, fijas, fija, fijamos, fijais, fijam

*Imperativo:* frege, fija, fijamos, frigi, fijam

*Part.:* frígido e frito.

Atente-se para a troca de *g* por *j* antes de *a* e *o*.

**Ir** *Pres. ind.:* vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

*Pret. imp. ind.:* ia, ias, ia, iamos, ieis, iam

*Pret. Perf.:* fui, foste, fôi, fômos, fôstes, fôram

*M.-q.-perf. ind.:* fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, fôram

*Fut. pres.:* irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.  
*Fut. Pret.:* iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam  
*Pres. subj.:* vá, vás, vá, vamos, vades, vão.  
*Pret. imp. subj.:* fôsse, fôsses, fôsse, fôssemos, fôsseis, fôsseis  
*Fut. subj.:* fôr, fôres, fôr, fôrmos, fôrdes, fôrem  
*Imperativo:* vai, vá, vamos, ide, vão.  
*Gerúndio:* indo.  
*Part.:* ido.

**Medir** *Pres. ind.:* meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

*Pres. subj.:* meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam  
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

**Mentir** *Pres. ind.:* minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.

*Pres. subj.:* minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam  
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir*, *sensitir*.

**Ouvir** *Pres. ind.:* ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.

*Pres. subj.:* ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam  
Entre portugueses ocorre a variante *oiço*, ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam*.

**Pedir** *Pres. ind.:* peço, pedes, pede, etc.

*Pres. subj.:* peça, peças, peça, etc.  
*Pedir* serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

### **Parir**

**Polir** (= *lustrar, civilizar*) *Pres. ind.:* pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.

*Pret. perf.:* poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram  
*Pres. subj.:* pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam  
*Imperativo:* pule, pula, pulamos, poli, pulam  
Por este verbo se conjugam *despolir e sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (comu) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67](#).  
“...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeta o formoso edifício da moderna civilização”. [AH.2, 142].

**Progredir** *Pres. ind.:* progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.

*Pret. imp. ind.:* progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam  
*Pret. perf. ind.:* progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram  
*Pres. subj.:* progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam  
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir*. *Remir*, hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir*: rimo, rimes, rime, remimos, remis, rimem  
“Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz” [AH.2, 149].

**Rir** *Pres. ind.:* rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

*Pret. imperf. ind.:* ria, rias, ria, râmos, rieis, riam  
*Pret. perf. ind.:* ri, riste, riu, rimos, ristes, riram  
*Part.:* rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

**Servir** *Pres. ind.:* sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

*Pres. subj.:* sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam  
*Imperativo:* serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam  
Por este verbo se conjugam *aderir, advertir, aférir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despír, digerir, divertir, expelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir*.

**Submergir** *Pres. ind.:* submerjo (ê), submerges (ê), submerge (ê), submergimos, submergis, submergem (ê).

*Pres. subj.:* submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).  
*Imperativo:* submerge (ê), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).  
Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

**Vir** *Pres. ind.:* venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

*Pret. imperf. ind.:* vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vinheis, vinham  
*Pret. Perf. ind.:* vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram  
*Fut. pres.:* virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.  
*Fut. pret.:* viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam  
*Pres. subj.:* venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham  
*Fut. subj.:* vier, vieres, vier, viermos, vierdes, viarem  
*Imperativo:* vem, venha, venhamos, vinde, venham  
*Gerúndio:* vindo.  
*Part.:* vindo.  
Por este modelo se conjugam *advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir*.

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

*Presente* – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

	Presente	Passado		
Não futuro	<i>canto</i>	<i>cantava</i>	<i>cantei</i>	Presente
		<i>cantara</i>		
Futuro	<i>cantarei</i>	<i>cantaria</i>		Passado

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um “presente do passado” (*cantava* – *cantei*) e um “passado do passado” (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço “negativo” ou “neutral” em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos “positivos”, isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, “em lugar” do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos “agora mesmo”, e não “em seguida”, depois do momento em que falo” (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala: “Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo” [M.A.1, 56].

b) que acontece habitualmente: A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o “presente eterno”): “O interesse adota e defende opiniões que a consciência reaprova” [MM].

Emprega-se o presente:

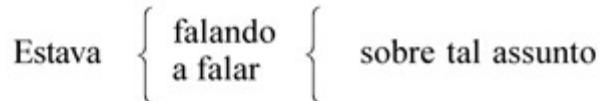
a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais: “Pela manhã, bates-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, procuras entrar. Um peso imprevisto detém o esforço do teu braço. Insistes. Entras. E recuas, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito” [HC.1, 16-17]. [68](#)

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão: Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo: Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*: Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

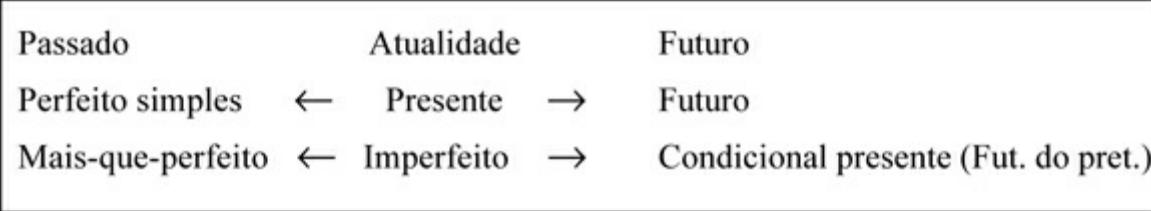
OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.



*Pretérito imperfeito* – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um “anterior”, enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um “depois”. Daí o imperfeito não significar nem “antes” nem “depois” e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um “presente” do passado. Como um segundo “presente” pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano “inatual”, pode ser empregado “em lugar” do seu pretérito (passado) e de seu futuro:



Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente: “Eugênia coxeava um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé” [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito: “Queria viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida” [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante: “Se me desprezasses, morreria, *matava-me*” [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES: 1.) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito: Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs.].

2.) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu: Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado “prelúdico” ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. “Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês” (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

*Pretérito perfeito* – “O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado” [SA.5, II, 103]: “Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*” [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no romântico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime: a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual: “Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa” [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado: *Tenho dito* (no fim dos discursos).

*Pretérito mais-que-perfeito* (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada: “No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima...” [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito: “Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos” [ED.1, § 208].

“Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado” [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene: “dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *forsa* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida” [LC.2, 147].

“Que *forsa* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?” [AH.1, 32].

*Futuro* – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar: “Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio” [MM].

“Sema crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável” [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir: a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta: “O mal não *será* a especiaria do bem?” [MM].

Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro “não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito” [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais: *Defenderás* os teus direitos.

Não *furtarás*.

“Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção”, o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*” [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar: a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição: “A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígio que a circundam” [MM].

“Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus” [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado: Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.  
Seria isso verdadeiro?

c) incerteza: *Haveria* na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal: Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) sabido da prova.

**2) Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar: Bons ventos o *levem*.

“Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não *terás* de arrepender-te” [MM].  
“Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos” [MM].  
“*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho” [MM].  
“Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi!* Talvez *chorem* com lágrimas de sangue” [AH.5, I, 58].  
“Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos” [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: “Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome” [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos: a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento: “Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros” [AH.1, 146].

“Proibi-te que o *revelasses*” [AH.5, I, 294].  
Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade: Cumpre que *venhas cedo*.

Convém que não nos *demoremos*.  
É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais: “... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu...” [AH.5, II, 321].

“A luz... que *suspeitávamos* procedesse de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte...” [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo: “*Suspeitava-se* que era a alma da velha Brites que andava ali penada” [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem: a) fim: “Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel” [RB]. b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*): “Daqui levarás tudo tão sobrejo

Com que *faças* (= que comisso) o firma teu desejo” [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade: Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade) O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura) d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação: “Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.”

Quem há aí que *seja* completamente feliz?” [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo: a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira: “Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada” [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito: “Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência” [MM].

“Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana” [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado, ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*: “Se as viagens simplesmente *instruissem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos” [MM].

“E moviamos lábios, como se *tentassem* falar” [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo: “Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos” [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real: “Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte” [MM].

“Não subais tão alto que a queda *seja* mortal” [MM].

e) nas finais: “Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados” [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo): “Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio” [AH.1, 215].

*Casos particulares:* 1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo: Quem diria que ele *era capaz* disso.

Quem diria que ele *fosse capaz* disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo: Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo: “Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário” [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto: “Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave” [ED.1, 128].

**3) Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente: a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes: “Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar, rapazes*” [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem: *Queira aceitar* meus cumprimentos.

**OBSERVAÇÃO:** Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

“Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça” [J. Dinis].

“E ele a *rir-se*, ele a *regalar-se*” [EQ] [70](#)

“Pois, se *ousais* levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais” [AH apud FB.1, 196].

“Depois mostraram-lhe, uma um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha” [CBr apud FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos: a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere: “*Possas* tu, descendente maldito De uma tribo de nobres guerreiros,

Implorando cruéis fôrasteiros,

*Seres presa de vis Aimorés*” [GD.4, II, 31].

“... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascarem* ou *anularem-se*, *crescerem* ou *diminuirem* em certos pontos desses vastos territórios” [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois: “*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d’infância na tua linhagem” [AH.2, 174].

**2) Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos:** Com os causativos *deixar, mandar, fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente: “Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou-lhes erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto” [AH.2, 64].

“*Fazei-os parar*” [AH.2, 75].

“*Deixaí vir* a mamas criancinhas”.

Mas flexionado em:

“e *deixou fugirem-lhe* duas lágrimas pelas faces” [AH.2, 155]. [71](#)

“Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem-se* os nomes velhos que têm português” [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido: “Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvore” [AH.2, 101].

“... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger e estalar* as vigas dos simples...” [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado: “Em Alcoentre os ginete e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem-lhe* traidor e hipócrita” [AH.2, 96].

“Creio que comi: *senti renovarem-se-me* as fôrças” [AH.2, 172].

**OBSERVAÇÕES:** 1.) Como causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo ([obs. 5.º](#)): “*Deixe-o embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele” [AH.2, 77].

“O fôquei *deixou-o afastar* (por *afastar-se*)” [AH.2].

“Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar-se* a estrupiada dos cavalheiros...” [AH.3, 265-6].

“E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar: “*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

**3) Infinitivo fora da locução verbal:** Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de

insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida  
                          para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais: 1.) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente); 2.) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; 3.) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]: Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH apud FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* emprosa” [CBr.1, 60].

À força do uso já se fazem concessões aos verbos: *apelar*: A sentença não foi *apelada*.

*aludir*: Todas as faltas foram *aludidas*.

*obedecer*: Os regulamentos não são *obedecidos*.

*pagar*: As pensionistas *forampagam* ontem

*perdoar*: Os pecadores devem ser *perdoados*.

*responder*: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema: 1.) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva; 2.) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva; 3.) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo; 4.) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

*Ativa Passiva* Eu li o livro O livro foi lido por mim Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

*Ativa Passiva* Nós o ajudamos ontem Ele, ontem, foi ajudado por nós Exemplo 3 (com sujeito indeterminado): *Ativa Passiva* Enganar-me-ão Eu serei enganado Exemplo 4 (com tempo composto):

*Ativa Passiva* Eles têm cometido erros Erros têm sido cometidos por eles Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal): *Ativa Passiva* Vendem casas Vendem-se casas Vendem esta casa 7 – ADVÉRBIO Advérbio

**Advérbio** – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial: *Aqui* tudo vai *bem* (lugar e modo).

*Hoje* não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez* não tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O **advérbio** é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira: José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito bem* (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

*Felizmente* José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentária).

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto quanto substância, mas quanto qualidade que esta substância apresenta: Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta [PL apud por EBm.1, 8].

*Pessoas assim* não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos: *A vida é assim*.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória “a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios”.

*Até então* os telefones não funcionavam.

*Desde cedo* já havia compradores de ingresso.

*De longe* já se viam as chamas.

*Por aqui* se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor *que* para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção: *Agora que* tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

*Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se depois que se gradue.*

*Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.*

*Assim que chegou, começou a trabalhar.*

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [M Ma.1, 153]: Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Os livros ficam *debaixo da mesa*. (*sob a mesa*) O carro estacionou *em frente da casa*.

A jarra repousa *em cima da mesa*. (*sobre a mesa*) Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento, permite a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas semi circulação frequente no idioma: “Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*” [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas: *na verdade, de nenhum modo, em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo: Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista “às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial, quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário” [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora, antes, tarde, etc.*), de *lugar* (*aqui, fora, etc.*), de *quantidade* (*tanto, muito, bastante, etc.*), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui, então, agora, aí, etc.*), os *relativos* (*onde, como, quando, etc.*) e *interrogativos* (*quando?, onde?, como?*).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são: 1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: “O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores” [LCo apud FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

**OBSERVAÇÃO:** A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor inclui-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das

*palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfáctico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas: 1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.: *Ate* o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.: Só Deus é imortal.

*Apenas* o livro foi vendido.

3 – *situação*: Mas que felicidade.

*Então* duvida que se falasse latim?

*Pois* não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.: Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

*Correu, isto é,* voou até nossa casa.

5 – *designação*: Eis o homem.

6 – *realce*: Nós é que somos brasileiros.

7 – *explicativo*: lá, só, ora, que: Eu sei lá!

Vejamsó que coisa!

Oh! Que saudade que tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.: Eram três irmãos, a saber: Pedro, Antônio e Gilberto.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais: Você vai ao cinema? – *Sim*.

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também*.

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam “estados de coisas” designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso: *De fato* nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como: *Certamente!*

*Naturalmente!*

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

*Certamente* ela não virá hoje.

Todos saíram *ilesos, felizmente*.

*Naturalmente* ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferenciar as orações pelo seu “significado ôntico”, isto é, o valor de existência que se atribui ao “estado de coisas” designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) [72](#). É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*: Ele veio / Ele não veio Ela chega / Ela talvez chegue

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do “sufixo” *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfológicamente, da derivação e da composição (locução).

**OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a</sup>) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *és* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Dai dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.<sup>a</sup>) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocalilar de cada elemento constitutivo, ainda que mais attenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda atenta e resolutamente. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena: “Depois, ainda falou gravemente e longamente sobre a promessa que fizera” [MA apud SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos: a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que, no qual* (e flexões): A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grava-se *aonde* e *onde*: O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *onde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente: Moro *onde* mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa: Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? [73](#). Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceituou que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por + que*. Melhor seria, segundo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocabulário. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, “expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva” [MAg.1, 197].

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo [74](#): Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo) Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio) A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

- 1 – COMPARATIVO DE
- a) inferioridade:* Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) igualdade:* Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) superioridade:* {  
*1) analítico:* Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.  
*2) sintético:* Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.
- 2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) sintético:* Falou *pessimamente, altíssimo, baixíssimo, dificilímo*.
- b) analítico:* Falou *muito ruim, muito alto, extremamente baixo, consideravelmente difícil, o mais depressa possível* (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou graduações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português.

3 – DIMINUTIVO COM VALOR DE SUPERLATIVO – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem: Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação: Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

OBSERVAÇÃO: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*: “Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria” [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos: “Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos” [AH.1, 224].

“Coma maçã jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas...” [AH.1, 108].

**Preposição** – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

*Aldenora gosta de Belo Horizonte* a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

*homem de coragem*, a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (*homem corajoso*), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: *homem de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição: *livro de história útil* a todos *alguns* de vocês *necessito* de ajuda *referentemente* ao assunto *ai* de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio: casa de *Pedro* pulou de *contente* gosta de *estudar em chegando* ficou por *aqui*. No exemplo:

*De noite* todos os gatos são pardos, o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

*Aldenora gosta de Belo Horizonte*,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com “a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)” [MC.4, 217].

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado único), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de “companhia” (*dancei com Marlit*), “modo” (*estudei com prazer*), “instrumento” (*cortei o pão com a faca*), “causa” (*fugiu com medo do ladrão*), “oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com + x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em  *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a: Everaldo cortou o pão *com* a Rosa, pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75](#)

Ao primeiro campo pertencem: *a, contra, até, para, por, de e desde*; ao segundo: *ante, trás, sob, sobre, com, sem, em e entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a)* movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a, contra, até, para*); *b)* movimento de afastamento (*de, desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a)* “chegada ao limite” (*a, até, contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b)* “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a)* “origem” (*de*); *b)* “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a)* situação definida e concreta (*ante, trás, sob, sobre*); *b)* situação mais

imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “situação horizontal” (*ante, trás*); b) “situação vertical” (*sob, sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a) "copresença"*, distribuída em "positiva" (*com*) e "negativa" (*sem*); *b) em que a noção de "limite", dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre**.

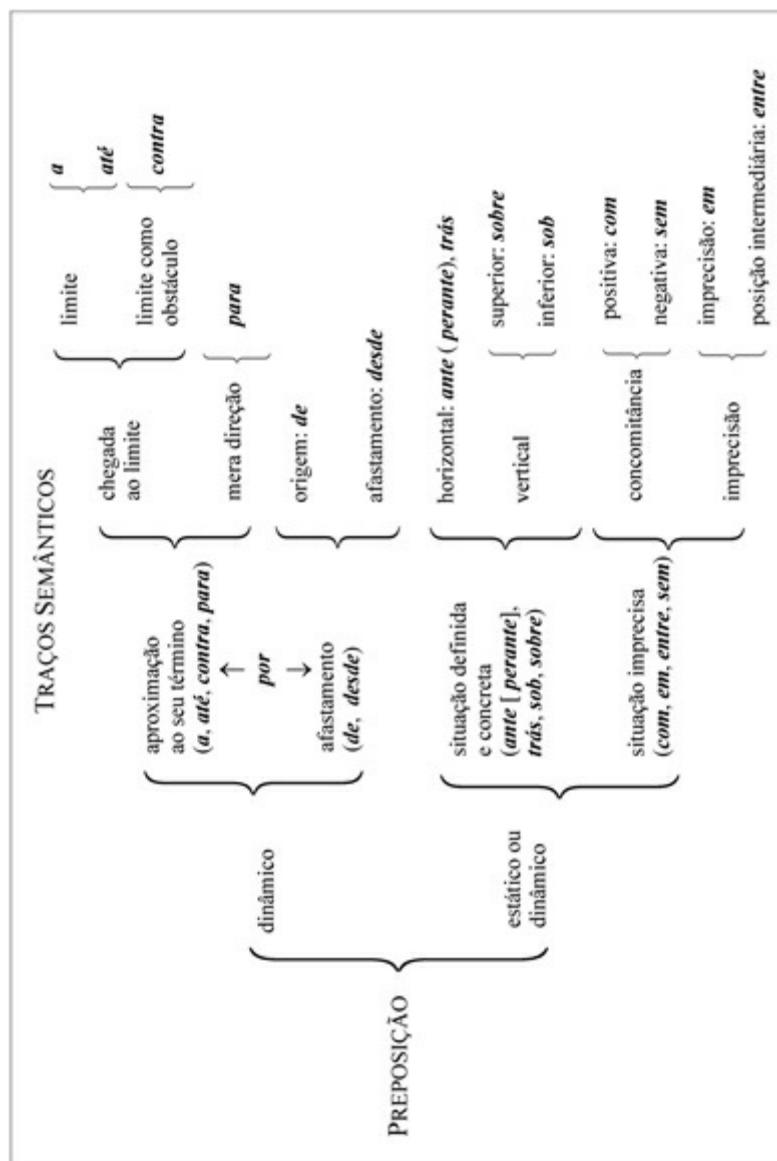
Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

*Após a chuva, vieram os prejuízos.*

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

*Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.*

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (*mais estes reais*, *menos estes reais*; *ele mais o pai*).



Não saímos *por causa da chuva*.

O colégio ficava *em frente* a casa.

O ofício foi redigido *de acordo com o modelo*.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a e para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante, como, conforme, feito, exceto, salvo, visto, segundo, mediante, tirante, fora, afora, etc.*

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos: Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de, para e por* com *entre, sob e sobre*.

“De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala...” [CBr.1, 175].

“Os deputados opositores conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores” [CBr.1].

OBSERVAÇÕES: 1.º) Pode ocorrer depois de algumas preposições accidentais (*exceto, salvo, tirante, inclusive, etc.* de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada: Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr apud MBa.3, 326].

2.º) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia: Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo: Então desde o Nilo ao Ganges *Cem povos armados* vi erguendo torvas filanges / *contra mim e contra ti* [Passos apud ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução: Antes *do bem e do mal* estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo: “Opor-se *aos* projetos e *aos* designios d’alguns” [ED.2]

3.º) Uma expressão prepositionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal: Levou-o *para ao* pé da cruz.  
Desde *pela manhã*, esperava novas notícias.

“Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela manhã* até a noite, desde a noite *até pela manhã*” [Mesquita apud MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de, pela manhã, etc.*) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Diz-se que há *contracção* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: [76](#)

A 1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino: *a + a = à; a + as = às* (esta fusão recebe o nome de *crase*) 2) com o pronome demonstrativo:

*a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase) a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase) a + aquilo = àquilo (crase)*

OBSERVAÇÕES: 1.º) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial: “Para Saussure a ‘ciência’ dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante” [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo: “Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste a *aquela* estratégia paradoxal” [MB.2, 248].

2.º) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo: Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos: *de Os Lusíadas; em Os Sertões*.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d’Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

**De** 1) com o artigo definido masculino e feminino: *de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das* 2) com o artigo indefinido (menos frequente): *de + um = dum; de + uns = duns*

*de + uma = dum; de + umas = dumas*

3) com o pronome demonstrativo:

*de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas de + aquilo = daquilo  
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas de +  
isso = disso; de + isto = disto*

4) com o pronome pessoal:

*de + ele = dele; de + eles = deles  
de + ela = dela; de + elas = delas*

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros  
de + outra = doutra; de + outras = doutras

#### 6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + ai = dai; de + ali = dali, etc.

**Em** 1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal: em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas 2) com o artigo indefinido:

em+ um= num; em+ uns = nuns  
em+ uma = numa; em+ umas = numas

#### 3) com o pronome demonstrativo:

em+ aquele = naquele; em+ aqueles = naqueles em+ aquela = naquela; em+ aquelas = naquelas em+ aquilo = naquilo

em+ esse = nesse; em+ esses = nesses; em+ este = neste; em+ estes = nestes em+ essa = nessa; em+ essas = nessas; em+ esta = nesta; em+ estas = nestas em+ isso = isso; em+ isto = nisto

#### 4) com o pronome pessoal:

em+ ele = nele; em+ eles = neles  
em+ ela = nela; em+ elas = nelas

**Per** – com as formas antigas do artigo definido: per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

**Para (pra)** – com o artigo definido: para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

**Co(m)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse): co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

(subordinado) (subordinante)  
*Os primos estudaram com José.*

(subordinante) (subordinado) *Com José os primos estudaram.*

(subordinado) (subordinante) “*Quem há de resistir?*

*Resistir quem há de?” [LG]*

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de
a fim de	de conformidade com	mediante
à frente de	defronte de	na conta de
ante	dentre	não obstante
antes de	dentro	para
ao lado de	dentro de	para com
ao longo de	dentro em	per
ao redor de	desde, dês	por
a par com	detrás de	por baixo de
apesar de	diante de	por cima de
após	durante	por defronte de
após de	em	por dentro de
a respeito de	embaixo de	por detrás de
à roda de	em cima de	por diante de
até	em favor de	por meio de
até a	em frente de	quanto a, enquanto a
atrás de	em lugar de	segundo
através de	em prol de	sem

com	em razão de	sem embargo de
como	em troco de	sob
conforme	em vez de	sobre
consoante	entre	trás
contra		

1) *A* Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos: *a*) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou pronomes oblíquos tônicos: “Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude” [MM].

“O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*”.

“A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige” [MM].

*b)* Introduz objetos diretos: “O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*” [MM].

“O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*” [MM].

*c)* Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará: “Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra” [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

*d)* Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo: “*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgílio com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua” [MA apud SS.1, 309].

*e)* Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção: *A ser* verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

“A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula” [MA.1, 201].

*f)* Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*: “Custou-lhe muito *a aceitar* a casa” [MA.1, 194].

*g)* Introduz numerosas circunstâncias, tais como: 1) termo de movimento ou extensão:

“Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*” [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Comos advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição: “Vem cá, Eugênia, disse ela...” [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

“Indaguei do guarda; dissem-me que efetivamente “esse sujeito” ia por ali às vezes. – *A* que horas?” [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

“... apresentaram-se *a falar ao imperador*” [RP apud FB.1, 145].

Tocar à missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a ave-márias* [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: “limpar as lágrimas *no lenço*”, “limpar as lágrimas *ao lenço*”.

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico: “Véjo-a a assomar à porta da alcova...” [MA.1, 14].

Estar à janela, ficar à mesa, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone* 6) semelhança, conformidade:

“Não sai *a nós*, que gostamos da paz...” [MA apud SS.1, 310].

“Desta vez falou *ao modo bíblico*” [MA apud SS.1].

Quempuxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, graduação: um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

“*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas horas e solares” [AH.3, 21].

8) preço:

*A* como estão as maçãs? *A* umreal o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao doente* (= doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais: à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

#### Emprego do à acentuado

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a* a cidade.

2.º quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial: à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES: 1.º) *Crase* é um fénômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.º) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar “pôr o acento grave indicativo da crase”. O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave: “Alencar *craseava* a preposição simples *a*” [JO.3,27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais: a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo: Fui à cidade.

Dirigia-se à Bahia e depois a Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de, em, por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da, na, pela*, o artigo será obrigatório:

Fui à Gávea	{	Venho <i>da</i> Gávea Moro <i>na</i> Gávea Passo <i>pela</i> Gávea
-------------	---	--

Fui <i>a</i> Copacabana	{	Venho <i>de</i> Copacabana Moro <i>em</i> Copacabana Passo <i>por</i> Copacabana
-------------------------	---	--

OBSERVAÇÕES: 1.º) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui à Copacabana de minha infância	{	Venho <i>da</i> Copacabana de minha infância. Moro <i>na</i> Copacabana de minha infância. Passo <i>pela</i> Copacabana de minha infância.
---------------------------------------	---	--

Assim se diz: Irei à casa paterna.

2.º) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de ou da, em ou na, por ou pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui	{	<i>à</i>	França	{	Venho	{	<i>da</i>	França
		<i>a</i>			Moro	{	<i>de</i>	
						{	<i>na</i>	França
						{	<i>em</i>	
						{	<i>pela</i>	França
						{	<i>por</i>	

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele, aquela, aquilo*:

Referiu-se	{	<i>à</i>		{		
		<i>àquele</i>				que estava do seu lado
		<i>àquela</i>				
		<i>àquilo</i>				

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto: Dirigiu-se àquela casa e não à sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural: às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

*Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:* a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a	{	uma certa qualquer cada toda	{	pessoa
---------	---	--	---	--------

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*: Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.

O autor *a cuja* obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.

Ali vai a criança *a quem* disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo: Ficou *a* ver navios.

Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.<sup>a</sup>, V.S.<sup>a</sup>, V. M., etc.: Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.

Requeiro *a* V.Ex.<sup>a</sup> com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota(f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto: Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

*A crase é facultativa nos seguintes casos principais:* a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigi-se	{	à	minha casa, e não à sua
	{	<i>a</i>	

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo *e*, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas	{	à	Ângela
	{	<i>a</i>	

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei	{	à	casa de meus pais
	{	<i>a</i>	

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.<sup>a</sup>) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até* Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam até	{	a	escola
	{	<i>à</i>	

“Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às lágrimas*, e disse com mui entranhado afeto” [CBr.1, 67].

“... e prometem ser-lhe amparo até ao fim” [CBR.1, 77].

“Albernaz saiu fóra da roda dos amigos e foi até a um canto da sala...” [LB apud SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de “inclusive”, “também”, “mesmo”, “ainda”. A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto: Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

*Até eu* recebi o castigo.

3) **Com** Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição: “Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína” [MM].

“Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor” [MM].

“A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro” [MM].

“Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas” [MM].

“Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate” [MM].

“O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor” [MM].

“A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade” [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal): “O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio” [MM].

“O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio” [MM].

4) **Contra** Denota oposição, direção contrária, hostilidade: Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré Votar *contra* alguém Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar, estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando: “*Apertei contra* o coração o punho da espada” [AH.5, I, 37].

“E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito...” [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de “em troca de”, bem como no sentido de “junto a”, “ao lado de”: Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) **De a)** Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará: “Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos” [MM].

“O temor *da morte* é a sentinela da vida” [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos: “A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal” [MM].

“A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra” [MM].

“Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da vida doméstica* e *de todos* aqueles lugares não vistos *da multidão*” [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição: “A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos” [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita: “... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas” [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede: “O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto” [MM].

Cantar de alegria, morrer *de medo*.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata: “Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer” [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado: “O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos” [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*: São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar: “Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos” [MM].

j) Indica medida: Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d'água*, garrafa *de* vinho OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite, com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo: Dá-me *de* beber um copo *d'água*.

m) Indica o tempo: *De* noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa: “O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria” [MM].

Rua *do Ouvidor*.

OBSERVAÇÕES: 1.º) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas *Rua do Ouvidor, Praça da República*).

2.º) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se

possa também empregar o ano 1928.

*o) Indica o todo depois de palavras que significam parte: A maioria dos homens, um terço dos soldados, um punhado de bravos; um pouco (ou uma pouca) de água.*

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior de todos (= entre todos).

*p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo: “Muitos figuraram de Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres” [MM].*

*q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*: brasileiro de nascimento, alemão de origem r) Pode equivaler a *desde*: Havia meio século da (= desde a) descoberta.*

OBSERVAÇÕES: 1.º Note-se a fórmula é de como sentido de é próprio de: “É da natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam empregar para eles, instruí-los e governá-los” [MM].

2.º Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, “explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo coma de substantivo no mesmo lugar” [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente = acusar de ser negligente, acusar de sua negligência*.

*Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos: a) em construções de tipo:*

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) “com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição” [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]: Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*: A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e não *consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

## 6) **Em** Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado: “Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos mares*” [MM].

OBSERVAÇÃO: Comalguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega umpronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*: “Pulsalhe (= nele) aquele afeto verdadeiro” [MA].

Não me toque. Bateu-nos. Mexeu-lhe.

b) tempo, duração, prazo:

“Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fôbularam” [MM].

OBSERVAÇÕES: 1.º Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese: “Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída” [RB].

2.º Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]: *Em* cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide: “O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria” [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comumíssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo): “Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano” [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado: Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego como os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir à cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação: “Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d’alto, mergulhando...” [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) **Entre** Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado: “*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor” [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti, entre ele e mim, entre você e mim, etc.*

“Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvário...?” [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu, entre eu e eles, entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita: “Odeio toda a gente / com tantas veras d’almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal” [AC.4, 11-12].

8) **Para** Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal): “Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos” [MM].

“A preguiça nos maus é salutar *para* os bons” [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre): “O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar” [MM].

c) fim, destinação:

“A filha deu-me recomendações *para Capitu e para minha mãe*” [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

“O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada” [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino: Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas “o lugar onde” em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva: “Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas...” [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou ai *para* as seis horas.

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado: “Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa” [MA.1, 190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

“Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo” [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão: Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

“O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras” [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

“O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua” [MM].

“Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos” [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder: jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

“Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?” [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

“As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão” [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa: “A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras” [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção *com por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de se* especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade como emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolos): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*): “Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança” [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa: Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.[77](#)

## 9 – CONJUNÇÃO CONECTOR E TRANSPOSITOR Conector e transpositor – A LÍNGUA POSSUI UNIDADES QUE TÊM POR MISSÃO REUNIR ORAÇÕES NUM MESMO ENUNCIADO.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, e Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes: Pedro fez concurso para medicina.

Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim: Pedro e Maria (dois substantivos) Ele e ela (dois pronomes) Ele e Maria (um pronome e um substantivo) rico e inteligente (dois adjetivos) ontem e hoje (dois advérbios) saiu e voltou (dois verbos) com e sem dinheiro (duas preposições) Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado: *Soubemos que vai chover*, a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado: *Vai chover* se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração “degradada” ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Uma velhice alegre e vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza e a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não terás cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de “causa”, “consequência”, “oposição”, etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico e inteligente* e *rico e desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico mas desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: *rico e não honesto* (compare com: ele *não* é *rico nem honesto*).

OBSERVAÇÕES: 1.) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase: “Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo” [ML.2, 9].

“(..) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem à missa vai*” [CBr.15].

2.) Algumas vezes e aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação: “*E* repito: não é meu” [MA.1, 314].

3.) A expressão enfática da conjunção aditiva e pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

*Não só* o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repitidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: “Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. Sempre discordam de tudo, *sejam* as discordâncias ligeiras, *sejam* de peso. Sempre discordavam de tudo, *fossem* as discordâncias ligeiras, *fossem* de peso” [AK.1, 68].

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade: “Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições” [MM].

78

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como: Não foram ao mesmo cinema *e, portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e, portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

“Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida” [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula): Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio: Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados: “Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados” [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática: Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais fraca, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem: Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]: Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferencá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*], em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamenteumas das outras: Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores: a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior: Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada?* se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

Esperamos [*que cheguem cedo*].

A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição: Estavam precisando [*de que os ajudassem*].

Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].

Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância: Tudo sairá bem [desde que as providências sejam tomadas a tempo].

[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.  
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].  
Ela só dizia tudo aquilo porque [=por que gostava da verdade].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido: O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade, em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam “locuções” aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que, sempre que, ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um “repetidor” de advérbio, papel análogo ao que desempenha como “repetidor” (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada: [*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo, exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: *Quando saía de casa, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há (faz) dias (meses, anos, tempo, etc.)*, em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo: Há *dias que* não o vejo, em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, já, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional: Já *que* todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*: Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo, entretanto, pois, etc.*, equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e “locuções conjuntivas” subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que (= porque), porque, como (= porque, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), visto que, visto como, já que, uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.: “A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso” [MM].

“*Como ia de olhos fechados, não via o caminho*” [MA.1, 19].

“*Desde que se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados*” [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES: 1.º) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.º) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa “quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida” [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*: “O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes” [MM].

“*A ignorância, qual outro Faetonte, ousa muito e se precipita como ele*” [MM].

“*O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos*” [MM].

A comparação *quantitativa* “consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos” [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa: a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal: “Nenhum homem é tão bom *como* o seu partido o apregoa, nem tão mau *como* o contrário o representa” [MM].

“*Nada incomoda tanto aos homens maus como a luz, a consciência e a razão*” [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal: “O orgulho do saber é talvez *mais odioso que o do poder*” [MM].

“*O homem espera mais do que teme, o mau receia mais do que espera*” [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal: “Tempos há em que é *menos perigoso mentir que dizer verdades*” [MM].

3) CONCESSIVAS: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que, embora, posto que, se bem que, apesar de que*, etc.: “Ainda que perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência” [MM].

4) CONDICIONAIS (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime: a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal; b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que*, etc: “Se os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo” [MM].

“Se as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriamos mais instruídos” [MM].

5) CONFORMATIVAS: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como, conforme, segundo, consoante*: “Tranquilizei-a como pude” [MA.1, 174].

Fez os exercícios conforme o professor determinou.

6) CONSECUITIVAS: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se: “Os povos exigem tanto dos seus validos, que estes em breve tempo se enfadam e os atraíçoam” [MM].

“Os vícios são tão feios que, ainda enfítados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade” [MM].

“Vive de maneira que ao morrer não te lastimes de haver vivido” [MM].

isto é: vive de tal maneira que (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que, a fim de que, que (para que), porque (para que)*: “Levamos ao Japão o nosso nome, para que outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental” [LCo apud FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*: Fez o trabalho sem que cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que, à proporção que, ao passo que, (tanto mais)... quanto mais, (tanto mais)... quanto menos, (tanto menos)... quanto mais, (tanto mais)... menos*, etc.: “O anão quanto mais alto sobe, mais pequeno se afigura” [MM].

Progredia à medida que se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e “locuções temporais” são: a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que*: “Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças...” [RB apud FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que, quando*: Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (hoje raro), *assim que, desde que, eis que, (eis) senão quando, eis senão que*: Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que*: “Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral” [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de prececer com *em o que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro): Dormiu enquanto estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse interim, nesse tempo, nesse intervalo*: “O aperto dos sitiados aumentava entretanto de dia para dia” [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no (no entretanto)*. Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*: Passeou até que se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que, hoje que, a primeira vez que, etc.*

Agora, que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que, já que, etc.*, e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal: Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como: Desde aquele dia *que* o procura.

*Não só* se aplica ao português *mas ainda* ao latim

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição: *Ou* estudas *ou* brincas.

*Já dizes sim* já dizes não.

*Ora vemaqui, ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

*Nem* estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

*Quer.. quer e ou.. ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal: *Quer* estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente: “Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem” [MM].

“Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam” [MM].

Embora não me digama verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.

“Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo” [ED.1, 119].

“Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça” [RV1, 251].

## 10 – INTERJEIÇÃO INTERJEIÇÃO

**Interjeição** – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos: a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português; b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo); c) palavras que procuram reproduzir ruidos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam: 1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*) 11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*) 12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado) 13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula: “*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa” [CAv *apud* MC.3, I, 65].

**B) Estrutura das unidades: análise mórfica I – ESTRUTURA DAS PALAVRAS** PALAVRA E MORFEMA **Palavra e vocábulo: conceito** Palavra e vocábulo: conceito – O termo palavra se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra habilidade sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto material, fônico, como significante ou expressão; b) a sua significação gramatical como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua significação lexical, isto é, o que significa a palavra habilidade em relação, por exemplo, a caridade ou amabilidade.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como “simples” palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma “*amo*” (*amo*, ‘quero bem’ e *amo* ‘senhor’) e uma só forma “*casa*” (“*a casa* de meu amigo” e “*Maria se casa* amanhã”) [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocabulário*, do latim *vox*, que significa ‘a voz’.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocabulário difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocabulário, em *alugase*, em que a sílaba átona se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocabulário, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocabulário e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou *alugase*.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei*, *chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular (*eu cheguel*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem “gramaticais” porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei*, *chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical ‘atingir o final de movimento de ida ou vinda’, um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas “flexões” de uma mesma *palavra léxica*, o verbo “*chegar*”.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da “*palavra bom*”, que *meninos* é o “*substantivo menino no plural*”[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocabulário e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: “*chegar*” = o significante de *chegar* *xegar*; só aspas duplas para o conteúdo: “*chegar*” = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: ‘*chegar*’ = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos *falávamos falava* facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

*falava fala*, destacamos o morfema *-va-* que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

*falava falara* se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o *-v-* para a primeira ou o *-r-* para a segunda. A comparação com outras formas (*falava fala; falara falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão *-va-* e *-ra-*, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta + eiro* → *port (a) eiro* → *porteiro* (elisão); *porta + aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *falava / falaveis* (por influência do *i* de *is*);

outras vezes, de haploglia: *idade + oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a “*consecutio temporum*”, e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo “*ordem das palavras*”. Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases 3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim -s é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.<sup>a</sup> pessoa do singular em *canta*s. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra -s para indicar o plural em português se realiza como /x diante de consoante surda (*os cães*), como j diante de consoante sonora (*os gatos*) e como z / diante de vogal (*os homens*).<sup>79</sup>

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número*, *pessoa*, *tempo* e *modo*.

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

**Tema** é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-*, *trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr-o*) ou derivado (*livr-eir-o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a*, *o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pão*, *pães*. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso*, o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atêmáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar*, *paz*, *mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares*, *pazes*, *males*). Uma característica desses atêmáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal*, *cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ô, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide(m)*. Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *infeliz*, *desleal*, *subterrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des-empate*. Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do participio passado *ruptus*, *fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)<sup>81</sup> e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais e consoantes de ligação*: *cha-l-eira*, *pau-l-ada*, *cafe-t-eira*, *lan-i-gero*, *come-z-aina*, *pa-z-ada*, *chapeu-z-inho*, *pedre-g-ulho*, *pedre-g-oso*.<sup>82</sup> A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: *dentífricio*, *gasômetro*.<sup>83</sup>

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ifíc*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ifar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agricola* = *agr* + *i* + *cola*, *lanígero* = *lan* + *i* + *gero*).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítico). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto*, *fidalgo*, *lanígero*, *agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

“A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-*, mas *vinh-* em *vinha* ‘árvore da uva’); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: *agricultura* (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)” [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: “1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)”[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo*, *capilar*, *auricular*, *ocular*, *digital*, etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô* → *avó*, *novo* → *nova*; *novo* → *novos*; *fiz* → *fez* (1.<sup>a</sup> pessoa → 3.<sup>a</sup> pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte*: *avô* → *avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter* → *tive*, *teve* (*i/e*), em oposição a *dizer* → *disse* (*eu/ele*); *poder* → *pude*, *pôde* (*u/o*), em oposição a *haver* → *houve* (*eu/ele*).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo* → *móveis novos* em oposição a *a casa nova*

→ a casinha nova.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* [84](#), facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaque sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)*) > *reg* (que aparece em *reger*, *régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se **primário** e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida*, *com-ilão*, *com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra*, *regrar*; *desregrar*).

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es* -, *a*-, *en*-, e os sufixos *-ear*; *-ejar*; *-ecer*; *-izar*: *esverdear*; *esclarecer*; *apodrecer*; *anoitecer*; *enraivecer*; *entardecer*; *encolerizar*; *aterrorizar*.

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber*, *perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfos*. Destes alomorfos precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um derivado com o sufixo de grau *-inho*).

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e

e fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sinto sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.e., o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das “24 horas”, mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor “mais de um”), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é “unidade”) e o valor genérico (“pluralidade”). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar “em lugar” do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer “em lugar” do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro, não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado “em lugar” do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / *Pedro I proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado “em lugar” de qualquer outro tempo, e até em sentido “atemporal”, ou em contextos de valor genérico ou em referência ao “presente eterno”: *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava/cantava; saía/saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular (*falou/falaria*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem na *expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma “1.<sup>a</sup> pessoa” + “3.<sup>a</sup> pessoa”. Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo “subjetivo” ou “objetivo” em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homônima*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfológicas. Exemplos de homônima: a) a vogal temática da 2.<sup>a</sup> conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no participípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.<sup>a</sup> conjugação: *vend + i + ia* (com crase dos dois *ii*) → *vendia; vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido*; b) por outro lado, a vogal temática da 3.<sup>a</sup> conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.<sup>a</sup> pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações: *vendas, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu*. Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o participípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (participípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.<sup>a</sup> conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.<sup>a</sup> conjugação em português.

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permitir de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca \**comrepor*) [VK.2, 41].

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: [85](#)

*anão / anã irmão / irmã órfão / órfã* Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos: a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico* b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguai* (brasileiro + uruguai), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *crionça* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

**Morfema zero** – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero ( $\emptyset$ ). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero ( $\emptyset$ ).

Também em *amo*, *amas*, *ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

**OBSERVAÇÃO:** Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires*, *lápis*, *alferes*, adjetivos do tipo *simples*, *triste*, *feliz*, *capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCV.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (-*i*, -*ste*, -*u*, -*stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-europeias mais antigas ou conservadoras.<sup>86</sup> Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Silvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.<sup>87</sup>

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (-*i*, *ste*, -*u*, -*stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrutivo, sabemos que *cantei*, *vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.<sup>a</sup> pess. do sing. do pres. do indicativo.

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentido de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora* *lógio* (isto é, máquina que “diz a hora”) [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente*, *clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei*, *dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalha-re-i*, *trabalharia* em *trabalha-ria*), a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra: “Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idiooota...” [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tónica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com o tônico fechado) → *caroços* (plural com o tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz, etc.*

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tónica com funções de indicações gramaticais: a) | ê | → | é |; | ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova; ovo/ovos*.

Em verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem, torço/torces, torce, torcem*.

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo*.

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas: *fez/fiz; pôs/pus*.

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.<sup>a</sup> pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes; sumo/somes; firo/feres; durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tónica que distingue a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*[88](#)

## 2 – FORMAÇÃO DE PALAVRAS DO PONTO DE VISTA CONSTITUCIONAL

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação (prefixal e sufixal)*.

Outra fonte de revitalização lexical são os *emprestímos* e *calcós linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (emprestímos) ou traduzidos (calcós linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilette, etc.* Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar, etc.*, são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

[89](#)

Por seu turno, a *lexia complexa* (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), *etc.*

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor: a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto; b) o emprego de transpositores (preposições); c) a ordem fixa *determinado + determinante*; d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo; e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família ar da família; casa de pensão casa da pensão*; f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família*, pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante; g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores*.

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização: *opinião pública guerra civil mas*

bicho-carpinteiro peixe-espada Nesses compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* “que se assemelha a uma espada” e *opinião pública* é uma *opinião* “que é pública”. A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe nempública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação: *escola-modelo navio-escola carro-leito carro-bomba* Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses e brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: *lusobrasileiro* (e não *lusitano-brasileiro*), aliança *nipo-russa* (e não *japonês-russa*).

Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semântema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, torna uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).

Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua” [EBv, 2, 163-164].

**DIVISÍVEL** é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos: *mares* (*mar-e-s*), *alunas* (*alun-a-s*), *trabalhávamos* (*trabalhá-va-mos*).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas e derivadas*.

**PRIMITIVA** é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco* **DERIVADA** é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho*.

**COMPOSTA** é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que, nos nomes e pronomes, traduz as noções de gênero e número e, nos verbos, número, pessoa, tempo e modo: *a) primitivas flexionadas: livros, meninas b) derivadas flexionadas: livrarias, meninadas c) compostas flexionadas: couves-flores, guarda-livros, planaltos* Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes*, estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgo* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

### 1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda*; 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*; **OBSERVAÇÃO:** Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro,

em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. “Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: “A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar” [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló*.

**OBSERVAÇÃO:** Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris*, *Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrela* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fôgo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo: onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo: benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo: vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra: um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma que dois te darei, os disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das [palavras compostas](#) se pode dar por: a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

**OBSERVAÇÃO:** Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pésame*, esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

“Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis” [MC.2, 94].

**Derivação** – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

**DERIVAÇÃO SUFICAL:** *livraria, livrinho, livresco*.

**DERIVAÇÃO PREFIXAL:** *reter, deter, conter*.

**OBSERVAÇÃO:** Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

**Sufixos** – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistemáticos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.[90](#) A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulherça*. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho*. Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como *-ífic* -, *-ifer* -, *-duct* - e quejandos, em unidades como *sudorílico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-*, *extra-*, *inter-*

, *mono-*, *multi-*, *poli-*, em *anfiteatro*, *extrafino*, *monovalente*, *multicolor*, *polianteia*, etc.

## I – Principais sufixos formadores de substantivos: 1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-*tor*, -*dor*, -*or*: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda) -*nte*, estudante, requerente, ouvinte -*ista*: dentista, jornalista -*eira*, -*eiro*: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro -*ária*, -*ário*: bibliotecária, secretário 2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar: a) Derivados de verbo: -*ame*: gravame -*ção*, -*são*: coroação, perdição, compreensão, ascensão OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de -*ção* e -*são*.

-*mento*: casamento, descobrimento -*ura*, -*dura*, -*tura*: feitura, mordedura, formatura -*ança* (-*ancia*), -*ença* (-*encia*): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência) -*ata*: passeata -*ada*: estada (estadia na norma de Portugal) -*ida* (verbos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações): acolhida, partida -*agem*: vadiagem -*ário*: lapidário b) Derivados de substantivo: -*ada*: laçada, braçada, pousada -*ura*: cintura -*astro*: poetaastro -*estre*: silvestre, campestre -*ato*: orfanato -*aço*, -*aça*: vidraça -*cínio*: patrocínio (não confundir como radical -*cínio*, de *canére* ‘cantar’: galicínio ‘o canto do galo’) c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo -*tude*, -*dão*: amplitude, amplidão, solidão -*ura*: docúra, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*) -*eza*, -*ez*: beleza, viuzez -*ácia*: audácia, falácia -*dade*: dignidade -*mónia*: acrimónia 3) Para significar lugar, meio, instrumento: -*douro*, -*doura*: bebedouro, manjedoura -*tério*: necrótério -*tório*: dormitório -*aria*, -*eria*: livraria, tesouraria, sorveteria -*edo*: arvoredo -*bulo*: turibulo -*or*: corredor -*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem) -*anco*: barranco -*cro*: simulacro, ambulacro 4) Para significar abundância, aglomeração, coleção: -*aria*, -*ário*, -*eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario -*al*: laranjal, cipóal -*edo*: arvoredo -*eira*: doneceira, desgraceira -*io*: mulherio -*ama*, -*ame*, -*ume*, -*um*: mourama, velame, ervum, mulherum, negrum -*agem*: folhagem -*ada*: boiada -*aço*: chumâo -*alha*: parentalha -*ardo*: moscardo -*ana*, -*aina* (por alongamento): andana, andainha 5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva: -*ário*: relíctrio, herbanário -*eiro*, -*eira*: açucareiro, chocolateira -*aria*: livraria, merceria 6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austriaco -*ano*, -*ão*: pernambucano, coimbrão -*ense*, -*ês*: cearense, português -*enso*: estremeno (da Estremadura, Portugal) -*eno*: madrileno, chileno -*eu*, -*éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fém ilhoa) -*engo*: flamengo -*ico*: brasílico OBSERVAÇÃO: Emalgarvio não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista -*ol*: espanhol (ô) -*ato*: minhoto (natural de Maia) -*ino*: platino, brantantino -*eiro*: brasileiro -*eta*: lisboeta -*aico*: hebraico, caldaico 7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva: -*ismo*: cristianismo, classicismo -*ista*: socialista, espiritista -*ano*: maometano, anglicano 8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]: -*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite -*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de “miníma unidade distintiva”): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anidridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercúrico, cloreto mercúrio -*ato*, -*eto*, -*ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é fórmula latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaina*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina*, da cicuta; *estrícina*, da noz-vônica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): énol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares: -*ita* (para espécies minerais): pirita -*ito* (para as rochas): granito -*ite* (para fósseis): amonite 2.<sup>a</sup>) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax*, -*ex*, -*ix*, -*ox*, -*ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em xerox (ou etimológico xérox) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

## II – Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente: 1) Aumentativos:

-*ão*, -*êão*: cadeirão, homenzão -*anço*: fálhanço, copianço -*arro*, -*arrão*, -*zarrão*, *arraz* (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz -*erão*: vozeirão -*aço*, -*aça*: ricaço, barçaço, copaço -*astro*: poetaastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação) -*alho*, -*alha*, -*alhão*: politicalho, muralha, grandalhão -*ama*: ourama, poeirama -*anil*: copanzil -*ázio*: copázio -*uça*: dentuça -*eima*: guleima, guloseima, boleima -*anca*: bicanca -*asco*: penhasco -*az*: fátacaz, famanaz, famaraz -*ola*: beiçola -*orra*: cabeçorra -*erão*: chapeirão, tolereirão -*ento*: farturento 2) Diminutivos:

-*inho*, -*zinho*, -*im*, -*zim*: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por -*inho* ou -*zinho*. Não toleram -*inho* (e -*ito*) mas -*zinho* (e -*zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho*, *cãozito*, *irmãzinha*, *albunzinho*, *raiozinho*, *bonezinho*, *urubuzinho*. Também incluemos terminados em -r, embora aí haja alguns em -*inho*, facultativamente: *serzinho*, *cadaverzinho*, *caraterzinho*; *colher* admite *colherzinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em -s e -z só toleram -*inho* (-*ito*): *tenisinho*, *lapiszinho*, *rapazinho*.

-*ito*, -*zito*: copito, amorzito, passeandito -*ico*: namorico, veranico -*isco*: chuvisco, petisco -*eta*, -*ete*, -*eto*: saleta, diabrete, livreto, saberete -*eco*: livreco, padreco -*oto*, -*ote*, -*oto*: ilhotia, caixote, perdigoto -*eo*: lugarejo, animalejo -*acho*: riacho, fogacho -*el*, -*ela*, -*elo* (ora com e aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel -*iola*: arteriola -*ola*: camisolá (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. -*iola*) -*uchô*: gorduchô, pepeluchô -*ebre*: casebre -*ula*, -*ulo*, -*cula*, -*culo*: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo -*alho*, -*elho*, -*ilho*, -*olho*, -*ulha*: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho -*aça*, -*aço*, -*iça*, -*ico*: fumaça, caniço, nabiça -*el*: cordel

III – Principais sufixos para formar adjetivos: -(*d*)*io*, -(*d*)*icô*: fugidio, movediço (todos tirados do tema do participípio) -*vel*, -*bil*: notável, crível, solúvel, flébil, ignobil -*ento*, -(*l*)*ento*: cruento, corpulento -*oso*, -*uoso*: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso -*onho*: medonho, risonho -*az*: mordaz, voraz -*udo*: barrigudo, cabeçudo -*ício*, -*icô*: acomodatício, enfermiço -*ário*, -*eiro*: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro -*ano*: humano -*asco*: pardavasco -*esco*, -*isco*: dantesco, principesco, mourisco -*ático*: problemático, aromático -*eno*: terreno -*áceo*: rosáceo, galináceo -*acho*: verdachô -*aco*: demoniaco -*ado*: barbado -*ardo*: felizardo -*al*: vital, *boçal* -*âneo*, -*anho*: sucedâneo, estranho -*átil*: portátil, volátil -*ino*, -*im*: bailarino, paladino, paladim (a apócope de -*ino* a -*im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.]) -*bundo*: furibundo -*undo*, -*ondo*: fecundo, redondo -*eo*: róseo -*timo*: marítimo -*urno*: diurno -*iano*: canoniano, virgiliano OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em -*iano* e não -*eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2].

-*ico*: público -*engo*, -*lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo) -*al*, -*ar*: anual, escolar -*aico*: prosaico -*estre*: campestre -*este*: celeste -*douro*: vindouro, imorredouro -*tório*: expiatório, satisfatório -*ivo*: afirmativo, lucrativo -*ácea*, -*áceo* (em família de plantas): liliáceas, papilonáceas -*ndo* (equivalente ao participação futuro latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

## IV – Principais sufixos para formar verbos: 1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo

causativo): *-ant(ar)*: quebrantar; *-it(ar)*: periclitar, debilitar; *-iz(ar)*: civilizar, humanizar, realizar 2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos): *-aç(ar)*: espicaçar, adelgaçar; *-ej(ar)*: mercadejar, voear **OBSERVAÇÕES**: 1.º Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.º Sobre *-ear / -ajar* [cfMBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos): *-it(ar)*: saltitar, dormitar **OBSERVAÇÃO**: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspínhar; namorico + ar = namoricar 4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos): *-ec(er)*: alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer; *-esc(er)*: florescer **OBSERVAÇÃO**: A grafia *-escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com *-sc-*, ou devidas à analogia.

**V – Sufixo para formar advérbio: *-mente*** (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver): claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

**OBSERVAÇÃO**: Os nomes terminados em *-és* e alguns terminados em *-or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em *-mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]: 1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente, sinceramente, simplesmente, horrivelmente*; 2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente, imensamente, enormemente*; 3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independentes um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo e lugar*: *primeiramente, anteriormente, atualmente*.

**Prefixos** – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose*, *circunferência* e *periferia*, *composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a, etc.*<sup>93</sup> Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, proximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: “Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada, trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas...*” [EC.1, 125].

#### BSERVAÇÃO

*ante* (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera *ambi* (duplicidade): ambiguidade, ambidestro *bene, bem, ben* (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo *bis, bi, bin* (dois, duplicidade): bisneta, biciclo, binóculo *centum, cento*: centuplicar, centopeia *circum, circu* (em roda de): circunferência, circulação *cis* (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino **OBSERVAÇÃO**: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

*cum, com, con-, co-, cor* (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar *contra* (oposição, situação fronteira; o final pode passar a o diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controvertir. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contre-danse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (dá o francês *contre*).

*decem, deci, decu, dec (dez)*: decenviro, decilitro, décuplo *de-* (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-*: *decair — descair*.

*de(s), di(s)* (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (*dis + fácil*), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito) *dis(s)* (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar ('cortar em dois'), disjungir ('separar duas coisas que estavam juntas'), dispor *ex-, es-, e-* (movimento para fora, mudança de estado, esforço): evasizar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar **OBSERVAÇÃO**: Às vezes alterna-se com *des-*: *dis*: escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmiar – desmiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfar e esfar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

*em-, en-, e-, in-* (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, garnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir **OBSERVAÇÃO**: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar*, *trajar* e *entrajar*, *viivar* e *enviivar*, *bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

*extra-* (fora de, além de; superioridade; o a final passa, às vezes, a o): extradição, extralegal, extrafino, extroverter *in-, im-, i-* (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância **OBSERVAÇÕES**: 1.º Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.º Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* ('reduzir a cinzas'), *inflamável* ('que se transforma em fogo'), etc.

3.º “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas como prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual, etc.* Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer causa *sem-nome* a causa *inominada* ou queandas expressões” [JR.5, n. 124].

*infra-* (abaixo): infia-assinado *inter-, entre* (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio *intro-* (dentro): introduzir *intra-* (posição interior, movimento para dentro; o final passa, às vezes, a o): intramuscular, introverter, introduzir *ob-, o-* (posição em frente): obstar, opor *per-* (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perflázer, perdurar, persentir (sentir profundamente) *pluri-* (muito): pluricelular *pos-, post-* (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito *praeter* (preter): preterir *primu* (primeiro): primogênito *pre-, praе-* (anteriormente, antecedência, superioridade): préfacio, prever, predominio *pro-* (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção *re-* (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaladar muito) *retro-* (para trás): retroceder, retroagir *satis* (suficiente): satisfazer *semi-* (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal *so-, sob-, sub-, sus-* (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submáriño, sustentar, sopar *sobre-* (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de umato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado *soto-, sota-* (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga *trans-, tras-, tra-, tre-* (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, treslouçar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar<sup>94</sup>

**OBSERVAÇÕES**: 1.º Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar); 2.º Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*:

*transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*; 3º) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar *tris, tri, tres, tre* (três): trissílabo, tricílico *ultra-* (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino *un, uni* (unidade): uniforme *vice-, vis-* (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde<sup>95</sup>

#### BSERVAÇÃO

*dis* (dificuldade): dispepsia, disenteria *ec-, ex-, exo-, ecto* (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma *en-, em-, e-* (interioridade): encômodo, encíclica, enclopédia, emblema, elipse *endo* (movimento em direção para dentro): endocarro, endovenosa *ento* (interior): entóftito (planta que vive dentro de outra) *epi* (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio *eu* (exceléncia, perfeição, bondade): eufonia, eufôria, eufemismo *hemi* (metade, divisão de duas partes): hemicíclo, hemisfério *hipér* (excesso): hipérbole, hipérbato *hipó* (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca *metá* (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia *pará* (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnéssia *peri* (em torno de): perímetro, período, periscópio *pró* (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta *prós* (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia *proto-* (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir *poli-* (multiplicidade): polissílabo, politeísmo *sýn-, sým-, sý-* (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu *tele-* (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

#### Latinos

<i>des, in</i> <sup>1</sup> : desleal, infeliz	
<i>contra</i> : contrapor	
<i>ambi</i> : ambiguidade	
<i>ab</i> : abuso	
<i>bi(s)</i> : bilabial	
<i>trans</i> : transparente, transformação	
<i>in</i> : ingressar	
<i>intra</i> : intramuscular	
<i>ex</i> : exportar	
<i>super, supra</i> : superfície, supralingual, superlotar	
<i>bene</i> : benefício	
<i>semi</i> : semicírculo	
<i>sub</i> : subterrâneo	
<i>ad</i> : adjetivo	
<i>circum</i> : circunferência	
<i>de</i> : depenar	
<i>cum</i> : composição	

#### Gregos

<i>a, an</i> : amoral, anemia	
<i>antí</i> : antipatia	
<i>anfí</i> : anfibologia	
<i>apó</i> : apogeu	
<i>dí</i> : dissílabo	
<i>diá, metá</i> : diáfano, metamorfose	
<i>en</i> : encéfalo	
<i>endo</i> : endovenoso	
<i>ec, ex</i> : êxodo	
<i>epí, hipér</i> : epiderme, hipertrofia	
<i>eu</i> : eufonia	
<i>hemi</i> : hemisfério	
<i>hipó</i> : hipótese	
<i>pará</i> : paralelo	
<i>peri</i> : periferia	
<i>catá</i> : catarata	
<i>sý</i> : síntese	

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inxato*, *indelicado*, *indonto*, *impolido*, *inverídico*, *imerecido*, *inativo*.

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

#### Latinos

<i>abecedário</i>	
<i>florilégio</i>	
<i>sudorífico</i>	
<i>unicórnio</i>	
<i>rouxinol</i>	
<i>península</i>	
<i>novilúnio</i>	
<i>avareza</i>	
<i>favário</i>	

#### Gregos

<i>alfabeto</i>	
<i>antología</i>	
<i>diaforético</i>	
<i>monoceronte</i>	
<i>filomela</i>	
<i>quersoneso</i>	
<i>neoménio</i>	
<i>filargiria</i>	
<i>zéfiro</i>	

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar*, *embarque*; de *pescar*, *pesca*; de *gritar*, *grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.<sup>a</sup> pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.<sup>a</sup> pessoa), sem

que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical: “1.) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargejado, etc. 2.) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc. 3.) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc. 4.) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, cesta, troco, troca, achego, achega, grita, ameaça” [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar*, *timbre* → *timbrar*, *apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIACÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo: ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica) UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano, uergiano, uspiano, petista, etc.*

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocalica, para formar uma palavra imitativa: *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82]).

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal: *Terrível palavra é um não. Não consegui descobrir o porquê da questão.*

*Ele é o benjamim da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas fobias* (*fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotosafobia, xenosafobia, hidrosafobia*, etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formação de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol* → *portunhol; Bahia + Vitória* → *Bavi*. São comuns na linguagem jocosa: *sofrer + professor* → *sofressor; aborrecer + adolescente* → *aborrecedente*.

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre *-izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar*.

**Hibridismo** – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia, mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocritica, autorretrato, caiporismo, governista*.[96](#)

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo grecolatino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sébillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar ‘vida curta’, pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve a vista*, mas *vista curta*. Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilofago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível, o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (*orthós* = correta), *caligrafia bonita* (*calós* = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue*, *decapitar a cabeça*, *exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são: *aér*, *aér-os* (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo *ángel-os*, *aggel-os* (enviado, mensageiro): anjo, evangelho *ág-o*, *agog-ós* (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo *ag-ón*, *ón-os* (combate, luta): agonia, antagonista *agr-ós* (campo): agronomia *aithér* (céu): etéreo *âthlon* (certame): atleta *eti-a*, *aít-a* (causa): etiologia *acr-on*, *ákron* (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico *álg-os* (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia *állos* (outro): alopatia *alpha* (a = 1.<sup>a</sup> letra do alfabeto): alfabeto *ánem-os* (vento, sopro): anemoscópio, anêmona *ânt-os*, *ânth-os* (flor): antologia *antropos*, *ânthropos* (homem): filantropo, misantropo, antropófago *arc-aios*, *arch-aios* (antigo): arcaico, arqueologia *arc*, *arkh-é* (governo): anarquia, monarquia *arc*, *arch-ós* (chefe que comanda): monarca *aritm-ós*, *arithm-ós* (número): aritmética, logaritmo *árct-os* (urso): ártico, antártico (“o nome ártico refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar”, [SA.2, 167].

*astér*, *ast(é)r-os* (estrela): asteróide, astronomia *atmós* (vapor): atmosfera *aut-ós* (si mesmo): autógrafo, autonomia *bál-o*, *báll-o* (projetar, lançar): balística, problema, símbolo *bor-is*, *bor-ýs*, *bár-os* (pesado, grave): barítono, barômetro *bibl-ión* (livro): bibliófilo, biblioteca *bí-os* (vida): biografia, anfíbio *cené*, *skené* (tenda): cenografia *cianos*, *kýanos* (azul): cianídrico *cír*, *quir-ós*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia *cion*, *kýon* (cão): cinegética *col-é*, *khol-é* (bilis): melancolia *cor-os*, *corea*, *chor-ós* (coro): coreia, (dança em coro), coreografia *clorós*, *klorós* (verde): clorofila *cron-os*, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isocrônico, anacronismo *cópto*, *kópto* (bato, corto): sincope *crom-a*, *khrom-a* (cor): cromolitografia *chília*, *chília* (mil): quilômetro, quilograma *cris-ós* – *chrys-ós* (ouro): crisóstomo, crisálida, crisântemo *crátos*, *krátos* (força): democracia *crípto*, *krípto* (esconde): criptônimo, criptografia *quil-ós* – *chylós* (suco): quilífero *dáctil-os* – *dáktyl-os* (dedo): datilografia ou dactilografia *déca*, *dékō* (dez): decassílabo, décalogo *dém-os* (povo): democracia, epidemia *dér-m-a* (pele): epiderme, paquiderme *dís*, *di* (dois): dissílabo, ditongo *dis*, *dys* (mal, difícil): digestão *dô-ron* (dom, presente): dose, antídoto, Pandora *dóx-a* (opinião): ortodoxo, paradoxo *drá-ma* – *atos* (ação, drama): drama, dramático, melodrama *dróm-os* (corrida, curso): hipódromo, pródromo *dinam-is* – *dynam-is* (força): dinâmica, dinamômetro *édra* (base, lado): pentaedro, poliedro *id-os*, *eid-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide *ic-ón* – *eik-ón* – *ón-os* (imagem): ícone, iconoclasta *électra* – *élektr-on* (ânbar, electricidade): elétrico, eletrômetro *estoma*, *stóma* (boca): estômago, estomatite *érg-on* (obra, trabalho), dai os sufixos – *úrgo*, – *urgia*: metalurgia, dramaturgo, energia *escáfe*, *scáphe* (barco): escafandro *enter-a* (entranhas, intestino): enterite, disenteria *estásis*, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe *étin-os* – *éthn-os* (raça, nação): étnico, etnografia *étimos*, *étymos* (verdadeiro): etimologia *gám-os* (casamento), dai *gamo* (o que se casa) poligamo, bigamo, criptogâme *gastér*, *gast(é)r-os* (estômago): gastrônomo, gastralgia *gê*, *geo* (terra): geografia, geologia *génés-is* (ação de gerar): gênese, hidrogênio *gén-ós* (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo *giné*, *gyné* (mulher): ginécologia *giminós*, *gyminós* (nu): ginástica *glóss-a* ou *glót-ta* (língua): glossário, glotologia, epiglote *gon-ía* (ângulo): polígono, diagonal *gon-ós* (formação, geração): cosmogonia, teogonia *gráf-o*, *gráph-o* (escrever), e dai *graph-ia* (descrição), *gráph-o* (que escreve), grámm-a (o que está escrito): geografia, telégrafo, telegrama *hágios* (sagrado): hagiologia *hem-a* – *haém-a* – *atos* (sangue): anemia, hemorrágia *here-o* – *hairé-o* (tomar, escolher): heresia, herético *hélico* (sol): heliocóscpio, heliotrópico *hemér-a* (dia): efêmero, efêmerides *hemí* (metade): hemículo *héter-os* (outro): heterodoxo, heterogêneo *heptá* (sete): heptassílabo *héx* (seis): hexágono *hier-ós* (sagrado): hierarquia, hieroglifo *híp-ós* – *hipp-ós* (cabalo): hipódromo, hipófago *hól-ós* (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto *hom-ós*, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia *hór-a* (hora): horóscopo *horá-dio* (vejo), *hórama* (visão): panorama *hid-ór* – *hyd-ór* (água), dai *hidro*, *hydro*, como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia *ict-io* – *icht-yo* – *yos* (peixe): ictiologia, ictiófago *idiós* (próprio, particular): idioma, idiotismo *isos* (igual): isocrônico, isotérmico *cac-ós* – *kak-ós* (mau): cacoftônia, cacografia *cal-ós* – *káll-os* (belo), *kallos* (beleza): caligrafia *card-ia* – *kard-ia* (coração): cardíaco, pericárdio *carp-ós* – *karp-ós* (fruto): pericárdio, endocardio *cefal-é* – *kephal-é* (cabeça): céfala, encéfalo *clín-o*, *klín-o* (inclino): êncise, prôclise *cósísm-os* – *kósísm-os* (mundo): cosmografia, cosmopolita *coinós*, *koinós* (em comum): cenobita *crát-os* – *krátos* (poder): democrático, aristocrático *cycl-os* – *kykl-* (círculo): hemicídio, bicicleta *lég-o* (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo *lépis*, *lepídeos* (escama): lepidóptero *lambán-o* (tomar, dai *léps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): epilepsia, lema, dilema *lítos*, *lithos* (pedra): monólito, litografia *lób-os* (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo *máqu-e* – *mách-e* (combate): logomáquia *macr-ós* – *makr-ós* (comprido, longo): macróbio *man-ia* (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania *manci-a* – *mante-i-a* (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia *mártys* – *mártiros* (testemunha): mártir, martirólogo *mazős* (mama, seio): mastodonte *mégas*, *megále* (grande): megalomânia, megálocito *mélás*, *mélan* (negro): melanásia *mélös* (música, canto): melodia, melodrama *mérös* (parte): pentâmero *mésos* (meio): Mesopotâmia *máter*, *metrós* (mãe): metrópole *mérón* (medida): barômetro, termômetro *micrós*, *micrós* (pequeno): micróbio, microscópio *mímös* (que imita): mimetismo, mímica *mís*, *myís* (músculo): miocárdio *mísos* (ódio): misantropo *mném-e* (memória): amnésia, memotécnica *mónos* (só): monólogo, monólogo *morf-e* – *morphé* (forma): morfologia *mitos* – *mýthos* (fábula, mito): mitologia *miria* – *myria* plural de *myrías* (dez mil): miríapode *náus* (nau): navio, náutica *necrós* – *nekrós* (morto, cadáver): necrópole, necrologia *né-os* (novo): neologismo, neófito *nés-os* (ilha): micronésia, melanésia *néuron* (nervo): nevralgia, neurastenia *nóm-os* (lei, administração, porção): astronomia, autonomia *octó* (oito): octossílabo *od-é* (canto): paródia *ad-os*, *hodós* (caminho, via): êxodo, método, período *odus*, *odóntos* (dente): odontologia *ómina*, *ónom-a*, *onyma* (nome): pseudônimo, sinônimo *ófis*, *ofid* – *ophis*, *ophidios* (serpente): ofídio *oftalmós* – *ophthalmós* (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio *óicos*, *óikos* (casa): economia, paróquia *óps*, *opós* (vista): *ópsis* (ação de ver) *optikós* (que se refere a visão): miopia, autóptica *hór-am-a* (vísta): cosmorâna, panorama *órnis*, *órnitos*, *órñithos* (pássaro): ornitologia *órion* (montanha): orografia *ortós* – *orthós* (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia *ostéon* (osso): osteologia, periosteio, osteoporose *osmós* (impulso): osmose *óxis* – *óxyx* (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo *páidēta*, *pedia* (educação): pedagogo, encyclopédia *pente* (cinco): pentágono *pes*, *pedos* – *páis*, *paidós* (criança, menino): pedagogia *palaeos* – *palaiós* (antigo): paleontologia, paleografia *pán*, *pantós* (todos): panorama, panóplia, pantaneiro, pantógrafo *patos* – *páthos* (afecção, doença): patologia, simpatia *fan-o*, *phág-o*, *phagein* (comer): antropófago, hipófago *fan-o*, *fen-o*, *phaino* (fazer aparecer, brilhar): diâfano, fénomeno *femí* – *phemí* (eu digo, falo): euferismo, profeta *fero*, *foros* – *phéro* (levar, trazer): *phor-ós* (que leva): fósforo, semáfaro *filon*, *phýllon* (folha): clorofila *filos* – *philos* (amigo): filarmónia, filantropo *físis*, *phýsis* (natureza): fisionomia *fobeo*, *fóbos* – *phobeos* (temer, fazer fugir), dai *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo *fós*, *photós* – *phos*, *photós* (luz): fósforo, fotografia *frasis*, *phrási* (ato de dizer): perifrase *plut-ós* – *plút-ós* (riqueza): plutocracia *fón-é* – *phon-é* (voz articulada): cacofonia *póléo* (vendo): monopólio *pólis* (cidade): acrópole, metrópole, necrópole *pépsis* (cozimento): dispepsia *polis* – *polys* (muito): poligânia, polígono, policriomia, polinésia, policlínica *pús*, *podós* – *póus*, *pod-ós* (pé): antípoda, miríapode *pétalon* (pétala): minopétilo *prótos* (primeiro, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma *pléssio* (bato, firo): apoplexia *pseúdos* (falsidade, mentira): pseudônimo *pleurá*, *pleurón* (lado, flanco): pleurite *psiqué* – *psyché* (alma): psicologia, metempsicose *pneúma*, *pneúmatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia *pterón* (asa): quiróptero, coleóptero *ptôma* (cadáver): ptomaina, ptomofágia *pir*, *pir-ós* – *pýr*, *pyr-ós* (fogo, febre): pirotécnico, antípirina *poíeo* (eu faço): onomatopeia *pénte* (cinco): pentassílabo *potamós* (rio): hipopótamo *pile*, *pýle* (porta): piloro *ptissis*, *ptysis* (escarro): hemoptise *sáris* (carne): sarcoma, sarcófago *semin*, *semeion* (sinal): semiologia, semântica *sépo* (apodreço):

antissético, antisséptico *síderos* (ferro): siderurgia, siderita, siderografia *spérma* (semente): esperma, espermatozoide *stélio* (envio): epistola *sticos*, *stíkhos* (verso): hemistíquio, distico *re-o - rhé-o* (correr, fluir): catarro, diarréia *sism-os - seism-ós*, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico *scope-o - skopéo* (examinar, daí scópio (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio *sofós - sophós* (sábio): filósofo *estatós - statós* (que se mantém): aeróstato, hidrostática *esfera, sphaira* (esfera): atmosfera *estilo, stýlos* (coluna): peristilo *estereo - stere-o* (sólido): estereótipo, estereomia *estratos, stratós* (exército): estratégia *estref-o - stréph-o* (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe *tafos - taphos* (túmulo): epitáfio, cenotáfio *témno* (divido): anatomia *táutο* (o mesmo): tautologia *táxis* (arranjo, ordem): sintaxe *taumatos, thaumatos* (prodígio, milagre): taumaturgo *técnē - téchne* (arte): politecnico *téras, tératos* (prodígio, fénomeno, monstro): teratologia *tema, théma* (ato de colocar): anátema *télos* (longe): telégrafo, telefone, telescópio *tétara, tetra* (quatro): tetraedro *te-os - the-ós* (deus): teologia, teocracia, politeísmo *termós - thermós* (calor): termômetro *tésis - thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese *trefo, trépho* (alimento): atrofia *tomé* (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia *trépo* (envolto, mudo): heliotrópico *tópos* (lugar): tópico, topografia, atopia *triás, triados, trees, tria* (três): trinômico, triade *traum-a - atos* (férimentos): traumático *tip-os - týp-os* (tipo caráter): tipografia, arquétipo *zōi-on* (animal, ser vivo): zoologia, zoólogo

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receiveber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas [97](#):



O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:



Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino: *aequus, a, um* (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo. *ager, agri* (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino *ago, agis, egi, actum, agere* (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo *alter, a, um* (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro *ango, angis, anxi, ángere* (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto *audio, audis, audivi, auditum, audire* (ouvir): auditório, audiência *bellum, i* (pugna, combate): belonava *bos, bovis* (boi): bovino *cado, cadis, cécidii, casum, cadere* (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso *caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere* (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é “matar”: *fraticida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fraticídio, homicídio, suicídio*, etc.

*candeo, candes, candui, candere* (embranquecer): cândido, candura, incandescer *cano, canis, cecini, cantum, canere* (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocinio *capio, capis, cepi, captum, capere* (tomar): antecipar, cative, emancipar, incipiente, mancebo *caput, capitís* (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício *caveo, caves, cavi, cautum, cavere* (ter cuidado): cautela, incauto, preaver-se *cedo, cedis, cessi, cessum, cedere* (ceder): cessão, concessão, conceder *cerno, cernis, crevi, cretum, cernere* (núcleo): discernir, cerne, concernir *clamo, clamás, clamavi, clamatum, clamare* (chamar): proclamar, clamor *clarus, clara, clarum* (claro): claridade, clareza *colo, colis, colui, cultum, colere* (habitar, cultivar): agrícola, colónia, culto, incola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-*, etc.) *cor, cordis* (coração): acordo, discordia, misericórdia, recordar *dico, dixi, dictum, dicere* (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência *do, das, dedi, datum, dare* (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito *doceo, doces, docui, docutum, docere* (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indôcil *duo, dues, dua* (dois): dobro, dual, duelo, duplicita, dúvida *duco, ducis, duxi, ductum, decere* (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútulo, produzir, tradução, viaduto Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-, etc.*)

*edo, edes, edi, esum, edere* (comer): comer, comida, comestível (*cum + edo*) *eo, is, ivi, itum, ire* (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir *facio, facis, feci, factum, facere* (fazer): afeto, difícil, edificar, fachinora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-, etc.*)...

*fero, fers, tuli, latum, ferre* (levar, conter): ablativo, aférir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação [98](#)  
*frango, frangis, fregi, fractum, frangere* (quebrar): frágil, infingir, naufrágio, refratário *fundo, fundis, fudi, fusum, fundere* (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso *gero, geris, gestum, gener* (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro *gigno, gignis, genui, genitum, gignere* (produzir): genitor, genital *iaceo, iaces, iacui* [part. fut. *iacituras*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente *gradior, graderis, gressus sum, gradii* (avançar andando): egresso, ingressar *iacio, iacis, ieci, tactum, iacere* (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito *lac, lactis* (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio *lateo, lateis, latui, latum, latere* (estar escondido): latente *lego, legis, legi, lectum, legere* (ler): florilégio, legível, leitura, lente *loqueror, loqueris, locutus sum, loqui* (falas): colóquio, eloquência, locução, proloquio *ludo, ludes, lusi, lusum, ludere* (jogar): ludopédio, ludico *misseo, miscere, miscui, mistum* (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mixer, misturar, miscível *mittio, mittis, nisi, missum, mittere* (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa *moneo, mones, monui, monitum, monere* (advertir, fazer lembar): admoestar, admonitor *mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri* (mentir): mentir, mentira *moveo, moves, movi, motum, movere* (mover): motorista, motriz, comoção, móvel *nascor, nasceris, natus sum, nasci* (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento *nosco, noscis, novi, notum, noscere* (conhecer): incôgnita, noção, notável *opus, operis* (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo *os, oris* (boca): oral, oralidade *patio, pateris, passus sum, pati* (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo *pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere* (pender): suspenso *pes, pedis* (pé): pedal, pélico, plícias, plíciavi ou plíciui, plíciatum ou plíciatum, plíciare (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cumplicar, explicar, implícito, réplica *pono, ponis, posui, positum, ponere* (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto *quaero, quareris, quasivi* ou *quasiesi, quasieum, quaerer* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor *rapio, rapiis, rapui, raptum, rapere* (roubar): raptor, raptar *rego, regis, rex, rectum, regere* (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto *rumpo, rumpis, rupi, ruprum, rumpere* (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção *scribo, scribes, scripti, scriptum, scribere* (escrever): escritor, escritura *seco, secas, secui, sectum, secare* (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador,

segmento *sedeo*, *sedes*, *sed*, *sessum*, *sedere* (estar sentado): sedestre *sollo*, *solvis*, *solfi*, *solutum*, *solvere* (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel *specio*, *specis*, *spexi*, *spectum*, *specere* (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito *sto*, *stas*, *steti*, *statum*, *stare* (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância *sterno*, *sternis*, *stravi*, *stratum*, *sternere* (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar *sumo*, *sumis*, *sumpsi*, *sumptum*, *sumere* (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário *tango*, *tangis*, *tetige*, *tactum*, *tangere* (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir *tendo*, *tendis*, *tendeti*, *tensem* ou *tentum*, *tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão *teneo*, *tenes*, *tenui*, *tentum*, *tenere* (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento *trado*, *tradis*, *tradidi*, *traditum*, *tradere* (trazer): tradição, extraditar *tribuo*, *tribuis*, *tribui*, *tributum*, *tribuere* (repartir) atribuir, retribuir *torqueo*, *torques*, *torsi*, *tortum*, *torquere* (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção *verti*, *vertis*, *verti*, *versum*, *vertere* (tornar, voltar): verter, versão *video*, *vides*, *vidi*, *visum*, *videre* (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência *venio*, *venis*, *veni*, *ventum*, *venire* (vir): vir, vinda *vivo*, *vivis*, *vixi*, *victurus*, *vivere* (viver): vida, viver *volvo*, *volvis*, *volvi*, *volutum*, *volvere* (envolver): devolver, envolto, revolução

### 3 – ESTUDO ESTRUTURAL DO LÉXICO: A LEXEMÁTICA

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo (“significado”) léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os “objetos”, isto é, as realidades extralingüísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam “o mesmo”: *brotós* significa “homem como não deus” e *ánthropos* significa “homem como não animal”.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas [99](#) – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano “interidiomaticamente” estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma “língua histórica” (o português, por exemplo) ou em “línguas históricas” diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante “*ponto*” (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) [100](#), dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às “coisas” (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem “equivalências de orações” (interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Um  é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediataumas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em: *Estive três \_\_\_\_\_ em Fortaleza*; selecionando um dos seguintes lexemas

do paradigma: *segundo, minuto, hora, dia, semana, mês, ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore, casa, rio, cadeira, etc.*

Em *O muro é verde, verde* exclui imediatamente *azul, branco, cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito, pouco, bastante, menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo, minuto, hora, etc.* são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira, poltrona, sofá, canapé, banco e divã* [BP.1; MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*: s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por –, teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo, velho, etc.* (cf. *queijo fresco, fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio, quente, morno, etc.* (*manhã fresca, brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

**Classe léxica** – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem, inteligente, gago* pertencem a campos léxicos distintos, mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema “ser humano”, já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: “seres vivos”, “coisas” e, dentro da classe “seres vivos”, por exemplo, “seres humanos”, “seres não humanos”, etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como “positivo”, “negativo” que justificam coordenações aditivas do tipo “*bom e inteligente*”, ou coordenações adversativas do tipo “*bom mas brigão*”.

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas “transitivo e intransitivo” (com possibilidades de subtipos, como “transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema “direção” (em relação ao agente da ação), os verbos “adlativos”, isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar, ganhar, receber, recolher, etc.*) e os “ablativos”, isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender, dar,*

*entregar, soltar, devolver, etc.).*

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* (“aquele que dá ou recebe hospedagem”), com verbos como *alugar* (“aquele que dá ou recebe de aluguel”), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede; Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* (“que sente ou causa saudade”), *temeroso* (“que sente ou causa temor”), *arrendar* (“que dá ou toma de renda”), *esmolar* (“que dá ou pede esmola”) [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso, fortuna* (= destino), *éxito, ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe “negativo”: *mau sucesso, triste fortuna, mau éxito, pobre ventura, etc.* [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em “aquele que recebe a hospedagem”, e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade, seleção e implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo ‘membro de sustentação do corpo’ a classe ‘pessoa’ (*pé*: “membro de sustentação de pessoa”) e ‘animal’ (*pata*: “pé de animal”). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo “fecundação” são a classe ‘pessoa’ (*grávida*: “fecundada em relação a pessoas”), e ‘animal’ (*prenhe*: “fecundada em relação a animal”) [ECs.2, 141; MV1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo ‘sistema piloso’ incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* (“sistema piloso dito de mamíferos”) e *pena* (“sistema piloso dito de aves”).

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema “cavalo”, pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar, mugir, zurrar, balir, grunhir, ladrar, miar, cacarejar, regougar* são o grito relativo, respectivamente, a “cavalo”, “vaca”, “burro”, “cabra”, “porco”, “cão”, “gato”, “galinha”, “raposa”.

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos “clichês léxicos”, ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das “coisas”; assim, *branco* aplicado às gaivotas não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralingüística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo “próprio do cavalo”, razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

#### 4 – FORMAÇÃO DE PALAVRAS DO PONTO DE VISTA DO CONTEÚDO

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu [101](#), um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder, bom dia, manu tenere > manter*, que não constituem propriamente procedimentos da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular gramaticalização do léxico “primário”. Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a “o fato de ser belo/bela”, o termo “fato” não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por “ser belo / bela”, mas sim um *nome*

para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, “ser” é nome da ‘predicatividade de ser’, isto é, da predicação atribuída, e “belo / bela” é nome da unidade de *belo(s)* + *bela(s)* na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: “*belo(s) / bela(s)* gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação”. Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos “paragramaticais” e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções “paragramaticais” dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos “paragramaticais” porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma “gramática do léxico”, mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de “coletivos” (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples “plural”, (*árvores*), sim de uma “pluralização” que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo(s)*, *bela(s)*.

Assim também em *papeleira* está implicada uma “função preposicional”, mas não uma determinada preposição (p.ex. “*para*”*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico “alguém ou algo” que, de outro modo, não tem realização em português. [102](#)

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é “inatural” (do tipo do “gênero” ou do “número”), enquanto no desenvolvimento a função implicada é “atual” (do tipo das funções “sujeito”, “predicado”, “complemento verbal”). Na composição, a função pode ser inatural ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é “inatural”, isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos: cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever. No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em: *prefeito* → [verbo] → *prefeitável*, não existe na norma do português o verbo \**prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* (“o fato de ser belo”); *chegar* + função predicativa → *chegada* (“o fato de chegar”); *branco* + função de epíteto → *o branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos: a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um “prolexema”, isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua.[103](#) como ocorre em “elemento substantivo-pronominal” [do tipo “alguém” ou “algo”] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico “alguém ou algo”, pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, “árvore”, “comerciante”: “árvore” + *limão* → *limoeiro*; “comerciante” + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos “determinados” na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama “derivação” (como podemos ver, tal denominação também abrange o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo: *rico* → *enriquecer* → *enriquecimento* *nação* → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*. Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto, mas podemos ter um predicativo (*espanta-coiô*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com “algo que gira na direção do sol”. Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como “alguma coisa que tira teima”, “alguém ou alguma coisa que guarda roupa”, isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática (“tirador, tiradora”) + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado “elemento verbal” deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um participípio substantivado. Este “participípio” pode ser um participípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um participípio causativo (como em *passatempo*: “qualquer coisa que faz passar o tempo”).

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prededor de gravata*, etc.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros: a) uma mudança do gênero “natural” (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*; b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante “apreciação aproximativa” (*velho* → *velhusco*); 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*); c) repetição: *fazer* → *refazer*; d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base: a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*; b) atributivo: *de inverno* (“pertencente ao inverno”) → *invernal*.

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos: *terra* → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

*esperar* → *espera* (de esperar “aguardar”) e *esperança* (de esperar “confiar”).

## 5 – ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS A semântica estrutural diacrônica é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nossa intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro “Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa” [APG.I, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva “esfera semântica” e assume valores novos.

“A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a “constelação psíquica” sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas” [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; “entre as ideias, entre os

pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho, de ouro, de papel, etc.* Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração, etc.* Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral” [AGR.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significado das palavras, as principais são: a) *Metáfora* – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados: *cabelos de neve, pesar as razões, negros pressentimentos, doces sonhos, passos religiosos* [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], *boca do estômago, dentes do garfo, costas da cadeira, braços do sofá, pés da mesa, gastar rios de dinheiro, vale de lágrimas, o sol da liberdade, os dias correm, a noite caiu*.

**OBSERVAÇÃO:** Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralingüisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: “A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, semelhos de ligação que intermedeiam passagem dum plano para outro”.

b) *Metonímia* – translação de significado pela proximidade de ideias: 1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido: *um Rafael* (por um quadro de Rafael), *as pálidas doenças* (por doenças que produzem palidez), *ganhar a vida* (por meios que permitem viver), *ler Machado de Assis* (i.e., um livro escrito por M. de Assis).

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar: *a posteridade* (i.e., as pessoas do futuro), *a nação* (i.e., os componentes da nação).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa: *passe-me a farinha* (i.e., a farinheira), *comi dois pratos* (i.e., a porção da comida que dois pratos continham).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a Escritura* (i.e., um versículo da Escritura), *encontrar um teto amigo* (i.e., uma casa).

5 – a matéria pelo objeto:

*um níquel* (i.e., moeda de níquel), *uma prata* (i.e., moeda de prata) 6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa: *jérsei* (= tecido da cidade Jersey), *gaza* (= tecido da cidade de Gaza), *havana* (= charutos da cidade de Havana); *greve* (as reuniões feitas na Place de la Grève).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A virtude vence o crime* (isto é, as pessoas virtuosas vencem os criminosos); *praticar a caridade* (= atos de caridade).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa: *o trono* (= o rei), *o rei* (= a realeza)

c) *Catacrese* – translação do significado por esquecimento do significado original: *panaceia universal* (*panaceia* ‘remédio para todos os males’ já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas*. [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) *Braqüilogia ou abreviação* – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa: *dou-lhe a minha palavra* (i.e., palavra de honra), *vamos à cidade* (i.e., ao centro da cidade), *um posse* (i.e., pessoa possuída do demônio), *aproveitar a ocasião* (= a boa ocasião), *a festa da Ascensão* (= da Ascensão de Jesus Cristo).

e) *Eufemismo* – translação de sentido pela suavização da ideia: 1 – para a morte:

*finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro* (literários), *passar desta a melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (estes populares).

2 – para a bebida:

*abrideira, água que gato (passarinho) não bebe, januária.*

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo, demônio, satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho, diogo, demo, satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) *Alterações semânticas por influência de um fato de civilização*: *tonto* (= louco) participípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.[104](#)

*pagão* (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (*castrensis*) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

*cor* (*saber guardar, ter de – = de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

*judiar* (= *zombar, atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra *judas* (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

*calabrear* (= *misturar; confundir; mudar para pior; alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V.3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras: *vilão* (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de “camponês” passou a designar “homem grosseiro”, “perverso”, “infame”.

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar, baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo, não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

*g) Etimologia popular ou associativa* É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.[105](#)

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa “célebre”, “notável”,[106](#) influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= sem testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

*espraiar* (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de “estender-se por larga área”.

*embarcar* (= entrar na barca) significa hoje “entrar em qualquer condução”.

*aliviar* (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a “minorar”, “diminuir”, “abrandar”, uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

#### 1 – Restrição ou especialização do significado a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

*sucesso* (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

*carta* (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

*britar* (significava “quebrar qualquer coisa”) restringiu hoje o seu significado para “quebrar pedras”.

b) *abreviação ou condensação*: *um havana* (= charuto de Havana); *o champanha* (= o vinho de Champagne); *um(a) jato* (= avião a jato).

#### 2 – Plenitude do significado Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem*.

*marechal* (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

*pedagogo* (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

#### 3 – Degradação do significado (Pejorativos) *vilão*.

*libertino* (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

*libidinoso* (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.

*valetudinário* (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*[107](#) com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos “estados de coisas” extralingüísticos:

<i>pensar</i>	{	um assunto um ferimento
<i>ponto</i>	{	em geometria: um ponto no espaço em gramática: sinal de pontuação em teatro: auxiliar de atores em táxi: ponto de táxi em gíria escolar: o professor deu <i>ponto</i> novo (“matéria”) o aluno precisa de dois <i>pontos</i> (= grau)

Como lembra Coseriu, “antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou “significado unitário”. E só quando se mostre absolutamente impossível “reduzir” todas as acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)” [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a “propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto” [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa, andar a pé, falar a Pedro; andar a largos passos, andar de automóvel, andar doente*.

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: “propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...) Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* ‘costurar’; *cozer* ‘cozinhar’; *expiar* ‘sofrer’; *espiar* ‘olhar sorrateiramente’; *sessão* ‘ato de assistir’; *cessão* ‘ato de ceder’; *cela* ‘quarto para enclausuramento’; *selo* ‘peça de arreio’ [MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, “formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais” [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia): a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários; b) a consciência linguística do falante; c) critério das relações associativas; d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

*casa, lar, morada, residência, mansão* Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos “ocasionais” que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinônima apresenta-se-nos com pequenas graduações semânticas quanto a diversos domínios: o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenercer / morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar / clamar / bradar / berrar*); o aspecto cultural (*escutar / auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida; morte*), *contrária* (*chegar; partir*) ou *correlativa* (*irmão; irmã*) [JK.1 apud HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 apud HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo: a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*); b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande : pequeno*); c) *correlação* (*comprar : vender; marido : mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes: a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*; b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*; c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antónima porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

- |                  |  |
|------------------|--|
| <i>alugar</i>    | a) dar de aluguel<br>b) receber de aluguel       |
| <i>emprestar</i> | a) dar de empréstimo<br>b) receber de empréstimo |

- |                |  |
|----------------|--|
| <i>hóspede</i> | a) quem recebe a hospedagem<br>b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro) |
| <i>esmolar</i> | a) dar esmolas<br>b) receber esmolas                                     |

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado: Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

- |  |  |
|--|--|
| $\begin{cases} \text{proscrever: proibir} \\ \text{prescrever: aconselhar} \end{cases}$                          | $\begin{cases} \text{trásego: trânsito} \\ \text{tráfico: comércio} \end{cases}$                               |
| $\begin{cases} \text{ratificar: confirmar} \\ \text{retificar: corrigir} \end{cases}$                            | $\begin{cases} \text{infringir: transgredir, violentar} \\ \text{infligir: aplicar pena, castigo} \end{cases}$ |
| $\begin{cases} \text{descrição: ato de descrever} \\ \text{discrição: qualidade de quem é discreto} \end{cases}$ | $\begin{cases} \text{intimorato: destemido, intrépido} \\ \text{intemerato: puro, inoculado} \end{cases}$      |
| $\begin{cases} \text{iminente: pendente, próximo para acontecer} \\ \text{eminente: ilustre} \end{cases}$        |  |

**C) Estrutura do enunciado ou período.** A oração e a frase I – A ORAÇÃO E AS FUNÇÕES ORACIONAIS  
**Enunciado ou período** Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entonação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo

## **emprego da maiúscula inicial: O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.**

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão: O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas: 1. Os homens desejam a paz.

2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.
8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?
11. Vívamos os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]: *a)* são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte; *b)* são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final; *c)* são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor: *a)* ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda.*); *b)* ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda? Pedro não estuda? Quem chegou?*); *c)* ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Vólte cedo.*); *d)* ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*); *e)* ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer! Como está frio!*).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição grammatical brasileira, *período*.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados: Depressa!

Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*: *Sujeito Predicado* Pedro estuda.

Pedro não estuda.

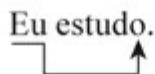
Comparemos agora as seguintes possibilidades: Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.

- Eu estudo português às segundas-feiras.
- Eu estudo português.
- Eu estudo.
- Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.<sup>a</sup> pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.<sup>a</sup> pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Eu trabalho como professor.  
Muitas crianças viram os pássaros  
O bom filho comprehende o esforço dos pais O sol é um astro luminoso.



Já em *brincamos*, o sujeito gramatical “1.ª pessoa do plural” está indicado pelo morfema *-mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (*eu*), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*: Eu e meu vizinho

Eu e minha colega  
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se: *Eu e dois irmãos brincamos no clube*.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo, Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

*Sujeito* é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em: Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo: Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem, criança, sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há participação no predicado): *Eu nasci. Nós nascemos. Elas não eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem?* (aplicado a seres animados), *que?* ou *que?* (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

*José escreveu uma bela redação.*  
*Quem escreveu uma bela redação? – José.*  
*O livro caiu.*  
*Que caiu? – O livro.*

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

*O bom filho comprehende o esforço dos pais*

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo, artigo e pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante): Noites *claras* prenunciam bom tempo.

*O livro está esgotado.*  
*Esta manhã prometia chuva.*

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum, certo, vários, todo, todos, qualquer, alguns (de), vários (de)*, etc.: *Alguns bons momentos* são inesquecíveis).

*Todos os alunos saíram.*  
*Alguns de nós não foram à festa.*

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*: *Os seus livros* não estavam na estante.

*Aqueles dois erros eram graves.*  
*Vários de meus sobrinhos são engenheiros.*

Aqueles *dois* seus vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito a *termos nucleares e marginais* e *termos argumentais e não argumentais, termos opcionais e não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis e não integráveis*.

Graciliano falou de temas universais em seus romances, além de *Graciliano e falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais e em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida, *muitas experiências amargas e durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração: Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.

Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.  
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.  
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.  
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*: \* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo *não argumental*, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação: Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.

Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.  
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2): (1) Ele mora *no Brasil*.

(2) Ele trabalha *no Brasil*.

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*: \* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal: Ele trabalha.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de reação ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações: Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,  
que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralingüístico é que podemos fazer o chamado “emprego absoluto” de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração “fazer sentido” com enunciados do tipo: Hoje não *escrevi*

[sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência: Enchi o copo *de areia*.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos: *Li o livro – Li-o.*

Viu as crianças – Viu-as.

Dei o livro a Pedro – Dei-lhe o livro.

Escreveram carta aos primos – Escreveram-lhes cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*: Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante: Não *me mexam* nesses papéis!

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*: O porteiro *viu o automóvel*.

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos: Ela não *trabalha*.

José *acordou cedo*.

As crianças *cresceram rapidamente*.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga: Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo: Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água, refrigerante, suco, etc.*).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete, carta, oração, etc.*).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo: *Ele ofereceu Nós reparamos*, já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico: Ele não *vê* / ‘não enxerga’, ‘é cego’

Já não *bebe* / ‘abandonou o alcoolismo’

Ainda não *lê* / ‘é analfabeto’

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária: Os vizinhos não viram o *incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos: José *viu* o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em José *viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular

patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias: a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o, a, os, as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado: Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva: *Os vizinhos* não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.

Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.

*O pai* comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e *[o] que* [é que]? antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*: O caçador viu *o companheiro*.

Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto) O caçador viu *o lobo*.

Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

**O caçador viu o lobo / O lobo, o caçador o viu**

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque: a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]: *Eu quis o livro* → \**O livro foi querido por mim*.

*Cremos isso* → \**Isso é crido por nós*.

*O aluno tem o livro* → \**O livro é tido pelo aluno*.

*Os refugiados perderam tudo* → \**Tudo foi perdido pelos refugiados*.

*O atleta pesava 60 quilos* → \**60 quilos eram pesados pelo atleta*.

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva: *Assistimos à missa* → *A missa foi assistida por nós*.

*O proprietário pagou aos operários* → *Os operários foram pagos pelo proprietário*.

*O diretor perdoará aos alunos* → *Os alunos serão perdoados pelo diretor*.

*Os cidadãos obedecem à lei* → *A lei é obedecida pelos cidadãos*.

*Todos responderam ao anúncio* → *O anúncio foi respondido por todos*.

*Apelaram da sentença* → *A sentença foi apelada*.

*Não aludiram a essas razões* → *Essas razões não foram aludidas*.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem?*, *que?* nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo: *O corredor mede cinco metros*.

*O atleta pesa sessenta quilos*.

*O novo carro custou trinta mil reais*.

*O filme durou três horas*.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior: *O corredor mede-os*.

*O atleta pesa-os*.

*O novo carro custou-os*.

*O filme durou-as*.

**b) Objeto direto preposicionado** – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição: Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do postório, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais: a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório): “Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele*” [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa

ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou favorece: Amar *a Deus* sobre todas as coisas.  
Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre: 1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito): *A Abel matou Caim*.

2) *comparação*: “Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*” [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho prezava*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro, uns aos outros*: Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*: Conheci a pessoa *a quem* admirás.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (áticos ou tônicos) do tipo: “Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*” [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória: “*Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe*” [RLb.2, 278].

c) **A preposição como posvérbio** – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos: *Arrancar a espada*.

*Arrancar da espada* (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

*Cumprir com o dever* (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

*Fiz com que ele visse* (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) **O complemento relativo** – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimita e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]: Todos nós gostamos *de cinema*.

O marido não concordou *com a mulher*.

Poucos assistiram *ao concerto*.

O comerciante não confiou *no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição: Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de, concorrer com, agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de, queixar-se de, lembrar-se de, condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles: O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos: *Ajudar a missa* *Ajudar à missa* *Atender o telefone* *Atender ao telefone* *Assistir os carentes* *Assistir aos carentes* *Chamar românicas* *essas línguas* *Chamar românicas a essas línguas* *Presidir a sessão* *Presidir à sessão* *Satisfazer o pedido* *Satisfazer ao pedido* No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas) é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer, contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais *ele, ela, eles, elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada: Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram à *opera*. Os turistas assistiram a *ela*.

O comerciante não confiou nos *empregados*. O negociante não confiou neles.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica: Seus parentes moram no Rio. / Seus parentes moram aqui.

O artista já não vive em São Paulo. / O artista já não vive lá.

Iremos a Petrópolis. / Iremos aí (ali).

Ela chegou do Ceará. / Ela chegou de lá.

**OBSERVAÇÃO:** Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais [“agente”, “paciente”, “locativo”, “direção”, etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com a hora do tumulto [E. Paiva, 71 e ss.]

**e) O complemento objeto indireto** – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

*O diretor escreveu cartas AOS PAIS.*



*Os vizinhos se queixaram do barulho À POLÍCIA.*



Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento ou objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramente *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical “beneficiário”, “destinatário”; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe / lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o, a, os, as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele, ela, eles, elas*).

Enviaram o presente à aniversariante. / Enviaram-lhe o presente.

O diretor escreveu cartas aos pais. / O diretor escreveu-lhes cartas.

A crescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração: Sempre lhe dei ao aluno muita atenção.

Ao aluno sempre lhe dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente

Preciso do auxílio

mas:

Escrevi cartas aos pais

Queixou-se da turma ao diretor

\*Vi

\*Preciso

Escrevi cartas

Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto ou complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos: O diretor escreveu aos pais. O diretor escreveu cartas.

Os vizinhos se queixaram à polícia. Os vizinhos se queixaram do barulho.

**f) Objeto indireto e adjuntos com *para*** – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece: Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto: Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração: Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*, a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*: *Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora*.

mas não:

\*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

**g) Construção especial com objeto indireto** – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo + argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar, desagradar, pertencer, ocorrer, acontecer, saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar, aparecer, sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence  (pertence-lhes).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

**h) Os chamados “dativos livres”** – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos: *a) dativo de interesse (dativus commodi et incommodi)* – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal: Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-me amavelmente a luz [MV2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

*b) dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo: Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

*c) dativo de posse* – exprimem o possuidor: O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-*se-me* [MV].

*d) dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa: *Para ele* a vida deve ser intensamente vivida.

*Para nós* ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

**i) O complemento predicativo** – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e

indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo: O trabalho é proveitoso.

Janete é minha irmã.

As alegrias eram passageiras.

O céu está azulado.

Os argumentos permaneceram incompletos.

A situação parecia resolvida.

Esses livros não são seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor / Pedro canta; O colega está irritado / O colega irrita-se*.

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão, meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais dum só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:<sup>109</sup>

O trabalho é proveitoso. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram passageiras. → As alegrias *o* eram.

Janete é minha irmã → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua doente → \* A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração: Filipe é simpático. Filipe *o* é. \*Filipe *o* é simpático

**2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal?** – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor, Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a “ligar” (dai os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanhamos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBV.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu irmão.

O sol está quente.

Os argumentos continuamos mesmos.

Ela mais parece uma Maria vai com as outras.

Os vizinhos estão bem.

Os jovens são assim.

O primo é dos nossos.

A mesa parece de madeira.

Nós somos do Norte.

As provas parecem de boas fontes.

Está tarde.

O compromisso está de pé.

Ela estava que estava.

**OBSERVAÇÕES:** 1.) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrões, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas: Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*: *O tempo virou* (usado num predicado simples, intransitivamente).

*O vento virou o barco* (usado num predicado complexo, como argumento complemento direto *o barco*).

*O vizinho virou fera* (usado num predicado complexo, como argumento predicativo *fera*).

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.  
João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural: *O meu amigo é o padrinho* → *O meu amigo o é*.

*O padrinho é o meu amigo* → \**O padrinho o é*.  
Eu sou o padrinho → Eu o sou.  
*O padrinho sou eu* → \**O padrinho o sou*.  
João é o padrinho → João o é.  
*O padrinho é João* → \**O padrinho o é*.

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: *Os velhinhos o eram* / \**Seu orgulho o era*.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe: a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*; b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro sujeito (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível: *São dez horas?* – *Sãono*.

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal: *São dez horas?* – \**Elas são*, como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).  
O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).  
A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).  
Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].  
Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).  
Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente: *Tachou-o de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.  
“Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras cavadas e negras*” (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer: *Chamaram-no tolo / de tolo*.

*Chamaram-lhe tolo / de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos: a) que significam ‘chamar’ e ‘ter na conta de’: *chamar, considerar, reputar, julgar, supor, declarar, intitular, crer, estimar, ter e haver por, dar e tomar por*, etc.; b) *deixar, ver, ouvir, encontrar*, em construções do tipo: *Viu-o vivo e forte*.

*Deixei-o de cama e encontrei-o sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança: *O secretário passou José de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser, estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças: a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.; b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal; c) por essa maior fruidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical: *Ele é estudioso / \*Ele é; Ele estudou atento / Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas*; d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*: *Ele estudou atento / Ele estudou assim. / Ela estudou assim*.

*A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação: *Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente*.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita: *Os rios corriam*

sonorosos.

Os rios sonorosos corriam

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonoroso*s tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, “os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua” [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o “tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou causa”, na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:  
‘Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, “como dourada borboleta)

“*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*” [BBo].

(isto é, “como rainha esquece o que sofreu quando vassala”) Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente: *Em rapaz* dizia verdades que *quando velho* silenciou.

*Audaz* D. *Quixote* ele entrou na discussão.

*Quando Presidente* esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção: Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia*, *A ti* – que era a Aninha Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninha Serrana, *odiada!* [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES: 1.) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas: Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.) Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

110

Em *Convém prestar atenção aos conselhos, prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Véjo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Véjo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbiais átonos (*Ouço-o* e *Véjo-as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbiais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes: Encontrou a porta arrombada, em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbial átono, teremos: Encontrei-a arrombada, onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

*Ouço-o soprar*

*Vejo-as crescer*

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbiais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de “sujeito” de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções: *Ouço soprar o vento* / *Ouço o vento soprar* *Véjo crescer as árvores* / *Véjo as árvores crescer* A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Véjo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*: *Ouço o vento soprar* → *Ouço-o soprar*.

*Vejo as árvores crescer* → *Vejo-as crescer*.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de “sujeito” de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são “objeto direto” do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo “sujeito” do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

*Ouço soparem os ventos* / *Ouço os ventos soparem*

*Vejo crescer as árvores* / *Vejo as árvores crescerem*

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com: Ouço que os ventos sopram.

Vejo que as árvores crescem

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento): Alugam-se casas / Alugase casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo *se*, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção: Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.

Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em: Alugase casas.

Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denota atividade: Ouço o vento soprando.

Vejo as árvores crescendo.

“No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele compavor” [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade percebida, pode ser substituída pela de relativo: Ouço o vento que sopra.

Vejo as árvores que crescem

“Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e senti-o que se abismava debaixo das arcarias de pedra” [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto: “... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas, semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas...” [AH.7, I, 172].

#### agente da passiva

O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas: Os exercícios foram feitos.

O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito: Os exercícios foram feitos *por José* / José fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, José (*por José* e *júri* (*pelo júri*)).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]: O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.

Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos: Ela é estimada *de todos*.

O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio de*, *em virtude de* e equivalentes: O artista foi elogiado *pela sua técnica*.

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas*.

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima*.

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção: Ficaram aborrecidos *com (por causa de) as falsas promessas*.

Os ladrões foram encontrados *em virtude de (graças a) denúncia anônima*.

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita “passiva pronominal” ou “passiva reflexa” (denominações melhores que “passiva sintética”) não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar

+ participípio, vista até aqui.

*Vendem-se casas.*

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto pelo primeiro batalhão foi decisivo.

O derrotado pelo concorrente achou justa a classificação.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o participípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada “que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do participípio” [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o participípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita “voz passiva”, é a possibilidade de comutação do participípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo: A equipe é *vencedora*. A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.

A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.

O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

A criança caiu da cama durante a noite

Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã. O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância, facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo: A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*: A criança caiu da cama.

**OBSERVAÇÃO:** Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de “circunstância”.

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que?* *quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo: Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).

Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorremos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento é ... *que/ quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial: É de negócios *de que* sempre fala o José.

É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações: (1) *Em minha casa grito eu*.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito + predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e intonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos: O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras  *são sempre ruidosas.*

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente: Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.

(sintaticamente incompleta) Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta) O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui “de lugar”) pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em: O escritor saiu jovem *de Minas* é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas* é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo): Sua permanência *em Minas* foi breve.

*Necessária na vida toda*, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo: A criança caiu *da cama e durante a noite*, como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite: Preciso *do* livro.

\*Preciso *ao* livro.

\*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição: Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições: Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada: *De noite*, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos*.

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia: O jovem trabalhava *em casa*, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava *em companhia dos irmãos*.

O jovem trabalhava.

**a) Adjuntos adverbiais de lugar** – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde?*, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*onde?*, *por onde?*, *aonde*, *até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?) Pedro trabalhava *aí*. (onde?) O professor tem parentes no *Recife*. (onde?) Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (onde?) Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?) O atleta correu *até a chegada*. (até onde?) “*Onde me esperam fico*”. [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações: Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).

O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos: O barco navegava *rio acima*.

O capitão anda  *mundo fora*. (ou *afora*) O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

**b) Adjuntos adverbiais temporais** – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração: A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo) O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*) *De noite todos os gatos são pardos* (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada : Augusto *não* trabalha *hoje*.

Estuda-se melhor *pela manhã*.

Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.: Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal: Não se trabalha *domingo / no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje / por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

**OBSERVAÇÃO:** Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (*há*) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Sairá *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo: *Já não chove / Não chove mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero, Já não o tem, Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Moraes (1813), se refere a “cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes” e a quantitativa em *Não quero mais, Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais (je n'en veux plus), Já não quero (je ne veux plus)* [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado “quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente”, enquanto *não mais* se usa quando se quer “significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo” [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente, de imediato, logo, num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos, num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a: Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática): Eles saíram rápidos.

Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido, rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ele saiu rápido, rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição: Ela trabalhava *semana adentro*.

O fato ocorreu *dias atrás*.

**c) Adjuntos adverbiais modais** – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza: O aluno está escrevendo *bem*.

O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.

Os vizinhos *falarão com tristeza*.

Entraram no estádio .

Os ladrões *fugiram sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.

Ele *foi* deitar-se *sem pijama*.

**d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia** – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa: Ele estudou *para médico* (fim).

Tremiam *de frio* (causa).

Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos: O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal: Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como: A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte bafejou a atriz*.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos admiraram a exposição*.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa: O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

\* Os quadros admiraram o pintor.

\* A falta desleal expulsou o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*: O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.: Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo: Os marginais fugiram *de medrosos*.

*Por teimoso* não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*: Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever à *máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico *foi multiplicado por dois*.

A partida *foi ganha pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distingui-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*: A partida *foi ganha com (mediante) a estratégia do técnico*.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos: O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos: O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã *foi ao baile com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abrange o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência: A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto: O capitão *com seus soldados* *desbaratou* o inimigo.

O capitão *com seus soldados* *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto: *O capitão e os seus soldados* *desbarataram* o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na

construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

**e) Adjuntos adverbiais de quantidade** – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada: Nesta região chove mais no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.  
Andaram *bastante* em busca de emprego.  
A assistência ria às bandeiras *despregadas*.  
O clube ganhou a partida *por dois a zero*.  
O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.  
Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar, passar, percorrer, correr, medir, pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais: O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.  
A criança já pesa *vinte quilos*.  
O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração: O atleta percorreu *dez quilômetros*, verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção: \*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva: *Dez quilômetros* foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*: O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito, pouco, demasiado, bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo: Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vímos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).  
Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo: Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido: Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *bastante* para vencer.

**OBSERVAÇÃO:** Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias: “Às orações interrogativas indiretas de *como, porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido” [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à Gramática de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal: Comprou a casa por cem mil reais.

O pedreiro mediu o aposento com linha.  
Ela já sabia muito matemática.

**f) Adjunto adverbial de distribuição** Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

**g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111** – São os adjuntos que expressam a relação de “favor”, “ajuda” ou “disposição favorável”, muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de “oposição”, “disposição desfavorável”.

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de, em benefício de, em prol de, em auxílio de, etc.*

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo: Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

**h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência** – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de “substituição”, “troca” de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de, em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.

A colega *fez* a redação *pelo namorado*.  
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.  
Iremos amanhã *em vez de hoje*.  
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.  
Comeu gato *por lebre*.  
João trabalha *por dois*.  
Ana trocou a mérenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*: Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de “preço”, em orações do tipo: Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).

Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

**i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto** – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida: O primo formou-se *em medicina*.

Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual: Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.

A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

**j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada** – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco

{ *de história.*  
*em moral.*  
*sobre tais fatos.*  
*acerca do caso.*  
*a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país*.

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicas do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo: O orador tratou *de fatos literários*.

A dissertação versou *sobre história*.

Na aula o professor falou *de regência verbal*.

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo: O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis*.

*Além das notas ruins*, faltava muito às aulas.  
*Ademais dos parentes*, vinhamos convidados.  
Todos ficaram, *mesmo Ana*.  
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive*.

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes: Todos saíram, *menos o culpado*.

Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*: *Malgrado a chuva*, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

**Ainda uma vez os determinantes nominais** Adjunto adnominal 1) **Adjunto adnominal** – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	Núcleo do Predicado	Objeto direto	Compl. relativo	Compl indireto	Adj. Adv.
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham			em casa.	
Meus pais	trabalham			em casa   de campo.	

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos: 1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *substantivo + adjetivo* *Passei belos dias em cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo, artigo e pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos adiante): Noites *claras* prenunciam bom tempo.

*O livro* está esgotado.

*Esta manhã* prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum, certo, vários, todo, todos, qualquer, alguns (de), vários (de)*, etc.): *Alguns bons momentos* são inesquecíveis.

*Todos os alunos* saíram.

*Alguns de nós* não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo e o numeral*: *Os seus livros* não estavam na estante.

*Aqueles dois erros* eram graves.

*Vários de meus* sobrinhos são engenheiros.

*Aqueles dois seus vizinhos* trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo + determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras: a) *artigo* e os *pronomes demonstrativos* *Os bons filmes* entrarão em cartaz *esta semana*.

b) *substantivo + pré-determinantes* (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo e o numeral*): *Os seus livros* não estavam na estante.

*Aqueles dois erros* eram graves.

c) *substantivo + pós-determinantes* (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos) *Todos os três meus bons amigos* chegaram hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo + adjetivo*) podem ter estruturas diferentes: a) um adjetivo: *belos dias em cidades agradáveis* b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito / copos com defeito*; mas *copo com defeito / copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem de coragem (corajoso) pão com manteiga (amanteigado) copo com defeito (defeituoso) casa de Pedro caminha de solteiro c) uma oração transposta à função adjetiva: O homem que tem coragem (corajoso) A casa que Pedro possui  
[Complemento nominal](#)

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo: *Sujeito Predicado* A casa de Pedro é espaçosa A resolução do diretor surpreendeu a todos A prisão do criminoso pela polícia mereceu elogio da imprensa Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa do vizinho	{	é espaçosa
A casa dos vizinhos		
A resolução do diretor	{	surpreendeu a todos
A resolução dos diretores		

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal: O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis: \*A resolução surpreendeu a todos \*A prisão pela polícia mereceu elogio Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor* ← o diretor resolveu), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa* ← Gutenberg descobriu a imprensa), não cabe classificar no exemplo a resolução do diretor, do diretor como adjunto adnominal, enquanto no exemplo a descoberta da imprensa, da imprensa como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento: a resolução do diretor → \*a resolução

a descoberta da imprensa → \*a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas, João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas, João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fãnhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos: A mãe ama o filho → O amor de mãe ao filho A polícia prendeu o ladrão → A prisão do ladrão pela polícia Jesus ama as criancinhas → o amor de Jesus às criancinhas O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega da carta de José ao Mário pelo carteiro A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal: Foi à cidade → A ida à cidade Penetrou na floresta → A penetração na floresta Inclinou-se à música → A inclinação à música De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (*desejo de vitória* ↔ *desejar a vitória*), a adjetivos (*desejoso de vitória* ↔ *desejar a vitória*), ou a advérbios (*referentemente ao assunto* ↔ *referente [adjetivo] ao assunto* ↔ *referência [substantivo] ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Véjamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos: *a saída do trem / o trem saiu a entrega da carta / (algum) entregou a carta ou a carta foi entregue* O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria: a cultura do professor / o professor culto Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes: a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai, mãe, filho, irmão*: o pai de *Eduardo* a tia de *Daniel* o irmão da *Bebel* Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo, colega, companheiro*: o amigo de

*Cleto* a colega de *Georgete* Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada: os *braços* da *dançarina* o *rosto* da *criança* a *face* do *problema* o *galho* da *árvore* o *cérebro* da *equipe* o *x* da *questão b*) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis* (2) *O retrato da galeria* Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro: *O quadro de Vitor Meireles* As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais: *O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles* (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal: *O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes* Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.: *O livro de Graciliano Ramos* intitula-se *Vidas Secas* Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva: *A casa comprada* está perto da cidade *A casa que comprei* está perto da cidade, assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal: *O desejo de tua vitória* é constante *O desejo de que venças* é constante

**3) O aposto** – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo: *O rio Amazonas* deságua no Atlântico.

O professor *Machado* honrou o magistério.

Sousa *cabeleireiro* me conhece bem

Meu *primo* José morou na Itália.

"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]

Clarice, a *primeira neta da família*, cursa Direito.

Sousa, nosso *cabeleireiro*, não trabalha hoje.

*Pedro II, imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.

Eu *Anibal* peço a paz [MMa].

Amanhã, sábado, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro II, imperador do Brasil*; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes: a) *Enumerativo*, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo: *Tudo – alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, a fé na religião e a confiança em si.

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: a neutralidade e a apostasia" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental: *A matemática, a história, a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é, por exemplo, a saber, verbi gratia* (abreviatura [v. g.]): Duas coisas o incomodavam, *a saber, o barulho da rua e o frio intenso*.

**b) Distributivo:** Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

*Um* no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

**c) Circunstancial** (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental): "As estrelas, grandes olhos curiosos, espreitavam através da

folhagem". [EQ.2, 8 *apud AK.1*].

"Artista – corta o mármore de Carrara; Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.I, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*: As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*: D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

[112](#)

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferenciando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

#### ***Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo***

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei* / *rei menino*, *filósofo rei* / *rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão: *a situação política* atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*): *a atual situação política* mas não:

\**a política situação atual* Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso: \* *a situação atual política*

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*: O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

*Tu, meu irmão, precisas estudar!*  
*Felicidade, onde te escondes?*

Algumas vezes vem precedido de ó, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

“*Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?*” [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

“Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

*Tu! - parte! volve para os lares teus*” [CAv.1, 191], *tu* não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, “espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo” [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em *Vai, Poeta...* (*Id., ibid.*: 116) Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas): Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!

“*Senhor Deus, que após a noite Mandas a luz do arrebol, Que vestes a esfarrapada Com o manto rico do sol*”. [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

## 2 – ORAÇÕES COMPLEXAS E GRUPOS ORACIONAIS: A SUBORDINAÇÃO E A COORDENAÇÃO. A JUSTAPOSIÇÃO

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade; O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu*.

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional: Sujeito: *o caçador* Predicado: *percebeu que a noite chegou* Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas: Sujeito: *a noite* Predicado: *chegou*

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado: O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *periodo composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher*; (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e comprehendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua “juntar” duas orações – como fazem as conjunções coordenativas –, mas tão somente marcar o processo por que se transpõe uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto*. Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar; que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar; a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de [complemento nominal](#) e [agente da passiva](#).

**5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas** – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa: Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*) Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra.*

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo.*

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada.*

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário.*

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá.*

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós.*

OBSERVAÇÕES: 1.) Opondo-se ao transpositor *que*, que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido.*

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

*O aluno estudioso vence na vida*, em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*: O aluno que estuda vence na vida.

O aluno estudioso vence na vida.

Repare que a oração independente

*O aluno estuda*, mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno*, tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida*. Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva*.

O transpositor relativo *que*, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

*O aluno que estuda vence na vida*, a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno*. Analisando *o aluno estuda*, o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

## 2) O relativo marcado por índice preposicional Já em

*O livro de que gostas está esgotado*, o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas*. Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*: O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

*A cidade a que nos dirigimos ainda está longe*, o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo *cidade*, e

vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*: A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

**Orações adjetivas explicativas e restritivas** – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *desritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por “a vida com sua tristeza” [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estariamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre*, *vida boêmia*, etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo*.

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas: O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada: O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja, a oração adjetiva, proférda sempausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o “que vinha a cavalo” *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva*.

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional: Sujeito: *O aluno que estuda* Predicado: *vence na vida* Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas: Sujeito: *que* (= o aluno) Predicado: *estuda*

**Adjetivação de oração originariamente substantiva** – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo de que se apurem os fatos é a maior preocupação dos diretores.

A crença em que a crise se espalhe atormenta todos nós.

A desconfiança de se devemos ir avante é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos de que o concurso saísse logo.

O negociante estava cônscio de que sua responsabilidade era grande.

**OBSERVAÇÃO:** Sendo as expressões preposicionadas de desejo de glória, ânsia de liberdade, desejo da glória, ansioso de liberdade modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

**Substantivação de orações originariamente adjetivas** – Em *O homem sábio é guia seguro*, o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro*, onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização: O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende o *que ignora* [MM].

*Os que mais blasonam de honra e probidade*, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são os que os nossos próprios inimigos nos tributam [MM].

*Para quem não tem juízo* os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

**OBSERVAÇÃO:** Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os, as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que*, de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou* = *Não conheço aquele que chegou*. *Não conheço os que chegaram* = *Não conheço aqueles que chegaram*. São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destinados de antecedente:

quanto

por que

	como	
Não sabemos	quando	comprou
	onde	
	que	
	qual	

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM tudo quer tudo perde (oração subjetiva).<sup>113</sup>

Falava a QUEM lhe pedia conselhos (oração objetiva indireta).

Fizeram QUANTO lhes pedi (oração objetiva direta).

Reconheço QUÃO enganados nos achávamos a seu respeito (oração objetiva direta).

Peço que anote QUAIS foram os responsáveis (oração objetiva direta).

A polícia descobriu QUANDO foi o roubo (oração objetiva direta).

Os jornais explicaram COMO os ladrões conseguiram fugir (oração objetiva direta).

Os garotos não descobriram ONDE os pais tinham posto os presentes (oração objetiva direta).

Os vizinhos não entenderam POR QUE o fogo foi violento (oração objetiva direta).

Ele é QUEM os avisa (oração predicativa).

Não sabia por QUEM tinha sido enganado (oração objetiva direta).

Assim, substituem quem por a pessoa que, aquele que; quanto por o tanto que; quando por o momento em que; como por o modo pelo qual; onde por o lugar em que; por que por o motivo pelo qual.

Analisam Quem tudo quer tudo perde desta maneira: A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.<sup>a</sup> oração: – principal: a pessoa tudo perde.

2.<sup>a</sup> oração: – subordinada adjetiva: que tudo quer.

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.<sup>114</sup>

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos cujo e o qual.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, o que sabe e o que ignora fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais dissipa e aprende, do primeiro. No segundo, os que mais blasonam de honra e probidade é o sujeito de são; no terceiro, os que os nossos próprios nos tributam é predicativo de são. No quarto exemplo, a quem não tem juízo funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa dar liberdade.

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]: Não sei o quanto lhe devo nessa ajuda.

**Mais uma construção de oração já transposta** – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente de – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio, em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado sábio recebe o concurso da preposição de para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo trabalho. Assim também em: O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM], a oração relativa substantivada os que governam, mediante a preposição em dos que governam, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo trabalho.

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha [MM] (comparativa).

O tempo voa para quem goza, e se arrasta para quem padece [MM] (inclusão).

O livro foi escrito por quem não se esperava (agente da passiva).

**As subordinadas adverbiais propriamente ditas** – As adverbiais do 1.<sup>º</sup> grupo exercem função própria de advérbio, que é,

como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão e fim).

Dai tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição: *Saiu de noite*.

Estudamos *com prazer*.

Trabalhas *na fábrica*.

Passeamos *pela cidade*.

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que*, *para que*, *desde que*, *porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa: Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida*.

*Os convidados saíram sem que fossem notados.*

*O advogado não o defendeu porque o réu só mentiu no depoimento.*

**Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais** – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades: a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde*, *quando*, *como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial: *Onde me espetam* fico.

*Saiste quando a festa melhorava.*

*O prédio foi construído como estava planejado.*

*Só trabalhava por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme*, *apenas*, *caso*, *enquanto*: *Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.*

*Seus sonhos se realizaram conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição: Ela só saía *com quem lhe merecia confiança* O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário*.

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que*, *ainda quando*, *já que*, *sempre que*, *logo que*, *assim que*, etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]: *Sempre que corriamo à janela*, assistíamos ao espetáculo da natureza.

*Logo que tudo fique resolvido*, o vizinho se mudará.

**OBSERVAÇÃO:** Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos: *em virtude de doença* = *por doença em cima da mesa* = *sobre a mesa graças à ajuda* = *com a ajuda debaixo da escada* = *sob a escada dentro de pouco* = *por pouco* Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial: *Em virtude de que era o mais saudável*, dispõe-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns participios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que*, *posto que*, *visto que*, *suposto que*, *salvo que*, *exceto que*, *não obstante que*: Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio*.

*Os turistas desistiram da visita dado que chovia torrencialmente.*

**OBSERVAÇÃO:** Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do participação, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

**As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas** – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em *Janete estuda mais que trabalha*, a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha*, que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

*Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato

anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho*, valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo é.

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior: *Janete estuda mais*.

*Janete é tão aplicada aos estudos.*

**Os diversos tipos de comparativas** – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que ou do que*), uma inferioridade (*menos...que ou do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de: mais (menos) do que = mais (menos) daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos, etc.*

**Outras unidades comparativas** – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer: a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior*: As qualidades devem ser *maiores que os vícios*.

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*): A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia*.

*Não pensava em outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

*Tudo nele era o mesmo que se vira antes.*

*O roubo antes denigre o ladrão que lhe aumenta os haveres.*

**As orações subordinadas consecutivas** – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior: *Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho*.

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

*Ela sentia tal medo que a deixava paralisada*, se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proférda com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula: *Ela sentia medo que a deixava paralisada*.

**OBSERVAÇÃO:** Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbial *o (a, os, as)*, construção que a norma padrão desaconselha: “o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos” [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada*, constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia*.

**Outras unidades consecutivas** – Os quantificadores a que se prendem as orações consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado: a) O indefinido *cada*: Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo*.

b) O indefinido *um (uma, uns, umas)*: De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores*.

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*: O mágico falava *de modo que impressionava a plateia*.

*O escritor escrevia de maneira que compunha um livro por mês.*

*O atleta era assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

**OBSERVAÇÃO:** Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que + verbo* flexionado por *de modo a, de maneira a + infinitivo (de modo a fazer, etc.)* cf. [link](#).

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto: É feio *que mete medo*.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos: Sujeito: *Mário* Predicado: *lê muitos livros* Objeto direto: *muitos livros* Entretanto, é também fácil

verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e que*, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva*.

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo: Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente: Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.<sup>a</sup> oração como o contrário do que estávamos esperando pelo fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.<sup>a</sup> oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.<sup>a</sup> oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.<sup>a</sup>. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente: Trabalhava de dia e estudava de noite.

Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.

Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido “aditivo”, como nos seguintes casos: a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*: Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...) b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*: “Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antípútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes” [CBR.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava... ).

Apesar destas interpretações “aditivas”, estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

**Os tipos de orações coordenadas e seus conectores** – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores: 1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.<sup>a</sup> oração ou em ambas).

Pedro estuda e Maria trabalha.

Pedro não estuda nem trabalha.

Nem Pedro estuda nem Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente: João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas*, *porém*, *senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saia senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá: Estudas *ou* brincas.

**Enlaces adverbiais em grupos de orações** – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *por isso*, *por isto*, *também*, *daí*, *então*, *pelo contrário*, etc. Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

*Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolida nos prazeres (...) [JA.3, 380].*

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrácticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

**Justaposição ou assindetismo** – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos: *O moço que dizia Simões costumava zombar de mim com barulho. Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caia num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição*.

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nas designadas: Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].

*Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à tua como uma barata doida, semeando borrões* [GrR.1, 114].

**A chamada “coordenação distributiva”** – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja*, e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas: *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.

*Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.

*Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

**Orações intercaladas** – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:[115](#)

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior: *Dê-me água, me pediu o rapaz.*[116](#)

*Quem é ele? – interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário: *Em 1945 – isto aconteceu no dia de meu aniversário –, conheci um dos meus melhores amigos.*

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar: *D. Benta (malvada é que era)* dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.

*“Comiamos, é verdade, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces”* [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau: *José – Deus o conserve assim! – conquistou o primeiro lugar da classe.*

*“É bem feiozinho, benza-o Deus, o tal teu amigo!”* (Aluísio Azevedo) O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa: *“Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (perdoem-me os filósofos essa frase bárbara) murmuriei comigo...”* [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo: *“Meu espírito (permita-me aqui uma comparação de criança), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca”* [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado: *“Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, ao que parece”* [AH.2, 123].

*Ele, que eu saiba, nunca veio aqui.*[117](#)

*“Cobiça de catedras e borlas que, diga-se de passagem, Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus”* [CBr.2, 300].

*Os livros, pode-se bem dizer, são o alimento do espírito.*

**Aparentes orações complexas** – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz,*

equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu [perguntando] quem é ele*.

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos “considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem” [AK.1, 70].

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar, etc.* São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.<sup>118</sup> No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes): Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmurio: — *Lavou as orelhas hoje?*

- Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.
- Perguntei se lavou as orelhas.
- Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que*, pela dubitativa *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando, etc.*, já vistos antes: Perguntei *se lavou as orelhas*.

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente é do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto: José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem “qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*” [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima de *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes: José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*.

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período: Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre “estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele” [MC.4, 30-31].

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante *vir* ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

<b>Subordinadas Substantivas</b>	<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="vertical-align: top; width: 50%;"> a) sem preposição necessária </td><td style="vertical-align: top; width: 50%; border-left: 1px solid black; padding-left: 10px;"> 1) <i>subjettiva</i>  2) <i>objettiva direta</i>  3) <i>predicativa</i>  4) <i>apositiva</i> </td></tr> <tr> <td style="vertical-align: top;"> b) com preposição necessária </td><td style="vertical-align: top; border-left: 1px solid black; padding-left: 10px;"> 1) <i>completiva relativa</i>  (complemento de verbo)   2) <i>objettiva indireta</i>  (complemento de verbo +  objeto direto ou  complemento relativo) </td></tr> </table>	a) sem preposição necessária	1) <i>subjettiva</i> 2) <i>objettiva direta</i> 3) <i>predicativa</i> 4) <i>apositiva</i>	b) com preposição necessária	1) <i>completiva relativa</i> (complemento de verbo)  2) <i>objettiva indireta</i> (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)
a) sem preposição necessária	1) <i>subjettiva</i> 2) <i>objettiva direta</i> 3) <i>predicativa</i> 4) <i>apositiva</i>				
b) com preposição necessária	1) <i>completiva relativa</i> (complemento de verbo)  2) <i>objettiva indireta</i> (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)				

**OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a)</sup> Continuamos a insistir no termo *necessária* (*preposição necessária*), porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal: “Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*” [AH.2, 94], isto é: *em que o avisava que* está por *em que o avisava de que*.

2.<sup>a)</sup> Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor: Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA apud MBa.3, 80], isto é: tive medo *de que* *fosse* ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo: “...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*” [AH.2, 93], onde *fazer* significa “diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça”.

Ou subjetiva, como:

“Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*” [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não, em lugar de dizer que sim, dizer que não*: “Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]”.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de participípio: Ficou provado *que estava inocente*.

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo: É verdade que *sairemos cedo*.

Foi bom *que fugissem*.

Está claro *que consentirei*.

Ficou certo *que me telefonariam*.

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece*: Parece *que vai chover*.

Urge *que estudem*.

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios*.

Acontece *que todos já foram punidos*.

**OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a)</sup> Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de: *Pesam-me os dissabores que lhe causei*.

A boa construção é dar-lhe o objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular: *Pesa-me dos dissabores que lhe causei*.

2.<sup>a)</sup> O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando “com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro*”, outro exemplo, “Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros” [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*: A verdade é *que não ficaremos aqui*.

*Esperamos tomem* está por *esperamos que tomem*.

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo

administrativo: “Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo” [CBr.10, 51].

Requeiro seja enviado o Processo a outra instância.

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: “...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo”.

“Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve...”[AH.6, 262, apud AH.2, 149].

*Aconselhava-o não tentasse* está por *aconselhava-o a que não tentasse*.

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo: É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão, isto é: é melhor *que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo: do que *estar* a retê-lo na prisão.

“O meu amor me *disse* ontem  
*Que eu que andava coradinha*” [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que observei* nele uma bizarra mudança de atitude [LCA.1].

É importante assinalar que a função sintática do pronome relativo *nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence*.

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são objetos diretos (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver = existir* é impersonal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de sujeito, objeto direto ou predicativo: O menino *que estuda* aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial ou agente da passiva: A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cupo*. Assim se evita dizer “o escritor *de que* todos conhecemos o livro”, “as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios”. Em boa linguagem diremos “o escritor *cupo* livro todos conhecemos”, “as pessoas *cujos* privilégios reconheceis”. Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu*.

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas: Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cupo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como adjunto adnominal do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma *a que cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutímos*: O homem *cuja casa* comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Términei o livro *sobre cuja matéria* tanto discutímos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: Erros no emprego de *cujo*.

Constitui erro empregar *cujo*: a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais*: Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual); b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor à *cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos* os autores nos esquecemos.

**Emprego de relativos** – Em lugar de *em que, de que, a que*, nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde*,

*onde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo): O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *onde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento: O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*: “O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito” [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

“Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe” [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual*, mas só ocorrem *apesar do qual*, *conforme o qual*, *segundo o qual*, *entre o qual*, *fora dos quais*, *perante os quais*, etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como *o qual*), e não átono (como *que*).

**Posição do relativo** – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá é o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo: “Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmasse o aplauso dos outros” [MA.1, 138].

“Arrastaram o saco para o paio e o *paio* ficou a deitar fôra” [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

Arrastaram o saco para o paio *que* ficou a deitar fôra.

Arrastaram o saco para o paio *o qual* ficou...

Arrastaram o saco para o paio *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem: “Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama...” [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]: “No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*” [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

“...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber” [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira: “O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil...” [AV *apud* FB, 289].

### **Pronome relativo sem função na oração em que se encontra** Em expressões do tipo:

Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.

Não faças a outrem o que não queres que te façam, o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática: pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.<sup>a</sup>) e objeto direto (na 2.<sup>a</sup>). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não vem (e não vêm no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.[120](#)

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo: Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

“No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições: “O jugo da obediência, para lhes impor o qual muitas vezes

faltava a força” [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias duas condições*” [ED.2, § 367].

#### O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE No exemplo:

“De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem” [MM], as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade e os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração composta constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário de *ordinário* e uma comentada, assim analisada: Sujeito: *os que reclamam mais liberdade* Predicado: *são os que menos a merecem* Predicativo: *os que menos a merecem* Análise do sujeito oracional:

Sujeito: *os que* Predicado: *reclamam mais liberdade* Obj. direto: *mais liberdade* Análise do predicativo oracional:

Sujeito: *os que* Predicado: *menos a merecem* Obj. direto: *a Em*

José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES: 1.º) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que = e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.º) Emlugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: “... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= *o que*) fôi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou”[AC.8, 278 apud MBa.4, 139. Cf ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que*, pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos: a) *Gostei do que disseste*.

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada: Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

“Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro” [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o sello do artificialismo: “Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante...” [RB.2, 23].

“e daí, comedupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada...” [RB.2, 36].

“Os meus serão *os a que* me julgo obrigado...” [RB.2, 61].

**O DE que mais gosto é DE** É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo: “*do que* [= de que] duvido é *de que* começemos, se por el-rei houvermos de esperar” [AH.4, 222].

“*No que* [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison” [AGa.4, 35; cf MBa.4, 239-40].

**Emprego de À em À QUE, ÀS QUE** As linguagens *a que, as que*, sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que*: Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva: A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

**Relativo universal** Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*: O homem QUE eu falei COM ELE em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um “elemento linguístico extremamente prático” [KN.1, 330].

**Observações finais:** 1.º) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição: “Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda” [MBe.1, I, 70].

*Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.*

“A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amava-se como menino, *que lhe tiram a merenda*” [Vários Tratados, II, 354 apud MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.<sup>a</sup>) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz: “Bem vês as *lusitanicas* fadigas *Que* eu já de muito longe favoreço” [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitanicas* [LC, II, 171].<sup>121</sup>

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado: “Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias” [MA apud SS.5, I, 28], que diz: “Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa*. Esse *que* não se me afigura conjunção causal”. Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: “*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*” [Cícero pro Sall, 28 apud JMa.1, § 317, a].

**Tipos de oração subordinada adverbial** – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal: Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas* (subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais: 1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque*, *como* (= porque), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.: Saiu cedo *porque precisou ir à cidade*.

*Como está chovendo*, transferiremos o passeio.

*Desde que assim quiseram*, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.<sup>a</sup>) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando “consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida” [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal: “Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo” [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando “consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos” [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa: a) *igualdade*, introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que*: “Nada conserva e resguarda tanto a vida *como a virtude*” [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal: “Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos” [MM].

c) *inferioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal: “O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*” (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos: Os importunos são como as moscas *são...*

Nada conserva e resguarda tanto a vida *como a virtude conserva e resguarda...*

Um homem pode saber *mais do que muitos sabem...*

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos que dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

“Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio” [MBe.2, 213].

“O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia” [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom*, *mais grande*, *mais mau*, *mais pequeno*, *mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor*, *maior*, *pior*, *menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

- “Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém menor juizo do que os homens probos” [MM].  
 “Não há escravidão pior do que a dos vícios e paixões” [MM].  
 “Não há maior nem pior tirania que a dos maus hábitos inveterados” [MM].  
 “Dão-se os conselhos commelhor vontade do que geralmente se aceitam” [MM].  
 “Ninguém conhece melhor (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria” [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande, etc.*), em vez dos sintéticos (*melhor, maior, etc.*): *Ele é mais grande do que pequeno* e não *Ele é maior do que menor*.

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

- Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).  
 Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição: “Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*” [AH apud MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo: “A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver” [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

- “Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio...” [AH.8, I, 19].  
 NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte: Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

- Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.  
 NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético: “O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado” [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

- OBSERVAÇÕES: 1.º A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*: O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.  
 2.º Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a + infinitivo*: “(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada” [CBr.6, 50].  
 3.º Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem: Ele era *tal qual* os colegas.  
 Elas eram *tais qual* o irmão.  
 Nós somos *tais quais* os pais.  
 4.º Deve-se preferir *mais...* (*do que a mais...* *a + infinitivo*) em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como, do mesmo modo que, tanto como*, empregamos com frequência *que nem*: É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais, querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*: Prefiro a praia *ao campo*.

- Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir a querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos: a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*: *Antes prefiro...* ou *Prefiro mais...*

- b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que ou do que*: *Prefiro a praia do que o campo*.  
 Preferia estudar *do que não fazer nada*.  
 Preferiam *mais mentir do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja*: “E que, no caso de erro, é preferível sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja...” (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]: “Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco” [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que, embora, posto que, se bem que, conquanto*, etc.: *Embora* chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

“*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência” [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, “consideradas em grau intensivo e sem limites” [SA]: *Por inteligente que seja*, encontrará dificuldades em entender o problema.

*Por mais que estude*, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que*, onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito*.

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que e quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva: Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

*E, quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo: Os rapazes, *pobres que sejam*, merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difícies que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

*Mil desculpas que me desse*, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante*, ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada: Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

*Embora* não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal: *Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição*.

*Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados*, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que, etc.*

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará: a) falando-se do presente:

*Se eu fosse aplicado*, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

*Se eu fosse aplicado*, obteria o prêmio.

ou

*Se eu tivesse sido aplicado*, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do

pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável: *Se eu estudar, obterei o prêmio.*

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio*, a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias de *hipótese, eventualidade, concessão, tempo*, sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos; o quer... quer (ou... ou, etc.)* é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alcada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante*: Consegui fazer o trabalho *como lhe ensinaram*.

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSEGUINTE: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que a que* se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho*, termos que também se podem facilmente subentender: *Alongou-se tanto no passeio, que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada*.

É feio *que mete medo* (= É tão feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, na oração principal, das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*: Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.<sup>122</sup>

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas de *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que*, como “locuções” conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas: Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa colocação*.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada*.

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí*: As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidas, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que*, etc., dizendo-se incorretamente: Saiu rapidamente *de maneiras que* não pudevê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a*, etc., seguidas de infinitivo: Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

“(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar entrar ar fresco*” [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo: Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar*.

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo*. Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse*.

Preso ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo*, para indicar a noção de proporção ou desproporção: “É demasiado esperto para que caia em tal, equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal” [ED.2, § 395].

“(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou despreendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)” [MB.1, II, 144].

“Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastaria guardar a fisionomia (...)” [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),<sup>123</sup> *que* (= para que): Saíram *para que pudessem ver o incêndio*.

Reclamou *a fim de que o nomeassem*.

Trabalhou *porque fosse promovido*.

Falta pouco *que isto suceda*.

Abreviadamente usa-se de *não + subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não*, quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição: “Senhor, que estás nos céus, e vês as almas, Que cuidam, que propõem, que determinam,

Alumia minha alma, *não se cegue* No perigo, em que está” [AF.2, vv. 770-773 apud SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os抗igos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se em que por* é o vestígio de uma ideia final: “Deixai-o amaldiçoar (Ihes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição...” [MBe.2, III, 51 apud MBa.4, 227].

*Por se acaso* compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes): “Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham*” [MM].

“Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*” [MM].

“*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece” [MM].

9 – MODAIS: “*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas” [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não + subjuntivo*: Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor*.

10 – PROPORIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais, etc.*: *À medida que* a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: “A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e consequintemente faz andar a civilização” [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e “locuções” conjuntivas e temporais são: a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro): Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

“Ninguém, senhores meus, que emprenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças...” [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando*: Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que*: Saiu *logo que* ele chegou.

“*Eis senão quando* entra o patrão...” [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que*,

*sempre que: Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.*

*Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.*

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se prececer da preposição *em o que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro): Dormia *enquanto* o professor dissertava.

“... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade” (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano*, 1722, 90).

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no (no entretanto)*. Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.<sup>a</sup>) A rigor, as “conjunções” proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.<sup>a</sup>) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais estudamos, tanto mais aumentam nossas possibilidades de vitória* (e não: *Mais estudamos e mais vencemos*).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mais estudamos, mais...*

f) para o tempo limite terminal: *até que*: Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam “desde que época um fato acontece”: *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que, etc.*: Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

*Esta foi a última vez que o vi.*

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que, etc.*), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que, etc.*, e se pode passar a considerar o todo como “locução conjuntiva”: *Agora que tudo está certo vou embora*.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam “desde que tempo uma coisa acontece”, reduzida a simples palavra de realce temporal: *Desde aquele dia que o procuro*.

Analizando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver e fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)<sup>124</sup> adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*: *Há quatro dias que não o vejo*.

*Fazia quatro meses que estivera doente.*

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo: 1.<sup>a</sup> oração — *principal: Há quatro dias* 2.<sup>a</sup> oração — *subordinada adverbial temporal: que não o vejo*.<sup>125</sup>

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa*, relembraria, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta: 1.<sup>a</sup> oração — *subordinada adverbial temporal: Há quatro dias* 2.<sup>a</sup> oração — *principal: (que) não o vejo*.<sup>126</sup>

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção: *Há muito tempo que não o vejo*.

*Há muito tempo não o vejo.*

*Não o vejo há muito.*

*De há muito não o vejo.*

*Desde há muito não o vejo.*

*Até há pouco eu o vi por aqui.*

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito, há pouco, há tantos anos, etc.*), precedidos da preposição *de*, são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais): *As notícias de hoje*.

*As lembranças de ontem.*

*Um testamento de há cem anos.*

*Modas de há trinta anos.*

*Meninos de há pouco.* [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.<sup>a</sup>) A preposição junto ao verbo *haver em* *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco*, assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem de *há muito* que explica desta maneira: “Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, de *há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há não* é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como de *então (para cá, até hoje)*, de *ontem, de muito*” [ACo.2, I, 82].

3.<sup>a</sup>) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele ou*, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele e da vez dele*, de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda a *quando de a* (*quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do a do francês *alors*, “com requinte de barbarismo” (*ibid.*). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.<sup>a</sup>) Em muitos dizeres de sentido temporal, “há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga” [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em*. Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que, a tempo que, ao tempo que, mas no tempo que (ou em que), no dia que (ou em que), etc.* Tem-se entendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que*. Prefira-se *todas as vezes que ou em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.<sup>a</sup>) O verbo *haver (HÁ)* e a preposição *A* em sentido temporal. Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há*, verbo, refere-se a tempo decorrido e a,

preposição, a tempo futuro: *Há* três dias não o vejo.  
Já devia ter-lhe escrito *há mais tempo*.

Daqui a três dias o verei.

Este produto é famoso *há mais de meio século*.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar: Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de*, onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*: Ele falou *a cerca de mil* ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

*Há cerca de* trinta dias fôi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a*: O professor dissertou *acerca dos progressos científicos*.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido: *Há três dias atrás* ou *Há três dias*.

*Há três dias passados* ou *Há três dias*.

6.) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e *não que*: Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova*.

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta*.

Pode-se também suprimir o *quando*: Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH apud MBa.5, 20].

### Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas “conjunções condicionais”. A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos: 1) *condição* (subordinada condicional): *Sem que estude, não passará*.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva): Estudou *sem que conseguisse aprovação*.

3) exprime uma *consequência esperada* (depois de negativa): Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva): Ele é responsável, *sem que o saiba*, por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva): Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho pedissem*).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal): Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento*.

Retirou-se *sem que chamassem seus colegas*.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo*: Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo): Não brinca *sem que acabe chorando*.

Não brinca *que não acabe chorando*.

“Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*” [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf [AGO, 420] e [MBa.7, 48-9].

**QUE depois de advérbio** Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que*: “Assim, sem mais preâmbulos,

*e apenas que te vejo, venço o nativo pejo,*

*meu belo sedutor*” [AC, 96 apud MBa.1, 176].

“Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que eu fitava deveras o chão...*” [MA.4, 130 apud MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Sairemos, aconteça o que acontecer.

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito: *Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.*

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

“*Eu quisesse, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo*” [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*: *Vencesse eu, e não me dariam o prêmio.*

*Vissem-na, e* ninguém reconheceria.

c) *temporais*: *Há dias* não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco*.

Não lhe escrevia *fazia meses*.

d) *finals*: “*Cala-te já, minha filha, ninguém te oiça mais falar*” [AGa.1, II, 83].

“Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas” [CF apud MB.2, 321].

**Composição do enunciado** O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos: a) *coordenada* e *subordinada*: “Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho” (Alexandre Herculano).

1.<sup>a</sup> oração – *principal de 1.<sup>a</sup> categoria*: Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal 2.<sup>a</sup> oração – *subordinada adverbial temporal*: quando el-rei se erguera,

3.<sup>a</sup> oração – *coordenada à principal e principal de 2.<sup>a</sup> categoria*: e esperavam ansiosos + subordinada substantiva 4.<sup>a</sup> oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta*: o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.<sup>a</sup> categoria, de 2.<sup>a</sup> categoria*, etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional*, devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição e subordinação*: “*Lembrai-vos*”, cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I” (Alexandre Herculano).

1.<sup>a</sup> oração do 1.<sup>º</sup> período – *principal*: lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.<sup>a</sup> oração do 1.<sup>º</sup> período – *subordinada substantiva completa relativa*: de que falais com D. João I.

1.<sup>a</sup> oração do 2.<sup>º</sup> período – *justaposta de citação*: disse ele

c) *coordenação e justaposição*: “El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida” (Rebelo da Silva).

1.<sup>a</sup> oração do 1.<sup>º</sup> período – *coordenada (ou coordenante)*: El-rei manda nos vivos

2.<sup>a</sup> oração do 1.<sup>º</sup> período – *coordenada aditiva*: e eu vou morrer!

1.<sup>a</sup> oração do 2.<sup>º</sup> período – *justaposta de citação*: atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação, justaposição e subordinação*: “Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda” (Pe. M anuel Bernardes).

1.<sup>a</sup> oração do 1.<sup>º</sup> período – *coordenada (ou coordenante)*: Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo 2.<sup>a</sup> oração do 1.<sup>º</sup> período – *coordenada aditiva e principal da 3.<sup>a</sup>*: e mudemos a casa

3.<sup>a</sup> oração do 1.<sup>º</sup> período – *subordinada causal e principal da 4.<sup>a</sup>*: que vem

4.<sup>a</sup> oração do 1.<sup>º</sup> período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*: quem lhe dói a fazenda.

1.<sup>a</sup> oração do 2.<sup>º</sup> período – *justaposta de citação*: disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

**Decorrência de subordinadas** A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada: Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.<sup>a</sup> principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.<sup>a</sup> oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.<sup>a</sup> e principal em relação à 3.<sup>a</sup>.

Não sei  
se José disse  
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.<sup>a</sup> categoria, de 2.<sup>a</sup> categoria, de 3.<sup>a</sup> categoria*, etc.: 1.<sup>a</sup> oração – *principal de 1.<sup>a</sup> categoria*: Não sei + subordinada

2.<sup>a</sup> oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.<sup>a</sup> categoria* (em relação à seguinte): se José disse + subordinada

3.<sup>a</sup> oração – *subordinada substantiva objetiva direta*: que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes: a) *no período pode haver mais de uma oração principal; b) a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo: Espero que vá embora (indicativo).*

*Espero que me diga se vai embora (indicativo e subjuntivo).*

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores: “Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima...” [MA].*

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

**Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional** Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal: Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)  
          e  
          que sejas feliz (*objetiva direta*)

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função*, elas estarão coordenadas entre si, porque a coordenação se dá com expressões do mesmo valor e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.<sup>a</sup> oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: é *coordenada* em relação à 2.<sup>a</sup> (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.<sup>a</sup> oração é *equipolente* à 2.<sup>a</sup> oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira*.

A equipolente pode ser:

- a) *substantiva*: Espero que estudes e que sejas feliz.
- b) *adjetiva*: O livro que li e que lhe devolvi é ótimo.
- c) *adverbial*: Quando chegou e quando me disse o ocorrido, não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior): Espero que estudes e sejas feliz.

O livro que li e lhe devolvi é ótimo.

Quando chegou e me disse o ocorrido, não acreditei.

Venho porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte: “Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, a que cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas” [MA.12, 37 apud MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo “magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e cuidava do reparo dos templos da cidade de

Roma” há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que*:<sup>127</sup>

*Quando* chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse: Se se trata, porém, de “locução conjuntiva”, é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*: *Logo que* chegou e me disse o ocorrido...

ou

*Logo que* chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes: “Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar; que o acompanhe à sala ou ao gabinete*” [MA].

1.<sup>a</sup> oração – *coordenada* (ou *coordenante*): Rubião passa muitas horas fora de casa, 2.<sup>a</sup> oração – *coordenada adversativa*: mas não o trata mal,

3.<sup>a</sup> oração – *coordenada aditiva e principal*: e consente + subordinada

4.<sup>a</sup> oração – *subordinada substantiva objetiva direta*: que vá acima,

5.<sup>a</sup> oração – *equipolente à 4.<sup>a</sup>*: que assista ao almoço ou ao jantar, 6.<sup>a</sup> oração – *equipolente à 5.<sup>a</sup>*: que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

**Concorrência de termo + oração subordinada** Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração: “conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração” [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]: “Virgília tragou raivosa esse malogro, e dissemos com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho”

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão*.

### 3 – AS CHAMADAS ORAÇÕES REDUZIDAS Que é oração reduzida EM

*Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar, entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)<sup>128</sup> e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados: quando o verão chegar = ao chegar o verão

quando o verão chegar = chegando o verão

quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão e chegado o verão* são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e participípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

**Nota sobre o conceito de oração reduzida** – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e participípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura “reduzida”) apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de participação meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

**OBSERVAÇÕES:** 1.) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: “estando amanhecendo”, “tendo de partir”, “tendo partido”; são exemplos de reduzidas de infinitivo: “ter de partir”, “depois de ter partido”; é exemplo de reduzida de participação: “acabado de fazer”. Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar*.

2.<sup>a</sup>) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz*. Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (*principal ou auxiliar*): *infinitivo, gerúndio e particípio*.

3.<sup>a</sup>) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito = infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

**O desdobramento das orações reduzidas** As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.<sup>129</sup> O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.<sup>130</sup>

Vejamos os seguintes exemplos:

- a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado*.
- b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.
- c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.
- d) *Acabada a festa*, retirou-se = *quando acabou a festa*, retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira: a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado*.

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta*.

Logo:

*estar ocupado*: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional*.

Logo:

*chovendo*: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa*, retirou-se = *quando acabou a festa*, retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal*.

Logo:

*acabada a festa*: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

**Orações substantivas reduzidas** Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo: a) *subjetiva*: “Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência” [MA.1, 208].

b) *objetiva direta*: “... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta*” [LCo apud FB.1, 38].

c) *objetiva indireta*: “Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*” [AH.2, 148].

d) *completiva relativa*: “Um povo que se embevesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos...*” [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto): “O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços*, mas não se atreveu” [MLE apud FB.1, 31].

“... o averbara *de não possuir atributos de administrador*”.

“O resultado foi eu *arrumar uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes*” [GrR.2, 13].

f) *apositiva*: “Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*” [AH.2, 69].

**OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a</sup>) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas: “Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*” [AGa.3, 122, da 5.<sup>a</sup> ed.].

“mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas...*” [AH.2, 72].

“Custou-lhe muito *a aceitar a casa*” [MA.1, 194].

“Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*” [CB.1, 118].

“Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer...*” [AGa.6, 173 apud MBa.3, 212, da 2<sup>a</sup> ed.].

2.<sup>a</sup>) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto): “*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave...” [AH.2, 69].

“Dai nasce o *trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificaremo espírito religioso” [AH.2, 145].

“Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*” [AH.2, 62].

**Orações adjetivas reduzidas** As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no: a) *infinitivo*: “O orador ilhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*” [AGa.5, 14 apud ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

“mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*” [AH.2, 145].

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) “Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (v.g.: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (v.g.: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (v.g.: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

“Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?” [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf MBa.1, 490, 515].

2.<sup>a</sup>) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único*, *último*, *derradeiro*, além dos ordinais (*primeiro*, etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer*. Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:* 1) uma atividade passageira:

“cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*” [AH.3, 218, ed. de 1878].

“Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino...” [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é *água que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo*. Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo*: *água a ferver*: “Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar a cadelinha*” [M Le apud JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas: “O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, apó os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação” [LCo.1, I, 288].

“Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia comeste nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF apud SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio<sup>131</sup> ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente: Livro *contendo* gravuras passaria a

Livro *que contém* gravuras ou

Livro *com (ou de)* gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLP.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *participípio*: “Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facinoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

**Orações adverbiais reduzidas** Têm o verbo, principal ou auxiliar, no: A) *infinitivo*: caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos: a) *com*: “Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*: “Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo apud JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*: “... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*” [SR.1].

d) *visto*: *Visto sair de manhã bem cedo*, não é muito conhecido pelos vizinhos.<sup>132</sup>

e) locuções prepositivas: *à força de*, *em virtude de*, *em vista de*, *por causa de*, *por motivo de*, *devido a*, etc.: “À força de se tornar trivial, esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos” [AH.2, 159].

2) para as *concessivas*: a) *com*: *Com fazer todas as obrigações corretamente*, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a concessão: “Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras” [LCo apud FB.1, 215].

c) *malgrado*: Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*: Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai*.

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*: “Apesar; porém, da casa ser tida como imagem dos perigos e privações da guerra, e *do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco” [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas)*: a) a: “... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas” [AH.2, 83]<sup>133</sup>

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal: “... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa” [MA.1, 209].<sup>134</sup>

OBSERVAÇÃO: *como a + infinitivo*

b) *sem*: Não sairá *sem apresentar os exercícios*.

4) para a *consecutiva: de*: É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*: a) a: “Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*” [RP apud FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: “Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso...” [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um inicio de locução verbal, onde o 1.<sup>º</sup> verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico*, temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, reprimida por certos gramáticos: “*Viejo embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega*, aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos” [RS.2, IV, 171]; “*Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que vem desaguar no Lucus*” [AH.2, 70]; “... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação” [AH.2, 70].

2.<sup>a</sup>) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*: Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: “A preposição à entre *donner* e infinitivo equivale a *de*: *donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'un, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear*. Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer*, o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer*, é como se dissermos *algo comível ou comestível*. Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer = dê-me coisa que comer*” [MBA.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irrevogável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber*.<sup>135</sup>

c) *para*: “Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir*, entendimento *para perceber*” [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes: “Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos a cidade de Adém*” [AH.2, 105].

e) *em*: “e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia” [AH.2, 102-3].

“Dois meios havia *em seguir esta empresa*” [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de*, *com o fim de*, etc.: “Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de* se exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis...” [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*: “Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*” [AC *apud* JR.5, I, 37].<sup>136</sup>

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*: a) *com*: “... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenasse” [AH.2, 91].

b) *de*: “Eu não sou, minha Nise, pegureiro,  
Que viva *de guardar alheio gado*” [TG.1, 15].

8) para as *temporais*: a) tempo anterior: *antes de*: “E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus” [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo): “Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre...” [AH.2, 190].

“E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava...” [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de*, *após*: “A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa” [MA.1, 99].<sup>137</sup>

d) tempo futuro próximo: *perto de*, *prestes a*: “... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*” [Ouro Preto *apud* FB.1, 84].

e) duração de prazo: *até*: “... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies...*” [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Otílica, “em certas locuções como *por causa de*, *por motivo de*, *em virtude de*, *em vista de*, etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. Exemplo: “Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito”. Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigorou num todo meramente prepositivo.”<sup>138</sup> E mais adiante continua: “Com locuções: *no intuito de*, *no propósito de*, *com intenção de*, etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal”. Destarte, é de valor adjetiva completa nominal reduzida gritada do seguinte período: “Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena de serem havidos em conta de traidores, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem” [AH.2, 96].

B) gerúndio e aí equivalente a: 1) uma oração *causal*: “Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros” [AH.2, 97].

*vendo* = porque visse; 2) uma oração *consecutiva*: “Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*” [AH.2, 97].

*rompendo-o* = e como consequência o romperam; 3) uma oração *concessiva*: *Tendo mais do que imaginavam* não socorreu os irmãos.

*tendo* = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*: *Tendo livres as mãos*, poderia fugir do cativeiro.

*tendo livre as mãos* = tivesse livres as mãos.

5) uma oração que denota *modo*, *meio*, *instrumento*: “Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons mal-articulados*” [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

“E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar defarragais, e enfeixando com mão robusta povos*” [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal*: “El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se*: Por que virá o conde quase de luto à festa?” [RS *apud* FB.5, 205].

*voltando-se* = enquanto se voltava; No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo: “*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus” [RS *apud* FB.5, 209].

*desviando* = depois que desviou, no momento em que desviou.

OBSERVAÇÃO: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer. “Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída” [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

“Em Vieira morava o génio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro*, é também génio” [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração que é também génio (subordinante da condicional) denota um acontecimento que

costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a: 1) uma oração *causal*: “*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros...” [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*: Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

*vencidos* = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*: “E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade científica dos avicultores da imperial cidade da Mogóncia” [JR.2, 42].

OBSERVAÇÕES: 1.) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.) Alguns participios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perde totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária: “Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema” [RS.2, IV, 67].

“A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor...” [MA.1, 327].

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao “amor excessivo da exatidão” é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e numa forma adequada do verbo *ser*: *Acabado que foi* o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva*, 368), é conjunção, segundo este trecho: “Também *elegantemente* se conjuncionalizam reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: ‘A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal’” (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 91,c): “Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou participios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*” (Cf ainda a *Gramática Francesa*, § 282, 2, Obs. 1.)[139](#)

**Orações reduzidas fixas** A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham: a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber*; *valer*; *impedir*; em construções do tipo de: Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto* alguns amigos (e não: *que estivessem perto*).

Impedi-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).[140](#)

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer*, *perdoar* e o imenso *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo: “Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*” [ED.1, § 226, b].

“E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*” [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo): “Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida*, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes” [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam: 1) *exclusão* (verbo no infinitivo): “*Em vez* (diziam) dos nossos navios *carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas...” [RS.2, IV, 533].

*Longe de desanimar com os obstáculos*, reanimá-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo): “A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios...” [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente): “Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio” [RS.2, IV, 244].

*Desmoralizou-o com desmenti-lo em público.*

“Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o ou matando-o*.” [RS.2, 244].

*Enfrenta a vida sorrindo dos perigos.*[141](#)

**Quando o infinitivo não constitui oração reduzida** A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida): a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo: Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

*Tinham de chegar cedo ao trabalho.*

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre: 1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*: É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom, etc.*), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa): Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação: “Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar, rapazes!*” [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento: “*Pôr-me a mim lá fora?!* – bradou Teodora” [CBR.1, 175].

“Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*” [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas): *Que fazer?*<sup>142</sup>

Não sei *que fazer*.

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.<sup>143</sup>

“E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

“*Ela a voltar as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça*” [id.]

“*E ele a rir-se, ele a regular-se*” [EQ]

“*O senhor a dizer-lhe uma palavra, e eu a provar-lhe que...*” [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: “Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido” (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Bröndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme*, com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: “Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l’empire de l’émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l’avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d’entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: “Craindre?! Je ne crains pas”. En conséquence, à l’origine il devait y avoir une pause entre l’infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la forme finit par devenir, comme expression de l’intensité d’une action, plus fixe et par conséquent plus générale” (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar “improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser” (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

**O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida** a) quando fazem parte de uma locução verbal: *Estão saindo todos os alunos*.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos: *Livro encadernado*.

**Construções particulares com o infinitivo** São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos: a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente): Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente: Véjo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbial átono *o*: Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-lo.

O segundo grupo se divide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos: 1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta: Véjo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbial átono *o*: Véjo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Véjo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto: Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (*Eu a vi sair*) e *ela* (*Eu vi que ela saía de casa*) são ambos agentes do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física: O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em: *O professor mandou o aluno fazer o exercício*, quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbiais átonos *o*: O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o* fazer, o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano: “(... a tia Domingas ouviu-*o* chamá-la de novo mansamente” [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes: a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por substantivo: O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbial átono: O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.<sup>144</sup>

OBSERVAÇÕES: 1.) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbial átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo: “... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder...” [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perder-los.

2.) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: “A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastos” [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo: O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro *fez ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

“o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos paus e juncais...” [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por ou de*: “D. João de Castro, sem deixar-se vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveu enviar o socorro” [FF apud ED.2, 289, a, Obs. 2.º].

**A omissão do pronome átono em EU OS VI AFATAR DAQUI em vez de AFATAR-SE DAQUI** Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono: “*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele” [AH.2, 77].

“O fáqui *deixou-o afastar*” [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta: “*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor” [AH.2, 76].

“E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem...” [JR.2, 227].<sup>145</sup>

### A construção PEDIR PARA Em

“Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse” [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer*.

Em:

“Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho...” [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida: *Pedi para que Pedro saísse* ou

*Pedi para Pedro sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para + infinitivo* é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.<sup>146</sup> Assim, em: O aluno pedia-lhe para sair, o *aluno* pedia *licença* para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em: *Ele pedia-lhe para sair* ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

**A construção DIZER PARA Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto: *Disse para que ele fosse embora* ou**

*Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

### A construção PARA EU FAZER Em

O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim*.

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença: Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

**A posição do sujeito nas orações reduzidas** No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e participação vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar): “A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani” [LCo.1, I, 44].

*Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].

*Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].

*Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada: “*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima” [JR.2, 51].

“Então Gonçalo Mendes fazendo recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes” [AH.3, 116].<sup>147</sup>

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal: “Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída” [RB apud FB.1, 126].

“A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir*” [RS.3, 2, 122 apud ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de participação, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo e o que*: *Isto posto, resolvemos voltar ou*

*Posto isto, resolvemos voltar.*

**A construção** É DA GENTE RIR A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito: Já era tempo *de saírem os alunos* de férias. pode passar facilmente a *Já era tempo de os alunos saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo dos alunos saírem de férias*.

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos: *É tempo DE ELE sair* ou  
*É tempo DELE sair.*

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito “não pode vir regido de preposição”; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia*. Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.[148](#) Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções: “só voltou depois do infante estar proclamado regedor” [AH.2, 44].

- “Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem” [AH.2].  
“Apesar da sua ação ser... superior à autoridade dos bispos...” [AH.2].  
“... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material” [AH.2, 162].  
“sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*” [AH.4, I, 267].[149](#)  
“... mesmo depois dos descobrimentos dos portugueses haverem transformado as condições do comércio geral do mundo” [RS.2, IV, 16].  
“Apesar, porém, da caça ser tida como imagem dos perigos e privações da guerra...” [RS.2, 96].  
“Notou, igualmente, a vantagem dos confederados repartirem de antemão os postos entre si...” [RS.2, 139].  
“... e a despeito do dia estar chuvoso” [RS.2, 171-2].  
“Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes dos mercadores *terem* acabado a ceia nas hospedarias...” [RS.2, 527]  
“Depois do Garrett escrever erradamente no seu *Camões...*” [AC, “Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais”, in *Arquivos Literários de Delfim Guimarães*, V apud P. A. Pinto, revista *Colaboração*, nº 5, p. 20].  
“... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes” [RB apud P. A. Pinto, *ibid.*].  
“Pelo fato do verbo restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido...” [CR.2 apud P. A. Pinto].  
“... no caso do infinitivo *trazer compl. direto*” [ED.2, 226].[150](#)

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação: “Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*”.

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente: “Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original).[151](#)

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação: “A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível” [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas: “*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?” “Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino”. “Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem a empresa...*” [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, em função de objeto direto: Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

*Esforcei-me por convencê-lo* (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]: “A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o*, *a*, *os*, *as*, pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo

afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto”.<sup>152</sup>

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados: “... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as restituírem no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia...*” [RS.2, 515].

**Reduzidas decorrentes e concorrentes** Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser: a) *decorrentes*: “O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros” [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes*: “Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal” [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns e degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

“*Para provar-lhe* que não faltó à menor condição estipulada, e *para que a minha consciência fique pura de escrúulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida” [CBr.14, drama, ato II, cena IX].

“Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*” [RS.2, 227].

#### 4 – AS FRASES: ENUNCIADOS SEM NÚCLEO VERBAL ORAÇÃO E FRASE Oração e frase – JÁ TÍNHAMOS ANTECIPADO QUE A UNIDADE SINTÁTICA CHAMADA *oração* CONSTITUI O CENTRO DA ATENÇÃO DA GRAMÁTICA POR SE TRATAR DE UMA UNIDADE EM QUE SE RELACIONAM SINTATICAMENTE SEUS TERMOS CONSTITUINTES E SE MANIFESTAM AS RELAÇÕES DE ORDEM E RECÇÃO QUE PARTEM DO NÚCLEO VERBAL E DAS QUAIS SE OCUPA A DESCRIÇÃO GRAMATICAL.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*: Bom dia!

Saudé!

Depressa!

Que calor!

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, “entende-se” que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas: Ai de mim!

Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]: Socorro!

Depressa!

Meu pai!

Que horror!

Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elíticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático: “— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério

— Que mistério?” [MA.1, 28].

“— Raposo, vou sair; há alguma cousa?

— *Nada, Capitão Viveiros*” [LB.3, 91].

“ Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:

— *Ora, o Brasinho! Um homem!* Quem diria, há anos... *Um homenzarrão! E bonito! Qual!* Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]

— Qual é a sua profissão?

— *Estudante.*” [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases: — Já deste a notícia?

— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição: Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa! Que arte infinita e delicada! Que tartufice profunda!* [MA.1, 107]

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos: *Casa de ferreiro, espeto de pau Tal pai, tal filho* A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

## 5 – CONCORDÂNCIA CONSIDERAÇÕES GERAIS Considerações gerais – EM PORTUGUÊS A concordância CONSISTE EM SE ADAPTAR A PALAVRA DETERMINANTE AO GÊNERO, NÚMERO E PESSOA DA PALAVRA DETERMINADA.

**A concordância pode ser nominal ou verbal** – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem: “O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois à luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre a liberdade da vida *marítima*” [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração: “Os outros não sabendo o que *era, falavam, olhavam, gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras” [MA.1, 183]

“Chegando à rua, *arrependi-me* de ter saído” [MA.1]

“*Eram* 2 de novembro de 1952” [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra para palavra* ou de *palavra para sentido*. A concordância de *palavra para palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação: “Repelia, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia” [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida e honra*.

“porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno” [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

“... *via-se* em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror” [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série o *espantoso* e o *terror*.

“Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odiaram *apagou* emnossa alma o selo da cruz” [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância “ad sensum” ou silepse*: “A plebe vociferava as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se chegassem a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso” [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

“Era gente colectícia, muitos, acaso, sempátria da guerra, e por isso pouco habituados a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio” [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada: “Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa insignificância*” [MM].

“Os bons exemplos dos pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para os filhos” [MM].

“Eu amo a noite *sólitaria* e *muda*” [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinelas avançadas*; “Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão má guia como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras” [Agostinho de Campos apud MBA.2, 212].

## 2) Há mais de uma palavra determinada.

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima: A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

“Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*”

[RS.1, 124].

“O tome gesto *caricioso*, comque ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo” [CBr.1, 158].

“e os nossos Basílio e Durão, bemassim Sr. Magalhães...” [OM, 72].<sup>153</sup>

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a)</sup> Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante: *seu fiel* amigo e servidor 2.<sup>a)</sup> É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: “... a mão esquerda, entre cujos índice e polegar pendia o pergaminho...” [AH.5, II, 24] e “... pelas exigências cada vez maiores destas devoradoras e insaciáveis fome e sede de leitura” [AC.1, 315].

3.<sup>a)</sup> Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.<sup>a)</sup> Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas: *sobressaltados* com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima: “Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio”

[AH.1, 107].

“como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*” [AH.1, 86].

“Calada a natureza, a terra e os homens” [GD.3, I, 315].

comboia coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), combons coragem e zelo *toda sua* luta e sacrifícios.  
todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a)</sup> Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.<sup>a)</sup> Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo: “Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua...*” [RS.1, 16].

3.<sup>a)</sup> Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: “Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade” [LBA apud SS.1, § 257 obs.].

## 3) Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a portuguesa*.

“e os cronistas tudense e toledano fazem luta dos dous reis depois daquele consórcio” [AH.6, III, 86].

“Li umanúncio, convidando mestra de línguas inglesa e francesa para o colégio” [CBr.1, 128].

“O pequeno reino sucessivamente perlustrou as costas ocidental e oriental da África...” (C. de Laet, I, 211).  
as séries quarta e quinta a quarta e quinta série (ou séries)

**B – Concordância de palavra para sentido** A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a forma da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o sentido em que esta se aplica: *o (vinho) champaña, o (rio) Amazonas.*

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes: 1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.<sup>a</sup>, V. S.<sup>a</sup>, etc.:

V.Ex.<sup>a</sup> é { *atencioso* (referindo-se a homem)  
*atenciosa* (referindo-se a mulher)

**OBSERVAÇÃO:** Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento: Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala: “Pergunta a gente a si próprio (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio” [PC *apud* MBa.2, 413][154](#).

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes: “*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos” [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural: “Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos” [JR.1, 321].

“Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve comele” [LS *apud* JR.1][155](#).

**C – Outros casos de concordância nominal** 1) *Um e outro, nem um nem outro* 1) *Um e outro, nem um nem outro – Com um e outro, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem como sujeito: “Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferenciar o ensaio e a crônica, dizendo que um e outro gênero se afirmam pelo estilo”.*

“Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira...” [AH.1, 107].

“Mas *uma e outra cousa* duraram apenas rápido instante” [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo: *Nem um nem outro livro* merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito: “*Um ou outro soldado, indisciplinadamente, revidava*, disparando à toa, a arma para os ares” [EC, 2.<sup>a</sup> ed., 428].

Se as expressões *um e outro, nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas: “Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*” [MA.12, 1.<sup>a</sup> ed., 39].

“Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores coma rainha, que tão fatais foram para *um e outro*” [AH.2, 35].

“Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito” [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido: “... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega” [JR.2, 15].

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

“Eles *sós* se encaminham para essa parte...” [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável: “Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

*Mesmo*, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, até: “ao mesmo demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver” [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido é mais o emprego adverbial junto de *aqui, já, agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral: “... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos” [CBr.6, 219].[156](#)

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor): “Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*” [MB.2, 239].

4) **Leso** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número: “Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *leso-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas” [CBr.1, 83].

Vai anexa (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo, em apenso*: Vai *em anexo (em apenso)* a declaração. Vão *em anexo (em apenso)* as declarações.

*Dadas (Vistas) as circunstâncias, foram-se embora.*

7) **Meio** – Com o valor de “metade”, usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto: “Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície...” [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

*A pseudo-sabedoria dos tolos é bem grande.*

*A fé todo-poderosa que nos guia é nossa salvação.*

*Tais razões não me movem*

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância: Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES: 1.<sup>a</sup>) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual, tal ou qual*.

2.<sup>a</sup>) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual, tal qual como* invariáveis que valem “como”: “Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue” [CBr *apud* CJ.1, 32].

Estão erradas concordâncias como:

*Paisagens as mais belas possível.*

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente: “As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*” [AH.2, 160].

Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê: “As minhas forças medravam *a olhos vistos* de dia para dia”

[AC *apud* CR.1, 554].

“O barão desmedrara *a olhos visto*” [CBr *apud* PDo.2, 32].

É *necessária* muita paciência.

“O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)” [AP.1, 424 n.º 25].

“Eram *precisos* outros três homens” [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração: “É doce ao velho

Sons d’argentina voz” [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária(s)* é mais frequente que a de *precisa*.

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo, nada de extraordinário, nada de trágico*, etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração: “Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora!*?” [CBr *apud* MBa.7, 146].

“Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*” [Id., *ibid.*].

Se os homens não tivessem *alguma coisa de loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

[157](#)

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros: “A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade” [AH.1, 35].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural: Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

“Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos” [AH *apud* ED.2, §14, b].

Vamos a falar *sério*.

“Os momentos custam *caros*” [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

“Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia arruinada* Carteia” [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda trêmula* [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais, quanto menos, pouco mais, muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo: Com *quanto mais razão, muito mais honra*.

Com *quanta mais razão, muita mais honra*.

Poucas mais palavras trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado: Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo: “A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*” [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer: Estou *quite*.

Estamos *quites*.

“A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. Cl e outras) entrega-se por amor...” [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos “é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado” [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer “*salvo exceções*”, “*salvo a hipótese*”.

OBSERVAÇÕES: 1.) Na linguagem jurídica diz-se: A fôlhas *vinte e uma*. A fôlhas *quarenta e duas*.

2.) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias, as mil e uma noites, etc.*

3.) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares de pessoas*).

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo: “A vida *tem* uma só entrada: a saída *é por cem portas*” [MM].

“Povo sem lealdade não alcança estabilidade” [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural: “Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados” [MM].

“A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o corrompem” [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo: “... os ódios civis, as ambições, a onusada dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos” [AH.1, 21].

“Repetias, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia” [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES: 1.) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*: “O romeiro é livre como a ave do céu: respeitam-no o besteiro e o homem d’armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo” [AH.3, 145].

2.) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto: “ainda quando a *autoridade paterna e materna* fossem delegadas...” [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes: a) se a sucessão dos substantivos indicar graduação de um mesmo fato: A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados: O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta e consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro: A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única: O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

**B – Concordância de palavra para sentido** Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo: O povo trabalham ou Agente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes: “Começou então o povo a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o arrastaram até o meio do rossio e ali o assassinaram, e queimaram, com incrível presteza” [AH.2, 83].

“Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se a gente vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não temos quem nos receba” [CBr.1, 64].

**C – Outros casos de concordância verbal** 1) Sujeito constituído por pronomes pessoais 1) Sujeito constituído por pronomes pessoais Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural: “Vinhamos da missa ela, o pai e eu” [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: “E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.e., *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus...” [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrhou o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural: “quando *tu* e os outros velhacos da tua laia lhe estorroaram na cara lixo e terra...” [AH.5, I, 152 apud SA.5, II, 69].

Para a concordância com [expressões de tratamento](#).

“Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, prognosticassem o derrancamento do morgado da Agra...” [CBr.1, 108].  
“Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, coadjuvado pelo folclorista José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorrumpem em ‘vivas’...” [CBr apud MBa.1, 206].

“... nem Deus, nem o mundo lhes dará a mínima recompensa” [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular: Nem um nem outro compareceu ao exame.

Se João Fernandes (ou Platzhoff) os dá como entes semânticos (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*: “Cantares é o nome que o autor ou autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres dão a cada um dos poemas...” [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade ou equivalência*: O professor ou o nosso segundo pai merece o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular: “A nulidade ou a validade do contrato... eram assunto de direito civil”

[AH.2, 20].

“A ignorância ou errada compreensão da lei não exime de pena (...).” [Código Civil].

“Mas aí, como se o destino ou o acaso, ou o que quer que fosse se lembrasse de dar algumpastos aos meus arrombos possessórios” [MA.1, 146].

“e a maior parte dos esquadrões seguiram-nos” [AH.1, 111].

*Os dias de inverno são menores que os de verão.*

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância: a) quando um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo, ninguém, nenhum* ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto, o mais* é sujeito do verbo *ser*: *Tudo eram alegrias e cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara: *Tudo é alegrias*.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem, que, o que*: *O que são comédias?* [CBr.1, 40].

*Quem eram os convidados?*

*Não sei quem são os vencedores.*

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de “ser constituído por”: A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias: *São dez horas? Ainda não o são.*

*Hoje são 15 de agosto.*

*Da estação à fazenda são três léguas a cavalo* [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular: *Era perto de duas horas* quando saiu da janela [MA.3 apud SS].

*Eram perto de oito horas* [MA.3, apud SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito, é pouco, é mais de, é tanto* e o sujeito é representado por termo no

plural que denota preço, medida ou quantidade: Sessenta mil homens *muita gente* é para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].  
Dez reais é *pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome: A pátria não é ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça é *as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*: Essa imensa papelada

- - - - -

*Parecem* indiscrições [GD.3, II, 445].[158](#)

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo: Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda: *Era uma princesa* muito formosa que vivia num castelo de cristal.

*Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito* [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, “a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*”, leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural: Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

*Era uma vez três moças* muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão é *que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número: *Nós é que* somos brasileiros / *Nós somos* brasileiros.

*Esses livros é que* não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural: *São* de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

*Foram* nesses livros *que* estavam respostas / Nesses livros *foi que* estavam respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito: — Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são catorze?* E então? [GR.2, 3.<sup>a</sup> ed., 75].

“*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado...” [AH.2, 169].

“*Sei que há mais de um* que não se *envergonham* dela” [AH.2, 169].

## 11) A concordância com *quais de vós*.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais*, *quantos*, *algumas*, *nenhuns*, *muitos*, *poucos*, etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*: “*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?” [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa de plural: “*quantos dentre vós estudam* conscientiosamente o passado?” [JA *apud* SS.1, § 456].

“Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito” [LC.1, III, 127].

- b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.<sup>a</sup> pessoa: *Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.*

*Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.*

OBSERVAÇÃO: Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o, a, os, as*: *Os que prometem fazer felizes os povos são ordinariamente os que pretendem-sê-lo à custa deles.* [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: Por que a verdade é que somos nós os que fabricamos os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes semvo-lo eu ordenar, vós os que tínheis jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) vós a que não tendes nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

- c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.<sup>a</sup> pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito): “Sou eu o primeiro que não sei classificar este livro” [AH.1, 311].

Fui o primeiro que consegui sair.

“Éramos dois sócios, que entravam no comércio da vida com diferente capital” [MA apud SS.1, § 461].

- d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que, és tu que, foste tu que, etc.* (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que, etc.*): “Não fui eu que o assassinei” [AH apud SA.5, II, 75].

“Foste tu que me buscaste” [AH apud SA.5, II, 75].

- e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:[159](#)

“Eram paixões, os vícios, os afetos personalizados quem fazia o serviço dos seus poemas” [AH apud SA.5, 77].

“És tu quem me dás rumor à quieta noite, És tu quem me dás frescor à mansa brisa, Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento, Quem na voz do trovão longe rouquejas” [GD apud SA.5, 77].

- f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*)[160](#) ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*: “Este era *um dos que* mais se *doliam* do procedimento de D. Leonor”

[AH.2, 37].

“*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais abusou do talento, e que mais portentos auferiu do sistema...” [AH.2, 46].

“Demais, *um dos que* hoje deviam estar tristes, eras tu” [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres “foi *um dos teus filhos* que jantou ontem comigo”, “é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro”, será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso” [Cr.2, 763].

a

*Deve haver cinco premiados.*

*Não o vejo há três meses.*

*Não o vejo faz três meses.*

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam fôros de cidade: “Houveram alguns que alumínados da graça do Espírito Santo abraçaram culto e a fé de Cristo” [FE.1, I, 20].

“Houveram coisas terríveis” [CBr apud JC, I, 98].

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica: No *relógio deram* duas horas.

*Vendem-se apartamentos.*

*Fazem-se chaves.*

*Não se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não se lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se *perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis: “e para se *perderem* assim...”

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos como infinitivo sem flexão: Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr6, 53].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.<sup>a</sup> oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular: “Não se costuma punir os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas” [RS apud MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas     $\begin{cases} \text{parecem brilhar (loc. verbal)} \\ \text{parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)} \end{cases}$

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural: *Podem-se dizer essas coisas*.

*Devem-se fazer esses serviços.*

Todavia aparece o singular, corretamente: Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos felizes* (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: “*Quer-se inverter as leis, e nunca querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*” [JR.1, 322].

O mesmo ocorre com *não (nunca)... mais que (do que)*: Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo: Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

**OBSERVAÇÃO:** Em vez de *não... mais que* pode-se usar *mais não... que*: “O somque vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima” [apud MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: “Isto não é *que* uma insolência” por “Isto não é *senão* uma insolência” [FF apud MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro, outra coisa*, etc.: “Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde” [MA.2 apud MBa.4]. “(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor” [MA.8 apud MBa.4].

“Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis” [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular: “as *Cartas Persas* é um livro genial...” [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos é o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.<sup>a</sup> ed.].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: “(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA apud SS.1, §465, obs.].

Eles *sairam cada um* com sua bicicleta.

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*: *Haja vista* às tangas [CBr.16, 61].

*Haja vista* dos elos que eles representam (...) [CBr apud CR.1, 624].

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr apud MBa.1, 2.<sup>a</sup> ed., 207].

É bom que comprehendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si: Que Sócrates nada escreveu e

que Platão expôs as doutrinas de Sócrates é sabido [JR.1, 318].

Trinta por cento dos brasileiros assistiram aos jogos da Copa.

Dois por cento da assistência detestou o filme.

Dois por cento dos espectadores detestaram o filme.

**6 – REGÊNCIA AO QUE DISSEMOS NO CAPÍTULO SOBRE COMPLEMENTOS VERBAIS E NOMINAIS E EMPREGO DE PREPOSIÇÃO, CUMPRE ACRESCENTAR OS SEGUINTE PRINCIPAIS CASOS: A PREPOSIÇÃO QUE SERVE A DOIS TERMOS COORDENADOS PODE VIR REPETIDA OU CALADA JUNTO AO SEGUNDO (E AOS MAIS TERMOS), CONFORME HAJA OU NÃO DESEJO DE ENFATIZAR O VALOR SEMÂNTICO DA PREPOSIÇÃO: AS ALEGRIAS de INFÂNCIA e de JUVENTUDE / AS ALEGRIAS de INFÂNCIA E JUVENTUDE.**

Precisava da ajuda dos pais e dos parentes / Precisava da ajuda dos pais e parentes.

(...) mas as argolas do caixão foram seguras pelos cinco familiares e o Benjamim [MA apud MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

Isto é para eu fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que eu faça).

2) **Pedir para** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede: Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido: Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saisse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar: O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).

Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr apud MBa.3, 2.<sup>a</sup> ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

*Pediu para que Antônio saísse* em lugar de

*Pediu que Antônio saísse*.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambigüidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em: *Antônio pediu a José para sair*, custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiaram tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer: *Está na hora da onça beber água*, construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contraria é possível mostram-nos os seguintes exemplos: "... só voltou depois do infante estar proclamado reedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, antes do caso suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, apesar das couves serem uma das espécies de legumes" [RB apud PP]; "Pelo fato do verbo restituir, numa das suas acepções, e entregar, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "no caso do infinitivo trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfaseposta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o grande romancista hospitalizado* (...) [MB.1, II, 601].

*Lisboa e Porto, das quais cidades venho agora por Lisboa e Porto, cidades das quais venho agora* [LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa: “Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante...” [RB.2, 23]; “e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada...” [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato: “A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berberia” [AH.2, 69]; “... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem” [AH.2, 91].

“Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares” [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo: “O que precisamos é *de braços* valorosos e de peitos resolutos”

[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmico da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*: “O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto” [RB.1, *apud* MBa.4, 3.<sup>a</sup> ed., 235 e ss.].

*Entrei em casa e dela saí* (ou equivalente), porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênero de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece: “Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*” [AH.5, I, 154]; “... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?” [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo: *Com ou sem vantagens sairei Antes e depois da luta* Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas, antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em: “Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim” [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele, aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem *cair-nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*: Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se, aproximar-se, acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo): Avizinhou-*se dela* / Avizinhou-*se-lhe* Aproximar-*se dela* (ou *a ela*) / Aproximou-*se-lhe* Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe* Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos: (...) o apalpá-*la* nas costelas *sobre e subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas fáscias de amor profano tinham entrado *ob e sub-repticiamente* (*Id., ibid.*) Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis e transatlânticos* aprendam sua língua (...) [MBa.3, 127n.]

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto (tão) mais que, tanto (tão) ou menos que* (por *tanto ou quanto e mais que*, etc.): A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

- c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.
- d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.
- e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.
- f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.
- g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

161

aborrecer-se com  
 abrigado de  
 absolver- de  
 abster- se de  
 abundar em  
 abusar de  
 acabar- com  
 acautelar- se com  
 aceder a  
 acessível a  
 aceito a  
 acercar- se de  
 acomodar- se a  
 acontecer a, com  
 aconselhar- a  
 acordar com  
 acreditar- em  
 acudir a  
 acusar- de  
 adaptar- a  
 adequado a  
 aderir- a  
 admirar- se de, com, por  
 afastar- de  
 afável com, para com  
 afixar- a  
 agradar a  
 agradável a  
 agradecer a  
 agregar- se a  
 ajudar- a  
 ajuntar- a, -se com  
 alertar- de, sobre, contra  
 alhear- se de  
 alheio a  
 alimentar- com, de  
 almejar- por  
 aludir a  
 amante de  
 ameaçar- com, de  
 ameçear- se de  
 amigo de  
 amofinar- se com  
 amoroso com, para com  
 análogo a  
 anelar por  
 ansiar- por, (trans. direto)  
 ansioso de, por  
 antecipar- se a  
 antepor- a  
 anterior a  
 apaixonar- se por, de  
 aparentado com  
 apartar- de  
 apear- se de  
 apegar- se a  
 apelar para, de  
 aperceber- se de  
 apetrechar- se com  
 apiedar- se de

aplicar-se a  
apoderar-se de  
apoiar-se em  
aportar- a  
aprender-  
apressar-se a, em, por, para  
aproveitar-se de  
apto para, a  
arguir- de  
arrancar- de  
aproximar-se a, de  
arrepender-se de  
arribar a  
arrimar-se a  
arriscar-se a  
arrostar-se com  
aspirar a (= desejar);  
trans. direto (= inspirar) assemelhar-se a, com  
assenhorear-se de  
assentir a  
assinalar- com  
assistir a (= presenciar)  
assistir- (= ajudar)  
assustar-se com  
atapetar-se de, em  
atemorizar-se com  
atender- a  
atestar contra, por  
atento a, em  
ater-se a  
atinar com  
atingir (sema!) atrair- a  
atrever-se a, em  
atribuir- a  
aumentar  
ausentar-se de  
autorizar- a  
avaliar- em  
avaro de  
averiguar- de  
avesso a  
avezar (-se) a  
aviar-se de  
ávido de  
avir-se com  
avisar- de  
avizinhar-se de, a  
avocar- a

## B

bacharel em  
bandear-se para  
baixar- a  
bastante a, para  
bastar a  
batalhar com  
benéfico a  
bater a, em  
bem (fazer) em, de  
blasfemar contra  
blasonar de  
bom para, para com  
brigar com  
brindar- com

## C

cair em, sobre  
calcar- a  
capaz de, para  
capitular- com  
carecer de  
caritativo com, para com

caro a  
casar-se com  
ceder- a  
cego a  
chamar 162  
chegar (-se) a (não *em* junto à expressão de lugar) cheio de  
cheirar a  
cheiro a, de  
chorar por  
cingir- de, (-se) a  
circunscrever-se a  
circunvizinho de  
clamar por  
cobiçoso de  
cobrar- de  
cobrir- de  
coetâneo de  
coelho de, a  
coexistir- com  
coincidir- com  
coligar-se com  
combater- contra, por  
combinar- com  
começar a, por  
comedir-se com, em  
cometer- a  
comadecer-se de  
comparar- a, com  
comparecer a  
compatível com  
compelir- a  
competir com, a  
compor-se de  
comprazer- a, (-se) em, com  
compreensível a  
comprometer-se a  
comprovar- com  
comum, a, de  
comungar com  
comunicar- a  
comutar- em  
concentrar- em  
concordar com, em  
conforme a, com  
concorrer a, com  
condenar- a  
condescender com  
condoer-se de  
confabular com  
confederar-se com  
confereciar com  
confessar- a  
confiar em, a  
confinar com  
conformar-se com, a  
conforme com, a  
confrontar- com  
confundir-se com  
congraçar-se com  
congratular-se com  
consagrar a  
consentir em, tr. direto  
considerar como  
consistir em (e não *de!*) consolar-se com  
conspirar a, contra, para  
constante em  
constar de  
constituir-se em  
contagiar-se com  
contaminar-se de, com  
contemporizar com  
contemporâneo de  
contender com, de, sobre  
contentar-se com, de, em  
conter-se em

contíguo a  
continuar em, com  
contrapor a  
contrário a  
contribuir para, com  
convalescer de  
conversar– com [163](#)  
convencer-se de  
converter– em, a  
convidar– a, para  
convir a, com, em  
convocar– a, para  
cooperar com, para  
coroar– de, com  
corresponder a, (-se) com  
corrigir– se de  
cotejar– com  
crer– em, a  
cristalizar– em  
cruel com, para com  
cuidadoso com  
cuidar de, em (tr. direto)  
culpar de  
cúmplice em  
cumprir com, a [164](#)  
curar– se de  
curioso de  
curtir– se em

## D

dar a, em, com, por  
dar– se (pressa) a, em  
decair de  
decidir sobre  
declarar– se contra  
declinar– de  
dedicar– a  
dedignar– se de  
deduzir– de  
deitar– se a, em, sobre  
deleitar– se com, em, de  
denotar– a, em  
deparar– com  
depender de  
dependurar – de  
depressivo de  
derivar– de  
desafiar– para  
desagradar a  
desagradável a  
desalojar– de  
desapegar– se de  
desapossar– de  
desapropriar– de  
desatar– de, em  
desatento a  
desavir– se com  
descansar– de  
descansar com  
descartar– se de  
descender de  
descer de, a  
desconfiar de  
descontar– de  
descontente com  
descuidar– se de  
desculpas– de, com  
descurso de (não *por*) desdizer– se de  
desejoso de  
desembagaçar– se de  
desempenhar– se de  
desenganar– se de  
desertar– de

desesperar- de  
desfavorável a  
desfazer-se de  
desgostar-se de, com  
designar-se de  
desistir de  
desleal a  
desobedecer a  
despedir-se de  
despenhar de  
despojar- de  
desprender- de  
desquitar-se de  
declinar a, para  
destituir- de  
deter-se em, com  
determinar-se a  
dever- de [165](#)  
devoto de  
diferenciar- de  
diferente de  
difícil de  
dignar-se de, a  
digno de  
diligente em, para  
discordar de  
discrepar em  
disfarçar- em  
dispensar- de, a  
dispor- de, -se a, para  
disposto a  
disputar com  
dissemelhante de  
dissentir de  
dissuadir- de  
distar de  
distinguir- de  
distrair-se com  
distribuir- a, por com, entre  
ditoso com  
diverso de  
divertir-se com  
divorciar-se de  
dizer- de  
doce a  
dócil a, para com  
doente de  
doer-se de  
dotado de  
dotar- com, em  
doutor em  
duro de  
duvidar de

## E

eleger- por, em, como  
embaraçar-se com  
embeber- de, em  
embelezar-se com  
embevecer-se em, com  
emboscar-se em  
embriagar-se de, com  
embutir- em  
emendar-se de  
empapar- de, em, com  
empenhar-se por, em, com  
emular com  
empregar-se com  
êmulo de  
encarar- com  
encarregar- de  
encarniçar-se com, contra  
encharcar-se em  
encher- de

encomendar- a  
encostar- a  
encontrar-se com  
enfadar-se com  
enfastiar-se de, com  
enfatuar-se com  
enfeitar-se com  
enfermar- de  
enfurecer-se com, contra  
engalanar-se com  
enganar-se com, em  
engenhar-se a  
engolir-se em  
enlaçar-se em  
enlear-se em  
enraivecer-se contra  
enredar-se em  
ensaiar-se em, para  
ensinar- a  
entender de  
entendido em  
entregar-se a  
entreter-se com, em  
entristercer-se com, de  
envaidar-se com, por  
envelhecer- (sem *de!*) equiparar a, com  
equivalente a  
equivaler- a  
eríkado de  
erigir (-se) em  
erudito em  
escapar a, de  
escapulir de  
escamamento de, com  
escarnecer de  
escasso de  
escolher- entre  
escrupulizar em  
escusar-se de  
esforçar-se em, por, para  
esmaltar- de  
esmerar-se em  
espantar-se com, de  
especular- com, em  
esperar- de, em  
espiar- se em  
esquecer-se de  
esquivar- de  
esquivar-se a  
essencial para  
estabelecer-se com  
estender-se em, a, por  
estéril de  
estimular- a, com  
estranho a  
estreito de, para  
estribar-se em  
estropiado de  
exato em  
exceder-, a, em, de  
excetuar de  
excitar- a  
excluir- de  
exortar- a  
expor- a  
extrair- de  
exigir- de, a  
eximir- de  
exonerar- de  
extorquir- a, de

fácil de  
falar de, em, com, a, sobre  
faltar com, a  
falso de  
fartar- com, de  
farto em  
fatigar-se de, com  
favorável a  
favorecer- com, de  
fechar (-se) a  
fecundo em  
feder a  
felicitar- por, de  
fértil de, em  
fiar-se em, de  
fiel a  
fincar-se em  
firme em  
florescer em  
folgar de, em  
formar-se em  
fórrar- de, com  
forte de, em  
fraco de, em  
franco para com, de, em  
franquear- de, a  
frouxo de  
fugir- de, a  
fundar-se em  
furioso com, de  
furtar- a, de

## G

garbar-se de  
galardoar- com  
ganhar- de, a  
generoso com  
glorificar-se de  
gordo de  
gostar de  
gostoso a  
gozar de  
graduar-se em  
grande de  
grato a  
gravar- com  
gravoso a  
grosso de  
guardar-se de  
guarnecer com  
guerra a  
guindar-se a

## H

hábil em  
habilitar- com, para  
habituar-se a  
habitulado a  
haver-se com  
herdar- de  
hesitar em, sobre  
horror a  
hostil a  
humilhar-se a

## I ida a

idêntico a  
idôneo para, a  
imbuir-se de, em  
imediatamente a  
impaciente com

impedir– de, a  
impelir– a  
impenetrável a  
impear– de, a  
impliar com [166](#)  
impor– a  
importar a (impessoal),  
    de (país), em (quantia) [167](#)  
inconsequente com  
impossibilitar– para, a  
impossibilidade de  
impossível de  
impotente contra, para  
impróprio para  
imputar– a  
inábil para  
inabilitar– para  
inacessível a  
incansável em  
incapaz de, para  
incerto de, em  
incessante em  
incidir em  
incitar– a  
inclinar– a, para  
incluir– em  
incompatível com  
incompreensível a  
inconsequente com  
inconstante em  
incorporar– a, em  
incorrer em  
inerível a, para  
inculcar– em  
incumbir– de  
indébito a  
indeciso em  
indenizar– de  
independente de, em  
indiferente a  
indignar– se com  
indigno de  
indispôr– contra, (-se) com  
indócil a  
indulgente para, para com  
indultar– de  
induzir– a, em  
inerente a  
inexorável a  
infatigável em  
infeccionar– em  
inferior a  
inferior de  
infestar– de  
infiel a  
inflamar– se de  
inflexível a  
influir em, para, sobre  
informar– sobre, de,  
    (-se) de  
ingerir– em  
ingrato com, para com  
inibir– de  
iniciar– em, a  
inimigo de  
inimizar– se com  
injuriar com  
inocente de  
inquietar– se de, com  
insaciável de  
insensível a  
inseparável de  
inserir– em  
insinuar– em  
insípido a

insistir sobre, em  
instar– por, a  
instruir– de, em, sobre  
inteirar– se de  
intercalar entre  
interceder por  
interessar– se por  
interesse em, por  
intermédio a  
internar– se em  
interpolar– entre, com  
interpor– entre  
interrogar a  
intervir em  
intolerante com, para com  
inundar– de, em  
intrometer– se em  
inútil para, a  
investir contra, com  
irmantar– com  
isentar– de

## J

jactar– se de  
jubilar– em  
juncar– de  
juntar– a, com  
justificar– de, a; (-se)

## L

lamentar– se de  
lançar– em(-se) sobre  
lastimar– se de  
leal a, com, para com  
lembrar– se de  
lento em  
levar– em, a, por  
liberal com  
libertar– de  
lidar com  
ligar– a, com  
ligeiro de  
limitar– se a, com  
limitado de  
limpar– em, a (-se), de, em  
limpo de  
lisonjeiar– se de  
litigar com, contra  
livrar– de  
livre de  
lograr (-se) de  
longe de  
longinquo de  
louco de, com  
lutar com, contra

## M

maior de, entre  
maldizer– de  
maliciar– de  
malquistar– se com  
manco de  
mancomunar– se com  
manso de  
mantar– se com  
maquinar– contra  
maravilhar– se com, de  
matizar– de  
mau com, para,  
    para com  
mediano de, em

mediar entre  
medir (-se) com, por  
meditar em, sobre  
medrar- em  
melhorar de  
menor de  
merecer de  
mergulhar- em  
mescular- em  
meter-se- a, em juiz  
mimosear- com  
ministrar- a  
misericordioso com, para com  
moderar-se em  
mofar- de, com  
molestar- com  
molesto a  
morador em168  
moroso de, em  
morrer de, por  
mortificar-se com  
motejar- de  
mudar- de; mudar-se para  
murmurar- de

## N

namorar 169  
namorar-se de, namorar  
(tr. direto), com/natural de  
necessário a  
necessitar de  
negligente em  
negar-se a  
negociar- em, com  
nívelar-se a, com  
nobre de, em, por  
nocivo a  
nutrir-se de, com

## O

obedecer a  
obediente a  
obíquo a  
obrigar- a  
obrigação de  
obsequioso com  
obstar- a  
obstinar-se em  
obviar- a  
ocupar-se com, em, de  
ódio a, de, contra,  
    para com  
odioso a, para  
ofender- com, por  
ombrear-se a, com  
oneroso a  
opinar sobre, de  
opor (-se) a  
oposto a  
oprimir- com  
optar por, entre  
orar por  
orgulhoso com, para  
    com, de

## P

pactuar com  
padecer de  
pagar- a, de, em170  
pálido de  
parco em, de

parecer com, a, de  
parecido a, com  
paralelo a  
participar– de, em, a  
pasmar de  
passar de, com, em  
passível de  
peculiar a  
pegar de, em  
pender– de, a  
pendurar– de, a  
penetrado de  
pensar em  
perdoar– a  
perfumar– com  
perguntar a, por  
perito em  
permutar– com, por  
pernicioso a  
perpendicular a  
persistir em  
perseverar em  
persuadir– de  
pertencer a, pertencer  
para (= ser próprio de) pertinaz em  
pesado a  
pesar de (impessoal), a  
piedade de  
pleitear– com, contra  
pobre de  
poderoso para, em  
porfiar em, por  
pospor– a  
possível de  
possuído de  
posterior a  
povoar– de  
prático em  
precaver– se contra, de  
preceder– em  
precisar de  
proeminência sobre, de  
preferir– a [171](#)  
prejudicial a  
preocupar– se com  
preparar– se para  
preponderar sobre  
prescindir de  
presentear– com  
preservar– de  
presidir– a, em  
prestes a, para  
presto a, para  
presumir de  
prevalecer– sobre  
prevenir– de, para, contra  
prezar– se de  
primeiro de, dentre, a, em [172](#)  
privar– de, com  
proceder a, com  
processar– por  
pródigo de, em  
professar– em  
proibir– a  
promover– a  
pronto para, em  
propender para  
propício a  
propinquó de  
próprio para, de  
proporcionado a, com  
prorromper em  
prosseguir– em  
prestar por  
protestar contra

provar- de, a  
proveitoso a  
prever- a, de  
provocar- a, contra  
próximo a, de  
pugnar por, contra  
purgar-se de  
purificar-se de  
puxar- de, por

## Q

quadrar- com  
qualificar- de  
queixar-se a, de  
querelar contra  
querer- a<sup>173</sup>  
quebrado  
querido de, por  
quebrantar-se com

## R

radicar-se em  
ralhar com  
rebaixar- de, -se a  
rebilde a  
rebentar de  
recair em, sobre  
reclamar- contra  
reclinar-se sobre  
recolher-se a  
recomendar- a  
recompensar com  
reconciliar-se com  
reconvir sobre  
recorrer a  
recostar-se sobre, em  
recrear-se com  
recusar- a  
redundar em  
reduzir- a (não *em*) referir-se a  
refletir em, sobre  
refúgiar-se em  
regalar-se com  
regar- de  
regozijar-se de, com  
regular-se por  
reinadir em  
reintegrar- em  
rejubilar com  
relaxar-se em  
remontar- a  
remover- de  
renascer a  
render-se a  
renegar de  
rente com, a, de  
renunciar a  
repartir entre, com, por  
representar- contra  
reptar para  
requerer- a  
resguardar-se de, contra  
residir em  
resignar-se a, com  
resistir a  
resolver-se a  
respeito a, de, por  
responsável por  
ressentir-se de  
restabelecer-se de  
resultar de  
retirar-se de, a

retrair-se a  
retratar-se de  
retroceder- a, para  
revestir- de, com  
rico de, em  
rigido de  
rijo de  
rir-se de  
rivalizar- com  
roçar-se com  
rodear-se de, com  
rogar- por  
romper- com

## S

saber a (ter gosto), de  
sábio em  
sacar- de  
saciar- de, a  
sacrificar- a, (-se) por  
sacudir- de  
safrar- se de  
sair de, (-se) com  
salpicar- de  
salvar- de  
sanar de  
são de  
sarar- de  
satisfazer- a, (-se) com  
seco de  
sedento de, por  
seguro de, em  
segregar- de, a  
semelhante a  
semelhar- a  
sensível a  
sentir- se de  
separar- de  
serviço em  
servir- a, (-se), de, para  
severo com, para com, em  
sindicar de  
singularizar- se por  
sito em[74](#)  
soberbo com, de  
sobrar a  
sobreviver a  
sobrevir a  
sobrepujar- em  
sobressair em, por  
sobressaltar- se com  
sóbrio de, em  
socorrer- (-se) de, com, a  
sofido em  
solicitar- de  
sólito com  
solto de  
sonhar com  
sortir de  
submeter- a  
subordinar- a  
sub-rogar em  
subsistir com  
substabelecer em  
substituir- por, a  
subtrair- de, (-se) a  
suceder a  
sujar- se com  
sujeitar- se a  
sujo de  
sumir- se em  
superior a  
suplicar- a  
surdo a, de

surpreender-se com  
suspeitar de  
suspeito a, de  
suspender- de  
sustentar-se de, com  
suster- com  
suster-se de

## T

tachar- de  
tapar- com  
tapizar de  
tardar em  
tardo a, em  
tauxiado de  
teimar em  
temer de, por  
temeroso de  
temível a  
terçar- com  
terminar em, por  
terno de  
timbrar em, de  
tingir- de  
tirar- de  
tiritar de  
topar com  
tornar a  
trabalhar de, por, para, em  
traduzir- em, para, de  
traficar- com, em  
raidor a, de  
transbordar- de  
transférir- a  
transfigurar-se em  
transfórmar- em  
transido de  
transitar por  
transplantar- de, para  
transportar- se de  
trasladar- a, em, de  
tratar- de  
travar- se de  
tremer de  
tresandar a  
trespassado de  
tributar- a  
triste de, com  
triunfar de  
trocar- por, de

## U

ufanar- se de, com  
último em, de, a  
ultrajar- com  
ungir- com  
único em  
uniformizar- com  
unir- a, com  
untar- de, com  
usar- de  
útil a, para  
utilizar- se de

## V

vacilar em  
valer- se de, valer-, a  
vangleriar- se de, por  
variar- de, em  
vazar- em  
vazio de

vedar– a  
velar– por, em,  
versado em  
verter– de, para, em  
vestir– se com, de  
viciar– se com, em  
vincular– a  
vingar– se de, em  
visar– (= pretender) a,  
visar– (= dar o visto)  
visível a  
vizinho a, de  
voltar de, a

## Z

zangar– se com  
zombar de  
zelar por

## 7 – COLOCAÇÃO

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes: a) a colocação do adjunto preposto depois do seu substantivo: *a casa de Vera* b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo: *homem rico* c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo: *o homem bom meu tio rico sete pecados capitais muitos livros raros* d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo: *Dudu mudou de colégio.*

Mas: *Alugase esta casa. Por que cometeu ele essa falta?*

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo: *Compramos maçãs.*

*Assistiram ao filme.*

*Bebel é estudiosa.*

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos: *Escreveram cartas ao sócio prejudicado.*

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos): *Escreveram-lhe cartas.*

*Escreveram-lhas.* (*Ihe + as*) “O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte” [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta, usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação: *De teus olhos a cor vejo eu agora* Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz–se que há um *hipérbato*: *a grita se levanta ao céu da gente por a grita da gente se levanta ao céu* [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural: *Abel matou Caim* Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra–se a norma sintática e consegue–se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho: “A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava–se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava–se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espíneiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave–Maria” [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas

delas já enunciadas anteriormente e agora completadas: a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem: *O* livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal: *de* noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo: *não* quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal: *hei* de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética: *bom* dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie: *rua larga, blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada: grande homem / homem grande

“... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor” [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos: E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*: *Eu e ele saímos* juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor: Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-se a porta* (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome: Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo: *Terminando o discurso*, dirigiu-se ao hotel.

*Terminado o discurso*, dirigiu-se ao hotel.

3.) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser, existir, haver, fazer*), tempo, peso, medida: *Era* uma vez um príncipe *Existiam* várias razões *Houve* discussão *Faz* três anos que não o vejo *São* várias horas de distância *Faltam* dois dias para a festa

4.) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor: *Tivesse-me* ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

*Acabasse* falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo: *Suma-se* – ordenou o policial.

6.) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem, que, o que, quanto, qual, como, quando, onde, por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo: Quem veio aqui? (*quem* sujeito) De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração: De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo: Como era verde o meu vale!  
Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente: Consta que o trem atrasou.  
Ficou patente que o progresso começara.  
É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal: Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto: Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências como o pronome *se + me, te, lhe, nos, vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar. Não *se me* afiguram boas as soluções.  
Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*: Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo: Eram grandes raids, entradas, como se então dizia” [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett: “Assim passaram *meses*, assim correu o *inverno* quase todo, e já as amendoeiras se tocavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando o *mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera” [AGa apud GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva: Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Dos semconto que há passado maléficos portentos” [AC apud SA.2, 276].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclide*, *próclise* e *mesóclise*.  
ÊNCLISE é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga: Deu-me a notícia.

PRÓCLISE é a anteposição ao vocábulo tônico: Não *me* deu a notícia.

MESÓCLISE é a interposição ao vocábulo tônico: Dar-*me*-ás a notícia.

**Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.**

**A – EM RELAÇÃO A UM SÓ VERBO** 1.) Não se inicia período por pronome átono: “**Sentei-me, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas**” [MA.1, 125].

“Não! vos digo eu!” [AH apud FB.1, 197].

“Querendo parecer originais, nos tornamos ridículos ou extravagantes” [MM].

**OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a</sup>) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica “à expressão encantadora suavidade e beleza” [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o, a, os, as*: *O vi*. Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.<sup>a</sup>) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: “Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*”. Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.<sup>a</sup>) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: “*T'esconjuro!... sai, diabo!...*” [MA.1, 97].

2.) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada: “Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro” [MA.1, 79].

“Se a visse, iria logo pedi-la ao pai” [MA.1, 87].

“Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?” [MA.1, 91].

**OBSERVAÇÃO:** Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: “Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disselhe* entre outros carinhos...” [MA apud MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo: “Não *me* parece; acho os versos perfeitos” [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo: “Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido” [MA.1, 86].

**OBSERVAÇÃO:** Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa: (...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo: “Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico...” [AH.1, 60].

“Os infieis... *contentar-se-ão*, talvez, comas riquezas...” [AH.1, 146].

5.) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa: “Quantos *lhe* dá?” [MA.1, 97].

“Quem *me* explicará a razão dessa diferença?” [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

**B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL Temos de considerar dois casos:**

a) Auxiliar +  infinitivo: *quero falar*  
ou  
gerúndio: *estou falando*

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer: 1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando (...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen): Eu quero falar-*lhe* Eu estou falando-*lhe* (mais raro) **OBSERVAÇÕES:** 1.<sup>a</sup>) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen: Eu quero *lhe* falar Eu estou *lhe* falando A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome

átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar ou a falar-lhe*.

2.<sup>a</sup>) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> anteriormente formulados: Eu não quero falar-*lhe* Espero que não queira falar-*lhe* 3.<sup>a</sup>) Nas construções como verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária: “(...) e hão-me ainda a face De encobrir ervançais, para não ver-te” [AO apud SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + participípio: ***tenho falado...***

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir: 1) Proclítico ao auxiliar:  
Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen): Eu *tenho-lhe* falado Jamais se pospõe pronome átono a participípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao participípio: Eu *tenho lhe* falado.

**Posições fixas** – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos: 1) com o gerúndio precedido da preposição *em*: “Ninguém, desde que entrou, *em lhe* chegando o turno, se conseguirá evadir à saída” [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo: Bons ventos *o* levem!  
Deus *te* ajude!

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar: “A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas: 1.<sup>a</sup>) Pôde-se juntar o pronome ao participípio, procliticamente: Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.<sup>a</sup>) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito): *Poderá se-reduzir, poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.<sup>a</sup>) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas paraônimas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*” [MAG.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

## APÊNDICE

### 1 – FIGURAS DE SINTAXE *Fenômenos de sintaxe mais importantes* 1) ELÍPSE

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião: *É belo!* [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da “elipse” do sujeito, mas do “acrúscimo” de expressão que identifique ou explice a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas do singular e do plural: *Sairei* depois do almoço (desnecessário: *Eu sairei...*) *Foste* contemplado na crítica (desnecessário: *Tu foste...*) Mas:

*Eu sairei, e tu ficarás.*

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão: a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto: As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

*Domingo* irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* emredondo.

**OBSERVAÇÃO:** Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas: eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido...* [CBr.6, 104].

“Deus não dá *óculos ou desperdícios*” [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo: Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo: Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução: *Através da história e da lenda*, o fato chegou até nós.

*Antes de mim e de ti há a justiça.*

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais: Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrante: Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA apud MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas: É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes: Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos: E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso: Você recebeu *o convite*? Recebi sim (por Recebi-o sim) Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. apud MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para + particípio* para exprimir a ideia de “que há de ser”, “digno de ser”, à semelhança do particípio futuro passivo latino: Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo: A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que, dado que, etc.*) na oração subordinada coordenada à anterior: Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.<sup>a</sup> oração por um *que* na 2.<sup>a</sup> subordinada, coordenada à anterior: *Quando ele me viu e que disse isso, acreditei na sua versão do fato*.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonismo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase: *Vi-o a ele* (pleonismo do objeto direto).

*Ao pobre não lhe devo* (pleonismo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda lhe reforçavam a *ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonismo do dativo de posse).

*Subir para cima.*

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmos:

a) a série possessiva *seu... dele, sua... dela* para fugir à ambiguidade: Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ningém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, “é um segredo” (...) [JF apud CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto = douto; não sem razão = com razão; nada anormal = muito normal; sem desconhecer = conhecendo; indesculpável = culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo: “e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida” [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada: Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonัsmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*), *desde ab initio*, *tornar a repetir*, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *incorporar em*, *coabitar com*, *coincidir com*, *conformar-se com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração: “Eu que era branca e linda, *eis-me* medonha e escura”

[MB apud SS.1, § 536].

“Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção” [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial: *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.

A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

*Parece que o tempo vai piorar.*

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos: Dizem que o irapuru quando desata

A voz – Orfeu do seringal tranquilo –

O passarelo, rápido a segui-lo

Emderredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passarelo (...) agrupa-se na mata.

*Estudou como se fosse passar* Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*, derivada de *Entrei em casa e dai sai* (ou *donde sai*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

*Fiz com que Pedro viesse* (fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*) *Caminhar por entre mares* (fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*) *As estrelas pareciam brilharem* (fusão de *as estrelas pareciam brilhar* comparecia que *as estrelas brilhavam*).

*Fazer de conta* (fusão de *fazer conta* = *imaginar, supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo, de sonso, etc.*).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém e fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo: O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.

*Fizemos com que Pedro chegasse logo.*

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como: *Andar por entre espinhos* (*andar por espinhos + andar entre espinhos*).

Oh! Que saudades *que* tenho!

Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais: Eu não sei *quando que* ele vem.

*Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.

*Desde cedo que* esperavam por elas.

*Havia muito que* não o via.

*Verdadeiramente que* ficamos amedrontados.

*Quase que* o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife é *onde* fez o primário.

Durante a chuva é *quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica: a) *é + que* (conj. integrante): A verdade é *que* saíram.

b) é (verbo vicário) + *que* (conj. integrante): “Que quer dizer este nome? É *que* as almas...” [MBe apud JO.1]. (*É que* = quer dizer *que*) c) é (vicário) + *que* (conj. causal): Por que veio? É *que* teve medo (*é que* = *veio porque*) d) é *que* = é o *que* Este livro é que lemos ontem (= é o *que* lemos ontem) e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= é verdade, é certo *que*): “Ou é *que* o digesto não vale para os que o estudaram?” [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*: Ou *será que* eu estou errado!

## 2 – Vícios e Anomalias de Linguagem ENTRE OS VÍCIOS DE LINGUAGEM CABE MENÇÃO AOS SEGUINTEIS:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar: Eu *lhe* abracei (por *o*) A gente *vamos* (por *vai*) Tu *fostes* (por *foste*) *Aluga-se* casas (por *alugam-se*) Vendas à prazo (por *a*) Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*) Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, “não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto” [MC.4, 227].

<i>contricto</i>	por <i>contrito</i>
<i>gratuito</i>	por <i>gratuito</i>
<i>rúbrica</i>	por <i>rubrica</i>
<i>proesa</i>	por <i>poeza</i>
<i>ciudadões</i>	por <i>cidadãos</i>
<i>fosteis</i>	por <i>fostes</i>
<i>a telefonema</i>	por <i>o telefonema</i>
<i>areonáutica</i>	por <i>aeronáutica</i>
<i>intemerato</i> (= sem temor)	por <i>intimorato</i>

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, “empréstimos”); mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, “estrangeirismos”). O termo *empréstimo* abrange estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiões da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: [175](#)

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*: *incumbido a dizer moinho a vento combinação a dois equação a duas incógnitas*

2) Certos empregos da preposição *contra*:

<i>pagar contra recibo</i>	por	<i>pagar com, mediante recibo</i>
<i>encostar a mesa contra a parede</i>	por	<i>encostar a mesa à parede</i>
<i>remete-se contra reembolso</i>	por	<i>remete-se a reembolso</i>
(ou a cobrança)		

3) Certos empregos da preposição *de*:

<i>envelhecer de dez anos</i>	por	<i>envelhecer dez anos</i>
<i>aumentar de vinte reais</i>	por	<i>aumentar vinte reais</i>
<i>aposento largo de três metros</i>	por	<i>aposento de (ou com) três metros de largura</i>

4) Certo empregos da preposição *em*:

<i>barco em madeira</i>	por	<i>barco de madeira</i>
<i>relógio em ouro</i>	por	<i>relógio de ouro</i>
<i>chão em mármore</i>	por	<i>chão de mármore</i>
<i>capa em azul</i>	por	<i>capa azul</i>
<i>tingir em azul</i>	por	<i>tingir de azul</i>

5) Expressões como:

<i>estar ao fato de</i>	por	<i>estar ciente de</i>
<i>declarar a guerra</i>	por	<i>declarar guerra</i>
<i>pôr o acento nesse problema</i>	por	<i>enfatizar esse problema</i>
<i>pessoa de alguns vinte anos</i>	por	<i>pessoa dos seus vinte anos</i>

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

<i>a mãe nada viu que seu filho</i>	por	<i>a mãe só viu o filho</i>
<i>o egoísta não procura que o seu bem</i>	por	<i>o egoísta não procura senão o seu bem</i>

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas: *Quando me viu e que me falou* por *Quando me viu e me falou* Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em: *Logo que me viu e que me falou...*

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

<i>O dia amanhecendo</i>	por	<i>Amanhecendo o dia</i>
<i>A aula terminada</i>	por	<i>Terminada a aula</i>

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

<i>Os Almeida</i>	por	<i>Os Almeidas</i>
<i>Os irmãos Paiva</i>	por	<i>Os irmãos Paivas</i>
<i>Os Pereira de Abreu</i>	por	<i>Os Pereiras de Abreu</i>

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os

ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*: 1) Léxicos:

*admitir* (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

*assumir por supor, acreditar básico* (inglês, francês, etc.) *contactar por entrar em contacto com diferente por melhor* (um produto diferente) *doméstico* (voo) *por nacional leasing marketing politicamente correto praticamente por virtualmente, faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio) *relax*

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

- a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.
- b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.
- c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro; eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos): *aficionado bolero*: jaqueta *charla contestar* (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar, negar direitos*.

*ensimesmar-se entretenimento frente a* (= ante) *muchacho* (= garoto, rapazinho) *piso* (= andar, pavimento) *quefazer (es)* (= ocupações) *recuerdo* (= lembrança) *redatar* (= redigir) *resultar* (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir, proceder suelto* (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música) *adágio* (= andamento musical vagaroso) *allegro* (= movimento alegre) *andante* (= andamento moderado) *aquarela bambino belvedere bel-canto cicerone condottiere confete* (confetti, plural) *corso* (= cortejo, desfile) *diletante dueto furbesco* (= velhaco) *imbroglio* (= confusão, enredo, atrapalhada) *influenza* (= doença catarral, gripe, fr.) *intermezzo* (entreato) *libreto Madonna* (= Nossa Senhora) *maestro* (= regente de orquestra) *nitrido* (= relincho) *nitrir* (= relinchar) *piano* (= com suavidade) *primadonna* (= cantora principal de ópera) *raconto* (= conto, história) *sonata soprano espaguete estúdio* (= galeria de arte, sala de trabalho) *tarantela terracota trombone vendeta* (= vingança) *virtuose* (= músico de talento)

São idiotismos de nossa língua a expressão é *que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco, etc.*

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: “Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de uma língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar” [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.e., não flexionada).

<sup>16</sup> E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

<sup>17</sup> E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

<sup>18</sup> E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

<sup>19</sup> E. Coseriu [ECs.7, 59].

<sup>20</sup> E. Coseriu [ECs.15, 20].

<sup>21</sup> E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

<sup>22</sup> Mattoso [MC.4, s.v.].

<sup>23</sup> “Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca, saco/saca, etc.*” [HCV.2, 745-746].

<sup>24</sup> “Por morfológica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos / livrus petrus*) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos / livruz brankus / livros alvos / livruz álvus/*)” [MC.4, 179].

<sup>25</sup> *Mel e fel fazem meles ou méis, feles ou féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

<sup>26</sup> Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfológicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavaú | - | carnavaýs |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funís |

<sup>27</sup> Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

<sup>28</sup> Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: “O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicografia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas como dito nome”.

<sup>29</sup> Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmā(o)* → *irmā*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfológica de crase, optamos pela lição acima.

<sup>30</sup> Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca, a verduga, a pássara, etc.* cf. [MBa5, 328-329].

- 31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminutivo* (com i).
- 32 Rio-Torto, *Sistémica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.
- 33 [MBA.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas umneutro.
- 34 “O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propriissimos* do sujeito Estrela” [DG.1, 362].
- “A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima” [MB.1, 778].
- 35 É válido o comentário de Coseriu: “(...) o artigo de per si não individualiza. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. “Leram o livro? Estou vendendo o mapa”), a individualização está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais” [ECs.1, 300 n.36].
- 36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.
- 37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on ne peut se promener sans que quelqu'un vous aborde*, port. “não se pode passear sem que alguém aborde você”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *vocé* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente. “Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquelha moça”, e sim “aquelha senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].
- Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).
- 38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de déixis em relação à posição do falante: “*este-déixis*”, “*eu-déixis*”, “*tu-déixis*” e “*aquele-déixis*”. K. Buhler acrescenta uma déixis especial: “déixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [apud LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostraçāo [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostraçāo “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [Hcv.3, 662].
- 39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.
- 40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inherente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma junção entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.1, 256].
- O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”: “Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...)” [RC.1, 164].
- 41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCI, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categorêmática do pronome.
- 42 Tradicionalmente a série *isto, isso, aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto, isso, aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [Hcv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.
- 43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá?*” [EQ.3, 663].
- 44 Coseriu [ECs.4, 211-212].
- 45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui, eux, elle(s)* em francês.
- 46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa a seu filho*, emendada para: “*A fortuna do pai passa-lhe ao filho*”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].
- 47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.
- 48 Sabemos que o termo *déictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.
- 49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: “Pour des raisons historiques, on a l’habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l’on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d’intensif” [FBI.1, § 186].
- 50 “*Algo* é obsoleto, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de “algo” concreto e até material” [Hcv.3, 656 n. 93].
- 51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf Pág. 333, a]
- 52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.
- 53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual, sem a qual, sem os quais, sem as quais*, para evitar o eco.
- 54 As formas *duzentos, trezentos, quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.
- 55 “O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante” [MC.4, 178].
- 56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer* = *de ser roido*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.
- 57 Moderna e normalmente o verbo *parir* está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.<sup>a</sup> pers. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo, pares, pare, parimos, paris, parem*. Pres. subj.: *paira, pairas, paira, pairamos, pairais, pairam*.
- 58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorf (cf. Variantes dos elementos mórnicos).
- 59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: “SMT é -ia, opondo-se a -a, do subjuntivo presente: *temia, partia: tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar -i a vogal do tema e SMT a vogal -a, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema” [MC.8, 148 n.27]. A solução com -a não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.
- 60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: “Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antípatica palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre “mobilizada” [MB.1, 441].
- 61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.
- 62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*,

*chamamos-lhe, requeremos-lhe, etc.* Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe, informamo-lhe!*

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engolir* (com *o*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos (com o), engolis (com o), engolem*.

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafônia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem*.

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fijo, foges foge, etc.*

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir*.

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: “O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta-o* a gritos e *repreende-lhe* o sono em ocasião que o baixel *estava* emperigo de se ir a pique” [AV apud MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: “Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui vont avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées”.

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas: *Como chove! Veja como chove.*

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMA.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contracção* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänänen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 “(...) sem todavia influírem na ordenação das orações” [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfônêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente*, mas o fato se explica porque tais adjetivos em -*es* e -*or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental*, etc., em vez de *labidental, labinasal, linguisental*, etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano*, etc., onde também aparece o grego em lugar do latino, como *emplenilíneo* (p.207), *alvincente, altíssimo, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gatícido, burricida*, etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em geografia e bibliófilo não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café e lâ*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, FLP, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology*, 1972, 72.

87 Silvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios ‘grau prestígio social’, ‘formalidade’ e ‘grau de especialidade’. Não se podem deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em -*a*, este a reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em -*o* ou singular em -*s*: *Jarbas → Jarbinhas; Carmo (João do) → Carminha; o Maia → o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf [VB.1].

94 Tresler é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar ‘ler mal’, ‘ler sementender’: “Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena” [CL.1, II, 305].

95 “Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* “grande santo”, por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*” [JR.5].

96 O vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 Esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer), etc.* Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aquedito*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: “A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex: *predizer = pre + dizer, desconsolo + des + consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex: *permitir, cf. meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex: *colisão, elisão*)” [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se guarda neste último caso.

98 Fero é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aférir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltstlehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e “constâncias” semânticas dos escritores). Cf [ECs.2, 46-50].

100 Um especial ênfase semasiológico está representado pela “semântica estrutural” dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguação* dos signos. Cf [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira

(1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tom I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 “A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais ‘operativa’ que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas” [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma (“sincretismo”), como em *cantava*, 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pess. do imperfeito, ou -s morfema pluralizador nos nomes e de 2.<sup>a</sup> pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver obrigatoriedade de concordância do predicativo como sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronomé *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: “Emproposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança*, servimo-nos de um pronome visivelmente destinado de antecedente. Mas como o vocabulário *quem* aí sugere a noção de “homem (ou mulher) que”, “algum que”, sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronomé tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condonável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que*, expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda*. SWEET propõe para o pronomé nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* “por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente”. Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronomé em questão deve a sua origem uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*” [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de desejo José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que prefiram, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração comprincipal. Assim, analisam: Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBA.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e REMARQUE: *Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest?"* (LESSING).

121 O fato se repete no latim “*Vejens bellum ortum est, quibus Sabini arma conjunxerant*” [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.º]. Cf. ainda [MBA.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar o *tal*: Falaste de modo que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf Löfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*, 239; Svenskning, *Untersuchungen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideraram oração de fazer como subjetiva.

125 Assim fizemos mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de “há quatro dias”, “faz quatro dias”, sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: “Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*” (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional introduzida por *se*): “Se do céu, onde estais, abaterdes os olhos e os puserdes em Amarante...” [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: “Não deve nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos”.

130 Leia-se a respeito [MBA.1, cap. XI].

131 Cf [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante, visto, posto, etc.* [Cf. ED.2, § 288 a] e [EB.1, 35].

133 Melhor fará pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBA.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLK.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, nº 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: “Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*”. Cf. ainda [JC.1, 16, nº 3]. Em [CB.1, 56] colhemos *volitar-se*: “... a pomba que se volta da arca...”.

138 Curso dado no INEP, 1949. Síntese 14., p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronomé relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FB.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLK.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

141 “As vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa” [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätze* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexactidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2<sup>a</sup> e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2<sup>a</sup> edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Éléments de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida: “Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito de *nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso, o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: “Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele” (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); “*Não sei que fazer ao teu coração*” (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3<sup>a</sup> ed., p. 171): “Não sabia escrever, não tinha ninguém a quem pedir a esmola de uma carta” (Id., *Maria Moisés*, 1<sup>a</sup> parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: “*Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, de que poder valer-se*; assim recorre a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não” (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: “Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir” (*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf [ALB.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3<sup>a</sup> ed.]: “É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das más descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial”. Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: “Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento” [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1<sup>a</sup>) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, n<sup>o</sup> 4): mas a redação do ilustre sinteticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: “Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe, v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)”. E acrescenta: “Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final”. Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1<sup>a</sup> ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto coma de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto coma de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: “Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) coma segunda (como o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!” (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático, E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in *Galicismos Fraseológicos*) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está coma respectiva vírgula!): “Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: “Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc.” Havia de dizer: “Vindo Frei Domingos, etc.” (Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas o crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: “Vindo o servo de Deus tortosa para Valença...” (III, 492).

148 Semrazão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Moraes* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara ser exótico* (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestímoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259.

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar coma a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por a o) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por para o menino) ver. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.<sup>a</sup>) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744.

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3.<sup>a</sup> e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comentou com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): “O possessivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de “o nosso Basílio e Durão” e o pesado de “o nosso Basílio e nosso Durão. Cf. “Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos” (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância coma a forma gramatical da palavra determinada: “Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é a gente ser sincera” [CBR. apud MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: “Luis escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-las (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprova a um amigo tal prática de linguagem: “Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo” [CBR.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância coma o sujeito ou coma o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: “A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*” (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: “Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda” (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a: atender o cliente, o cliente foi atendido, atende-lo, atender ao cliente*. Um vez a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 “No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar, arguir de*” [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, como sentido de “namorar”, tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sema preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho. Ela deve de ter quinze anos.*

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir, acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal, no largo tal* (e não à *rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: *Paguei o médico*, mas sim de coisa paga: *Paguei a conta ao garçom*.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo, prefiro o teatro ao cinema*.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francésismo.

173 No sentido de *estimar, querer bem*.

174 *Sito na rua tal, no largo tal* e não à *rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que “vestem” os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações” e “sinais de palavras”, podendo comutar com tais unidades alfabeticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [ , ], ponto e vírgula [ ; ], ponto final [ . ], ponto de exclamação [ ! ], reticências [ ... ]), e os sinais de comunicação ou “mensagem” (dois pontos [ : ], aspas simples [ ‘ ’ ], aspas duplas [ “ ” ], o travessão simples [ – ], o travessão duplo [ — ], os parênteses [ ( ) ], os colchetes ou parênteses retos [ [ ] ], a chave aberta [ { }, a chave fechada [ } ]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e de *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação: a) a *pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hifen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

- b) a *pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).
- c) a *pontuação do texto*.

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach: “Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita”.

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora: “Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valorização”.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando: Não podem atirar!

Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo: *Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.*

Ou

*Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.*

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

**Ponto** – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.<sup>a</sup>*, *etc.*

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: “O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.*; *V.S.<sup>a</sup>*; *Il.<sup>mo</sup>*; *Ex.<sup>a</sup>*; *etc.*” (Dr. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO) Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

**Ponto parágrafo** – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial ( § ).

**Ponto de interrogação** – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte: Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Váz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— “Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar” [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o estado de dúvida do personagem diante do fato: — “Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...”

— ? !...” [ML.1, 226].[176](#)

**Ponto de exclamação** – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa: “Que gentil que estava a espanhola!” [MA.1, 50].

“Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!” [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição: Olé! exclamei. [MA.1, 74].

Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a graduação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação: “E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...”

— ? !

— Sim Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.

— ? ! !” [ML.1, 204].

**Reticências** – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo: “Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espalhou uma onda de ventura...” [MA.1, 121].

“Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem.. Digo, Maricota?” [MA.1, 120].

— Moro na rua...

— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba” [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc.*

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio ou no fim, para indicar supressão no texto transscrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um

ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

**Vírgula** – Emprega-se a vírgula: a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

“Sim, eu era esse garçao bonito, airoso, abastado” [MA.1, 48].

— “Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste” [MA.1, 93].

OBSERVAÇÃO: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula: Carlos Gomes, Vitor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

“Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter” [CL.1, I, 53].

“No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riamente todos” [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou, quer, etc*), quando proferidas com pausa: Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação: Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo: “ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno...” [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

“Nunca, nunca, meu amor!” [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é variável (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo: “perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, — eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, — ...” [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam: “No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros...” [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva: Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas: “Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu” [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal: “Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta...” [MA.1, 185].

“mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício...” [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar: Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão: “e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução” [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém, todavia, contudo, entretanto*), principalmente quando pospostos: “A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas...”

- n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo: Ele sai agora: eu, logo mais.
- o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.
- p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada: De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

**Dois pontos** – Usam-se dois pontos na: 1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:[177](#)

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

“que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado”  
[MA.1, 184].

“Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate”  
[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer, retrucar, responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa: “Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito: — Creio que o Damião desconfia alguma coisa” [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão: “Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai: — Vém, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!” [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência: “Explique-me: o diploma era uma carta de alforria” [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias: Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

“Não! bradei eu; não há de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se” [MA.1, 59].

**Ponto e vírgula** – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado: a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte: “Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela” [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste: “Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto” [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

**Travessão** – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada: “... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas” [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo: “Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfilar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta” [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte: “... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano” [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas: – Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.

– Cansado? perguntei eu.

– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

**Parênteses e colchetes** – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado,

além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação: “Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida” [RB]

“A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento”. (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem ser usados os parênteses.

**Aspas** – De modo geral, usamos como aspas o sinal [ “ ” ]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [ ‘ ’ ], ou invertidas (simples ou duplas) [ ‘ ’ ], [ “ ” ]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat. *‘amar’* port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entonação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria: **OBSERVAÇÃO:** Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente: — “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a como o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas: “Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Misera, tivesse eu aquela enorme, aquela  
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

**Alínea** – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada: Os substantivos podem ser: a) *próprios* b) *comuns*

**Chave** – A chave [ { } ] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

**Apêndice Asterisco 178** – O asterisco (\*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr. \**, *B. \*\**, *L. \*\*\**

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no inicio da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão: cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

“O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a “deformar” os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar”.<sup>179</sup>

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

[180](#)

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. “Já sabemos – ensinam J. Mattoso Câmara Jr.<sup>181</sup> – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre “A Coroa do Rubião”: diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba*, que Rubião, demente, julgando-se “imperador dos franceses” no momento da agonia, cingiu a “coroa”, que não era sequer uma bacia, “onde se pudesse palpar a ilusão”, “ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada”. O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor “estético”, fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a*, exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Dai o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem “à outrance” às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceiro desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina: “que eu, se tenho nos olhos malferidos pensamentos de vida formulados, são pensamentos idos e vividos”.

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n’alma.

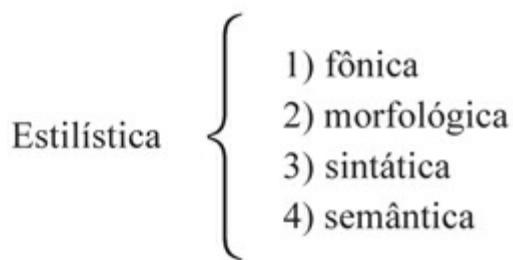
Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

[182](#)

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:



A ESTILÍSTICA FÔNICA procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A ESTILÍSTICA MORFOLÓGICA sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos: 1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio: Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer: Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação): paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais*, como, por exemplo: a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico: Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido: Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte: Aí César *invade* a Gália.

5) *a mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha*, Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu*, ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniais assumida por *vós*.

A ESTILÍSTICA SINTÁTICA procura explicar o valor expressivo das construções: 1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvíbrio; 2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silese*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma; 3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, *etc.*

4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe*.

A ESTILÍSTICA SEMÂNTICA pesquisa: 1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras: Você é um *abacaxi*.

Aquele aluno é *um monstro*.

Ele tem uns *bons* sessenta anos.

2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

A título de mera sugestão aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma pléia de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura: “Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedissem o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu “ideal de parisiense”: casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança: Tombou da haste a flor da minha infância alada, Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim: Voou aos altos céus a pomba enamorada Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,  
E que era sempre dia, e nunca tinha fim  
Essa visão de luar que vivia encantada  
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,  
Que me enchiam de lua o coração, outrora, Partiram no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais: Voltam na asa do vento os ais que a alma chora, Elas, porém Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembremos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, numa reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadram à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar

na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte: Em tudo via a Vélha, em tudo via a Morte; Um berço que dormia era um caixão pr'a cova: Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso “lua”, nos versos de Nobre (“...aves na minha infância que me enchiham de lua o coração outrora”) sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmagóricos adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada: Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais: Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.

Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de ouro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma (“elas, porém, Senhor!”); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação (“elas não voltam mais”).

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão: De modo que me faça bom encosto, O travesseiro comporá com jeito, E eu, tão feliz! Por não estar afeito, Talvez este sorriso derive dum atitude premeditada, um último “coquetismo” de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida”.

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo “malferidos”, aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica<sup>183</sup>, a já citada locução de “pensamentos idos e vividos”, e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontaneamente participios da 1.<sup>a</sup> conjugação e da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>: Trago-te flores, – restos arrancados Da terra que nos viu passar unidos E ora mortos nos deixa e separados Que eu, se tenho nos olhos malferidos Pensamentos de vida formulados, São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a “forma interna”, isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus<sup>184</sup> onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos – tudo que há a confessar me obriga – acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista: E para crer num braço autor de tudo, Que recompensa os bons, que os maus castiga, Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado “soneto elisabetano” (que praticou Shakespeare)<sup>185</sup> onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um distico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluirá no décimo segundo verso: Ó virgem que passais ao sol poente, Pelas estradas ermas a cantar,

Eu quero ouvir uma canção ardente Que me transporte ao meu perdido lar.  
Cantai-me nessa voz onipotente  
O sol que venha aureolando o mar, A fartura da seara reluzente,  
O vinho, a graça, a fôrmosura, o luar.  
Cantai, cantai, as límpidas cantigas Do fundo do meu lar desaterrai  
Todas aquelas ilusões antigas,  
Que eu vi morrer num sonho como umai!...  
Ó suaves e frescas raparigas,  
Adormecei-me nessa voz... Cantai! <sup>186</sup>

Voltando, entretanto, a “A Carolina” de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido: A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece: Querida, ao pé do leito derradeiro Em que descansas dessa longa vida, Aqui venho e virei, pobre querida, Trazer-te o coração de companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro Que, a despeito de toda a humana lida, Fez a nossa existência apetecida E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual: Trago-te flores, restos arrancados Da terra que nos viu passar unidos E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu: Que, se eu tenho nos olhos malferidos Pensamentos de vida formulados, São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo “aparentemente secundária”, porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. “Mortos, por quê?” Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

<sup>179</sup> J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.

<sup>180</sup> Matéria y Forma en Poesía, 103-104.

<sup>181</sup> No artigo citado.

<sup>182</sup> *Le Langage et la Vie*, 100.

<sup>183</sup> Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.

<sup>184</sup> *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.

<sup>185</sup> Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.

<sup>186</sup> Antônio Nobre, *Só*, 3.ª ed. (Aillaud e Bertrand), 1913, p. 120.

**Verso** é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

**Ritmo** é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

**Metro** é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocalica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, “cavalfa” ou “monta” no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*: “Sonho profundo, ó Sonho doloroso, Doloroso e profundo Sentimento!”

*Vai, vai nas harpas trêmulas do vento Chorar o teu mistério tenebroso*” [CS.1, II, 63].

“Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um *versejador*. Grandes poetas, como Vigny, foram mediocres *versejadores*. Hábeis *versejadores*, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas” [BH.1, 431].

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constitui peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima: 1) número fixo de sílabas; 2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas); 3) cesura; 4) rima; 5) aliteração; 6) encadeamento; 7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*: É *to d(a)um hi n(o): – es pe ran / ça*

## 1 2 3 4 5 6 7

**Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos** – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) [187](#) por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica,

desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas: “O padre não falou – mostrou-lhe o céu!” [CA.1, 137] **Agudo** “Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*.” [CA.1, 106] **Grave** “Estátua da aflição aos pés dum túmulo!” [CA.1, 106] **Esdrúxulo** Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ; quando for tônica poremos nele um acento tônico:

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) eclipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: “a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *ásqua*, *série*, *tênué*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo/níviu/mágooa/mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos” [MC.4, 221].

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas: “Pe sa -me es ta bri *lhan* te au ré o la de nu me...” [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).[189](#)

E triste e triste e fatigado eu vinha (lido como tritongo: /wew/).

e fatigad eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente: Mas se forçoso *t'ê* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abranger mais de duas vogais.

“Teu pensamento, como o sol que morre,  
Há de cismando mergulhar-se em mágoas” [CA.1, 125].  
“Durante a noite quando o orvalho desce” [CA.1, 144].

[190](#)

Ocorre com mais frequência a eclipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a eclipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: *coa*, *coas*, *co*, *cos*): “Co'as tranças presas na fita, Co'as flores no samburá” [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do verseador são frios recursos de

aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas: “E eu, fitando-a, abençoava a vida” [CA.1, 279], lido: E eu fi tan do-a a ben ço a va a vi da 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

“Ama-se a vida – a mocidade é crença” [CA.1, 144].

## 1 2 3 4 5 6 7

sa / mor ta na flor / dos a nos

## 1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba: “Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco” [GD.3, I, 68].

“O céu era azul, / tão meigo e tão brando” [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ i ou e /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente: “Ninguém mais observa o tratado” [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.

“Contudo os olhos d’ignobil pranto” [GD.1] – *ignobil* deve ser lido também com quatro sílabas.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71: Ela tão meiga e tão cheia de encantos, Ela tão nova, tão pura e tão bela...

Amar-me! – Eu que sou?

Meus olhos enxergam, enquanto duvida Minh’ alma sem crença, de força exaurida, Já farta da vida, Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente “a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco” [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denominativos de número prefixados ao elemento -sílaba: *mono-* (um só), *dis-* (dois), *tri-* (três), *tetra-* (quatro), *penta-* (cinco), *hexa-* (seis), *hepta-* (sete), *octo-* (oito), *enea-* (nove), *deca-* (dez), *hendeca-* (onze), *dodeca-* (doze); *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*), *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*), *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*), *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*), *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mortamente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Como assinala Navarro Tomás, “em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa” [NT.1, 28].

queima

reina dança sangue

gosma...” [MAN apud MB.3, 3242].

b) Dissílabos: “Um raio

Fulgura  
No espaço  
Esparsa  
De luz” [GD.4, 229].

c) Trissílabos: “Vém a aurora Pressurosa,

Cor-de-rosa, Que se cora  
De carmim” [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 –  $\text{U U U U}$

“O sol desponta” [GD.4, 230].

2 –  $\text{U U U U}$

“Que entre verdores” [GD.4, 230].

3 –  $\text{U U U U}$

“Lá no horizonte” [GD.4, 230].

4 –  $\text{U U U U}$

“Salomé vinha” [apud MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 –  $\text{U U U U U}$

“Gados que pasceis” [LC apud SA.3, 30].

2 –  $\text{U U U U U}$

“Um ponto aparece” [GD apud SA.3].

3 –  $\text{U U U U U}$

“Não sou eu tão tola” [JD apud SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 –  $\text{U U U U U U}$

“Não solta a voz canora” [GD, *ibid.*].

2 –  $\text{U U U U U U}$

“Que um canto d’inspirado” [*Id., ibid.*].

3 –  $\text{U U U U U U}$

“Como é fundo o sentir” [CA apud SA.3, 33].

4 –  $\text{U U U U U U}$

“Pois permite e consente” [LC apud SA.3, 32].

5 –  $\text{U U U U U U}$

“Tu já mataste a sede,  
Mate-me a sede a mim” [JD apud SA.3].

6 –  $\text{U U U U U U}$

“E à luz do luar incerto” [AG apud MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

- 1 –  $\text{U U U U UUU}$   
       “Cresce a chuva, os rios crescem” [GD, *ibid.*].
- 2 –  $\text{U'U U UUU U}$   
       “Fogem do vento que ruge” [*Id., ibid.*].
- 3 –  $\text{U U U U UUU U}$   
       “Ardendo na usada sanha” [*Id., ibid.*].
- 4 –  $\text{U U U UUUU}$   
       “Como ovelhas assustadas” [*Id., ibid.*].
- 5 –  $\text{U U U U U U U}$   
       “Que da praia arreda o mar” [*Id., ibid.*].
- 6 –  $\text{U UU UU UU}$   
       “É já torrente bravia” [*Id., ibid.*].
- 7 –  $\text{U U U UUUU}$   
       “Grossos troncos a boiar”
- 8 –  $\text{U U U U U U U}$   
       “Aqui nestas redondezas” [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

- h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
- 1 –  $\text{U U U U U U U U}$   
       “Demônios mil, que, ouvindo-as, digam” [RC *apud* SA.3, 39].
- 2 –  $\text{U U U U UUU U}$   
       “Sabes tu de um poeta enorme” [MA *apud* SA.3, 40].
- 3 –  $\text{U U U U UUU U}$   
       “Roxas, brancas, rajadas, pretas” [*Id., ibid.*].
- 4 –  $\text{U U U U UUU UU}$   
       “Deixando a palhoça singela” [*Id., ibid.*].
- 5 –  $\text{U U UU U UUU}$   
       “São Bom Jesus de Matozinhos” [AG *apud* MC.3, 150].
- 6 –  $\text{U U U U UUU UU}$   
       “Queremvê-lo no seu altar” [*Id., ibid.*].
- 7 –  $\text{UUUU U U U U}$   
       “Para ficar perto dos ninhos” [*Id., ibid.*].
- 8 –  $\text{UU UU U UUU}$   
       “Alto, porém, tão alto soa” [RC *apud* SA.3, 40].

- i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

- 1 – U U U U U U U U U  
 “E no túrgido ocaso se avista” [GD, *op. laud.*]
- 2 – U U U U U U U U U U  
 “Além, nos mares tremulamente” [RC *apud* MC.3].
- 3 – U U U U U U U U U U  
 “Da cor de uma menina sem vida” [AG *apud* MC.3, 152].
- 4 – U U U U U U U U U U  
 “Pobres de pobres são pobrezinhos” [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].
- 5 – U U U U U U U U U U  
 “Dei-me ao relento, num mar de lua” [R. Correia *apud* SA.3].
- 6 – U U U U U U U U U U  
 “Também outrora num mar de lua” [Id., *ibid.*].
- 7 – U U U U U U U U U U  
 “Pobre lua nova, tão pequena” [A. Guimarães *apud* MC.3].

- j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:
- 1 – U U U U U U U U U U  
 “Um som longínquo cavernoso e ouco” [GD, *ibid.*].
- 2 – U U U U U U U U U U  
 “Eis outro inda mais perto, inda mais rouco” [Id., *ibid.*].
- 3 – U U U U U U U U U U  
 “Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco” [Id., *ibid.*].
- 4 – U U U U U U U U U U  
 “Rasga-se o negro bojo carregado” [Id., *ibid.*].
- 5 – U U U U U U U U U U  
 “E enquanto a luz do raio o sol roxeia” [Id., *ibid.*].
- 6 – U U U U U U U U U U  
 “Das ruínas completas o grande estrago” [Id., *ibid.*].
- 7 – U U U U U U U U U U  
 “O sonho passou. Traz magoado o rim” [MB.3, 3243].
- 8 – U U U U U U U U U U  
 “Magoada a cabeça exposta à umidade” [Id., *ibid.*].
- 9 – U U U U U U U U U U  
 “Doce repouso de minha lembrança” [LC *apud* MB.3].

- k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

- 1 – U UUUU U U U U  
 “Nos últimos cimos dos montes erguidos”
- 2 – U U U UUU U U UUU U  
 “Ai! há quantos anos que eu parti chorando” [GJ.1, 117].
- 3 – UU U UUU UUUU U  
 “Deste meu saudoso, carinhoso lar!...” (*Id., ibid.*).
- 4 – UU U U UU U UUU U  
 “Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!...” [*Id., ibid.*].

I) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

- 1 – U U UUUU / UUUU UU  
 “Já não fala Tupã no ulular da procela” [OB *apud* SA.3, 56].
- 2 – U U U UUU / U UUUUU  
 “E espalham tanto brilho as asas infinitas” [*Id., ibid.*].
- 3 – U U UUU U / U U U UU  
 “Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava” [*Id., ibid.*].
- 4 – U U U U UU / UUU UUU  
 “Teu pé também deixou um sinal neste solo” [*Id., ibid.*].
- 5 – UU UU U U / U U U UU  
 “Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia” [*Id., ibid.*].
- 6 – UU UU U U / U UU UU U  
 “Súbito a nota extrema anseia, treme, rola” [CAv.1, I, 115].
- 7 – U U U U U U / U U U U UU  
 “Noiva que espera o noivo e suspira em segredo” [OB *apud* SA.3].
- 8 – U U UUUU / U UUU U U  
 “Em torno a cada ninho anda bailando uma asa” [*Id., ibid.*].
- 9 – U U UUU U U / UU U UU U  
 “Vês com olhos do céu cousas que são do mundo” [MA, *ibid.*].
- 10 – UU UU U U / UU U U UU  
 “Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora” [*Id., ibid.*].
- 11 – UU UUUU / UU UU UU  
 “Casa, rico jardim, servas de toda a parte” (*Id., ibid.*).
- 12 – U U U U U / U U U U UU  
 “Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio” [OB, *ibid.*].
- 13 – U U UUUU / UUUU U U  
 “Passa um velho judeu, avarento e mesquinho” (G. Junqueira, *ibid.*).

“A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pode

indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".[192](#)

### 3 – RIMA: PERFEITA E IMPERFEITA [193](#)

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

*Interna* é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (Os Amores de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compõe quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo: "Era na estiva quadra! Intenso meio-dia Pedia um respirar; No meio do meu peito M e deito a descansar.

Janela entreaberta, esquia ao sol fôgoso, Repouso ali mantém; Luz como a de espessura Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica: "És engracada e formosa Como a rosa, Como a rosa em mês d'abril; És como a nuvem doirada Deslizada, Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando: a) se rima uma vogal de timbre semiabierto com outra de timbre semifechado: "Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume: – "Quem me dera que fosse aquela loura estrela, Que arde no eterno azul, como eterna vela!"

Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem: "Nessa *vertigem* Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *spirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal: De que ele, o sol, inunda O mar, quando se *põe*, Imagem moribunda De um coração que *foi* [JD apud CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tónicas (rima *toante* ou *assonante*).

**Rimas consoantes e toantes** – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume / ciúme*.

*Toante* (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tónicas: *calma / cada*; *terra / pedra*.

**Disposição das rimas** – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpeladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo: "M oços, quero, entre vós, falar à nossa terra..."

Somos sua esperança e o seu último amparo; Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou *ABAB*) onde *a* indica a rima *-erra* (terra / encerra) e *b* a rima *-aro* (amparo / caro).

**EMPARELHADAS** são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.): "Numa vida anterior, fui um xeque macilento E pobre... Eu galopava, o alboroz solto ao vento, Na soalheira candente; e, herói de vida obscura, Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

**ALTERNADAS** (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.<sup>º</sup> verso rime com o 3.<sup>º</sup> (e os demais ímpares) e o 2.<sup>º</sup> com o 4.<sup>º</sup> (e os demais pares). Correspondem ao esquema *abab*: “Ora (direis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto...” [OB.1].

**OPOSTAS** (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*: “Vai-se a primeira pomba despertada.

Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas De pombas vão-se dos pombeiros apenas Raia, sanguínea e fresca, a madrugada” [R. Correia].

**INTERPOLADAS** são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*: Eu nasci além dos mares Os meus lares, Meus amores ficam lá!

– Onde canta nos退iros Seus suspiros, Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

**MISTURADAS** são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade: “É meia-noite... e rugindo Passa triste a ventania, Como um verbo da desgraça, Como um grito de agonia.

E eu digo ao vento que passa Por meus cabelos fugaz: “Vento frio do deserto, Onde ela está? Longe ou perto?

Mas, como um hálito incerto, Responde-me o eco ao longe.

“Oh! Minha amante, onde estás? ...” [C. Alves].

#### 4 – ALITERAÇÃO ALITERAÇÃO

**Aliteração** – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

“A juruti suspira sobre as folhas secas” [C. de Abreu].

“É a perda dura dum futuro inteiro” [Id.].

“Vozes veladas, veludas vozes, Vôlúprias dos violões, vozes veladas, Vagam nos velhos vórtices velozes Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas” [Cruz e Sousa].

#### 5 – ENCADEAMENTO ENCADEAMENTO

**Encadeamento** – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt: “No entanto este motivo escolhido existe.

Não vejo, esta tristeza, da saudade da que é sempre a Ausente Nem da sua graça desaparecida...” (repetição de fonema) “Pensei em mortos que morreram entre indiferentes.

Pensei nas velhas mulheres...” (repetição de palavra) “No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso, Depois foi descendo uma sombra indistinta, Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma.....

No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso” (repetição de verso).

#### 6 – PARALELISMO PARALELISMO

**Paralelismo** – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas: “O monstrengue que está no fim do mar Na noite de breu ergueu-se a voar; À roda da nau voou três vezes, Vôou três vezes a chiar, E disse: *Quem é que ousou entrar Nas minhas cavernas que não devendo, Meus tetos negros do fim do mundo?*”

E o homem do leme disse, tremendo: “El-Rei Dom João Segundo!”

“De quem são as velas onde me roço?

De quem as quilhas que vejo e ouço?”

Disse o monstrengue, e rodou três vezes, Três vezes rodou imundo e grosso: “Quem vem poder o que eu só posso, Que moro onde nunca ninguém me visse E escorro os medos do mar sem fundo?”

E o homem do leme tremeu, e disse: “El-Rei Dom João Segundo!” (F. Pessoa).

#### 7 – ESTROFAÇÃO ESTROFAÇÃO

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

**SIMPLES** são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

**COMPOSTAS** são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*), *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

## 8 – VERSO DE RITMO LIVRE VERSO DE RITMO LIVRE

“O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares” [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. “À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema” [MB.1, II, 1282].

## 9 – RECITAÇÃO RECITAÇÃO

“A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar” [AN.1, V, 108].

<sup>187</sup> É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a “frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser constante” (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

<sup>188</sup> O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (—) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

<sup>189</sup> O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do tremo.

<sup>190</sup> “Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as silabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese” [MC.4, 103].

<sup>191</sup> “(...) na leitura da poesia em que (pondé de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica” [HCv.2, II, 464 n. 33].

<sup>192</sup> O. Bilac - G. Passos, *Tratado de Versificação*, 68-69.

<sup>193</sup> Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.



[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB]

Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo]

- [ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.
- [AC] Antônio Feliciano de Castilho
- [AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovídio*, 3 vols. Lisboa, 1862.
- [AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.
- [AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.
- [AC.4] *Misanthropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.
- [AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.
- [AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.
- [AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.
- [AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.
- [AC.9] *As Geórgicas de Vérgilio*, 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.
- [AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.
- [AC.11] *Colóquios Aldeões*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo]

Adolfo Coelho

- [ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.
- [ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.
- [ACt] Armando Cortesão
- [ACt.1] *Cartas à Mocidade*. Lisboa, 1954.
- [AE] M. Alvar Ezquerro
- [AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.
- [AF] Antônio Ferreira
- [AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.
- [AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg]

Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora.* Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa]

Almeida Garrett

- [AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.
- [AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.
- [AGa.3] *Camões*, 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.
- [AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.
- [AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo]

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH]

Alexandre Herculano

- [AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.
- [AH.2] *Fragments Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.
- [AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878
- [AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.
- [AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.
- [AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.
- [AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK]

Adriano da Gama Kury

- [AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Ática, 1993.
- [AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.
- [AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL]

Emilio Alarcos Llorach

- [AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.<sup>a</sup> ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.
- [AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.<sup>a</sup> ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb]

Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infini de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN]

Antenor Nascentes

- [AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.<sup>a</sup> ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.
- [AN.2] *O Problema da Regência*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.
- [AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.
- [AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.
- [ANb] Antônio Nobre
- [ANb.1] *Só*, ed. Vítorio Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO]

Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOI]

Alberto de Oliveira

[AOI.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

Antonino Pagliaro

[APg]

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR]

Aquilino Ribeiro

- [AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.
- [AS] Antônio Sandmann
- [AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.
- [AV] Pe. Antônio Vieira
- [AV1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.
- [AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño
- [AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.
- [BBo] José M. Barbosa du Bocage
- [BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.
- [BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo
- [BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.
- [BD] Karl Brugmann-Berthold Delbrück
- [BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.
- [BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy
- [BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM]

Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP]

Bernard Pottier

[BP.1] *Lingüística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA]

Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.<sup>a</sup> ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAL] Cesar H. Alonso

[CAL.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.<sup>a</sup> ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv]

Castro Alves

- [CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.
- [CAz] José Carlos Azeredo
- [CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB]

Charles Bally

- [CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.<sup>a</sup> ed. Paris, Payot.
  - [CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.<sup>a</sup> ed. Framke, Berne, 1954.
  - [CBd] Cláudio Brandão
- 
- [CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.
  - [CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr]

- [CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.
  - [CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.<sup>a</sup> ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.
  - [CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
  - [CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
  - [CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
  - [CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.
  - [CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.
  - [CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
  - [CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
  - [CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d
  - [CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.
  - [CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.
  - [CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.<sup>a</sup> ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.
  - [CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.
- [CC] Luís da Câmara Cascudo
- [CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.
- [CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra
- [CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.
  - [CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

Carlos Drummond de Andrade

[CDa]

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL]

Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu]

Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN]

Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP]

Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR]

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.<sup>a</sup>ed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos, 1905

Cruz e Sousa

[CS]

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG]

Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN]

Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins.* Upsala, 1943.

[EB]

Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português.* Rio de Janeiro, 1954.

[EBc]

Edouard Bourcierz

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.<sup>a</sup> ed. Paris, 1946.

[EBm]

Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv]

Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC]

Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs]

Eugenio Coseriu

- [ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.
  - [ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia (El Problema del Cambio Lingüístico)*. Madrid, Gredos, 1973.
  - [ECs.3] *Lingüística Testuale*. Roma, Boringhieri, 1997.
  - [ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.
  - [ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strasbourg-Nancy, Klincksieck, 1989.
  - [ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.
  - [ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.
  - [ECs.8] *Competencia Lingüística*. Madrid, Gredos, 1992.
  - [ECs.9] *El Sistema Vérbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tübingen, Verlag Gunter Narr, 1976.
  - [ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.
  - [ECs.11] *Estudios de Lingüística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.
  - [ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.
  - [ECs.13] “O Meu Saussure”. In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.
  - [ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.
  - [ECs.15] “Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística”. In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.
- [ED] Epifânio Dias
  - [ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.<sup>a</sup> ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.
  - [ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.<sup>a</sup> ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG]

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre*. Tübingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.<sup>a</sup> ed. Paris.

[EN]

- [EN.1] *Morphology*, 2.<sup>a</sup> ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.
- [EQ] Eça de Queirós
- [EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.
- [EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.
- [EQ.3] *Os Maias*, 2.<sup>a</sup> ed. Porto, Chardron, 1921.
- [EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.
- [EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

Elise Richter

[ER]

[ER.1] *Wie wir sprechen.* Leipzig, Teubner, 1912.

[ES]

Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] M<sup>a</sup> Victoria Escandell Vidal

[EV1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Vérisimo

[FB]

Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBI]

Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr]

Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.<sup>a</sup> ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC]

Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz]

Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.<sup>a</sup> ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH]

Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana.* Halle, Niemeyer, 1913.

Fernando Pessoa

[FP]

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV]

Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG]

Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintaxis Española*, 2.<sup>a</sup> ed. Barcelona, 1948.

[GGh]

Georges Gougenheim

[Gh.1] *Système Grammatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ]

Guerra Junqueira

[Gl.1]    *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM]

Gladstone Chaves de Melo

- [GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.
- [GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.
- [GR] J. Guimarães Rosa
- [GR.1] *Sagarana*, 10.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR]

Graciliano Ramos

- [GrR.1] *Infância*, 5.<sup>a</sup> ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.
- [GrR.2] *São Bernardo*, 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- [HB] M<sup>a</sup> Lluísa Hernanz-José M<sup>a</sup> Brucart
- [HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC]

Humberto de Campos

- [HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.
- [HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.
- [HCv] J. G. Herculano de Carvalho
- [HCv.1] *Encyclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Vérbo.
- [HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.<sup>a</sup> ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.
- [HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.<sup>a</sup> reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.
- [HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.
- [HG] Heráclito Graça
- [HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.
- [HGe] Hørst Geckeler
- [HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM]

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS]

- [HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.
- [JA] José de Alencar
- [JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.<sup>a</sup> ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- [JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.
- [JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa*.

[JCo]

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, Coimbra, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF]

Jackson de Figueiredo

- [JL] José Lins do Rego
- [JL.1] *Riacho Doce*, 1.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.
- [JL.2] *Água Maea*, 1.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.
- [JL.3] *Bangue*, 6.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy]

John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa]

Johan Nicolau Madvig

- [JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.
- [JO] José Oiticica
- [JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.
- [JO.2] *Sonetos*, 1911.
- [JO.3] in *Rev. Filológica*, n.<sup>o</sup> 29, Rio de Janeiro.
- [JO.4] in *Revista Filológica*, n.<sup>o</sup> 16, Rio de Janeiro.
- [JR] João Ribeiro
- [JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.
- [JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.
- [JR.3] *Fabordão*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.
- [JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.
- [JR.5] *Seleta Clássica*, 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.
- [JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV]

[JV1] *Le Langage*, 2.<sup>a</sup> ed. Paris, Albin, 1925.

[KB]

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes.* Paris, 1905.

[KN]

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB]

- [LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 1915.
- [LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 1919.
- [LB.3] *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro.

[LB1]

Leonard Bloomfield

- [LBL.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.
- [LC] Luís de Camões
- [LC.1] *Os Lusíadas*, 2.<sup>a</sup> ed. anotada por A. Epifânio Dias.
- [LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.
- [LCA] Lúcio Cardoso
- [LCA.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.
- [LCi] Luís Felipe Lindley Cintra
- [LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo]

Latino Coelho

- [LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.
- [LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.
- [LCr] F. Lázaro Carreter
- [LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.<sup>a</sup> ed. Madrid, Gredos, 1968.
- [LG] Luís Guimarães Jr.

[LM]

Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp]

Leo Spitzer

- [LSp.1] “Le Langage-éco”. In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.
- [LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zf für Sprache und Literatur*, vol. L.
- [LV] José Leite de Vasconcelos
- [LV1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1926.
- [LV2] *Opiúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA]

Machado de Assis

- [MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.<sup>a</sup> ed., Garnier, 1899.
- [MA.2] *Várias Histórias*, 2.<sup>a</sup> ed., Garnier, 1896.
- [MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.
- [MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.
- [MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.
- [MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.
- [MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.
- [MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.
- [MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

Martinz de Aguiar

[MAg]

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasso Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB]

Manuel Bandeira

- [MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.
- [MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.
- [MB.3] Vérsificação Portuguesa. In *Encyclopédia Delta-Larousse*.
- [MBa] Mário Barreto
  - [MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.
  - [MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.
  - [MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., 1980.
  - [MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.<sup>a</sup> ed., 1986.
  - [MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.<sup>a</sup> ed., 1982.
  - [MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.
  - [MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., 1982.
- [MBe] Pe. Manuel Bernardes
  - [MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.<sup>a</sup>. São Paulo, Anchieta, 1945.
  - [MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.<sup>a</sup>. São Paulo, Anchieta, 1945.
- [MBr] Michel Bréal
  - [MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.<sup>a</sup> ed. Paris, Hachette, 1903.
- [MBs] Margarida Basílio
  - [MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.
- [MC] J. Mattoso Câmara Jr.
  - [MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
  - [MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.
  - [MC.3] *Gramática*, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.
  - [MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.
  - [MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.<sup>a</sup> ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.
  - [MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.
  - [MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.
  - [MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.
- [MG] R. F. Mansur Guérios
  - [MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML]

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

- [MLe]
- [MLk] W. Meyer Lubke
- [MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.
- [MM] Marquês de Maricá
- [MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa]

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc]

Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe]

Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP]

Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPZ]

Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso.* Puerto del Rosario, 1988.

[MR]

Moritz Regula

- [MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.
- [MV] Mário Vilela
- [MV1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.
- [MV2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC]

Nina Catach

- [NC.1] *La Pontuation*. Paris, PUF, 1994.
- [NE] Hans Nilsson-Ehle
- [NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.
- [NT] T. Navarro Tomás
- [NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.<sup>a</sup> ed. Madrid, Hernando, 1933.
- [NT.2] *Arte del Verso*, 5.<sup>a</sup> ed. Málaga Editora, 1971.

[OB]

Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG]

Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages.* Copenague, Bianco Lunos, 1917.

[OM]

Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC]



Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente.* Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo]

Conde Pinheiro Domingues

- [PDo.1] “Variação de Gênero em Português”. In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.
- [PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.
- [PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade
- [PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.
- [PJ] Pacheco da Silva Júnior
- [PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP]

[PR]

Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS]

Paulino de Sousa

[PS.1]    *Grammaire Portugaise.* Paris, Garnier, 1896.

[RB]

Rui Barbosa

- [RB.1] *Réplica*, 1.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.
- [RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.
- [RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.
- [RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa]

Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC]

Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias.* Lisboa.

[RCo]

Ribeiro Couto

- [RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.
- [RD] Santa Rita Durão
- [RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.
- [RG] F. Rebelo Gonçalves
- [RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.
- [RL] C. Henrique da Rocha Lima
- [RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.<sup>a</sup> ed., José Olympio Editora, 1992.

Rodrigues Lobo

[RLb]

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp]

Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Lingua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz]

Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.<sup>a</sup> ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ]

Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS]

Augusto Rebelo da Silva

- [RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873
- [RS.2] *História de Portugal*, 1.<sup>a</sup> ed., 5 vols.
- [RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.<sup>a</sup> ed., 3 vols. Lisboa.
- [RT.] Graça Maria Rio-Torto
- [RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.
- [RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.
- [RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos
- [RV1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA]

Manuel Said Ali

- [SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.<sup>a</sup> ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.
- [SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Melhoramentos.
- [SA.3] *Vérsificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.
- [SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.
- [SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].
- [SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.
- [SL] Mário Pereira de Sousa Lima
- [SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR]

Silva Ramos

- [SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.
- [SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira
- [SS.1] *Lições de Português*, 6.<sup>a</sup> ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.
- [SS.2] *Fonética Sintática*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.
- [SS.3] *Trechos Seletos*, 7.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.
- [SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.
- [SS.5] Um Vérsio Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Filosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.
- [SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.
- [SU] S. Ullmann
- [SU.1] *Semântica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.
- [TG] Tomás Antônio Gonzaga
- [TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM]

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC]

[VK]

Valter Kehdi

- [VK.1] *A Construção do Verbo Ser.* São Paulo, GEL, 1985.
- [VK.2] *Morfemas do Português.* São Paulo, Ática, 1989.
- [VK.3] *Formação de Palavras em Português.* São Paulo, Ática, 1990.
- [VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.
- [VV] Väirkko Väänänen
- [VV1] *Il est venu comme ambassadeur; il agit en soldat.* Helsinke, 1951.
- [WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor
- [WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain.* Berne, Francke, 1973.

[YM]

Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelánea Martinet*, II, Canárias, 1958.



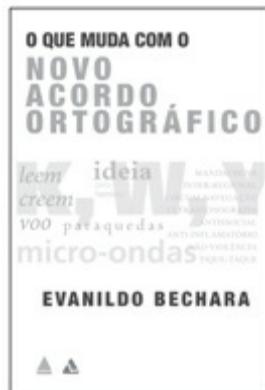
**DO MESMO AUTOR**





**Evanildo Bechara**

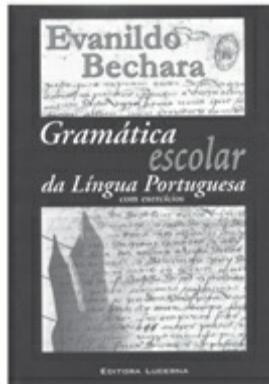
O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.



*O que muda com o novo Acordo Ortográfico*

**Evanildo Bechara**

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.



*Gramática Escolar da Língua Portuguesa*

**Evanildo Bechara**

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.



*Lições de Português pela Análise Sintática*

**Evanildo Bechara**

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

PRODUÇÃO EDITORIAL



*Shahira Mahmud*  
*Janaína Senna*

REVISÃO  
*Glória Braga Onelley*

CONVERSÃO PARA EBOOK

*Singular Digital | Mariana Mello e Souza*

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,

pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.

A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.

O papel do miolo é offset 75g/m<sup>2</sup>, e o da capa é cartão 250g/m<sup>2</sup>.

Visite nosso site: [www.novafonteira.com.br](http://www.novafonteira.com.br)